



Prefeitura do Município de
São Paulo Secretaria do
Desenvolvimento,
Trabalho e Solidariedade

**Projeto Desenvolvimento Solidário
Geração de Renda e Ocupação do
Município de São Paulo –
FAO/UTF/BRA/059/BRA**



ORGANIZAÇÃO DAS
NAÇÕES UNIDAS PARA
AGRICULTURA E
ALIMENTAÇÃO



Projeto

**“Identificação das mudanças ocorridas
com os beneficiários dos programas sociais
da Prefeitura do Município de São Paulo
desenvolvidos pela Secretaria de
Desenvolvimento, Trabalho e
Solidariedade (SDTS), no âmbito do
Projeto Desenvolvimento Solidário”**

2

0

0

3

Agosto

Relatório 3

**Informe das pesquisas com os
beneficiários dos programas Bolsa
Trabalho, Começar de Novo, Renda
Mínima e Operação Trabalho**

SUMÁRIO	
APRESENTAÇÃO	2
I. INTRODUÇÃO	4
1. Retomando o primeiro relatório	4
2. O desenvolvimento do trabalho	12
II. BREVE PERFIL DA POPULAÇÃO DOS DISTRITOS PESQUISADOS A PARTIR DO CENSO DEMOGRÁFICO DE 2000 DO IBGE	27
III. UM <i>INTERMEZZO</i> NECESSÁRIO	32
IV. PESQUISA COM OS BENEFICIÁRIOS DO PROGRAMA RENDA MÍNIMA	35
V. PESQUISA COM OS EX-BENEFICIÁRIOS DO PROGRAMA COMEÇAR DE NOVO	80
VI. PESQUISA COM OS EX-BENEFICIÁRIOS DO PROGRAMA BOLSA TRABALHO	140
VII. PESQUISA COM OS EX-MONITORES DOS PROGRAMAS COMEÇAR DE NOVO E BOLSA TRABALHO	184
VIII. PESQUISA COM OS BENEFICIÁRIOS E EX-BENEFICIÁRIOS DO PROGRAMA OPERAÇÃO TRABALHO	216
IX. CONSIDERAÇÕES FINAIS	249
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	255
APÊNDICE	258
1. FICHA SOCIOECONÔMICA PARA OS PARTICIPANTES DE PROGRAMAS SOCIAIS DA SDTS/PMSP	259
2. ROTEIRO DOS GRUPOS FOCAIS COM BENEFICIÁRIOS	263
3. ROTEIRO DOS GRUPOS FOCAIS COM EX-BENEFICIÁRIOS	264
4. ROTEIRO DO GRUPO FOCAL COM MONITORES	265
5. ROTEIRO DAS ENTREVISTAS DOMICILIARES	267
6. FOTOS DOS GRUPOS FOCAIS	270

APRESENTAÇÃO

O presente relatório técnico de pesquisa faz parte do projeto “*Identificação das mudanças ocorridas com os beneficiários dos programas sociais da Prefeitura do Município de São Paulo desenvolvidos pela Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade (SDTS), no âmbito do Projeto Desenvolvimento Solidário*”, realizado através de Carta de Acordo assinada entre a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO) e o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE), no âmbito do Projeto Desenvolvimento Solidário Geração de Renda e Ocupação do Município de São Paulo (UTF/BRA/059/BRA).

Este terceiro produto, intitulado “Informe das pesquisas com os beneficiários dos programas Bolsa Trabalho, Começar de Novo, Renda Mínima e Operação Trabalho”, faz uma avaliação conjunta dos Programas Redistributivos implementados pela SDTS: Renda Mínima, Operação Trabalho, Começar de Novo e Bolsa Trabalho, a partir de pesquisa qualitativa levada a efeito junto a beneficiários, ex-beneficiários e monitores envolvidos com os programas.

Este **Relatório Final**, ao mesmo tempo em que constitui um todo, está organizado por temas de forma a permitir a leitura em separado de seus capítulos. Assim, o leitor interessado em um programa específico terá uma boa visão da pesquisa recorrendo à introdução, ao capítulo do programa em pauta e às considerações finais.

A **Introdução** retoma a proposta de trabalho consubstanciada no primeiro relatório, entregue pelo DIEESE em abril de 2003, para fazer uma ponte com a investigação levada a efeito entre os meses de abril e julho deste ano. Os pressupostos da pesquisa são explicitados e as etapas do processo de trabalho são historiadas com vistas à contextualização da apresentação dos seus resultados.

O **Capítulo II** traça um breve perfil da população dos distritos pesquisados a partir de microdados do Censo Demográfico de 2002.

O **Capítulo III** expõe algumas regras que vão ser seguidas na organização dos capítulos específicos de cada programa, bem como chama a atenção para os limites que nortearam a proposta de análise levada a efeito.

Os **capítulos IV, V, VI e VIII** tratam, respectivamente, de cada um dos programas pesquisados: Renda Mínima, Começar de Novo, Bolsa Trabalho e Operação Trabalho. O conteúdo de cada um destes capítulos inclui a exposição e a análise de dados quantitativos referentes ao perfil da população dos distritos que serviram de base ao trabalho de campo – Capão Redondo, Ermelino Matarazzo e os distritos que compõem a subprefeitura da Sé –, dos beneficiários dos programas nestes locais e dos entrevistados na presente pesquisa. Em seguida, os principais aspectos levantados nos Grupos Focais (GFs) e nas entrevistas realizadas são sistematizados, articulados e analisados, sempre sendo consideradas as diferenças interdistritais.

O **Capítulo VII** é complementar ao V e ao VI, pois discute a visão que os ex-monitores dos programas Começar de Novo e Bolsa Trabalho têm sobre eles.

O **Capítulo IX** traz uma síntese dos pontos levantados em comum pelos públicos dos diversos programas em pauta, sistematiza as principais críticas e sugestões por eles apresentadas e tenta avançar algumas recomendações que poderiam auxiliar na obtenção do objetivo maior de todos os programas: emancipar os cidadãos e fazê-los lutar pelos seus direitos, entre eles, às políticas públicas.

O **Apêndice** oferece a ficha socioeconômica que foi aplicada aos entrevistados, os roteiros que orientaram os diversos tipos de Grupos Focais e as entrevistas domiciliares, mais uma seleção de fotos que registraram os Grupos Focais.

I INTRODUÇÃO

1. Retomando o primeiro relatório

No relatório intitulado “Informe diagnóstico do funcionamento dos programas redistributivos e emancipatórios da SDTS/PMSP com definição de metodologia de pesquisa adequada à avaliação dos programas”, entregue pelo DIEESE em abril último como primeiro produto do projeto “*Identificação das mudanças ocorridas com os beneficiários dos programas sociais da Prefeitura do Município de São Paulo desenvolvidos pela Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade (SDTS), no âmbito do Projeto Desenvolvimento Solidário*”, foram firmadas as bases do trabalho de pesquisa que se seguiria.

Como mencionado no citado relatório, a SDTS, da Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP), investe na implementação de políticas públicas municipais suficientemente amplas para realizar o enfrentamento simultâneo da pobreza, do desemprego e da desigualdade de renda fundamentando, para tanto, a estratégia paulistana de inclusão social nos seguintes pilares:

- ✓ integração e articulação entre os três eixos programáticos (redistributivos, emancipatórios e de desenvolvimento local);
- ✓ critérios universais de atendimento aos excluídos (especialmente aos pobres e aos desempregados);
- ✓ busca do rompimento com o caráter assistencialista predominante em grande parte das políticas públicas através da vinculação do recebimento do benefício à exigência de contrapartidas específicas por parte da população beneficiária (POCHMANN e MORETTO, 2002).

Antenado com a moderna administração de projetos públicos e privados, o monitoramento das ações dos diversos programas que começaram a ser implementados

já no primeiro ano da atual administração municipal (2001)¹ foi preocupação constante e sempre presente². Assim, além das ações internas à SDTS desenvolvidas neste sentido³, foi firmado um convênio com o DIEESE visando à construção de um sistema de indicadores a partir da PED “*com o objetivo de obter tabulações especiais que permitam o acompanhamento das possíveis alterações no perfil socioeconômico das famílias e indivíduos da cidade*” (DIEESE, 2002: 7) e que venha a permitir um acompanhamento longitudinal dos impactos dos programas no nível dos distritos onde estão sendo implementados. O convênio prevê ainda a realização de um conjunto articulado de pesquisas qualitativas com as famílias e os indivíduos integrantes dos programas que resultaria no presente relatório, de avaliação conjunta dos quatro programas redistributivos – Renda Mínima, Operação Trabalho, Começar de Novo e Bolsa Trabalho –, a partir da percepção de seus beneficiários/ex-beneficiários e monitores envolvidos nas atividades. A idéia é ouvi-los para conhecer, pontualmente, suas experiências em relação aos seguintes pontos:

- ✓ cotidiano;
- ✓ expectativas;
- ✓ vivência nos programas;
- ✓ mudanças verificadas;
- ✓ possibilidades abertas;
- ✓ sugestões e críticas.

Cumpra aqui, inicialmente, retomar alguns pontos que fundamentaram a proposta de trabalho para, a partir deles, iniciar o relato de seu desenvolvimento e de seus principais

¹ Já em 2001 os programas começaram a ser implantados em 13 distritos selecionados segundo 5 critérios: nível de concentração distrital da pobreza; de violência; de baixa escolaridade e de alta presença de crianças e adolescentes no total da população.

² “*Em dois anos de governo, os programas sociais da PMSP atingiram 50 dos 96 distritos administrativos que conformam a capital paulista, compreendendo um universo de 266 mil famílias. Em função disso, o acompanhamento da execução da estratégia paulistana de inclusão social e o monitoramento dos seus resultados assumiram papel destacado no conjunto de ações da SDTS*” (SDTS, fev. 2003: 7).

³ Como mencionado no primeiro relatório, pontos de apoio complementares importantes neste processo foram a criação de uma linha telefônica que atende ao público 24 horas nos 7 dias na semana e de um banco de dados que unifica todas as informações cadastrais levantadas nos diversos programas (GUERRA, CAMPOS e FREITAS JR., 2002). Além disto são dignas de nota as visitas domiciliares feitas pelas equipes de supervisão, as pesquisas quantitativas levadas a efeito com beneficiários e monitores em distritos incluídos em uma ampla amostra, bem

resultados. Os dois capítulos finais do mais recente livro de Inácio Cano⁴ fazem uma síntese dos principais autores que se dedicam à atividade de monitoramento e avaliação de programas sociais e fornecem elementos úteis como elos encadeadores entre as propostas e o trabalho efetivamente desenvolvido e, por isso mesmo, serão largamente utilizados na condução deste processo de articulação.

Cano faz uma caracterização dos componentes dos paradigmas quantitativo e qualitativo de investigação, chamando a atenção para o fato de que, neste último, predominam o uso de técnicas qualitativas de pesquisa; da fenomenologia, da compreensão e da preocupação com a perspectiva do ator; da subjetividade; da perspectiva de proximidade com os dados coletados; da orientação para o contexto de descoberta dirigido para o descobrimento de hipóteses, para o exploratório, para o indutivo e para o descritivo; da orientação para os processos; da tendência a ser holístico e a coletar dados “ricos” e “profundos”. Ao descrever estes componentes, o autor diz que eles podem ser incorporados total ou parcialmente em uma investigação e acrescenta que *“o princípio básico é que a escolha das técnicas deve pautar-se pelo problema a ser estudado e pelas condições concretas, e não pela adesão do pesquisador a um ou outro paradigma. A velha noção metodológica da ‘triangulação’, que recomendava o uso de diversas formas de medição para melhorar a qualidade da mensuração, também estaria por trás de uma atitude metodológica mais eclética, se não declaradamente integradora. Dado que cada técnica possui seus pontos fortes e suas limitações, a concorrência de várias técnicas só poderia melhorar a validade e a confiabilidade das medições e dos resultados”* (CANO, 2002: 94).

Assim foi feito na pesquisa de que se trata neste relatório: foi desenhada levando em conta os problemas específicos a serem enfrentados – não apenas os inerentes à extrema heterogeneidade do universo a pesquisar, mas também os de tempo, os de recursos e os de pessoal envolvidos. Deste modo, no que se refere ao tipo de avaliação e de metodologia proposto, optou-se por uma avaliação participativa com utilização de

como diversos estudos e pesquisas sobre os temas de interesse para os programas que vêm sendo divulgados no portal www.trabalhosp.prefeitura.sp.gov.br.

⁴ “A lógica experimental e as controvérsias metodológicas” e “a avaliação de programas sob diferentes abordagens” (CANO, 2002: 91-108).

técnicas quantitativas e qualitativas com predominância destas últimas – o Grupo Focal (GF) e as entrevistas em profundidade.

O uso de dados quantitativos é feito dentro de um modelo hierárquico, no qual os diferentes níveis de informação estão contidos um no outro: dados censitários sobre os distritos pesquisados, dados do Banco Cidadão sobre os beneficiários dos programas nos distritos pesquisados e dados produzidos a partir de uma ficha socioeconômica aplicada a todos os entrevistados (participantes dos programas e monitores). Ressalta-se que a reordenação/produção desses dados quantitativos diz mais respeito à qualificação dos públicos que às medições complementares dos temas focados na pesquisa de avaliação propriamente dita.

Por outro lado, a análise do material qualitativo colhido nas entrevistas e nos GFs está muito mais voltada à sistematização e à articulação das idéias apresentadas pelos entrevistados (respondendo a questões propostas ou incluindo temas originais) do que à reconstituição de histórias de vida ou à análise de discurso *strictu sensu*. A opção analítica feita, contudo, não implica a perda de conhecimento acerca da linguagem dos entrevistados – fundamental para a elaboração de materiais informativos capazes de serem genuinamente entendidos pelo público a que se destina –, uma vez que serão apresentadas (conforme proposto) citações selecionadas de suas falas, resguardando seu ritmo, preservando o tom coloquial da linguagem oral, as formas de expressão e suas contradições.

Alguns conceitos básicos e algumas das dicotomias presentes na discussão dos elementos inerentes aos processos avaliativos devem ser (ainda que brevemente) mencionados e aplicados ao contexto específico desta pesquisa, visando a uma explicitação de pressupostos nos quais ela se alicerça. São eles:

- ✓ **“Um programa social é uma intervenção sistemática planejada com o objetivo de atingir uma mudança na realidade social”** (CANO, 2002: 9).

- ✓ **A questão da complexidade da realidade social:** *“Em se tratando de projetos sociais, lidamos com realidades complexas nas quais muitos fatores e sujeitos intervêm e moldam relações e processos. Um projeto baseia-se na intenção de atuar nesta complexidade, perseguindo objetivos de mudança numa situação considerada como problema ou necessidade. Com suas atividades, relacionando-se com a ação dos demais sujeitos na sociedade, pretende produzir resultados que, no conjunto, contribuam para modificar aquela situação. Por isso, os resultados de um projeto social nunca são uma certeza, mas um investimento, uma aposta na possibilidade de alcançá-los. Não havendo certezas, é preciso construir meios de verificação que auxiliem a perceber o rumo das mudanças que se consegue produzir”* (VALARELLI, 1999: 2).
- ✓ **“A avaliação é uma forma de pesquisa social aplicada, sistemática e dirigida (...)”** (AGUILAR e ANDERR-EGG, 1995:31-32).
- ✓ **“A avaliação de um programa social consiste, basicamente, em formular perguntas precisas a respeito de um ou vários aspectos do programa, que podem estar associados ao planejamento, execução ou resultados do mesmo”** (ADULIS, 1999:1).
- ✓ **Avaliação mínima:** é aquela que se limita à coleta das informações e à sua apresentação aos contratantes, sem qualquer preocupação analítica, de emissão de juízos, de fazer recomendações ou com as suas utilizações efetivas em prol das populações beneficiárias. Por entender que tais preocupações são parte inseparável da responsabilidade técnica e social do avaliador, neste relatório pretende-se apresentar uma análise dos dados coletados e tirar dela algumas conclusões julgadas relevantes aos propósitos do estudo. Contudo, é fundamental que se explicita que um relatório é sempre um dos recortes possíveis do material coletado que, com especial razão no caso desta pesquisa, é vastíssimo e se presta a inúmeros outros olhares que poderão ser lançados em momentos posteriores pelas equipes responsáveis pelos programas. Para garantir estas possibilidades futuras, o relatório contém anexo com os relatos dos 11 GFs realizados, a transcrição bruta das falas gravadas e o banco de dados gerado a partir das 120 fichas socioeconômicas aplicadas aos entrevistados e digitadas em *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS). Esse anexo do *Relatório 3* foi encaminhado à SDTS/PMSP.
- ✓ **Avaliação interna versus avaliação externa:** tal classificação diz respeito à equipe encarregada de realizar a avaliação – se ela é da própria instituição responsável pela

implementação do programa ou externa a ela. Cada uma das situações em particular apresenta vantagens e desvantagens. O domínio que a equipe interna tem do programa é considerado a mais relevante vantagem do monitoramento interno, ao passo que uma equipe externa apresenta maior abertura a críticas e sugestões, já que, formalmente, o seu compromisso/envolvimento com o programa cessa ao final do processo avaliativo. No caso da presente pesquisa, pode-se dizer que o trabalho contou com o melhor das duas alternativas: as duas equipes (interna e externa) trabalharam em total colaboração nos momentos em que o domínio das informações era fundamental (planejamento e pré-campo) e a equipe externa atuou com total independência no trabalho de campo propriamente dito e, diga-se desde já, considera-se com igual independência para relatar os resultados da pesquisa por acreditar na seriedade da demanda e dos propósitos de retroalimentar a execução dos programas de forma a torná-los cada vez mais capazes de serem efetivos.

- ✓ **Avaliação sumativa versus avaliação formativa:** *“a avaliação sumativa visa a concluir se um programa social existente surte ou não o efeito desejado. Para tanto, é preciso que o programa esteja consolidado e que tenha sido implementado de forma satisfatória. A avaliação formativa se debruça sobre um programa em andamento, simultaneamente ao seu desenvolvimento, com o objetivo de melhorá-lo. O primeiro tipo responde à pergunta: o programa cumpre os seus objetivos? Já o segundo tipo tenta responder à pergunta: como é possível melhorar o programa?”* (CANO, 2002: 97). Na presente pesquisa, a ênfase foi muito mais em uma avaliação formativa já que, embora os programas já tivessem passado pelos distritos estudados, têm a intenção de voltar a ser implementados em outros distritos de condição semelhante e, seus responsáveis os encaram de maneira dinâmica – em transformação e não acabados e imutáveis.
- ✓ **Avaliação de processo versus avaliação de impacto:** *“as avaliações incluem dois componentes: avaliação do processo ou de implementação e avaliação de impacto ou de resultado. A primeira tenta esclarecer em que medida o programa foi implementado conforme o plano original. A segunda procura verificar se os efeitos finais foram atingidos.(...) É muito comum o programa não produzir nenhum efeito após uma implementação deficiente, como vários autores destacaram. Nesse caso, é impossível saber se o programa, tal como foi desenhado, atinge ou não o impacto prometido, já que ainda não foi, de fato, executado. Em consequência, as avaliações de impacto são quase sempre*

acompanhadas de avaliação de processo, visando a determinar se uma possível deficiência no resultado pode ser atribuída a problemas na implementação ou à ineficácia da própria intervenção” (CANO, 2002: 100). No encaminhamento da presente avaliação, dentro dos limites propostos, não ocorreu de forma diferente: embora os roteiros de GFs com beneficiários, ex-beneficiários e monitores, bem como o das entrevistas domiciliares, estivessem mais voltados para os impactos, não deixaram de investigar processos e, muitas vezes, de forma bastante relevante para a compreensão da opinião dos entrevistados.

- ✓ **Avaliação de metas *versus* avaliação de necessidades:** enquanto na primeira o foco da avaliação restringe-se às metas explicitadas no programa, a segunda leva em consideração também as necessidades da população beneficiária, pois *“uma intervenção pode atingir as metas propostas e ao mesmo tempo não contribuir significativamente para satisfazer as necessidades da população-alvo. Portanto, a avaliação das necessidades seria um pré-requisito para uma avaliação de programa”* (CANO, 2002: 104). Desde a primeira proposta de projeto de avaliação apresentada pelo DIEESE, tal intento esteve presente e, no relatório anterior, encontra-se consubstanciado explicitamente na definição dos objetivos da pesquisa. Vale ressaltar que, mesmo que assim não fosse, este aspecto se imporia por si mesmo porque, à medida em que o trabalho de campo avançava, os beneficiários iam colocando esta questão em pauta, sempre contrapondo necessidades/desejos às possibilidades/oportunidades oferecidas efetivamente pelos programas.
- ✓ **Compreensão *versus* explicação:** *“a explicação procura a causalidade eficiente dos fatos sociais para poder chegar a prevêê-los. Já a compreensão tenta entender o sentido e o fim da ação social do ponto de vista dos atores, isto é, procura o motivo da ação social”* (CANO, 2002: 111). Durante todas as etapas da presente pesquisa, conforme proposto⁵, o interesse sempre esteve predominantemente voltado para a compreensão.
- ✓ **Validade interna *versus* validade externa:** a primeira diz respeito à questão da causalidade, muito difícil de ser estabelecida. Ou seja, diz respeito à possibilidade de se afirmar que um resultado encontrado é fruto da política investigada e somente dela. Já a validade externa está relacionada à possibilidade de generalização dos resultados encontrados para outras situações similares. Os resultados da presente

⁵ *“A entrevista qualitativa fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”* (GASKELL, 2002: 64-65).

pesquisa situarão, com a cautela devida, à cada conclusão em particular, os limites que podem ser estabelecidos em termos de suas validades.

- ✓ **A questão da efetividade:** ficou definido na proposta de trabalho constante do relatório anterior que, dentre os indicadores clássicos utilizados em processos de monitoramento e avaliação (cobertura, eficácia, eficiência e efetividade), seria privilegiada a avaliação da efetividade entendida como a verificação da *“medida em que os resultados de um programa, em termos de benefícios ou mudanças gerados, estão incorporados de modo permanente à realidade da população atingida”* (VALARELLI, 1999:5). *“Nesse sentido, podem ser contemplados: a) os impactos⁶ subjetivos, que se referem às mudanças subjetivas na percepção da população sobre o seu bem-estar, seu nível de satisfação; b) os impactos objetivos, que são as mudanças quantitativas nas condições materiais de vida e c) os impactos substantivos, que dizem respeito também às mudanças nas condições materiais de vida, mas sob o ponto de vista qualitativo. O interesse na averiguação da efetividade pode se ampliar muito se ainda forem incluídas como objetivos as comparações entre: a) os resultados alcançados e os não alcançados; b) os resultados esperados e os inesperados; c) os resultados positivos e os negativos; d) os resultados imediatos e os de médio e longo prazos; e) os resultados para indivíduos e os resultados para grupos”* (MACHADO, 1999: 97). Tais propostas foram levadas a efeito não só por traduzirem muito bem as intenções da pesquisa, mas também por permitirem o levantamento dos “efeitos colaterais”, no sentido de não estarem relacionados às intenções iniciais dos programas, podendo ser positivos ou negativos.
- ✓ **A questão valorativa:** compartilhando da idéia da impossibilidade de uma atuação neutra do pesquisador/avaliador no exercício de suas funções, dentre as várias alternativas existentes para contornar este fato, opta-se aqui por explicitar os valores que nortearam o trabalho: foram os expostos como os fundantes para a estratégia paulistana de inclusão social. São eles: a política pública como um direito do cidadão, aplicada de forma universal segundo critérios de elegibilidade definidos, não assistencialista e, a médio e longo prazos, emancipatória. Está implícita nesta posição a extensão deste direito dos beneficiários ao acesso aos resultados do trabalho, fruto indissociável de sua participação voluntária e desinteressada (muitas vezes

⁶ Usualmente define-se **efeito** como *“todo comportamento ou acontecimento que se pode razoavelmente dizer que sofreu influência de algum aspecto do programa ou projeto; efeitos são os resultados diretos do uso ou adoção dos produtos do projeto, são os resultados*

emocionada) nas atividades da pesquisa. Tal acesso pode ser garantido não só pela divulgação das conclusões de forma ampla e democrática como também pela incorporação aos programas de algumas de suas sugestões e anseios.

2. O desenvolvimento do trabalho

Em quase total conformidade com o que foi proposto no relatório anterior, descrevem-se neste tópico as diversas etapas cumpridas na efetiva realização do trabalho.

Inicialmente foram elaboradas sugestões de ficha socioeconômica comum a todos os programas e roteiros específicos para os GFs e as entrevistas com beneficiários, ex-beneficiários e monitores à luz dos objetivos da avaliação:

- ✓ *“levar os beneficiários a refletir sobre os impactos dos programas e das atividades desenvolvidas sobre o seu cotidiano, tanto em termos de vida pessoal, quanto da vida familiar e comunitária;*
- ✓ *identificar as possíveis mudanças produzidas pelos programas da SDTS/PMSP, bem como os graus de necessidade das famílias e dos indivíduos que estão sendo atendidos pelos programas”* (DIEESE, 2002: 9).

Levou-se em conta também a intenção de centrar a investigação na percepção dos beneficiários dos valores centrais que norteiam a estratégia paulistana de inclusão social e de sua importância para a construção de uma nova visão de mundo; na percepção dos beneficiários sobre possíveis mudanças no seu cotidiano a partir da internalização destes valores e na satisfação dos beneficiários com sua participação nos programas, suas sugestões e críticas.

Tais propostas foram encaminhadas aos responsáveis pelos programas, discutidas e consolidadas após a inclusão de suas sugestões e o estabelecimento do consenso em relação às partes comuns.

mais imediatos que idealmente deveriam equivaler aos objetivos específicos almejados” (CNEP, 2003: 25). Por outro lado, é usual

Foi necessária uma pequena alteração na estratégia inicial consubstanciada no cronograma para adequá-la às condições de cumprimento de alguns pré-requisitos do trabalho comum às duas equipes: interna e externa. Assim, em vez de serem dedicadas três semanas consecutivas ao trato exclusivo de cada um dos programas redistributivos, foram realizadas todas as reuniões prévias de uma só vez para que houvesse tempo para a produção do material necessário à realização dos GFs. Conseqüentemente, o trabalho de campo foi realizado de maneira mais concentrada, respeitando as datas previstas de início e término: o primeiro grupo teve lugar em Ermelino Matarazzo no dia 30 de abril com beneficiários do Renda Mínima e a última entrevista realizou-se no dia 2 de julho de 2003 em um prédio no Itaim Bibi com uma ex-monitora do Bolsa Trabalho e do Começar de Novo no Capão Redondo.

Foram elaborados documentos específicos para cada uma das reuniões iniciais com os responsáveis pelos programas contendo pauta de decisões indispensáveis ao bom andamento do trabalho, sugestões de roteiros específicas para os GFs e, quando pertinente, para as entrevistas. Ao longo de cada uma delas discutiram-se e definiram-se as características pessoais que deveriam ser levadas em conta na composição dos GFs, bem como as que serviriam de base para a seleção das entrevistas domiciliares. Definiram-se ainda a data exata e o local em que os GFs seriam realizados para cada programa.

No caso do Renda Mínima (RM), do Começar de Novo (CN) e do Bolsa Trabalho (BT), manteve-se **o distrito como unidade geográfica da avaliação**. Cada um destes programas foi pesquisado nos 2 distritos selecionados para serem alvo da investigação: Capão Redondo (CR) e Ermelino Matarazzo (EM). No dizer das coordenações dos programas, a escolha dos distritos deveu-se a⁷:

definir **impacto** como “os resultados dos efeitos de um programa ou projeto” (CNEP, 2003: 26).

⁷ A justificativa apresentada já encaminha a decisão tomada posteriormente de realizar a avaliação do Programa Oportunidade Solidária nestes mesmos distritos, respeitando sua enorme integração com o CN e o BT a cujos públicos têm orientado sua implementação em caráter exclusivo.

- ✓ **“Capão Redondo** - faz parte dos 13 primeiros distritos (na verdade iniciamos o cadastramento em 2001 em Capão e Lajeado, dia 10 de abril de 2001, simultaneamente) atendidos em 2001. Pode representar a primeira fase de implantação dos programas sociais. Neste distrito já foi realizado o recadastramento do Renda Mínima, as atividades dos programas BT e CN já foram encerradas e neste distrito existe um grupo de egressos desses dois programas que desenvolveram atividades junto ao Programa Oportunidade Solidária criando empreendimentos que já passaram pela fase de pré-incubação, incubação e hoje estão na fase de acompanhamento;
- ✓ **Ermelino Matarazzo** - faz parte do grupo de distritos atendidos a partir do megacadastramento⁸. As atividades dos programas BT e CN já foram encerradas, um grupo de bolsistas desses programas desenvolveu atividades de pré-incubação junto ao Programa Oportunidade Solidária e esta fase foi concluída no mês de março. Os empreendimentos definidos entrarão agora em fase de incubação. O período de recadastramento do Renda Mínima será definido pela coordenação do programa.”

A decisão (tomada anteriormente no GF dos coordenadores) de avaliar os programas nos mesmos distritos mostrou-se extremamente acertada, pois propiciou um melhor conhecimento das localidades por parte da equipe de campo, uma maior integração com os responsáveis pelos locais de realização dos GFs e, principalmente, a possibilidade de estabelecimento de regularidades entre os comportamentos/posicionamentos dos beneficiários/ex-beneficiários de cada distrito. Assim, funcionou como forma eficiente de contornar heterogeneidades em vez de acrescentar mais uma à lista anterior que incluía, além da regional, a das atividades desenvolvidas nos programas, a das parcerias e a temporal (momentos diferentes de cada programa nos distritos).

O Operação Trabalho (OT), que cadastrou candidatos a beneficiários em todas as regiões do Município de São Paulo tendo a subprefeitura como unidade geográfica, selecionou a da Sé e a de Campo Limpo (que inclui o distrito do Capão Redondo) para a realização do trabalho.

⁸ O megacadastramento foi realizado no final de 2001 (novembro e dezembro) em 37 distritos, oportunidade em que a população dos mesmos se cadastrou para os 3 programas: Renda Mínima, Bolsa Trabalho e Começar de Novo.

Como pretendido, a **seleção dos participantes dos GFs** foi feita de forma a garantir o máximo de heterogeneidade na composição dos grupos, respeitando as variáveis consideradas relevantes pelos responsáveis de cada programa, que serão relatadas em detalhe nos capítulos específicos. Ressalta-se o fato de que a existência do Banco Cidadão permitiu que, neste particular, o trabalho fosse desenvolvido em condições ideais: definidas as características pessoais dos entrevistados que os coordenadores pretendiam privilegiar, os responsáveis pelo banco geravam listas de inscritos que se enquadravam em cada uma delas (sempre que possível evitando repetições), em número bem superior ao necessário, para possibilitar a reposição de perdas decorrentes da desatualização de telefones ou mesmo de possíveis recusas.

De posse da lista, a(as) pessoa(as) da equipe do DIEESE encarregada(as) de realizar os convites procedia(m) ao número necessário de telefonemas para a montagem do grupo com 14 convidados(as) confirmados(as). Tais telefonemas mostraram que os problemas de desatualização cadastral e de localização de beneficiários, ex-beneficiários e monitores distribuíram-se de maneira diferenciada segundo os programas, gerando relações bem distintas entre número de telefonemas/pessoas efetivamente contatadas como será visto mais adiante nos capítulos específicos. Para o conjunto de pesquisas a relação número de telefonemas/participantes e de GFs e de entrevistas foi de 7,43 já que foram feitas 892 ligações (excluídas as religações) para um total de 120 entrevistados. Como o banco de dados que originou as listas é parte importante da estratégia de inclusão social, foi feita uma anotação ao lado de cada nome das listas para que pudessem ser levantados os principais motivos do não sucesso da ligação. Através deste registro pode-se dizer que foram freqüentes os números de telefones inexistentes, os que trocaram de prefixo ou mesmo o número todo em função de necessidades de expansão da rede telefônica do Município, os temporariamente fora de serviço, os que não mais pertenciam ao mesmo proprietário etc. Muitas destas razões estão relacionadas a dificuldades de pagamento dos serviços telefônicos como, aliás, foi mencionado pela totalidade das pessoas entrevistadas em suas próprias casas⁹.

⁹ O quadro de gastos orçamentários das famílias entrevistadas mostrou que o item telefone está correspondendo, em média, a 13% de suas despesas mensais e que duas famílias encontram-se com suas linhas bloqueadas/cortadas

Em cada telefonema-convite enfatizavam-se em especial: o caráter absolutamente voluntário da participação na pesquisa, a não existência de relação entre o comparecimento ao GF e a obtenção de benefícios dos programas e a desvinculação do DIEESE da SDTS como forma de garantir o conforto das pessoas para emitir livremente os seus pontos de vista sobre os programas. Ao final, mencionavam-se a existência do lanche e a concessão do vale transporte. Curioso destacar que, na maior parte das vezes, era necessário contar a história completa pelo menos 2 vezes porque quem atendia ao telefone – maridos, esposas, mães, irmãos e até netos(as) zelosas – era muito atencioso mas só se dispunha a chamar a pessoa que se buscava após saber em detalhes de que se tratava.

Estava previsto que cada GF teria 12 pessoas, nunca excedendo 14. Como já foi mencionado, foram convidadas, e confirmadas, 14 pessoas para cada um deles, contando com as já esperadas ausências que de fato ocorreram e também se distribuíram desigualmente pelos programas e localidades, como será visto nos capítulos específicos. Vale aqui destacar que, em geral, a receptividade foi muito boa, havendo grande interesse em participar, o que resultou em um número médio de 9,8 pessoas por GF, número considerado muito bom já que esta técnica prevê um número médio de 8 participantes como ideal. Os 11 GFs realizados tiveram duração média de 90 minutos e mediana¹⁰ de 181 minutos.

Ao iniciar cada grupo, após a disposição em círculo dos participantes, havia o ritual de apresentação da equipe do DIEESE, que era composta de uma facilitadora, uma relatora e duas pesquisadoras que se encarregavam da aplicação das fichas socioeconômicas, da gravação das falas e da organização da parte final do evento¹¹. Seguia-se uma explanação por parte da facilitadora, enfatizando os seguintes pontos:

por falta de pagamento. Ou seja, a tendência à universalização deste serviço tem acarretado custos por demais pesados às famílias de baixa renda.

¹⁰ Mediana é a medida estatística que divide uma distribuição ao meio, sendo menos afetada do que a média pelos valores extremos da distribuição.

- ✓ distribuição de etiquetas com o nome de cada pessoa (incluindo a equipe) e o pedido para que fossem coladas em lugar visível como forma de facilitar a comunicação durante o grupo;
- ✓ agradecimento pela presença;
- ✓ o caráter voluntário da participação, inclusive nas falas, durante o trabalho, embora fosse altamente desejada e bem-vinda a contribuição de todos;
- ✓ os objetivos da pesquisa em função do interesse da Prefeitura em melhorar os programas a partir da opinião dos que deles tinham participado;
- ✓ a desvinculação DIEESE/PMSP para garantir liberdade de expressão sem constrangimentos;
- ✓ o tipo de utilização do material quantitativo e qualitativo coletado: de maneira não identificada em um relatório¹²;
- ✓ pedido de permissão para tomar notas, para gravar as intervenções e para fotografar o grupo como formas de facilitar/enriquecer nossos registros;
- ✓ rodada de apresentação com utilização de uma dinâmica de descontração: além de cada um dizer o seu nome e o que faz, mencionar algo de que gosta e algo de que não gosta de fazer na vida.

Em todos os grupos as autorizações foram concedidas (uma ou duas vezes houve pedido para que o gravador fosse desligado para viabilizar uma fala específica avaliada pelo participante como inconveniente para ser gravada) e o nível de participação efetiva foi considerado bom pela equipe, sendo notórios os desníveis em termos de quantidade e qualidade das falas que, em todos os casos, iam tornando-se mais numerosas e descontraídas à medida que o trabalho avançava.

Ao final do grupo, uma palavra de avaliação era pedida do trabalho de pesquisa em si. Em todos os GFs, independentemente do programa ou do local em que se pesquisava, nesse momento o grau de satisfação com o trabalho no GF foi bastante ressaltado, bem como a curiosidade com a pesquisa, a esperança de voltar a participar do programa, de

¹¹ Esta equipe permaneceu constante durante todo o trabalho de campo e foi composta por Marina Sidrim Teixeira (facilitadora), Ana Yara Paulino (relatora), Maria Neuma Brito e Márcia Silva (pesquisadoras).

que sua contribuição ajude a melhorar o programa e a total disponibilidade para voltar aos GFs caso eles voltassem a acontecer. Algumas destas falas estão reproduzidas a seguir¹³ e dão conta desde a satisfação/orgulho de terem sido lembrados pela Prefeitura para serem ouvidos como parte integrante dos programas até a ênfase no grupo como um momento de lazer, encontro/reencontro e integração com seus pares. Outro ponto sempre ressaltado foi a qualificação e adequação atribuídas à equipe do DIEESE, o que muito gratificou a mesma, que estava totalmente empenhada na realização de seu trabalho de forma intensa, integral e, muitas vezes, emocional.

- ✓ *“Eu gostei desde a primeira hora que eu fui convidado. Já comecei a gostar porque eu pensei que era o Começar de Novo. Eu gosto pela atenção de vocês, são pessoas simpáticas, não sei se no dia-a-dia são assim porque tem pessoas que ri para você e lá atrás vira a cara. É aonde eu pego a sinceridade.”* (homem, Ex-BE CN CR)

- ✓ *“Eu gostei muito de estar aqui, gostei muito de conhecer vocês todos. Se tivesse uma reunião dessa por semana já me faria bem demais.”* (mulher, ex-BE CN EM)

- ✓ *“Eu fiquei curiosa e surpresa porque eu não esperava que a pesquisa seria assim tão a fundo. Talvez a gente não soube se expressar muito bem, mas eu achei: nossa, como estão se importando com a nossa opinião! Eu achei legal isso aí e agradeço a vocês.”* (mulher, Ex-BE CN EM)

- ✓ *“Foi o único apoio que nós tivemos há tanto tempo, é uma ajuda boa que a gente tem, adorei estar aqui participar dessa palestra. É só isso aí.”* (mulher, BE RM CR)

- ✓ *“Eu gostei. Foi diferente do que eu imaginava. Pensei que fosse daquelas outras reuniões chatas. Mas eu gostei, um grupo pequeno onde a gente pode expor as nossas idéias, os nossos problemas e as nossas vantagens. Então eu gostei muito e que possa ter mais com outros grupos também. Gostei e obrigada.”* (mulher, BE RM CR)

¹² Muitos dos participantes dos GFs faziam questão de dizer que o que estavam dizendo poderia ser divulgado no rádio e na TV porque só estavam falando do que sabiam e sentiam.

¹³ O relatório tem que ser muito seletivo com as falas em função da extensão e da riqueza do material coletado. Para referência, além das abreviaturas já utilizadas para os programas sociais e para os distritos, serão usadas também: BE e Ex-BE para beneficiários e ex-beneficiários, respectivamente.

- ✓ *“Foi muito bom ser lembrado. E tomara que surta um efeito positivo aí. Foi bom. Valeu. Obrigado.”* (homem, BE RM CR)

- ✓ *“Bom, acho que a palavra aqui é esperança, que ficou para mim. A gente vai construindo aos poucos essas possibilidades novas de mais gente participar desses programas. De quem está participando ter clareza do que está participando. Então foi muito gostoso estar aqui com vocês, no meu aniversário.”* (mulher, BE RM CR)

- ✓ *“Eu também gostei da reunião. Pensei também que ia ser aquela coisa bem chata, mas foi muito bom. Foi muito bom, aprendi um pouquinho também porque a gente fica sem saber muita coisa e aqui a gente escutando um, escutando o outro, vai entrando na cabeça tudo certinho.”* (mulher, BE RM EM)

- ✓ *“Eu gostei porque a gente ficou sabendo que ninguém esqueceu da gente que contribuiu lá atrás. Agora a gente está aqui de novo para estar depondo e a palavra acho que é confiança.”* (mulher, Ex-BE BT EM)

- ✓ *“Eu gostei por causa de conhecer novas pessoas diferentes.”* (homem, Ex-BE BT EM)

- ✓ *“Gostei de ficar por aqui, conversar com todo mundo, conversar, ficar falando sobre o Bolsa Trabalho. Essas coisas aí.”* (homem, Ex-BE BT EM)

- ✓ *“Foi bom porque pelo menos a gente sabe que algumas pessoas se importa com as nossas opiniões sobre o projeto do Bolsa Trabalho.”* (mulher, EX-BE BT EM)

- ✓ *“Também agradeço o convite, achei que foi muito bom, muito legal e como a Edna falou foi um desabafo mesmo. Eu acho que teria que, depois do término, voltar com essa pesquisa novamente.”* (mulher, BE OT CL)

- ✓ *“Eu acredito que a Prefeitura acertou novamente de estar fazendo essa reunião com a gente porque todo projeto novo tem acerto e tem falhas também e as pessoas se faltarem numa reunião como essa aqui depois não podem reclamar porque é a oportunidade de a gente estar buscando os defeitos. Eu acho que foi um saldo positivo.” (homem, BE OT CL)*

- ✓ *“Muito obrigada por terem me convidado, foi bom porque a gente desabafou o que aconteceu os fatos de dois meses já, a gente desabafou os problemas, as dificuldades. Achei gostosa a pesquisa hoje à tarde.” (mulher, BE OT CL)*

- ✓ *“Eu acho que nós todos colocamos o que a gente acha, lá a gente não tem tanta liberdade para estar falando o que a gente falou aqui porque tem a coordenadora e a gente fica um pouco constrangida. Aqui a gente pôde falar, pôde ouvir, até saber da opinião das amigas que trabalham com a gente para estar melhorando e para a gente mesmo. Eu gostei muito de vocês e agradeço por ter sido convidada. Obrigada.” (mulher, BE OT CL)*

- ✓ *“Eu queria agradecer por ter sido convidada para participar da pesquisa, todas vocês são simpáticas e foi bom porque a gente teve oportunidade de estar expondo os problemas, as qualidades, os defeitos do programa e que essa reunião chegue para melhorar, dar algo novo ao programa. Obrigada.” (mulher, BE OT CL)*

- ✓ *“Da minha parte eu achei muito interessante essa reunião, estão de parabéns dona Marina e vocês pelo trabalho feito, parabéns a todos. Aqui cada qual expressou a sua opinião, as suas dificuldades, tristezas e contentamentos, como eu expressei a minha. Então acredito, como ela disse, ter a maior ênfase ao relatório final, Deus permita que todo mundo seja beneficiado com esse programa. Esse e os demais que hão de vir.” (homem, BE OT Sé)*

- ✓ *“A minha palavra foi união. Acho que união de todas as pessoas que estão no Operação Trabalho e também as pessoas que eu conheci inclusive vocês por estar dando a oportunidade de a gente estar falando e vocês ouvir. Acho que isso foi fundamental.” (mulher, BE OT SÉ)*

- ✓ *“Para mim foi bom porque essas informações são importantes, tem muita gente que tem dificuldade. Espero que chegue na mão de uma pessoa que resolva alguma coisa, alguma melhora.”* (homem, BE OT Sé)

- ✓ *“Para mim foi bastante produtivo também porque houve opinião que eu não estou no mesmo lugar que elas, eu não sei como é a realidade desse trabalho. É bem mais difícil do que eu imaginava. Eu espero que a quem cabe, saiba analisar bem essas nossas opiniões e que tenha resultados produtivos para nós e para as futuras pessoas que vão ser incluídas nesse programa.”* (mulher, BE OT Sé)

- ✓ *“Eu gostei muito de estar conhecendo vocês, umas pessoas maravilhosas, super simpáticas e a gente teve uma oportunidade de falar o que a gente viveu no programa, que foi muito bom enquanto durou e que não pare, que continue porque a gente se sentiu útil porque até então eu mesma estava lá em baixo, me sentindo lá embaixo.”* (mulher, Ex-BE OT CL)

- ✓ *“A minha opinião é que foi uma reunião muito bem dirigida, um trabalho muito bem feito pelo Dieese. As funcionárias Marina, Márcia, Neuma, Ana teve muito respeito, foi um ambiente sadio e continuem sempre assim.”* (homem, Ex-BE OT Sé)

Em todos os GFs, encerrados os trabalhos, foi oferecido um lanche simples¹⁴ aos participantes e à equipe, que se constituía em um momento de confraternização que, via de regra, tendia a prolongar-se evidenciando mais uma vez o prazer da maior parte das pessoas em participar do evento, quase sempre denominado por elas de “palestra”, como atestam as falas finais que se listam a seguir:

- ✓ *“Eu gostei muito da palestra já participei de uma parecida com essa do Geraldo Alckmin e espero que brevemente todas as pessoas aqui estejam empregadas.”* (homem, Ex-BE OT CR)

- ✓ *“Eu tenho que agradecer vocês porque nós estamos todos aqui com vocês e gostei muito da palestra de todos vocês e falar o que a gente pensa: se voltar o Começar de Novo eu gostaria de começar trabalhando e como ele disse: fazer alguma coisa para as pessoas.”* (mulher, Ex-BE CN CR)

- ✓ *“Sobre essa palestra aqui eu achei muito formidável, mais uma rede de amigos e conhecimento de pessoas que era do outro grupo e agora eu estou conhecendo e achei vocês muito dóceis e educadas, inclusive falei que vinha e hoje estou aqui.”* (mulher, Ex-BE CN EM)

- ✓ *“Eu gostei muito dessa palestra como já foi dito também que quando eu recebi o telefonema eu dei um pulo de alegria pensando que era chamando para a gente trabalhar: será que vão chamar porque está tendo oportunidade? E falei: será que vão me chamar para trabalhar na creche qualquer coisa? A gente tem que sonhar. Mas eu fiquei contente de passar essa tarde aqui com vocês. Vocês deixaram a gente muito à vontade para a gente falar o que cada um tem vontade de falar, porque a gente fica assim meia inibida, meia com medo de falar, mas vocês passaram isso para a gente, para a gente ficar bem à vontade.”* (mulher, Ex-BE CN EM)

A preocupação de fazer os grupos em local de fácil e próximo acesso aos entrevistados mostrou-se muito pertinente porque o problema do custo da locomoção apareceu com muita força em todos os momentos da avaliação. Quando da efetivação dos convites para o segundo grupo, percebeu-se que a falta de recursos para o transporte poderia constituir-se em um empecilho concreto à participação dos beneficiários/ex-beneficiários dos programas da SDTS na pesquisa. Assim, já a partir do terceiro GF, passou-se a oferecer vale transporte de ida e volta a todos os que compareceram. Tal providência agradou em muito os participantes embora não tenha sido suficiente para garantir a participação de alguns que não tiveram condições de obter o recurso previamente para serem ressarcidos quando do comparecimento ao grupo.

Para cumprir a proposta de realizar o trabalho o mais próximo possível dos locais de moradia dos participantes, contou-se com a colaboração das representantes de área dos programas no Capão Redondo (CR) e em Ermelino Matarazzo (EM) na obtenção dos locais para a realização dos GFs. Graças a isto, todos os grupos que envolviam moradores da região de EM foram realizados na Creche Casa da Criança em sala bem iluminada, silenciosa e bem equipada, que oferecia total conforto aos participantes. Em

¹⁴ O cardápio compunha-se de dois tipos de refrigerantes, dois tipos de biscoito (doce e salgado) e um tipo de

CR, um primeiro GF foi realizado no Centro de Convivência Nathalia Rosenberg e os demais no posto de atendimento da SDTS em Campo Limpo, no qual as instalações não eram tão confortáveis, principalmente em função do barulho externo da rua e do tipo de mobiliário. Contudo, estas ressalvas não implicam desqualificação do local conseguido uma vez que atendeu inteiramente às necessidades do trabalho, até por ser um local já visitado anteriormente por parcela significativa dos participantes.

Os GFs com beneficiários e ex-beneficiários do Operação Trabalho da Sé foram realizados respectivamente, nas ótimas instalações da Faculdade Anhembimorumbi na Líbero Badaró e do Centro de Treinamento da Caixa Econômica Federal na Rua do Arouche. Já os GFs com os beneficiários e ex-beneficiários de Campo Limpo tiveram lugar na subprefeitura de Santo Amaro (bairro onde os participantes estavam prestando serviços como cadastradores dos próprios programas da SDTS) e no já referido posto de atendimento da SDTS em Campo Limpo, respectivamente.

Vale destacar que, em todos os locais, a equipe do DIEESE e os participantes dos grupos foram acolhidos com muito carinho.

As entrevistas foram todas realizadas no domicílio dos entrevistados, igualmente selecionados segundo as especificações dos responsáveis por cada um dos programas. O agendamento da entrevista era sempre feito pela pessoa que iria realizá-la, enfatizando os mesmos pontos já mencionados no caso do convite para os grupos, com destaque especial para o caráter voluntário da atividade. Havia sempre a preocupação expressa de conciliar as possibilidades de horário e data às disponibilidades do entrevistado. A receptividade foi total – não houve recusa alguma –, tendo sido o acolhimento impecável. As diferenças observadas em termos de duração da entrevista e da efetiva contribuição aos temas pesquisados dizem respeito exclusivamente às diferenças individuais de inibição, de facilidade de trato com o outro e de confiança. Esta última ia sendo conquistada/ampliada a olhos vistos ao longo da entrevista. Ao final do trabalho, sempre havia a preocupação por parte da entrevistada (principalmente das menos

jovens) de oferecer qualquer coisa de comer ou de beber à entrevistadora, mesmo em casas onde o que se dispunha para alimentar os próprios moradores era muito pouco, o que era situação comum e condizente com as condições de vida e moradia descritas pelos entrevistados e constatadas pela entrevistadora.

A inserção na avaliação de um trabalho com os monitores do Bolsa Trabalho e do Começar de Novo, feita no GF dos coordenadores, também concretizou-se ainda que com dinâmica própria. Houve certa dificuldade em listar aqueles(as) que haviam trabalhado especificamente em EM e no CR. Tal dificuldade foi contornada mais facilmente em EM, não só porque se tratava de uma experiência mais recente, como também por conta da valiosa ajuda da responsável pela Creche Casa da Criança¹⁵ que mantinha contato com várias pessoas que tinham atuado nos dois programas naquele distrito. Isto viabilizou a efetivação dos convites e a realização de um concorrido e produtivo GF com este público. Inversamente, no caso do CR, o distanciamento no tempo gerou não só a dificuldade de identificação de equipes específicas como também a constatação de que muitos dos que lá trabalharam ou já tinham hoje outras atividades que não lhes permitiam a disponibilidade necessária pra participar do GF ou estavam igualmente impossibilitados de participar por estarem envolvidos em atividades semelhantes em outros locais. Tal dificuldade foi contornada com a realização de duas entrevistas com ex-monitores nos seus atuais locais de trabalho, cada um deles “representando” uma das instituições parceiras da SDTS na implementação dos programas.

O quadro que se segue apresenta a distribuição dos GFs e entrevistas efetivamente realizados, por programa, segundo a ordem de sua entrada em campo (que respeitou a sugerida pelas coordenações):

¹⁵ Sonia Maria Fonseca que somou mais esta atenção à de anfitriã acolhedora em todos os GFs de Ermelino Matarazzo.

Programa	Técnicas empregadas	Informantes	Locais
Renda Mínima	1 GF e 2 entrevistas por distrito selecionado	Beneficiários	Ermelino Matarazzo e Capão Redondo
Operação Trabalho	2 GFs em cada subprefeitura selecionada	Beneficiários e Ex- beneficiários	Subprefeitura da Sé e Subprefeitura de Campo Limpo
Começar de Novo	1 GF e 2 entrevistas por distrito selecionado	Ex-beneficiários	Ermelino Matarazzo e Capão Redondo
Bolsa Trabalho	1 GF e 2 entrevistas por distrito selecionado	Ex-beneficiários	Ermelino Matarazzo e Capão Redondo
Bolsa Trabalho/ Começar de Novo em conjunto	1 GF e 2 entrevistas	Monitores	Ermelino Matarazzo e Capão Redondo

Como já foi mencionado, todos os participantes dos GFs e das entrevistas (num total de 120 pessoas) responderam a uma **ficha socioeconômica** comum a todos os programas, contendo dados básicos de perfil como sexo, idade, cor, religião, estado conjugal, naturalidade, condição de atividade, renda no último mês e alguns outros considerados relevantes pelos responsáveis pelos programas como, por exemplo, se é titular de benefício de outro programa social da SDTS, se outro membro da família é beneficiário deste ou de outro programa da Prefeitura etc. O banco de dados resultante foi encaminhado à SDTS. No caso das entrevistas domiciliares, foram preenchidos também um quadro detalhado com dados dos membros da família e um com uma estimativa dos gastos do mês anterior. Estes dados não foram digitados (o número de casos não autorizava qualquer uso estatístico) e serão usados como auxiliares aos dados qualitativos.

O tratamento dado ao material qualitativo colhido nos GFs e nas entrevistas incluiu as seguintes etapas: gravação dos eventos, transcrição das fitas, fichamento do material transcrito segundo os temas abordados e segundo os autores das falas. No caso dos GFs, ora era priorizada a interlocução no grupo, ora a seqüência das diversas falas de um mesmo indivíduo ao longo do grupo. O anexo deste relatório, contendo os relatos dos GFs e o CD-ROM com as transcrições brutas das entrevistas e dos GFs, foi encaminhado à SDTS/PMSP.

Finalmente, é indispensável que se ressalte que, em que pese a disposição e o empenho da equipe externa da avaliação, o trabalho não poderia ter sido realizado, muito menos no prazo em que foi, sem a colaboração dedicada (e muitas vezes ágil) dos membros da equipe interna da SDTS: coordenadores, subcoordenadores e assessores dos programas, equipe de informática, responsáveis locais no Capão Redondo e em Ermelino Matarazzo e secretárias. Ao registrar o agradecimento a estas pessoas, gostaríamos de estendê-los aos responsáveis pelos locais onde os GFs foram realizados, pela transcrição das fitas, pela digitação das fichas socioeconômicas, pelo levantamento e processamento dos dados primários e secundários, bem como à auxiliar de pesquisa e às revisoras do texto deste relatório. Por último, e com a maior ênfase, um agradecimento especialíssimo aos entrevistados que com sua participação generosa e disponível permitiram que fosse levado a bom termo o trabalho de campo.

II BREVE PERFIL DA POPULAÇÃO DOS DISTRITOS PESQUISADOS A PARTIR DO CENSO DEMOGRÁFICO 2000 DO IBGE

O objetivo deste capítulo é delinear um contorno das populações mais inclusivas dos beneficiários dos programas sociais que foram objeto da pesquisa, cujos resultados são apresentados neste relatório. Os dados mostram que os distritos onde ela foi realizada estão entre os mais excluídos do Município de São Paulo e que o perfil de sua população por si só revela algumas das carências que atingem sua vida cotidiana em função das dificuldades atuais do mercado de trabalho, da saúde, da educação etc.: grande contingente de população migrante (principalmente originária do nordeste), juventude, baixa escolaridade, rendas familiares medianas baixas – ainda que alguns itens da infraestrutura urbana, tais como rede de iluminação elétrica, rede de abastecimento de água, coleta de lixo etc. já tenham tendido à universalização e a população dos distritos possam deles usufruir, ainda que de maneira desigual.

O importante aqui é chamar a atenção para o fato de que os beneficiários dos programas sociais da SDTS são os mais carentes dentre os moradores de cada um dos distritos. Os indicadores aqui apresentados para os distritos, em todos os casos, assumem valores muito abaixo quando calculados para a população inscrita nos programas e para a população entrevistada, como será visto nos capítulos subseqüentes. Para uma discussão mais aprofundada sobre os indicadores relativos à população do município e distritos e a população alvo dos programas, ver *Relatório 2* (DIEESE, ago. 2003).

Os distritos do Capão Redondo (CR) e de Ermelino Matarazzo (EM), que foram o universo mais freqüente – quase único – da pesquisa, apresentam perfis muito semelhantes, com ligeira vantagem para EM, que se acentua quando o universo são os beneficiários dos programas. Já a Sé, em cuja área foram pesquisados os beneficiários e ex-beneficiários do Operação Trabalho (OT), é um pouco diferente até pela própria centralidade geográfica que ocupa no município. Contudo, o OT atendeu preferencialmente a uma população que, pelo seu perfil, compõe um nítido bolsão de miséria: ao tentar localizar as pessoas da região para convidá-las a participar dos grupos,

foi constatado que muitos tinham dado como referência albergues e centros de convivência aos quais costumam ir em busca de algum conforto e alimentação.

Indicadores calculados pelo CD 2000 do IBGE	Município de São Paulo	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo	Sé
Classe modal de sexo	Feminino (52%)	Feminino (52%)	Feminino (51%)	Feminino (53%)
Classe modal de estado civil	Solteiro (52%)	Solteiro (58%)	Solteiro (52%)	Solteiro (63%)
Classe modal de situação conjugal	Com cônjuge (48%)	Com cônjuge (48%)	Com cônjuge (49%)	Nunca viveu com cônjuge (41%)
Proporção de paulistas	70%	59%	66%	52%
Estado de origem da maior proporção de migrantes oriundos	Bahia (8%)	Bahia (12%)	Bahia (10%)	Bahia (8%)
Idade média	30,21 anos	26,51 anos	28,33 anos	32,18 anos
Classe modal de faixa etária	Até 15 anos (27%)	Até 15 anos (31%)	Até 15 anos (29%)	Até 15 anos (21%)
Classe modal de frequência à escola	Não freqüenta (76%)	Não freqüenta (93%)	Não freqüenta (75%)	Não freqüenta (91%)
Classe modal de última série concluída	3ª série do ensino médio (22%)	3ª série do ensino médio (21%)	3ª série do ensino médio (23%)	3ª série do ensino médio (26%)
Proporção com ensino fundamental concluído (inclusive não seriado)	57%	45%	51%	90%
Proporção com ensino médio concluído (inclusive não seriado)	39%	26%	31%	51%
Proporção com ensino superior concluído	13%	3%	4%	5%
Principal tipo de deficiência	Visual (7%)	Visual (8%)	Visual (7%)	Visual (8%)
Classe modal de situação no mercado de trabalho	Assalariado com carteira assinada (47%)	Assalariado com carteira assinada (51%)	Assalariado com carteira assinada (50%)	Assalariado com carteira assinada (42%)
Proporção de aposentados	10%	6%	8%	11%

Indicadores calculados pelo CD 2000 do IBGE	Município de São Paulo	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo	Sé
Número médio de pessoas no domicílio	3,46	3,71	3,85	2,61
Renda média domiciliar	R\$ 2.104,62	R\$ 1.066,53	R\$ 1.201,85	R\$ 1.485,58
Renda mediana domiciliar	R\$ 1.030,00	R\$ 750,00	R\$ 800,00	R\$ 1.000,00
Classe modal de renda domiciliar	Mais de R\$ 400,00 (81%)	Mais de R\$ 400,00 (73%)	Mais de R\$ 400,00 (77%)	Mais de R\$ 400,00 (85%)
Classe modal de tipo de domicílio	Particular (100%)	Particular (100%)	Particular (100%)	Particular (100%)
Classe modal de tipo de ocupação do domicílio	Próprio já pago (60%)	Próprio já pago (59%)	Próprio já pago (65%)	Alugado (50%)
Classe modal do tipo de ocupação do terreno	Próprio (90%)	Próprio (79%)	Próprio (88%)	Próprio (99%)
Classe modal do tipo de abastecimento de água	Rede (100%)	Rede (100%)	Rede (100%)	Rede (100%)
Classe modal de tipo de escoamento sanitário	Rede (87%)	Rede (80%)	Rede (84%)	Rede (100%)
Classe modal de tipo de iluminação (domicílios particulares permanentes)	Rede (100%)	Rede (100%)	Rede (100%)	Rede (100%)
Classe modal de destino do lixo	Coleta por serviço de limpeza (97%)	Coleta por serviço de limpeza (97%)	Coleta por serviço de limpeza (99%)	Coleta por serviço de limpeza (100%)
Proporção dos domicílios do Município de São Paulo	100%	2%	1%	0,3%
Proporção da população que vive em domicílios do Município de São Paulo	100%	3%	1%	0,2%

Indicadores calculados pelo CD 2000 do IBGE	Município de São Paulo	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo	Sé
IDH (2000) ^(*)	0,520	0,454	0,464	0,498
Ordenação segundo o índice de exclusão ^(**)	X	12º Mais excluído	34º Mais excluído	36º Mais excluído

Fontes: CENSO DEMOGRÁFICO 2000; ^(*) SDTS, ago.2003: 5; ^(**) IZIQUE, jan. 2003.

Perfil do Capão Redondo e de Ermelino Matarazzo

São tantas as semelhanças, com diferenças apenas de intensidade, que é possível traçar o perfil em conjunto: lá estão 2% e 1%, respectivamente, dos domicílios do Município de São Paulo e 3% e 1% de sua população, respectivamente. Com base nas classes modais e nas médias, pode-se dizer que os moradores dos dois distritos são predominantemente mulheres; com idade média entre 26 e 28 anos; são naturais do Estado de São Paulo (mais em EM do que no CR) ainda que ambos abriguem considerável proporção de migrantes (41% e 34%, respectivamente); são solteiros de estado civil mas vivem em união consensual. A última série que seus moradores concluíram com aprovação foi a terceira série do ensino médio, denotando um nível intermediário de instrução, que piora quando avaliado em conjunto com outros indicadores: somente metade da população (um pouco menos no CR) concluiu o ensino fundamental, pouco mais que um quarto concluiu o ensino médio (mais em EM) e somente 3% e 4%, respectivamente, chegaram à universidade. As casas em que vivem com suas famílias são próprias, já pagas, e construídas em terrenos também próprios (sempre em proporções maiores em EM do que no CR), e, como já foi comentado, bem servidas de infra-estrutura básica. Ainda que predominem os que trabalham com carteira assinada, esta é a inserção no mercado de mais ou menos metade dos trabalhadores. A renda familiar média em 2000 era em torno de R\$ 1.100,00, caindo para algo em torno de R\$ 750,00 quando a mediana é calculada, evidenciando que a média está bastante afetada pelos valores extremos da distribuição. O número médio de pessoas por domicílio está em torno de 4 pessoas. Em todos estes indicadores, EM leva pequenas, mas significativas, vantagens sobre o CR. Contudo, comparada ao público atendido pelos programas sociais nestes dois distritos, a situação

da população do distrito como um todo é bem melhor, como ficará evidente nos capítulos que se seguem.

Perfil da Sé

Lá estão menos de 1% dos domicílios e da população do Município de São Paulo. Com base nas classes modais e nas médias, pode-se dizer que os moradores são predominantemente mulheres; com idade média de 32 anos. Metade da população é natural do Estado de São Paulo e a outra metade é migrante. São solteiros não só no estado civil, mas de fato, uma vez que 41% da população nunca viveu com um cônjuge. A última série que seus moradores concluíram com aprovação foi a terceira série do ensino médio, denotando um nível intermediário de instrução, que melhora quando avaliado em conjunto com outros indicadores: 90% concluíram o ensino fundamental, a metade concluiu o ensino médio e 5% chegaram à universidade. Metade das casas em que vivem com suas famílias é alugada, e, como já foi comentado, bem servida de infraestrutura básica. Ainda que predominem os que trabalham com carteira assinada, esta é a inserção no mercado de menos da metade dos trabalhadores habitantes da região da Sé. A renda domiciliar média em 2000 era em torno de R\$ 1.485,58, caindo para R\$ 1.000,00 quando a mediana é calculada. O número médio de pessoas por domicílio é de apenas 2,1 pessoas. Comparada ao público atendido pelo Operação Trabalho (OT) na Sé, a situação da população do distrito como um todo é bem melhor, como ficará evidente no capítulo que apresenta os resultados com os seus beneficiários e ex-beneficiários.

III UM *INTERMEZZO* NECESSÁRIO

O primeiro capítulo específico de resultados é dedicado ao Programa Renda Mínima (RM) por ter sido o primeiro a entrar em campo e porque tal fato não é isento de conseqüências: foi com ele que se construíram as sistemáticas práticas necessárias para a efetiva realização dos grupos e das entrevistas; foi com ele que os roteiros foram consolidados a partir de sua utilização; foi com ele que a equipe viveu seus primeiros impactos com a interlocução direta com os beneficiários, suas histórias de vida, suas alegrias e tristezas. A pesquisa levada a efeito com os beneficiários do RM, portanto, usufruiu dos resultados positivos e negativos desta primazia e assim continuará a ser porque é também através dela que as sistemáticas analíticas possíveis neste relatório serão estabelecidas e explicitadas ainda que venham a ser replicadas nos capítulos dedicados a cada um dos demais programas.

Como já foi mencionado na **Introdução**, ao usar os dados qualitativos principalmente como fonte de sistematização dos aspectos mais relevantes levantados pelos entrevistados, isto vai ser feito perseguindo a resposta às 3 questões básicas colocadas para a pesquisa:

- ✓ a percepção dos beneficiários dos valores centrais que norteiam a estratégia paulistana de inclusão social e de sua importância para a construção de uma nova visão de mundo. Como já foi mencionado anteriormente, estes valores são a seleção de beneficiários segundo critérios universais de atendimento a partir de critérios claros de elegibilidade; a integração entre os programas redistributivos e emancipatórios e a busca do rompimento com o caráter assistencialista predominante em grande parte das políticas públicas através da vinculação do recebimento do benefício à exigência de contrapartidas específicas por parte da população beneficiária;
- ✓ a percepção dos beneficiários sobre possíveis mudanças no seu cotidiano a partir da internalização destes valores e
- ✓ a satisfação dos beneficiários com a sua participação nos programas, suas sugestões e críticas.

O objetivo geral de levar os beneficiários a refletir sobre os impactos dos programas e das atividades desenvolvidas sobre o seu cotidiano, tanto em termos de vida pessoal, quanto da vida familiar e comunitária foi largamente alcançado nos GFs e nas entrevistas domiciliares como ficará demonstrado ao longo deste relatório. Quanto ao objetivo de identificar possíveis mudanças produzidas pelos programas, bem como os graus de necessidades das famílias e dos indivíduos que estão sendo atendidos pelos programas, será atingido com a articulação das respostas obtidas nas 3 questões centrais e nas inúmeras subdivisões “propostas” pelos entrevistados. Em todos os casos, o método será o de listar os aspectos levantados pelos entrevistados e dar-lhes “voz” de forma organizada.

Vale lembrar que um parâmetro básico foi assumido desde a fase de planejamento para viabilizar a pesquisa dentro de seus limites sempre reiterados ao longo de todo o processo: somente serão consideradas sistematicamente as diferenças/semelhanças encontradas entre os distritos pesquisados. Aquelas que porventura existam entre sexos ou entre mais jovens e mais velhos, entre pretos e brancos, entre paulistas e migrantes, e assim por diante, como previsto, não serão consideradas nesta análise a não ser pelo fato, muito relevante, de podermos garantir que todos os tipos de usuários dos programas foram convidados a participar, a emitir seus juízos e externalizar suas emoções, encantamentos e decepções. Condizentemente com a técnica escolhida, não foi feita uma amostra estatística, mas uma seleção intencional baseada nesta diversidade da base.

É também dentro deste espírito que devem ser vistos os dados quantitativos produzidos a partir das fichas socioeconômicas junto aos entrevistados: eles não têm nenhum compromisso com a reprodução das distribuições e proporções existentes no universo de beneficiários já que, ao representar com cotas iguais a diversidade dos beneficiários nos GFs, não houve (e nem deveria haver) preocupação com a quantidade com que cada um dos tipos de beneficiários existe neste universo, a não ser do ponto de vista do sexo.

Um outro limite agora é explicitado: por questão de tempo, neste relatório não será possível comparar os resultados obtidos nesta pesquisa com os de outras similares, ainda que alguns destes estudos tenham sido lidos pela equipe e tenham ajudado em etapas anteriores da presente pesquisa.

Finalmente, como também já foi mencionado na **Introdução**, o material coletado com sucesso no trabalho de campo certamente pode ser explorado mais exaustivamente e está disponível para que possa ser dada continuidade ao trabalho cuja atual etapa, com os programas redistributivos, encerra-se com este relatório conjunto cumprindo suas promessas.

IV PESQUISA COM OS BENEFICIÁRIOS DO PROGRAMA RENDA MÍNIMA

Parâmetros gerais do programa RM da SDTS¹⁶

“O programa Renda Mínima [é dirigido] para famílias com renda per capita de até meio salário mínimo e com dependentes de 0 a 15 anos. As famílias recebem uma bolsa de até R\$ 220,00 (hoje em média R\$ 120,00) e mantêm seus filhos com mais de 7 anos na escola. Até o final de 2002, 193,5 mil famílias estão incluídas” (SDTS, 2003: 7).

O perfil dos entrevistados a partir das fichas socioeconômicas

Por ocasião da realização dos GFs e das entrevistas, todos os participantes responderam a uma ficha de caracterização socioeconômica. A partir dos resultados desta parte da pesquisa foi construída a tabela que se segue, que traça o perfil dos entrevistados.

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Tempo médio de preenchimento da ficha	10 minutos	11 minutos
Classe modal de sexo	Feminino (90%)	Feminino (85%)
Idade média	36,40 anos	38,54 anos
Classe modal de faixa etária	34 a 39 anos (40%)	29 a 33 anos e 40 a 49 anos (31% de cada)
Proporção de paulistas	30%	39%
Tempo médio de residência no Município de São Paulo	22 anos	20 anos
Estado de origem da maior proporção de migrantes	Bahia (40%)	Pernambuco (23%)
Classe modal de cor (pergunta aberta)	Branca (40%)	Branca e Parda (39% de cada uma)
Classe modal de cor (pergunta fechada)	Branca (40%)	Branca e Parda (47% de cada uma)
Classe modal de religião	Católica (90%)	Protestante/Evangélica (54%)
Classe modal de posição na família	Chefe e cônjuge (50% de cada)	Cônjuge (62%)
Classe modal de situação conjugal	Casado (70%)	Casado (69%)
Paternidade/maternidade	100%	100%

¹⁶ No relatório anterior traçou-se um cuidadoso retrato de cada programa social apresentado em forma de quadros-resumo, contendo detalhes acerca de seus objetivos, contrapartida e critérios de elegibilidade, avaliação, acompanhamento e parcerias, desafios e resultados. Aqui se trata apenas de indicar sumariamente suas características básicas para contextualizar a análise da visão que deles têm os beneficiários/ex-beneficiários.

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Classe modal no número de filhos	4 filhos (40%)	2 e 3 filhos (31% cada)
Filhos entre 7 e 15 anos	80%	85%
Proporção de filhos entre 7 e 15 anos	80%	85%
Classe modal de última série concluída	3ª e 5ª séries do ensino fundamental (22% de cada)	5ª e 7ª séries do ensino fundamental (23% de cada)
Proporção com ensino fundamental concluído	11%	31%
Proporção com ensino médio concluído (inclusive não seriado)	0%	15%
Proporção com ensino superior concluído	0%	0%
Proporção com convênio médico particular	10%	0%
Proporção com convênio médico de empresa	10%	0%
Proporção com convênio odontológico	0%	0%
Proporção com conta em banco anterior ao programa	30%	31%
Proporção com conta em banco aberta para receber o benefício	100%	90%
Proporção com cheque especial	0%	5%
Proporção com cartão de crédito	0%	17%
Proporção com acesso à Internet em casa	0%	0%
Proporção com acesso à Internet no trabalho	0%	0%
Proporção que busca acesso à Internet no telecentro da Prefeitura	0%	0%
Classe modal de tipo de ocupação do domicílio	Próprio já pago (67%)	Cedido (62%)
Número médio de parcelas recebidas do RM	17,90 parcelas	9,08 parcelas
Classe modal do número de parcela recebidos do RM	20 parcelas (30%)	6 parcelas (50%)
Proporção de membros da família que é beneficiária do BT	0%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária do CN	0%	23%
Proporção de membros da família que é beneficiária do OT	0%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária do POS	0%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária do RM	100%	100%
Proporção de membros da família que é beneficiária do São Paulo Confia	0%	0%

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Proporção de membros da família que é beneficiária do São Paulo Inclui	0%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária de outros programas da PMSP	11%	23%
Classe modal de situação no mercado de trabalho anterior à entrada no programa	Desempregado (70%)	Desempregado (77%)
Tempo médio de desemprego até o ingresso no RM	62 meses	55 meses
Classe modal de posição na última/atual ocupação	Assalariado com carteira assinada (63%)	Assalariado com carteira assinada (55%)
Classe modal de setor da economia em que trabalhava	Serviços (75%)	Serviços (60%)
Proporção que teve algum rendimento no mês anterior ao da pesquisa	100%	92%
Valor médio do rendimento individual no mês anterior ao da pesquisa	R\$ 156,30	R\$ 137,75
Classe modal de fonte do rendimento no mês anterior ao da pesquisa	Programa Social da PMSP (100%)	Programa Social da PMSP (100%)
Proporção que tem vontade e tempo de fazer trabalho voluntário	30%	15%
Proporção que tem vontade, mas não tem tempo de fazer trabalho voluntário	60%	69%
Proporção que já faz trabalho voluntário	0%	15%
Proporção que não tem vontade de fazer trabalho voluntário	10%	0%
Número médio de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado)	5,20 pessoas	4,85 pessoas
Classe modal de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado)	5 e 7 pessoas (30% cada)	4 pessoas (46%)
Classe modal de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado) e que têm rendimento	2 pessoas (60%)	2 pessoas (46%)
Classe modal de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado), que têm rendimento e que contribuem para o orçamento	2 pessoas (60%)	2 pessoas (42%)
Rendimento familiar médio no mês anterior	R\$ 339,10	R\$ 353,54
Número médio de pessoas que vivem desta renda	5,20 pessoas	4,85 pessoas
Classe modal do rendimento familiar no mês anterior	R\$ 200,01 e R\$ 400,00 (50%)	R\$ 200,01 e R\$ 400,00 (39%)

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Principal tipo de associação a que pertencem os beneficiários do RM	Associação de moradores (10%)	Associação de moradores (23%)

Fonte: Pesquisa DIEESE/SDTS, 2003.

O perfil dos entrevistados do Capão Redondo

Com base nas classes modais e nas médias, pode-se dizer que os entrevistados do RM no Capão Redondo (CR) são predominantemente mulheres (90%); com idade média de 36 anos; não naturais do Estado de São Paulo (70%), vivendo no Município de São Paulo há 22 anos, em média; declararam-se predominantemente brancos tanto na pergunta aberta como na fechada sobre a sua cor (40% em ambos os casos); católicos (90%), chefes e cônjuges em suas famílias (50% de cada), casados ou em união consensual (70%); todos têm filhos, predominando os que têm 4 filhos (40%), sendo 80% deles menores com idade entre 7 e 15 anos. As últimas séries que concluíram com aprovação foram a terceira e a quinta séries do ensino fundamental (22% de cada), denotando um baixo índice de instrução corroborado pelos outros indicadores educacionais: somente 11% concluíram o ensino fundamental e nenhum concluiu o ensino médio. Não possuem convênio médico ou odontológico de qualquer origem, não tinham conta em banco antes de serem selecionados para o RM (70%), nenhum tem cheque especial ou cartão de crédito; não têm qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vivem com suas famílias é própria já paga (67%). Receberam em média 17,9 parcelas do RM, predominando os que receberam 20 parcelas (30%). As pessoas da família que vivem na mesma casa não são beneficiárias de outro programa da PMSP, merecendo destaque 11% que declararam ser beneficiárias do Vai e Volta. Quando foram selecionados para o RM já estavam desempregados (70%) há 62 meses, em média. Antes disto, haviam sido empregados com carteira assinada (63%) no setor de serviços (75%), desempenhando ocupações do tipo: meio oficial de cozinha, diarista e empregada doméstica. No mês anterior ao da pesquisa todos tiveram alguma renda pessoal, no valor médio de R\$ 156,30, advinda principalmente de programas sociais da Prefeitura. Gostariam de fazer trabalhos voluntários, mas não dispõem de tempo para tal (60%). Suas famílias são compostas de 5,2 pessoas, em média, predominando as compostas por

5 ou por 7 pessoas (30% de cada), das quais duas tiveram algum rendimento no mês anterior ao da pesquisa (60%), ambas contribuindo para o orçamento familiar (60%). Sua renda familiar no mesmo período foi em média de R\$ 339,10 que se destinaram ao sustento de, em média 5,2 pessoas. No que concerne à sua vinculação a entidades da sociedade civil organizada, pertencem a associações de moradores do seu bairro (10%).

O perfil dos entrevistados em Ermelino Matarazzo

Com base nas classes modais e nas médias, pode-se dizer que os entrevistados do RM em Ermelino Matarazzo (EM) são predominantemente mulheres (85%); com idade média de 38,54 anos; não naturais do Estado de São Paulo (61%), vivendo no Município de São Paulo há 20 anos, em média; declararam-se predominantemente brancos e pardos tanto na pergunta aberta como na fechada sobre a sua cor (39% cada e 47%, cada, respectivamente); evangélicos (54%), cônjuges em suas famílias (62%), casados ou em união consensual (69%); todos têm filhos, predominando os que têm 2 e 3 filhos (31% de cada), sendo 85% deles menores, com idade entre 7 e 15 anos. As últimas séries que concluíram com aprovação foram a quinta e a sétima séries do ensino fundamental (23% de cada), denotando um nível de instrução mais elevado do que o do Capão Redondo, como corroborado pelos outros indicadores educacionais: 31% concluíram o ensino fundamental e 15% o ensino médio. Não possuem convênio médico ou odontológico de qualquer origem, não tinham conta em banco antes de serem selecionados para o RM (69%), não têm cheque especial nem cartão de crédito (95% e 83%, respectivamente); não têm qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vivem com suas famílias é cedida (62%). Receberam em média 9,08 parcelas do RM, predominando os que receberam 6 parcelas (30%). As pessoas da família que vivem na mesma casa não são beneficiárias de outro programa da PMSP, merecendo destaque os que declararam ter parentes beneficiários do CN e de outros programas da Prefeitura (23% em ambos os casos). Quando foram selecionados para o RM já estavam desempregados (77%) há 55 meses, em média. Antes disto haviam sido empregados com carteira assinada (55%) no setor de serviços (60%), desempenhando ocupações do tipo: auxiliar de embalagens, auxiliar de limpeza, costureira, despachante, diarista, escriturária e motorista. No mês anterior ao da pesquisa todos tiveram alguma renda pessoal, no valor médio de R\$

137,75, advinda principalmente de programas sociais da Prefeitura. Gostariam de fazer trabalhos voluntários, mas não dispõem de tempo para tal (69%). Suas famílias são compostas de 4,85 pessoas, em média, predominando as compostas por 4 pessoas (46%), das quais duas tiveram algum rendimento no mês anterior ao da pesquisa (46%), ambas contribuindo para o orçamento familiar (42%). Sua renda familiar no mesmo período foi em média de R\$ 353,54 que se destinou ao sustento de, em média 4,85 pessoas. No que concerne à sua vinculação a entidades da sociedade civil organizada, pertencem a associações de moradores do seu bairro (23%).

O perfil dos beneficiários a partir dos dados da SDTS

Como pode ser constatado na comparação dos resultados da pesquisa com os dados produzidos a partir dos cadastros da SDTS para o RM (quadro a seguir), embora sem o compromisso estatístico de representar o conjunto dos beneficiários, o perfil traçado é perfeitamente compatível. Destaque nas duas fontes de dados é a situação educacional de EM, que se mostra bem mais favorável do que a do CR.

O perfil dos beneficiários a partir dos dados da SDTS

Indicadores calculados pela SDTS	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Classe modal de sexo	Feminino (87%)	Feminino (88%)
Classe modal de estado civil	Solteiro (51%)	Solteiro (53%)
Classe modal de situação conjugal	Com cônjuge (63%)	Com cônjuge (64%)
Proporção de paulistas	31%	36%
Estado de origem da maior proporção de migrantes	Bahia (22%)	Bahia (23%)
Idade média	38,7 anos	37,9 anos
Classe modal de faixa etária	Até 28 anos (25%)	34 a 39 anos (27%)
Classe modal de última série concluída	1ª série do ensino fundamental (19%)	4ª série do ensino fundamental (17%)
Proporção com ensino fundamental concluído	11%	30%
Proporção com ensino médio concluído	5%	18%
Proporção com ensino superior concluído	0%	0,2%
Classe modal de situação no mercado de trabalho	Assalariado com carteira assinada (99,5%)(*)	Faz bico (35%)
Número médio de pessoas na família	2,9 pessoas(*)	5,0 pessoas

Indicadores calculados pela SDTS	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Renda média familiar	R\$ 218,50	R\$ 243,60
Classe modal de renda familiar	R\$ 100,00 e R\$ 200,00 (25%)	R\$ 200,00 e R\$ 400,00 (50%)
Classe modal de tipo de ocupação do domicílio	Própria (39%)	Própria (40%)

Fontes: SDTS, jun. 2002; SDTS, ago. 2003.

(*) Estes dois dados parecem ter sido calculados no Capão Redondo com critérios um pouco diferentes porque parecem discrepantes em todos os programas.

Os Grupos Focais (GFs) ¹⁷

A composição dos GFs

Com o objetivo de garantir que o GF contivesse sujeitos representativos das mais diferentes condições de beneficiários, com base no seu perfil produzido pela SDTS, os responsáveis pelo programa escolheram a seguinte composição para GFs de 12 pessoas:

- ✓ Um em cada faixa de benefício (menor – entre R\$ 20,00 e R\$ 50,00 – e maior – entre R\$ 190,00 e R\$ 220,00) (2);
- ✓ Um em cada tempo de programa (poucas parcelas e muitas parcelas) (2);
- ✓ Um em cada faixa etária (até 34 anos e 35 anos e mais) (2);
- ✓ Um com presença de cônjuge na família e outro sem presença de cônjuge na família (2);
- ✓ Um em cada tamanho de família (até 5 membros e 6 e mais) (2);
- ✓ Um paulista e um nordestino (2);
- ✓ Dentre os selecionados acima, pelo menos 1 homem.

O roteiro dos GFs

O roteiro acordado com os responsáveis pelo RM para conduzir os GFs com os(as) beneficiários(as) do RM era o seguinte:

- ✓ Por que você acha que a Prefeitura de São Paulo implantou o Programa Renda Mínima (RM) no município e na sua região em particular?
- ✓ Como você contaria a sua história no RM?
- ✓ Você acha que a participação no programa trouxe algo de novo para a sua família? O quê?
- ✓ Você acha que as mudanças ocorridas na sua vida e de sua família com a participação no programa serão duradouras? Por quê?
- ✓ Na sua opinião quais as principais qualidades do RM? Por quê?
- ✓ E os principais defeitos? Por quê?
- ✓ Você tem sugestões para melhorar a participação das famílias no RM? Quais?
- ✓ Você tem sugestões para que o programa se torne melhor para as pessoas, para as famílias e para as comunidades em que ele é implantado?
- ✓ Você sabe que você e outros membros da sua família podem participar de outros programas da Prefeitura de São Paulo? O que você acha disto? Por quê?

Os convites para os GFs

Foram feitos através de uma série de telefonemas para os beneficiários do programa RM nos dias que antecederam a sua realização. Todos esses beneficiários eram moradores dos distritos de CR e de EM, respectivamente, e suas características e direções constavam de listas de nomes sorteados fornecidas pela SDTS/PMSP para a equipe de pesquisa a partir de seus cadastros.

Desde os primeiros contatos, apesar de todos os cuidados tomados para que isto não ocorresse, em maior ou menor grau, percebia-se uma certa ansiedade e insegurança por parte dos beneficiários contatados, pois seu grande temor era de que viessem a perder o benefício. Perguntaram bastante sobre os objetivos da reunião, inclusive diretamente “se perderiam ou não o benefício” etc., mas parece que as respostas recebidas os tranqüilizaram. Todos se mostravam interessados em participar. Alguns poucos declararam que não podiam participar naquele dia e horário, devido a outros

¹⁷ Cada capítulo tratará apenas das especificidades do programa em pauta uma vez que os procedimentos comuns já foram descritos na **Introdução**. Como já foi visto, cada GF foi relatado. Partes destes relatos serão incorporadas ao corpo do relatório.

compromissos já assumidos, mas disseram que gostariam muito de ser convidados em um próximo momento.

No Capão Redondo¹⁸, não houve recusa alguma, e foram dados 66 telefonemas para confirmar 16 pessoas: 14 para o GF e 2 para as entrevistas domiciliares, obtendo-se, portanto, a relação de 4,13 telefonemas para cada pessoa confirmada para participar e de 6,6 para cada entrevista de fato realizada (quer no GF, quer no domicílio). As “causas conjunturais”, que incluíam desde a pessoa não estar em casa no momento da ligação até qualquer problema momentâneo com a linha, foram as mais freqüentes para o não êxito da ligação; seguiram-se as ligações que descobriram não haver a pessoa procurada naquele domicílio e os casos de telefone inexistente (mensagem da companhia telefônica).

Em Ermelino Matarazzo, também não houve qualquer recusa e foram dados 90 telefonemas para confirmar 16 pessoas: 14 para o GF e 2 para as entrevistas domiciliares, obtendo-se, portanto, a relação de 5,6 telefonemas para cada pessoa confirmada para participar e de 7,5 para cada entrevista de fato realizada. As “causas conjunturais”, que incluíam desde a pessoa não estar em casa no momento da ligação até qualquer problema momentâneo com a linha, foram as mais freqüentes para o não êxito da ligação; seguiram-se as ligações que descobriram não haver a pessoa procurada naquele domicílio e aqueles nos quais o contato foi estabelecido, mas as pessoas não podiam participar do GF no dia e hora propostos (em iguais proporções) e, finalmente, os casos de telefone inexistente (mensagem da companhia telefônica).

A realização dos GFs

No Capão Redondo, o GF realizou-se no Centro de Convivência Natália Rosemberg, na Rua Aroldo de Azevedo, número 100, próximo ao Largo do Campo Limpo, no dia 05/05/03 e teve duração aproximada de 1 hora e 30 minutos. Convidados para as 14:00 horas, muitos beneficiários participantes do GF chegaram bem antes, pois alguns lá estavam mesmo antes das 13 horas. Participaram 7 mulheres e 1 homem: cozinheira,

¹⁸ Embora o GF de EM tenha antecedido ao do CR, os comentários serão sempre feitos inicialmente para esse último, respeitando a precedência cronológica da implantação do programa nesse distrito.

meio oficial de cozinha, trabalhadora doméstica (todos desempregados), micro comerciante, dona de casa etc.

Além dos participantes efetivos, este GF (mais fortemente do que em outros) contou com uma interlocutora: Marta Suplicy, a prefeita do Município de São Paulo. Embora ela não estivesse presente fisicamente, sua onipresença era trazida pelos beneficiários, que “falavam com ela”, como se ela os estivesse ouvindo diretamente, ou que ouviria atentamente a fita. E que, em algum momento, “lhes responderia”. Alguns entrevistados chegaram a mencionar que ela foi a primeira prefeita *“que teve um pouco de pena dos pobres”* e que a situação não teria chegado ao ponto de gravidade atual se outros tivessem agido como ela: *“se todos que entrassem na Prefeitura, tivesse um pouquinho da boa vontade que a nossa prefeita teve, talvez não tinha tanta gente passando tanta necessidade. Eu penso assim.”*

No final do GF, o conagraçamento foi mais descontraído, com bolachas, refrigerantes e barrinhas de chocolate; e as despedidas, com beijos e abraços, mais o pedido, mil vezes lembrado, de contarmos para “a Marta” o que elas disseram ali. Ou seja, não somente não estavam preocupados com o sigilo dos registros que fizeram do trabalho como gostariam de dar a eles a mais ampla divulgação.

Em Ermelino Matarazzo, o GF realizou-se na Creche “Casa da Criança”, situada na Rua Tanazeiro, número 38, no dia 30/04/03, com duração aproximada de 1 hora e 30 minutos. Convidados para as 14:00 horas, muitos beneficiários participantes do GF chegaram antes disso. O grupo contou efetivamente com 9 mulheres e 2 homens: motorista e ajudante de contabilidade desempregados e muitas donas de casa.

Havia muitas crianças acompanhando suas mães nesse GF, dada a impossibilidade de deixá-las em outro local enquanto participavam do grupo. Quatro mães estavam nessa situação e as idades dos sete filhos presentes variavam de 6 meses a 14 anos, meninos e meninas. Com exceção do mais velho, todos os outros aceitaram a proposta da equipe de pesquisa para desenharem no chão, com canetinhas hidrocor, enquanto o GF se desenrolava. Como a situação exigia improvisado, pois não esperávamos crianças, muito

menos tantas crianças, as folhas de papel distribuídas foram as do verso das fichas de caracterização socioeconômica dos beneficiários. A tranquilidade foi passageira, mas de tempo suficiente para o GF deslanchar.

No final do GF, o conagraçamento foi animadíssimo, com bolachas, refrigerantes e “bis” (que acabou rapidinho); e as despedidas, com muitos beijos, abraços, “*tomara que a gente se veja novamente*”, “obrigadas” de lado a lado, e expressões de desejos sinceros de que tudo melhore.

Clima reinante nos GFs

Os GFs do RM não fugiram à regra de todos os demais: logo que o trabalho se iniciava, só elogios e comentários de aprovação eram feitos. À medida que o GF evoluía e a confiança aumentava, é que surgiam as críticas e sugestões, sempre associadas à constatação de que o programa ajudava muito, de toda forma. Só aqueles participantes que chegavam muito “engasgados”, ávidos por um desabafo, é que logo na primeira fala destampavam “*o pote até aqui de mágoas*” (Chico Buarque) em que tinham se transformado os seus corações. Estes(as), no entanto, eram a minoria.

Algumas pessoas (aparentemente as julgadas mais inseguras e vulneráveis) eram acompanhadas por outras talvez como reforço caso necessitassem comprovar que de fato precisavam do benefício ou de apoio moral em geral. Algumas vezes, constatada a amistosidade do evento, os(as) acompanhantes se retiravam antes do final. Em outras, acabavam por incorporarem-se ao grupo atentamente, chegando mesmo a pedir a palavra.

No Capão Redondo, nas palavras da relatora (já antecipando alguns dos temas centrais levantados pelos entrevistados), o clima foi de atenção, respeito e preocupação o tempo todo: o assunto em discussão, o RM, era mais que “vital” para todos os participantes. Suas vidas diárias estão muito dependentes do programa, apesar da situação incômoda de se sentirem recebendo caridade, esmola, sendo que todos (incluindo aí os cônjuges ausentes ao GF) se consideram aptos para ganhar a vida, de forma independente e

cidadã, exercendo qualquer atividade. Falta emprego, falta vaga; eles têm consciência de que eles são até muito polivalentes, a questão não é capacidade, e sim, de oportunidade. Apesar de a pergunta explicitada/fantasma permanecer presente – “Como beneficiários, eles corriam o risco de perder o benefício?” – isso não intimidou suas opiniões e expressões de sentimento, pois à medida que as falas se sucediam, viraram uma torrente difícil de conter. As falas sobre suas vidas e experiências achavam-se abafadas, apertadas na garganta, suas vozes saíam muitas vezes engasgadas, outras gritadas, mas estavam lá para serem ouvidas, socializadas, desabafadas no GF. Elas se precipitavam, indômitas.

A moderadora conduziu as perguntas e incentivou a discussão dos pontos planejados com os participantes, com muito respeito e se solidarizando com eles por essa vivência de tanta exclusão social, e inclusão quase por um só fio. Quase todos os momentos desse GF foram de grande emoção. A tarde cinzenta parecia acentuar a tristeza dos relatos. À medida que as pessoas iam falando, relaxando aos poucos, entrecortando choro, falas de revolta, meio contidas, muitas vezes falavam juntas; contavam experiências diferentes, mas suas opiniões, no fundo, convergiam, eram muito similares: “Queremos emprego, não queremos esmola”. Devagar, o ambiente do GF foi se tornando de grande acolhimento; mas as agruras da vida real permaneciam ali, pesando, sem solução à vista.

Em Ermelino Matarazzo, igualmente o clima foi de atenção, respeito e seriedade. De começo, havia uma certa desconfiança no ar: “Que trabalho de grupo seria esse?; Era uma fiscalização?; As pessoas da equipe eram confiáveis?; Eles, como beneficiários, corriam o risco de perder o benefício?”. Aos poucos, a descontração foi chegando, as desconfianças iniciais se dissipando e sendo substituídas pela confiança e empatia mútuas.

A moderadora incentivou a discussão dos pontos planejados com os participantes, sem que nenhum deles se sentisse não-ouvido, sem apressá-los. À medida que as pessoas foram relaxando, muitas vezes falavam todas juntas, animadamente, discutindo

enfaticamente suas opiniões e diferentes experiências com o programa RM. O ambiente foi de grande acolhimento.

Levantamento dos principais aspectos abordados de forma recorrente nos GFs

Aos comentários sistematizados seguem-se algumas das falas que os sugeriram. Algumas delas tocam em mais de um dos pontos listados, mas optou-se por mantê-las alocadas em um dos aspectos para que um pouco da articulação do pensamento dos entrevistados pudesse ser percebida pelos leitores. Os aspectos listados a partir dos GFs em cada distrito são os que foram mais enfatizados, não querendo dizer que tenham sido os únicos.

No Capão Redondo

- ✓ Os motivos percebidos como os que levaram o RM ao CR são: a carência do bairro com muita gente necessitada, o desemprego ameaçando com a fome e a necessidade de ajudar as crianças.
 - *“O Capão Redondo é um bairro muito carente, tem gente muito necessitada.”*
 - *“Eu acho que foi pelo desemprego que está demais e tinha que ter alguma coisa para ajudar os pais de família a sobreviver mais um pouquinho porque do jeito que vai a coisa, meu Deus, nós vamos é passar fome.”*
 - *“O objetivo dela [da Prefeitura] é ajudar a gente com as crianças, dar aquilo que realmente a gente não pode dar para as crianças sempre que querem.”*

- ✓ Independentemente das restrições, o RM ajuda muito as pessoas e as famílias.
 - *“Eu acho que ninguém é obrigado a dar nada para ninguém. O que era bom mesmo era dar um bom emprego, mas isso a gente não tem mesmo. E o que ela faz, de qualquer forma, ela está ajudando. A renda que ela me dava me ajudou muito e continua ajudando: o uniforme, o material escolar. Para mim, eu acho que ela está de parabéns. Para mim foi ótimo. Não só para mim, mas para muitas pessoas. Já vi muitas pessoas muito agradecidas pelo que a Marta dá. E que ela continue ajudando”.*

- ✓ Auto-avaliação de carência sempre relativizada pela constatação de que existem pessoas/famílias em situação pior e em situação melhor do que as dela. As primeiras são citadas como muito necessitadas de terem oportunidade no RM e as segundas como aquelas que usurpam o lugar das primeiras ao estarem no RM sem dele precisar, usando para isto até mesmo de métodos escusos – a mentira. Daí a necessidade de maior vigilância por parte dos responsáveis pelos programas que podem evitar estas “injustiças”, reconhecendo que as aparências enganam. Muitos participantes lembram que foram insistentemente alertados para a inconveniência de mentirem ao se cadastrarem porque receberiam visitas de verificação e alguns até se sentiram intimidados por tantas recomendações neste sentido.
 - *“Eu sou necessitada, mas eu vejo lá [no CR] gente muito mais necessitada do que eu.”*
 - *“(...) E a moça ainda explicou assim: ‘Não adianta você falar que não tem nada ou que tem tudo porque nós vamos verificar’. Ela falou para a gente: ‘Nós vamos fazer uma pesquisa, nós vamos verificar o que vocês têm, o que vocês não têm porque o objetivo é ajudar as pessoas carentes.’”*

- ✓ A escola como fonte inicial de informação sobre o programa e que deveria ser usada como fonte de contato e de atualização permanentes com os beneficiários.
 - *“Eu quero falar para Marta que ela está de parabéns. Meu filho veio da escola me deixou um jornalzinho e disse: ‘Mãe, isso aqui, as crianças falaram no caminho da escola que é para a Marta dar dinheiro’. Ele falou desse jeito: ‘A Marta vai dar dinheiro para as crianças da escola’”.*

- ✓ A não crença na concessão real do benefício quando da inscrição, feita muito mais pela precariedade de suas condições de vida e pela vontade de “batalhar” por uma vida melhor. Afinal *“ninguém dá nada de graça”*. Assim, a inscrição era feita, mas a efetivação da inclusão no programa – da qual duvidavam até o recebimento do primeiro dinheiro – é muitas vezes atribuída à sorte e/ou à dádiva divina. A crença ainda ficava menor ao se depararem com a quantidade de postulantes ao programa, o que levava a crer que *“não chegaria para todos”*.

- *“Eu acreditava um pouco, não tinha muitas dúvidas. Muita gente falava que não ia receber, que isso era conversa do povo, mas eu acreditava. E está aí o Renda Mínima. Para mim, graças a Deus, ajudou bastante.”*
- *“Eu não acreditava.”*

- ✓ Desinformação generalizada: quanto ao tempo de duração do benefício, quanto ao cálculo do valor, quanto ao critério da seleção etc. Tal falta de informação gera muita insegurança e atrapalha alguns projetos que poderiam ser desenvolvidos se as pessoas sentissem que poderiam contar com o RM por um determinado período. Gera também muitas falsas conjeturas sobre como é feito o cálculo do benefício: se por número de filhos, se é 1 salário mínimo, se é de acordo com a renda familiar etc. Alguém mencionou até mesmo o sorteio como critério de inclusão no programa. O problema da (des)informação, comum aos 4 programas pesquisados, merece muita atenção e foi alvo de diversas sugestões por parte dos entrevistados. Alguns beneficiários reconhecem que houve uma certa preocupação em informá-los, mas alegam sua própria dificuldade de compreensão, o despreparo dos cadastradores e outras razões para não saber direito quais as características básicas do programa do qual participam.
 - *“Falaram para a gente que todo mês era um salário mínimo. (...) Falaram que era 1 salário que a gente ia pegar por 12 meses.”*
 - *“Depende da renda de cada pessoa. (...) Eles vão pela renda da pessoa e realmente é a renda que ganha. Então os que ganha menos, os que põe lá que ganha, que comprova que a renda é pouca é que vem bastante. No meu ponto de vista é isso. Mas nem se fosse 10 contos, está bom demais!”*
 - *“E falaram assim que esse programa estava começando, seria por um ano, depois se desse certo continuaria. Isso foi o que falaram para mim.”*

- ✓ A questão da diferenciação dos benefícios: entre as pessoas e na mesma pessoa no cadastramento e no recadastramento. Quanto a este ponto, recorrente nos GFs de outros programas também, há total incompreensão. Reforçado pela desinformação já mencionada, este ponto gera a elaboração de complexas sugestões como formas de

distribuir os benefícios que julgam que poderiam ser aproveitadas pela prefeita: “formas de dividir para multiplicar”. Vale lembrar que todos os beneficiários do RM participantes do GF foram recadastrados, e estão, portanto, no segundo ano. Muitos dos entrevistados tiveram o valor do benefício reduzido após o recadastramento e não têm a menor idéia de por que isto ocorreu.

- *“A única reclamação é que o meu Renda Mínima nunca aumentou. Eu trabalhei, fiquei desempregada e continuo com a mesma quantidade, nunca passou de R\$ 70. Tem gente que recebe bem mais e está até empregado.”*
- *“Quando eu comecei a ganhar, eu recebia R\$ 110. Me lembro que no dia que eu fui receber eu não acreditava. E eu não tinha nada em casa. Chorei de alegria porque foi assim... uma benção de Deus. Só que quando eu fui reinscrever novamente eu estava desempregada. Nessa data de lá até agora, eu fiquei um ano e quatro meses trabalhando numa empresa de limpeza. Agora estou desempregada, fui lá me inscrevi novamente. Quando o salário mínimo aumentou, eu recebia R\$ 110, passei a receber R\$ 130. Quando foi agora eu fui lá, me inscrevi e recebo R\$ 20. Eu tiro R\$ 3,50 para pagar a condução. Não dá nem para comprar um gás, dona Marta, pelo amor de Deus! Não dá para comprar o gás e eu estou desempregada; é só eu e a minha filha. Então se aumentar um pouquinho mais, para o gás, está bom. Obrigada.”*
- *“Apesar de que a minha renda diminuiu eu queria saber por que. Agora estou desempregada, na época eu fiz o Começar de Novo. Eu vou fazer 48 anos. Eu fiz o Começar de Novo e o Renda Mínima. Primeiro eu fui chamada para fazer a ficha do Começar de Novo. Graças a Deus tinha um mês que eu estava trabalhando aí eu falei: ‘Eu já estou registrada, deixa para quem não está’. E como fiquei trabalhando e a Renda Mínima que eu pegava junto com o meu salário mínimo, me ajudou muito. Quando foi na reinscrição tornaram a me chamar eu fui, me reinscrevi e aí deixaram a minha Renda Mínima no mínimo possível. Eu também gostaria de saber por quê. Obrigada.”*
- *“No meu ponto de vista, eu não estou criticando nada, só estou conversando porque vejo todos conversando. Eu comecei com R\$ 47 a minha Renda Mínima e a vizinha do meu lado, muito melhor do que eu nas condições, ela recebia R\$ 180. Foi a renda que ela deu, a renda que veio para ela. Só que de fato realmente, esse ano veio para mim R\$ 65, é o que eu recebo e as pessoas que recebiam R\$ 180 vieram para R\$ 20 ou para R\$ 30, mas isso é uma coisa que eu não critico você está me entendendo? Eu não critico, no meu ponto de vista, estou deixando bem*

claro aqui que eu não critico porque eu acho que a Marta está fazendo assim: um ano ela multiplica para um, outro ano ela diminui para outro e assim vai porque na carteirinha está até 2007, me parece, que a gente vai receber o negócio do Renda Mínima, é que eu não trouxe a minha carteirinha, mas na carteira embaixo tem a validade até quando vai. Então um ano ela põe no outro ela tira. (...) Mas eu acho que cada ano, é uma coisa assim que ela está fazendo. Cada ano ela dá pouco mais para um, tira de outro, põe um pouco mais para o outro.”

- *“A minha filha não falou, mas ela recebeu o Renda Mínima já há um ano. Aí ela recebia R\$ 186. Quando recebemos o convite que era para recadastrar, eu fui com ela lá na Praça da Sé fazer. Fez. Só que foi aquela paulada. Ela começou com R\$ 23. Agora ela está recebendo R\$ 30 só. Quem recebia R\$ 186 voltou para R\$ 23 e agora eles estão dando R\$ 30. Então eu achei um absurdo. Mesmo que quisessem dividir, por exemplo, se não fosse dar tudo isso para ela, mas pelo menos R\$ 90, não é?”* (Mãe/acompanhante de uma beneficiária que fez questão de pronunciar-se em adição à fala da filha).

- ✓ Personificação de todas as benesses e “injustiças” na figura da prefeita, com quem desejam dialogar pessoalmente. A ela são dirigidas todas as críticas e a ela são creditados todos os sucessos atribuídos à sua participação no programa. A ela e a Deus quase em igualdade de condições. A falta de acesso a estes deuses faz com que se sintam muito abandonados: “*não há com quem reclamar*” se o benefício se extravia ou se é cortado ou diminuído. Tais avaliações também mostram que os beneficiários estão bem longe de perceber os programas sociais como um direito que devem reivindicar. A colocação é muito mais a de que precisam “batalhar” para sobreviver e, tentar participar dos programas, é mais um recurso que vislumbraram e que temem perder a qualquer momento.

- *“Sou muito agradecida, peço a Deus e a ela também [Marta] que ela não há de deixar cortar [o benefício] porque o comentário de cortar eu vejo muito. Espero que ela não faça isso com a gente porque eu dependo muito dessa Renda Mínima.”*
- *“Eu gostaria de agradecer e gostaria também que a Marta ouvisse isso, isso que vocês gravaram hoje, com muito amor e carinho e ajudasse nós mães que estamos aqui desesperadas, sem emprego e com filho para sustentar. Obrigada e agradeço muito a Deus o que ela está fazendo por a gente.”*

- ✓ Quanto ao uso do benefício: não dá para se comprometer com nada a médio prazo por carência extrema, insegurança e medo de assumir dívidas e custos com as quais não consigam arcar em caso de perda do benefício. Este é usado para suprir as necessidades básicas do cotidiano, principalmente com a alimentação, e para realizar pequenos sonhos há muito acalentados.
 - *“No meu caso, eu não tinha nenhuma televisão para assistir dentro de casa. Uma vez que fez uma noite gelada, não tinha nenhuma televisãozinha para assistir, não tinha nada. A primeira coisa que eu fiz foi ir nas Casas Bahia tirar uma. E fiz bastante coisinhas.”*
 - *“O pessoal falou que tinha que falar a verdade. Então eu falei: ‘Não adianta mentir. Vou falar a verdade’. Eu estou com uma pequena mercearia. Só que na mercearia aquela renda que eu tenho é pouquinho: é uns R\$ 150 de renda. Dá para eu ir levando a vida. Com esse salário [RM] que eu recebo de R\$ 165 para mim já dá para eu comprar as minhas coisinhas para as minhas filhas, material escolar, roupa, um remédio que às vezes precisa, sapato. (...) Não deu para investir. Dá para ir levando a vida. Então o meu serviço é esse. Eu fiquei desempregado, vai para 5 anos. Depois que eu saí da firma foi que eu inventei de montar essa mercearia para mim ir tocando a minha vida. Então é só isso.”*
 - *“Para mim também ajuda bastante porque eu compro roupa para os meus filhos, compro calçado, compro comida, coisa diferente que eles querem comer aí eu compro com esse dinheiro. Me ajuda bastante, antes não dava, só com o dinheiro do meu marido não dava. Agora ajuda. Acrescentou muito.”*

- ✓ A percepção do benefício como caridade uma vez que não se sentem dando nada em troca. Daí a colocação do trabalho como única forma de obterem seu sustento por sua própria conta e por prazo indeterminado.
 - *“Eu sou meia oficial de cozinha, estou desempregada. Uma coisa que eu não gosto é de depender dos outros para ter ajuda para nada. Outra coisa que eu gostaria de deixar claro: essa Renda Mínima ajuda muito a gente, mas a gente, mesmo na nossa idade, a gente gostaria de ter o nosso próprio dinheiro com o nosso próprio esforço, não depender da Prefeitura. Isso aí é até um erro. Mas eu acho que isso aí é uma coisa errada e ao mesmo tempo está ajudando a gente.”*
(primeira fala de uma mulher no GF do Capão Redondo)

- ✓ A questão da dificuldade de obter trabalho, percebida clara e angustiadamente por todos, fecha o círculo gerando muita tristeza e impotência. A obtenção do trabalho encontra barreiras advindas do modelo econômico adotado no país, educacionais e de idade. Os beneficiários do RM sentem-se penalizados por todas elas em função do seu perfil e do seu histórico.
 - *“A gente tem que ter serviço mesmo. Se a pessoa hoje passou de 30 anos não acha mais serviço. Você chega num local procurando serviço: ‘Quantos anos você tem?’; ‘Tanto.’; ‘Não tem serviço.’ Quer dizer que hoje só os novos que comem. Os velhos morrem de fome. Então a gente precisa arrumar serviço, precisa trabalhar também para sobreviver.”*
 - *“Se tivesse serviço para a gente também era bom. Não é só viver com o que a Marta vai dar e ninguém precisa ir trabalhar. Se tivesse um jeito de arrumar um serviço, pôr serviço na rua para todo mundo trabalhar. Mesmo que fosse varrer rua. Eu quero é trabalhar também. Ficar esperando que venha todo mês cair o dinheirinho lá. Isso não vai ser para toda vida. Eu estou chegando numa idade avançada. Daqui a pouco ninguém mais vai querer que eu trabalhe. E aí o que que eu vou fazer da vida? Menina, serviço na rua para nós!”*

- ✓ Sugestões para melhorar o programa: dar um trabalho em vez de um benefício que ajuda, mas *“não leva a nada”* (lugares em que há carência de mão-de-obra são mencionados como possibilidades); cursos profissionalizantes capazes de minorar a pouca instrução e a pouca ou inexistente formação profissional; assistência aos jovens cujas famílias perdem o direito ao RM com o passar do tempo.
 - *“O objetivo é dar trabalho para as pessoas depois dos 40 porque as pessoas depois dos 40 comem, bebem, vestem e precisam trabalhar. Trabalhar é o principal de tudo.”*
 - *“Tem muitas escolas, crianças na terceira série que não sabem de nada, não têm uma orientação de nada. Tantos pais aí parados que poderiam estar ocupando uma vaguinha, não como uma professora, mas orientando a criança, ensinando ela a ler. Seria uma coisa maravilhosa, todos os pais teriam oportunidade de fazer um grupo de leitura: você paga um salário para uma pessoa ir orientando, educando. Mas não. A gente está tudo parado porque não tem o que a gente fazer. Isso é uma coisa que eu mesma não consigo entender.”*

- *“Então eu queria, eu estava ansiosa para dizer lá para Marta para ela ver que o [pessoal que fez] o Começar de Novo como cuidador de idosos e os demais cursos que foram feitos a maioria está tudo parado. Ninguém está recebendo nada, mas também não estão trabalhando. Está todo mundo com os braços cruzados esperando chegar essa oportunidade de movimentar ou de ajudar o pessoal a formar, criar, casa de idosos para a gente poder dar um jeito de começar a trabalhar, para pôr um meio de ganhar algum dinheiro porque se a gente não ganha nada, ficamos de cabeça para baixo.”* (Mãe de uma beneficiária que participou como acompanhante, aproveitando para sugerir novas oportunidades de trabalho).
- *“Para mim também está bom, mas se ela pudesse oferecer um curso para mim eu ia achar bom. Eu ia fazer um curso, quem sabe eu conseguia me qualificar em algum tipo de emprego. Para mim já estava bom demais. Apesar do dinheiro, um curso se desse para eu fazer eu ia achar bom.”*

Em Ermelino Matarazzo

- ✓ Os motivos percebidos como tendo sido os que levaram o RM a EM são: a consciência de que nunca mais vai haver emprego para todos; uma forma de lidar com as diferenças sociais; tirar as crianças e adolescentes da rua, da mendicância e das drogas; não deixar margem para haver desculpas para as crianças não irem à escola e motivações políticas do tipo “eleger o Lula” e “reeleger a Marta”.
- *“Porque todo mundo sabe que jamais vai ter emprego para todo mundo até para ganhar um salário mínimo ou coisa assim dificilmente vai ter. Então isso vai ser sempre um problema do país. E acabou.”*
- *“Eu acho que foi uma maneira que a Prefeitura achou de lidar com a diferença social que existe. É uma maneira de estar ajudando as mães de família, os pais de família que muitas vezes não têm um salário para cobrir. Por menos que seja ou por mais que alguns recebam – um recebe mais, outro recebe menos – é uma ajuda. Eu gosto muito.”*
- *“Como as crianças e os jovens adolescentes estão se perdendo em meio das drogas, pegar mendigagem também, pedindo ali e aqui e muitas das vezes ele sai para brincar e a gente, mãe, tem que ir trabalhar para ganhar nem que seja um pouquinho, a gente não tem aquela atenção com o filho: ‘Onde foi?’ Eles falam uma coisa, mas a gente vê nas reportagens assim: muitas*

crianças perdendo, pedindo, entra pedindo e sai depois roubando, usando drogas e a Prefeitura, os governos, eles têm que se preocupar mesmo com isso daí.”

- *“Aí por exemplo para as crianças não faltarem à escola, porque a maioria faltava porque tinha a desculpa de dizer: ‘Não tem uniforme, não tem material.’ Então ela [a Prefeitura] fez isso para dizer: ‘Tenho o dinheiro para a mãe colocar o filho na escola. Se não colocar na escola também não recebe”.*
- *“O que houve foi uma reunião na escola onde meu filho estudou e veio um rapaz da Secretaria [da Educação]. E ele falou que esse programa, para a gente não ficar preocupados porque ele ia ficar até as crianças saírem da escola, enquanto a prefeita tivesse na direção, na Prefeitura, porque ela fez um contrato com o governo federal. Então seria assim: enquanto as crianças estivessem na escola, que tivesse na idade [eu ficaria]. [Quando] tivesse que sair da escola, aí eu perderia ou quando a prefeita saísse do mandato. Se o outro que entrasse, deixasse, aí ia prolongar. Mas isso foi o Secretário da Educação que veio na escola. Só que eu peguei a reunião no final.”*
 - *“Ele falou que se o Lula ganhasse, esse programa ia continuar.”*
 - *“Mas aí ele falou lá: se Lula ganhasse. Ele queria incentivar que Lula ganhasse. Aí vai continuar o programa. Lá [na reunião no colégio da filha] falou isso.”*

- ✓ O consenso em relação à importância do RM como forma de ajuda às pessoas e às famílias é grande e há menos restrições do que no CR quanto aos seus mecanismos de funcionamento. Contudo, o problema das filas, do tumulto e da desorganização em alguns locais de inscrição e, principalmente, no dia de receber o cartão, é mais enfatizado. Vale a pena falar mais da questão da fila porque algumas idéias interessantes apareceram a respeito, como, por exemplo, a de que só enfrentou fila quem quis fazer o cadastramento logo no início, sem compreender que o benefício não seria concedido por ordem de chegada, e sim por critérios de seleção, o que igualava as chances de quem fez inscrição no primeiro ou no último dia. Falou-se ainda que, mesmo quando foram divididas as pessoas por horário de atendimento, havia os que chegavam mais cedo acreditando que isto lhe traria vantagens e isto acabava gerando filas desnecessariamente. De toda forma, parece que as filas foram diferenciadas por local de atendimento e segundo o ciclo do período de inscrição.

- *“Eu acho o seguinte: esse programa é uma boa idéia. Muitas pessoas, já que não têm chance de ter um emprego e pode contar com esse mínimo, eu acho que é valioso.”*
 - *“Quando eu cheguei, o julgamento que foi feito é a formação do cadastro de cada um. Então não é por ordem de chegada. Então estava bem clara a coisa.”*
 - *“Tinha gente lá ainda parado esperando pelo cliente, como fala. Esperando o pessoal. Para mim foi tranquilo. Fila mais foi mesmo para receber o cartão.”*
 - *“Eu creio que a fila não era necessária já que esse é um processo de seleção. Através dos cadastros iam selecionar então não ia adiantar trazer hoje, amanhã ou no último dia. Isso não viria ao caso. Então eu esperei amenizar um pouco a coisa.”*
 - *“Enfrentei a fila, mas acho que aquilo foi falta de informação porque todo mundo não sabia direito se o programa ia demorar até tal dia para fazer inscrição ou não. Aí fez aquele tumulto. Eu estava grávida, mas eu peguei uma fila. Logo que eles viram que eu estava grávida, me passaram na frente. Aí foi mais rápido. Eu acho que a fila é como ele falou: não importa se você é o primeiro ou se você é o último. O problema é a aprovação de sua ficha. Eu acho que tinha mais ou menos trinta pessoas na minha frente ou mais. Teve gente que fez antes, primeiro que eu, e não foi aprovada.”*
 - *“A fila é necessária porque tinha pouca senha e muita gente, tinha gente até dormindo na fila. Depois que eles foram se organizando e aí não precisava mais dormir na fila. Mas no primeiro momento sim. Depois foi aos poucos.”*
 - *“Foi uma luta para a gente pegar o cartão. No último dia a gente teve que ir lá no SESC com uma greve de ônibus. Foi uma dureza! A gente passou o dia inteiro, tinha uma fila enorme, estava uma bagunça, um tremendo desentendimento estava lá no dia que a gente foi. Mesmo assim a gente não conseguiu pegar o cartão no mesmo dia.”*
- ✓ Outro aspecto mais sofisticado, nem referido no GF do Capão Redondo, diz respeito ao contrato que os beneficiários assinaram com a Prefeitura, alvo de muita indignação por não haver tempo de leitura antes da assinatura, pelo desconhecimento de todas as suas cláusulas, uma vez que os beneficiários não ficam com uma cópia para ler em casa ou servir de comprovante em caso de dúvidas. Por outro lado, como a equipe da pesquisa teve oportunidade de presenciar, o pessoal de atendimento não tem muito a acrescentar aos que ocorrem em busca de mais

informação e, mais uma vez, a pessoa volta para casa com suas dúvidas e com a recomendação de esperar “a carta”.

- *“Mas eu não sei. Só mandaram assinar [o contrato].”*
- *“O que estava escrito no contrato, a gente não sabe.”*
- *“Se está no contrato, a gente assinou, a gente não sabe porque eles não deixaram a gente ver.”*
- *“Tem muita gente para ser atendida e o contrato é longo.”*

✓ Outro aspecto que aqui aparece e que vai ser retomado com muita força em outros programas é a importância da “carta”. Esta correspondência que pode melhorar a vida do beneficiário, avisando da sua inclusão nos programas sociais ou de quais atividades irá participar (no caso do BT, do CN e do OT) é muito aguardada e mencionada como uma entidade à parte: “Será que ela vai chegar? Não foi mandada ou extraviou-se? Estará na Regional por alguma dificuldade de entrega no meu endereço?” São perguntas feitas e refeitas pelas pessoas que aguardam notícias de sua inclusão ou a certeza de sua permanência nos programas.

- *“(...) primeiro você faz, depois vem uma carta, se a senhora for selecionada, aí você vai entregar a documentação. Já tem que estar com a documentação em mãos.”*
- *“Eu soube através da minha vizinha, ela me informou, eu fui até o local, a escola, e consegui. Enfrentei chuva, uma fila enorme, mas eu fui perseverante e consegui. Aí fiquei na expectativa de chamar, se ia chamar ou não. Quando eu vi a carta eu acreditei. Eu amei.”*

✓ A rede pessoal como fonte inicial de informação sobre o programa: a irmã, a vizinha, a comadre. Aqui a escola aparece com menos frequência e não é sugerida como forma preferencial (ainda que útil) de contato e de atualização permanentes com os beneficiários, em função da dificuldade de acesso quando a escola não é da Prefeitura. Foi sugerida uma divulgação mais forte na mídia como acontece com outros assuntos municipais.

- *“Eu também tomei conhecimento através de uma vizinha, fiz a inscrição no próprio colégio, foi num dia, peguei o material, providenciei o que foi pedido e levei. Pouco tempo de espera, umas 2 horas. Não sei se era porque já estava no fim. Mas foi bom.”*
- *“Eu soube pela minha irmã.”*

- *“Fazer reunião na própria escola aproveitando até o dia da reunião de professores: levava alguém lá capacitado e explicava. Eu acho que seria mais fácil.”*
- *“Eu acho o seguinte: que talvez informação na escola não, porque o programa está sendo elaborado ao todo, não importa se a criança estuda na escola da Prefeitura ou escola do Estado. Então jamais a pessoa que tem filho no estado vai ficar sabendo da reunião numa cadeira que é uma escola da Prefeitura. Assim como eles [o pessoal da Prefeitura] comunicaram a convocação acho que não custa comunicar as pessoas através de canal de televisão que todo mundo assiste ou alguém que assistir avisa. É coisa que dá para chegar a todos saberem, porque fazer uma reunião numa escola fica mais difícil porque às vezes é da Prefeitura aí vão lá para a escola da Prefeitura, vai nessa reunião lá e jamais quem estuda no Estado vai ficar sabendo dessa reunião. Como ela mesma chegou a ter uma reunião com o secretário. Eu nunca nem ouvi falar que o secretário deu alguma informação. Fica assim. Então já para quem tem filho no Estado. Então eu acho que nunca como comunicação ou através de carta ou canal de televisão que aproveita. A prefeita sempre está falando, mostrando os projetos dela, os bens sociais. Eu acho que não custa também abrir espaço e falar, para garantir que ela está dando para o programa social.”*

✓ Há mais crença em EM do que no CR na concessão real do benefício quando da inscrição, embora a ideia de “batalhar” por uma vida melhor também seja muito valorizada. Há muito menos menções à intercessão divina, mas um certo fatalismo, do tipo “se eu não receber era porque não era para mim”, está presente. Talvez isto ocorra por EM fazer parte do segundo grupo de distritos de implantação dos programas, talvez pela diferença mesmo de postura de seus beneficiários, em média mais instruídos do que os do CR, como foi visto no perfil quantitativo. Muitos lembram que aqueles que duvidaram e não se inscreveram, vendo que a concessão do benefício foi real, vivem arrependidos aguardando e perguntando sobre uma nova possível data de cadastramento.

- *“Tem que botar fé a partir do momento que se envolve com aquilo, tem que acreditar.”*
- *“Eu acho que tem que colocar isso aí: precisa acreditar no que vai fazer. Se não conseguir, é porque não era para você. Mas eu acho que não custa você estar tentando. Eu não me importo.”*

Eu só espero conseguir. Se eu não conseguir, paciência. Eu sei que hoje em dia nada cai de graça do céu. Você tem que batalhar. Acho que é isso.”

- *“Cheguei lá 8 horas e às 8 horas mesmo fui atendida porque era 50 pessoas e foi novembro, poucas pessoas sabiam. Então eu fui uma das primeiras. Então estava tranqüilo. Aí teve uma vizinha que eu avisei. Elas não acreditaram. Até hoje não fizeram. Agora falam: ‘Por que que eu não fiz?’ (...) Agora elas perguntaram para mim: ‘Você pergunta lá quando que vai ter um novo cadastro.’ Está todo mundo na expectativa porque estão crendo naquilo que eu estou recebendo. São tudo Tomé: só acreditam no que vê.”*

- ✓ Quanto ao uso do benefício: não dá para se comprometer com nada em médio prazo por carência extrema. Como no CR, o benefício é usado para suprir as necessidades básicas do cotidiano, principalmente com a alimentação e com itens relacionados à vida escolar dos filhos. Permite “organizar” o dia-a-dia com mais “conforto”, dando a possibilidade de ter crédito na praça, de honrar sua palavra porque sabe o dia em que o dinheiro vai entrar. Este aspecto não monetário é bem lembrado no GF de EM tendo até sido usada a metáfora de que o benefício permitiu “manter a casa em cima”.

- *“Eu acho que o benefício sempre dá pra gente organizar melhor contando com esse dinheiro. (...) Eu acho que é uma questão de organizar. Se você ganha pouco, mas é organizado, você consegue fazer tudo um pouquinho. Então vale a pena. (...) Resumindo tudo dá conforto. Tudo é um conforto. Não tem coisa pior que amanhecer o dia e não tem o pão, não ter o leite. E você tem coragem de chegar até para o dono da quitanda e falar: ‘Me vende um litro de leite que tal dia eu vou receber e te pago.’ Então você sabe que você está dando a sua palavra e ele está confiando nela, que você tem como receber e pagar. Então é organização. (...) Então com isso você pode dar a tua palavra porque você sabe que vai ter para pagar. Aquela que você dá: ‘Eu vou te pagar tal dia’. E aí, se você não tem, você fica desacreditada. Então acho que vale a pena. Tudo é conforto.”*

- *“(...) para mim economicamente, deu um conforto, um alívio.”*

- ✓ Diferenças de valor do benefício e desconhecimento da fórmula do cálculo.

- *“O lado ruim é que muitas pessoas falam que uns ganham menos do que os outros. Muita gente fala isso. Uns tiram R\$ 170 outros R\$ 150, outros tiram R\$ 30, outros tiram R\$ 40. Não*

tem um valor certo. Porque falam: ‘Quem tem três filhos vai ganhar pelos três.’ Tem gente que tem três filhos que tira R\$ 30. No meu caso eu tenho 3 e ganho R\$ 60. Ele tira R\$ 30 porque tem um. Ela já tira R\$ 23. Então eles teriam que...”

- *“O sacrifício [da fila] foi muito bom, valeu. Se bem que a minha [RM], não sei por que, veio só pela metade. Eu só tenho um filho na escola. Eu reclamei, mandaram eu preencher. Preenchi, mas ficou por isso mesmo. Mas mesmo assim é válido. Todo mês a senhora sabe que pelo menos o leitinho deles está garantido. Depois veio uniforme, veio material, pasta, é uma série de coisas, tem o leite. Então eu acho que devagar está caminhando para melhorar um pouco.”*

- ✓ A desinformação é mais vinculada à data e ao local do recadastramento que se aproxima. Neste sentido, em função do momento do RM em EM, há grande insegurança quanto à continuidade do benefício. Os participantes chamaram a atenção para o fato de que nem sempre as pessoas indicadas para dar informações são qualificadas para a função e para os seus próprios limites de compreensão (“*a gente nunca entende o que lê*”). No momento do lanche no GF, gravador já desligado, uma beneficiária confidenciou à facilitadora do grupo que muitos dos problemas de informação estariam resolvidos se o pessoal do cadastramento fosse “*qualificado*” como a equipe de pesquisa.

- *“Eu acho mesmo assim: até quando vai ser [o benefício], para você ter mais tranquilidade porque às vezes você faz alguma coisa contando com esse dinheiro. E vai que você chega lá no banco e esse dinheiro não está?”*
- *“Igual o que está acontecendo talvez até com muita gente, que fala: ‘Ah, você sabe que não sei aonde está fazendo o recadastramento da Renda Mínima?’ Aí sai aquele pessoal, vai todo mundo para lá. Uma questão de informação. Então o pessoal se desloca porque não quer perder o benefício. É tudo assim: foi a vizinha que falou, foi a comadre que falou e o assunto vai se espalhando. Mas não tem uma coisa determinada que diz: vão recadastrar novamente. Outros falam que fulano já perdeu o benefício. Então está assim, ninguém sabe.”*
- *“Esse dinheiro está ajudando, espero que continue, que volte a recadastrar porque esse dinheiro vai ajudar muito ela porque ela precisa porque ela não trabalha e o marido é separado e não ajuda em nada com as crianças para criar. Então se não é eu e as irmãs dela para ajudar ela eu não sei o que seria dos filhos dela e ela, estava por aí pedindo alguma coisa para comer. Então*

esse dinheiro ajuda e muito.” (Irmã e acompanhante de uma beneficiária que fez questão de falar no GF).

- ✓ A visão do benefício como esmola também aparece, ainda que com menos vigor do que no CR. Fica claro que manter o filho na escola não é percebido como uma contrapartida ao recebimento do dinheiro por ser uma obrigação dos pais. Apesar disto, alguns disseram claramente que, sem o RM, não estavam tendo condições de cumprir com esta obrigação.
 - *“Mas a gente gosta também de ser útil. De fazer jus àquilo que a gente recebe. Porque o compromisso com os filhos da gente, com ou sem ajuda da Prefeitura, a gente faz. Assim como ela [a Prefeitura] criou [programas] para as outras idades, ela deveria ver a faixa etária dos 20 aos 40. Porque muitas das vezes a gente larga os estudos da gente para cuidar da casa, de filhos, não tem como estudar mais, fica difícil. Não é possível. Mas aí também pára com tudo e fica só em casa, com filho, ou tendo que ficar em casa de família, sendo que a gente pode avançar mais, ter uma chance.”*
 - *“Eu acho que esse dinheiro veio em boa hora porque eu estou com quatro anos desempregado e se não fosse esse dinheiro meus filhos não estavam nem estudando porque não entra sem roupa na escola, não tinha dinheiro para comprar livro. Então é muito bom a Prefeitura fazer isso aí para nós porque senão cada filho sem estudar não tem condição, até hoje estou desempregado ainda.”*
 - *“Eu estou gostando muito porque eu tenho três crianças na escola. A mais velha já está na sétima série. Eu precisava comprar material, essas coisas. Eu não tinha condições porque meu marido ficou seis anos desempregado, eu moro no quintal da minha sogra, dependendo dela para tudo até para pagar uma conta de água. E esse dinheiro veio em boa hora para manter a minha casa em cima. Então eu agradeço.”*
 - *“Eu acho que ela deveria colocar esses programas para nós, dos 20 aos 40, porque os cursos é para os adolescentes e para acima dos 40 e nós, que estamos com 30 e pouco? Vamos ficar por fora. (...) Para a gente não ficar só dependendo daquilo, como a colega falou: dado como esmola.”*

- ✓ Alguns entrevistados mencionaram a participação em outros programas da Prefeitura e/ou a oportunidade de cadastramento simultâneo. Isto não aconteceu no CR porque lá ainda as coisas não estavam tão integradas. Contudo, alguns contaram que estavam “aprendendo cooperativa” mas desconheciam o fato de que esta era uma atividade do Programa Oportunidade Solidária (POS).

As entrevistas domiciliares do RM

Foram realizadas 2 entrevistas domiciliares em cada um dos distritos com o objetivo de fazer o mesmo tipo de indagação que se fazia nos GFs, em contexto de maior aproximação com o cotidiano dos entrevistados e com possibilidade de aprofundar algumas questões, quer previamente pensadas, quer emergentes. No caso do RM a opção foi por realizar as entrevistas somente com mulheres (que representam 87% dos beneficiários do CR e 88% dos de EM). As variáveis de corte estabelecidas foram valor do benefício e tempo no programa:

- ✓ **Uma que recebe menor benefício (entre R\$ 20 e R\$ 50):** no CR recadastrados próximos a 24 parcelas e em EM com menor número de parcelas recebidas (próximos a 7 parcelas);
- ✓ **Uma que recebe maior benefício (entre R\$ 190 e R\$ 220):** no CR recadastrados próximos a 24 parcelas e em EM com menor número de parcelas recebidas (próximos a 7 parcelas).

Como já foi mencionado, foi grande o interesse em participar, não tendo havido qualquer recusa. De um modo geral, as entrevistadas receberam a entrevistadora em suas casas com simpatia e acolhimento como será comentado em cada caso em particular. As entrevistas tiveram um tempo muito variado em função da personalidade das entrevistadas já que disponibilidade todas tinham bastante. A média ficou em torno de 1 hora.

O roteiro seguido pode ser visto em sua íntegra no **Apêndice** e estava dividido em 5 blocos: sobre o histórico, a composição e o “funcionamento” da família; sobre as

condições de vida da família; sobre o Programa Renda Mínima; sobre o uso do benefício; sobre outros programas da PMSP.

As entrevistadas do Capão Redondo¹⁹

1. Solange havia sido selecionada na categoria “recebendo o maior benefício” e marcou com a entrevistadora para o dia 5 de maio às 10 horas da manhã e, pontualmente, encontraram-se. A única dificuldade foi localizar a casa pelo número da porta, pois como sempre acontece nos distritos mais afastados, a numeração era totalmente desconexa. Solange explicou que as casas são encontradas não pelo seu número, mas pelo conhecimento que a vizinhança tem de seus habitantes o que certamente dificulta a entrega de correspondência.

Contexto da entrevista nas palavras da entrevistadora

Era uma casa bastante pobre. Fui bem recebida, mas sem grandes festas. O companheiro de Solange (“*Ele não é meu marido*”) saíra para buscar emprego e chegou em casa durante a entrevista bem alterado. Solange respondeu com calma e firmeza: “*Depois a gente conversa.*” A entrevista foi rápida porque ela era bem lacônica. O filho pequeno de Solange (9 anos) ficou grande parte do tempo nos ouvindo conversar e quase atrasou-se para a perua do Vai e Volta que veio buscá-lo. Foi a primeira vez que vi este programa em ação.

Perfil da entrevistada

Solange tem 32 anos, é paulista como seus 7 irmãos e sempre morou no Município de São Paulo, grande parte do tempo no próprio distrito do Capão Redondo: “*Sempre morei aqui, tem 21 anos que eu moro aqui. Nunca sai daqui.*” Filha de baiano com mineira: “*Meu pai nasceu na Bahia e a minha mãe acho que em Minas.*” Declarou-se negra (tanto na pergunta aberta quanto na fechada sobre sua cor), católica, cônjuge e mãe de 3 filhos: 2 homens (de 9 e 4 anos, respectivamente), e uma menina de 2 anos. Todos moram com ela, assim como também o companheiro (a quem ela atribuiu a função de chefe da família) e sua mãe. A última série que concluiu com aprovação foi a segunda do ensino fundamental,

¹⁹ Os nomes foram trocados como é de praxe neste tipo de metodologia.

a mesma que seu filho hoje está cursando. Não possui convênio médico ou odontológico de qualquer origem, só abriu conta no banco para receber o benefício do RM, não tem cheque especial ou cartão de crédito, nem qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vive com sua família é própria, porém foi construída pelo pai em terreno da Prefeitura: *“Como aqui era tudo mato ele limpou, construiu um barraquinho e aos poucos foi construindo.”* Solange já recebeu 18 parcelas do RM e o único outro programa da Prefeitura do qual sua família é beneficiária é o Vai e Volta. Solange já estava desempregada há 4 anos quando foi selecionada para o RM. Antes disto, trabalhava com carteira assinada numa empresa de limpeza. O benefício do RM, no valor de R\$ 192,00 no mês anterior ao da pesquisa, foi sua única renda pessoal naquele mês e representou 35% do total da renda familiar no período, que era de R\$ 592,00, advinda dos “bicos” do marido como pedreiro e da aposentadoria da mãe. Os 6 moradores da casa vivem desta renda. O item que responde pela maior parte dos gastos é a alimentação (63%), seguido pelos remédios de uso contínuo da mãe (19%) e do telefone e do gás (9% cada), constituindo-se estes nos únicos gastos da família, já que não pagam a luz e a água está cortada, supondo a existência de “gatos” clandestinos nos dois casos. Solange faz parte da associação de moradores e de uma associação religiosa.

Sobre o histórico, a composição e o “funcionamento” da família

Solange diz que sua história é *“simples”* – *“Eu era solteira, o José não é meu marido, tive dois namorados, depois de um tempo fiquei com ele, conheci ele que ele mudou aí do lado e até hoje estamos juntos, já tem 6 anos e continuamos.”* Ultimamente a mãe veio morar com ela porque está doente. O companheiro gosta de ajudar no cuidado com as crianças quando está em casa para ela ficar liberada para as tarefas domésticas. Se ele está fazendo “bico”, fica tudo por conta dela. Quanto às decisões financeiras, é o companheiro (que, apesar das ressalvas, às vezes é chamado de “marido”) quem toma as decisões, pois tem o cálculo da irregularidade de seus rendimentos somente de “bicos”. Via de regra, entra o dinheiro e logo é feita uma visita ao supermercado para garantir a alimentação e uma parte é guardada para o caso de não haver “bico” para fazer no mês seguinte.

Sobre as condições de vida da família

Solange, como muitas outras entrevistadas, identifica de imediato boas condições de vida com uma boa moradia própria e não é assim que ela classifica a sua que considera muito pequena e sem condições básicas de habitabilidade – *“A gente mora aqui, mas tem um esgoto lá atrás. Quando chove forte aqui às vezes entra água. Se a gente tem condições de ter coisa melhor...”* Contudo, aparentemente na contramão do que foi visto no GF com os beneficiários do RM, considera-se agora, recebendo o RM, com melhores condições de vida do que no tempo em que trabalhava porque *“a gente trabalha registrada como limpadora, você trabalha e eles descontam mais do que recebe. Falta, eles descontam dois ou três dias.”* O “aparentemente” relaciona-se ao fato de que, mesmo assim, mais adiante acrescenta: *“Eu trocaria o meu Renda Mínima por um serviço. Eu preferia estar trabalhando num lugar fixo do que estar recebendo o Renda Mínima. É mais garantido se a gente está trabalhando.”* Avalia também que sua vida é melhor do que a que os seus pais levaram e acha que para melhorar de vida uma pessoa *“tem que ter um bom estudo, tem que arrumar um bom emprego também que ganha mais, aí acho que melhora. Com um bom trabalho, mas ganhando pouco, ninguém consegue viver melhor.”*

Sobre o Programa de Renda Mínima

Solange ouviu falar sobre o programa no rádio e, sem consultar ninguém, tomou a decisão de inscrever-se no que teve todo o apoio da mãe que disse: *“É um salário para a família!”* Havia fila muito grande, mas não teve que enfrentá-la porque avisou que tinha tido filho há pouco tempo e teve prioridade, tal como relatara a mulher do GF que se inscrevera quando estava grávida. Achou fácil reunir a documentação exigida, acreditava que seria selecionada e contava também com a ajuda de Deus para que isto ocorresse. Acha que a motivação da Prefeitura ao trazer o programa para o CR foi *“ajudar mais as pessoas carentes.”* Gostaria de que o programa oferecesse também cursos *“de crochê, de culinária, esse tipo de coisa.”* Outro ponto em comum com os levantados nos GFs é o incômodo com a diferenciação do valor do benefício. Sua sugestão de melhoria para o programa foi nessa direção. *“Eu acho assim: no pagamento uns recebem mais, outros recebem menos. Para mim eu acho que deveria ser um valor só para todo mundo. E outras coisas não tenho o que falar.”* Apesar de Solange achar que foi muito bem atendida e informada no

cadastramento e no recadastramento, disse explicitamente que não entende o cálculo do benefício: *“Não explicou porque tem gente que ganha um tanto, tem menos filhos. Agora quem tem mais ganha menos. Eu não entendi.”* Solange não acredita que sua imagem na vizinhança e entre os amigos tenha mudado para melhor ou para pior por estar participando do RM, principalmente porque não comenta detalhes de sua vida com os outros. Evita em especial falar sobre o RM porque nas redondezas existem pessoas que se inscreveram e não foram selecionadas: *“Têm algumas pessoas que sabem, mas porque me viram lá. Eu não vou ficar comentando.”* Contudo, para quem pergunta sobre o programa, ela elogia e recomenda.

Sobre o uso do benefício

Por decisão do marido, como já foi mencionado, o investimento prioritário é em alimentação. Solange também concorda com os participantes do GF em que a regularidade do recebimento permite mais crédito, planejamento e, no caso dela, a oportunidade de comprar algo com um dinheiro que não vem do marido. Foi assim que realizou o sonho de comprar um “tanquinho” para ela lavar a roupa com mais conforto e uma bicicleta para o filho, o que não teria feito sem o RM: *“Por que eu ia pagar, como? Eu sei que eu posso comprar porque vou receber.”* Acha também que os estabelecimentos comerciais da região, principalmente os de venda de alimentos, prosperaram porque as pessoas estão comprando e pagando com mais regularidade. Diz que pensa em investir em algo mais duradouro, mas, ao tentar concretizar a idéia, já se dá conta de que não dá para pensar em investimentos maiores a longo prazo. Como seus pares do GF, Solange tem um certo nível de insegurança com o programa: *“a única coisa que eu gostaria de saber é até quando que a gente vai estar recebendo [o benefício] e se eu vou renovar outra vez.”* O diálogo que se segue ilustra bem o que se está dizendo: *“Que nem meu marido estava falando para a gente fazer um negócio aí e montar, um negócio de salgadinho, fazer coxinha para vender. Mas aí a gente vai gastar.”* Pergunta a entrevistadora: *“E você acha que o que você está recebendo está dando condições de você investir nisso?”* Solange responde: *“Não porque se a gente vai fazer um orçamento num depósito, aí é mais. Tem que ter uma renda para poder pagar, aí não dá.”* Por fim, as idéias permanecem como sonhos a realizar não se sabe como nem quando. Para organizar o orçamento depois que parar de receber o RM, Solange vê duas alternativas: voltar a

trabalhar “só ainda não fui porque não tenho com quem deixar as crianças” ou conseguir o sonhado negócio próprio.

Sobre outros programas da PMSP

Solange desconhece o POS. Disse que nunca ouviu falar dos outros programas nem quando foi fazer o cadastramento. Mais adiante se contradisse ao dizer que já se inscreveu na “frente de trabalho” da Prefeitura: “*Eu passei no Largo 13, tinha uma fila lá, eu estava com os documentos, a moça me chamou para eu entrar e eu fiz. Mas não tive sorte ainda não.*” Aliás, este “serviço” prestado pela fila – o de indicar que algo está acontecendo –, já havia sido mencionado no GF por uma mulher que disse usar a fila como “fumaça” de um fogo que certamente está por perto e precisa ser descoberto.

2. Mônica havia sido selecionada na categoria “recebendo o menor benefício” e marcou com a entrevistadora para o sábado, 28 de junho, às 10 horas da manhã e, pontualmente, encontraram-se. Como no caso de Solange, a maior dificuldade foi localizar a casa pelo número da porta, pois, como sempre acontece nos distritos mais afastados, a numeração era igualmente desconexa. Utilizando-se da experiência anterior, a entrevistadora perguntou na vizinhança e logo descobriu que Mônica era mais conhecida pelo seu apelido e logo chegou a casa.

Contexto da entrevista nas palavras da entrevistadora

Era uma casa em região bastante pobre, rua de terra, esgoto correndo pelos cantos da rua: 1 cômodo servindo de sala, copa, cozinha e quarto do filho e 1 quarto para o casal. Tudo muito limpo e arrumado, mas pequeno. Mônica é muito tímida, fala pouco, mas foi especialmente receptiva. Seu benefício do RM, com o cadastramento caiu de R\$ 190,00 para R\$ 20,00 sem que, aparentemente, suas condições tivessem sofrido alterações significativas. De fato, não foi possível contrastar sua vida com a de Solange como seria de esperar pela diferença de valor entre os benefícios das duas.

Perfil da entrevistada

Mônica tem 34 anos, é baiana e mora no Município de São Paulo há 14 anos. Declarou-se “morena” na pergunta aberta sobre sua cor e “parda” na pergunta fechada, católica, chefe de sua família (apesar da existência do companheiro que vive com ela, mas com quem está tendo no momento uma relação muito difícil) e tem 1 filho homem de 10 anos. Vivem somente os 3 na casa. A última série que concluiu com aprovação foi a quarta do ensino fundamental, assim como o marido. O filho está cursando a terceira série. Não possui convênio médico ou odontológico de qualquer origem, só abriu conta no banco para receber o benefício do RM, não tem cheque especial ou cartão de crédito, nem qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vive com sua família é própria, porém foi construída em terreno invadido. Já recebeu 14 parcelas do RM e nem ela nem outro membro da família são beneficiários de outro programa da Prefeitura. Quando foi selecionada para o RM estava trabalhando como doméstica sem carteira assinada. O benefício do RM, no valor de R\$ 20,00 no mês anterior ao da pesquisa, foi sua única renda pessoal naquele mês e representou 6% do total da renda familiar no período, que era de R\$ 320,00, advinda dos “bicos” do marido como pedreiro. Os 3 moradores da casa vivem desta renda. O item que responde pela maior parte dos gastos é a alimentação (46%), seguido pelo telefone (18%), pela prestação do sofá (12%), pelos remédios de uso contínuo e pelo gás (10% cada) e pela luz (5%). Estes são os únicos gastos da família já que não pagam água. Mônica não é associada a qualquer entidade da sociedade civil organizada.

Sobre o histórico, a composição e o “funcionamento” da família

Mônica veio da Bahia, ainda solteira, direto para São Paulo, para a casa de uma irmã com o intuito de trabalhar para mandar dinheiro para o pai e para a mãe. Diz que na Bahia, ela, como seus pais, trabalhava na roça: “*Sempre trabalhei – na roça, às vezes em casa de família – sempre trabalhei!*” Já em São Paulo, trabalhou muito até conseguir pagar um aluguel e sair da casa da irmã. Também como a grande maioria das entrevistadas, Mônica distingue casamento do “morar junto”: “*Casei não. A gente foi morar junto. Vai fazer 11 anos junto já.*” Mônica diz que se considera a chefe da família porque seu companheiro atualmente não faz nada em casa: “*Tudo sou eu para mim. Tudo, tudo, tudo!*” Acrescenta que

no caso do dinheiro é um pouco diferente porque ele sempre quer pagar dívidas e ela tem que se virar com o que sobra: *“O que der para pagar eu pago. É assim. Todo mês é isso. A relação está muito difícil, a gente quase não está se falando.”*

Sobre as condições de vida da família

Mônica identifica boas condições de vida com *“ter um trabalho”*. Partindo deste conceito não considera que tem atualmente boas condições de vida porque está desempregada, mas já teve melhores quando trabalhava: *“Eu sabia que podia me manter e mantinha meu filho como podia.”* Comparando a vida que leva hoje com a que seus pais levavam, mesmo com as desvantagens que atribui à vida na roça, acha a deles melhor. Mônica acha que uma pessoa melhora de vida *“com mais estudo e trabalho também – isto é o suficiente na vida da pessoa.”*

Sobre o Programa de Renda Mínima

Ao identificar a motivação da Prefeitura para implantar o RM no CR, Mônica faz a famosa *“definição relativa da pobreza”*, que já foi mencionada na análise das informações do GF: *“Aqui têm muitas pessoas que precisam. Você precisa, ele precisa, eu preciso. Mas tem gente que precisa muito mais do que eu!”* Soube do programa na escola do filho e lá mesmo fez a inscrição, mas não acreditava que fosse verdade, *“fez por fazer.”* Considera que foi muito bem atendida e recebeu informações suficientes a não ser no que tange ao valor do benefício: *“Não. Isso ela não falou. Ninguém sabia a quantidade que ia receber. Ela falou que o importante era receber. Não sabia se ia ser aprovado ou não. Se ia aprovar ou não. Aí a primeira parcela eu fui e recebi. Era R\$ 129, depois colocou mais R\$ 20 e ficou R\$ 149. Agora esse novo cadastro que eu fiz não sei o que aconteceu. Eu já liguei lá, fiz tudo. A moça falou que não é isso que é o mesmo valor. E eu não estou recebendo.”* Esta fala de Mônica também traz de volta a questão de não ter a quem recorrer se algo sai diferente do esperado. Igualmente a insegurança está de volta: hoje o benefício foi diminuído sem explicação e amanhã pode ser cortado, daí a pergunta final que ela faz à entrevistadora: *“Até quando vai ser? Você sabe?”* A preocupação dela aumenta com a sua percepção de que arranjar trabalho está muito difícil: *“Este ano foi tudo difícil. Trabalho, foi tudo mais difícil. Arrumar trabalho não se consegue!”* Mônica diz *“não ter visto defeitos no programa e que o que precisa é aumentar porque é muito pouco.”*

Aumentar e olhar mais para as pessoas.” Esta última colocação é muito interessante porque chama a atenção para a necessidade do acompanhamento. Outros entrevistados sentiam falta de acompanhamento de várias formas, mas não conseguiram explicitar que era disto que estavam falando.

Sobre o uso do benefício

“Esse dinheiro que eu pego dá para comprar uma roupa, comprar um remédio, tudo, a despesa. O que eu precisar eu já pego e vou no mercado comprar uma coisinha.” Mônica salienta que quando estava recebendo o benefício maior, deu até para levar o filho ao dentista e que acha que mais dinheiro com as pessoas também auxilia o comércio da região principalmente no CR onde *“a maioria se inscreveram, mais da metade”*. Diz isto e acrescenta que a opinião da vizinhança sobre ela em função da participação no RM é variada: *“Uns com melhores olhos, outros com piores olhos porque a maioria falou que o governo não ia dar nada de graça para ninguém, que era só o primeiro mês, que o governo não ia dar nada de graça e que era só ilusão. Ai eu fui, fiz a ficha tudo direitinho.”*

Sobre outros programas da PMSP

“Do Bolsa Escola e do Bolsa Trabalho me informaram. Só que quem fizesse o RM não podia se inscrever em outro. Só isso.”

As entrevistas de Ermelino Matarazzo

1. Ofélia havia sido selecionada na categoria “recebendo o menor benefício” e marcou com a entrevistadora para o feriado de 1º de maio, às 10 horas da manhã e, pontualmente, encontraram-se. Ela dera previamente pelo telefone ótimas referências que foram suficientes como orientação, apesar de o trânsito estar todo desviado em EM por conta da parada do “Dia do Trabalho”, que estava acontecendo na Av. Paranaguá, uma das mais movimentadas do centro. Foi muito fácil chegar na bem localizada e boa casa de Ofélia, em uma rua central e pavimentada. Ela logo explica como pode morar nestas condições porque, como outras entrevistadas, acha que as aparências enganam: *“O povo vê, a rua é bonita, mas há quantos anos? Eu moro aqui há 26 anos. Vim para cá com rua de barro, com água (que não era nessa casa, era de aluguel), água de poço, com o tempo veio água*

encanada, depois foi que veio a luz naqueles postes de madeira e por aí vai. Então hoje está bonito, melhorou bastante, mas as pessoas pensam: ‘fulano está bem, isso e aquilo’...”

Contexto da entrevista nas palavras da entrevistadora

Fui muito bem recebida. Ofélia foi afável e carinhosa e mostrava-se realmente feliz com a minha visita e com o objetivo dela: conversar sobre o RM e, acrescento eu, sobre a vida em geral. A entrevista transcorreu em clima muito intenso e emocional, pois Ofélia sempre viveu tendo o trabalho como bem maior e o único que pode garantir o dia-a-dia: “*No tempo que eu e meu marido trabalhávamos eu não me considerava uma pessoa carente.*” Hoje sente-se muito atingida pelas atuais exigências do mercado de trabalho que excluem quem tem pouca instrução formal mesmo que com grande experiência na profissão; sente-se velha e doente apesar de ser relativamente jovem para os padrões atuais. A entrevista foi longa porque Ofélia é muito falante e estava apreciando muito dispor de uma ouvinte interessada e atenta para expor suas muitas idéias dirigidas principalmente para os problemas do sistema público de saúde e para o problema do desemprego e suas causas. Lamentavelmente, por questões de tempo, este texto vai priorizar os temas previstos no roteiro a não ser no caso em que as inclusões de Ofélia interessem diretamente aos propósitos desta pesquisa.

Perfil da entrevistada

Ofélia tem 52 anos, é pernambucana, mora no Município de São Paulo há 32 anos e sente-se muito ligada a ele: “*Eu agradeço a Deus por vim de lá [de Pernambuco] e estar aqui em São Paulo. Eu digo que sou paulista adotada porque gosto muito desta cidade.*” Declarou-se branca tanto na pergunta aberta quanto na fechada sobre sua cor, evangélica, cônjuge e mãe de 4 filhos: dois mais velhos (um rapaz e uma moça), já casados e fruto de um primeiro casamento ainda em Pernambuco, e 2 rapazes do atual casamento, de 16 e 20 anos, respectivamente, que ainda vivem com ela e o marido. A última série que concluiu com aprovação foi a primeira do ensino fundamental e é uma típica analfabeta funcional: em muitos momentos da entrevista Ofélia referiu-se ao fato de não saber ler e escrever. Apesar disto seu pensamento e sua fala são muito articulados e Ofélia expressa-se quase sempre com precisão e adequação. O marido foi até a quarta série do

ensino fundamental e, atualmente, faz somente “bicos” como mecânico. Dos filhos que moram com ela, um já concluiu o ensino médio e está trabalhando como auxiliar de escritório e o outro está cursando a primeira série do ensino médio com uma bolsa do SENAC. Ofélia não tem certeza, mas acha que começou a receber o RM em setembro de 2002, tendo já recebido, portanto, 8 parcelas e, embora ela não tenha tocado nisto, em um próximo recadastramento, vai perder o benefício porque seu filho acabou de fazer 16 anos. Já se inscreveu também no Começar de Novo mas não foi chamada e seu filho menor recebe o Bolsa Escola. Ofélia já estava desempregada há 13 anos quando foi selecionada para o RM. Antes disto trabalhava como costureira, com carteira assinada numa indústria. Atualmente faz uma ou outra costurinha em casa para a vizinhança. O benefício do RM, no valor de R\$ 50,00 no mês anterior ao da pesquisa foi sua única renda pessoal naquele mês e representou 5% do total da renda familiar no período. Os 4 moradores da casa vivem do conjunto dos ganhos da família que incluem, além dos já mencionados, o aluguel da garagem e da parte superior da casa, totalizando R\$ 1.055,00. O maior gasto da família é com alimentação e representa 47% dos gastos totais, seguido pelos remédios de uso contínuo de Ofélia que adquiriu grave problema de coluna no exercício de sua profissão de costureira (15%), pelo telefone (12%), pela luz e pelo transporte (8% cada), pelo gás (5% cada), pela água (4%) e pela taxa de lixo cobrada pela Prefeitura (que Ofélia fez questão de incluir nos gastos do mês anterior ao da pesquisa) e que representou 1% dos gastos do período. Vale dizer que os gastos descritos por Ofélia representavam somente 61% do rendimento da família. Ofélia não possui convênio médico ou odontológico de qualquer origem, já tinha conta no banco antes de ser selecionada para o programa, tem cheque especial e cartão de crédito, mas não tem qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vive com sua família é própria, em terreno próprio, mas é considerada inacabada por Ofélia. Dentre a extensa lista apresentada de entidades da sociedade civil organizada, Ofélia só é associada a uma organização religiosa.

Sobre o histórico, a composição e o “funcionamento” da família

“Eu tenho os meus dois filhos mais velhos, que estão casados, nasceram lá em Pernambuco. Eu tive meus dois primeiros filhos em Pernambuco com meu esposo lá, mas não deu certo. (...) Era muito

complicado viver lá.(...) Depois eu vim para cá e, chegando aqui, foi que me casei mas com um moço lá de Pernambuco. Tudo em família. O terreno do meu sogro dividia com o terreno da minha mãe, do meu pai. É assim desse jeito. Na verdade eu sou casada um pouco de cada porque primeiro eu me ajuntei e depois que nós viemos a se casar.” Ofélia se orgulha muito de ter uma família organizada e unida e diz que tudo lá é resolvido em conjunto. Os filhos casados ajudam bastante mas ela está sempre preocupada por esta ajuda estar vindo em detrimento do investimento em suas novas famílias: *“E a casa deles? E os filhos deles? E a família deles como é que fica se eles não ajudar nós. Se a gente vê que eles têm uma condição boa.... Mas não é uma condição boa. Quer dizer, a gente vai tirar da boca dos netos, da nossa nora, do nosso filho? Só se for no dia que eu não tiver condições.”* Outra preocupação é com a impossibilidade de oferecer mais estudo aos filhos menores, a chance de eles fazerem uma faculdade e terem um salário melhor. Quer substituir isto pela herança da casa que parece mais simples, ainda que percebida como cada vez mais difícil de realizar.

Sobre as condições de vida da família

Ofélia cai em prantos ao dizer que boa condição de vida é ter (e poder deixar para os filhos) uma *“casa terminada”*: *“A qualidade que eu sonho ainda ... [choro] ... [soluçando] ... eu queria muito ter a minha casa, mesmo ... porque eu não sei se eu vou ficar muito tempo. Só o Senhor sabe. Mas aí eu ficaria sossegada porque eu sabia que a minha casa estava terminada. Meus filhos, do jeito que está difícil, mesmo que não conseguisse muita coisa, mas pelo menos eles ficariam com o teto.”* Como tem uma consciência muito forte de que a possibilidade de trabalhar é para ela cada vez mais remota (enfrenta todas as barreiras percebidas – idade, falta de instrução, problemas de saúde) e não vê outra forma de melhorar de vida a esta altura, Ofélia fica muito mobilizada e formula, acrescentando a preocupação com a saúde, a questão que já não calava nos GFs: *“Quando a gente é mais nova, a gente tem força. Mas hoje está muito complicado porque não dão emprego. Às vezes eu até penso assim: ‘Por quê será? O velho não precisa comer?’ Os velhos gastam mais do que o novo. Você sabe por que que ele gasta? Por causa de remédio.”* Mesmo considerando a vida cada vez mais difícil e em franca perda de qualidade, Ofélia considera a vida que leva melhor do que a que seus pais levaram: *“Então quer dizer, em vista da deles nós estamos bem melhor, nesse ponto.”*

Sobre o Programa de Renda Mínima

Ao responder sobre o porquê de a Prefeitura levar o programa para EM, mostrou que o objetivo da pesquisa de provocar reflexão estava sendo alcançado: *“Você sabe que eu nunca pensei sobre isso?”* Em seguida, conjecturou que talvez fosse para tirar os jovens das ruas, mas acha que o programa não resolveria, até porque esta é uma obrigação dos pais e não da Prefeitura. A visão que Ofélia tem do RM é bastante peculiar: acha que deveria ser um programa dirigido somente para quem tem problemas de saúde. Ela própria não teria se inscrito se não fosse assim. Expressa também a preocupação com aqueles que estão no RM sem precisar: *“Então eu acho que a Prefeitura tinha que ver realmente como que eles faziam (...) porque tem marido que trabalha e ganha razoavelmente bem, que a gente sabe, no entanto fica lá inscrito para receber. Então tinha que deixar para aquelas pessoas que realmente tivesse problema de saúde, fosse constatado.”* Soube do RM na escola, conversou com a família toda sobre a conveniência de “correr atrás” e, tomada a decisão, enfrentou muita fila (que considera *“muita humilhação”*) mas acha que o benefício ajuda bastante em função da sua impossibilidade de trabalhar. Foi bem informada no atendimento e entendeu que ia receber o RM por um ano. Não pediu para ler o contrato porque não poderia mesmo fazer isto (*“para quem não sabe ler fica difícil!”*) e duvidou que fosse ser selecionada: *“Eu achava que nem ia chegar lá, nem ia ter mais, porque era muita gente”*. Como outras entrevistadas, também gostaria de dar algo em troca para a Prefeitura para não se sentir recebendo esmola: *“Eu acho justo que a gente pegue e faça qualquer coisa. Que retribua com o trabalho.”* Perguntada sobre o que poderia melhorar o RM, sugere uma nova e melhor política de saúde: *“O que tinha que melhorar mesmo, na verdade era nos nossos médicos. Não os médicos porque graças a Deus são muito bom. Mas o que a gente espera... Quando passa num médico, tem uma especialidade num caso e no outro não tem, aí a gente vai fazer os exames. É isso que tinha que ser melhorado na verdade.”*

Sobre o uso do benefício

“Esse dinheiro que entra, todo mundo senta na hora que vou servir o jantar, aí eles dividem: tem tanto para pagar, esse mês tem cartão. Nós temos cartão desde quando eu trabalhava na firma, a gente só compra aquilo que pode para pagar, se não pode, a gente não faz. É tudo através do cartão. Às vezes o povo fala: ‘Ah, o cartão não presta porque é isso e aquilo.’ Não presta para quem não sabe usar.

Falam: 'Ah, talão de cheque eu me enfiei por aí, não presta.' Não presta para quem não sabe usar. Que nem no caso da gente que não tem dinheiro toda hora, então isso funciona muito bem e nos ajuda muito porque a gente compra nele, ou no cheque, o mercado aceita, a farmácia. Quando chega o final do mês, quando chega o dia da fatura aí vem ali tanto, a gente precisa pagar tanto."

Sobre outros programas da PMSP

Quando foi se inscrever para o RM, Ofélia também se inscreveu para o Começar de Novo. Tempos depois foi surpreendida com um chamado para começar a receber o Bolsa Escola. *"Quando eu recebi a carta que era para eu comparecer lá eu fiquei até assim. Mas esse aí que eu achei estranho. Depois eu perguntei: 'Mas por quê?'. Eu gosto de saber porque a gente não sabe ler... 'Mas por que eu estou recebendo isso que eu não me inscrevi para isso aí?' Ela falou assim: 'Você tem filho na escola?'. Eu falei: 'Tenho'. E ela falou: 'Então é por isso. É ele que vai receber o benefício.' (...)"* "O que eu gostaria mesmo, que nem eu lhe falei, e que eu não recebo e que eu gostaria de receber era o Começar de Novo para estar fazendo alguma coisa. Isso eu gostaria. Porque é uma coisa que eu preciso fazer – atividade. Minha médica falou. Não aquela atividade de ficar o dia todo sentada ou o dia todo em pé que eu não posso."

2. Beth havia sido selecionada na categoria "recebendo o maior benefício" e marcou com a entrevistadora para o dia 1º de maio às 15 horas. Como tornou-se possível começar bem antes, Beth foi contatada e aquiesceu em começar logo às 13 horas. Tinha acabado de chegar do desfile do Dia do Trabalho e o acesso à sua casa foi feito a pé desde a casa de Ofélia por causa do trânsito interrompido. Algumas dificuldades com a numeração foram sanadas com consulta telefônica.

Contexto da entrevista nas palavras da entrevistadora

Era uma casa bastante pobre com um compartimento que servia ao mesmo tempo de sala e cozinha e 1 quarto cheio de beliches. O acesso era por uma escada que ficava no quintal de uma outra casa que depois fiquei sabendo ser da mãe de Beth. Fui muito bem recebida e Beth foi logo falando de seus nervosismo e expectativa com a minha visita pois temia perder o benefício: *"Roí as unhas todas esperando a sua chegada. Ainda bem que você veio mais cedo."* Beth tinha mesmo se preparado para me provar que ela merecia o RM,

pois sempre realçava este ponto e disse já ter decidido até dedurar quem não precisava do benefício caso o dela fosse cortado. *“Porque eu vou falar para a senhora, o que eu falei para meu marido. Eu falei: ‘Olha, Júlio, a gente não tem nada, a gente é pobre, mas tem que ser digno. E se a mulher vier na minha casa, que nem a senhora falou, a senhora é da pesquisa, mas, se a assistente social vier na minha casa... (...) Se ela vim na minha casa e achar que eu não mereço pegar o Renda Mínima é um direito dela. Só que eu vou a fundo nisso daí porque tem muita gente que não precisa e pega. Aí eu vou discutir nem se for para mim delatar que tem gente que não precisa e pega.’ Eu pego para comer mesmo. Mas tem gente que pega para comprar roupa, tirando a vez de uma pessoa que está precisando. Isso daí eu não concordo. Eu queria até mandar uma carta para a Marta falando disso aí.”* À medida que foi relaxando, Beth foi se mostrando meiga, preocupada com as pessoas de sua comunidade (é mãe voluntária em uma escola que fica em frente à sua casa) e cheia de planos e sonhos. Realisticamente controla o tamanho da esperança de realizá-los porque se considera uma pessoa *“sem sorte”*.

Perfil da entrevistada

Beth tem 31 anos, é paulista e sempre morou no Município de São Paulo. Declarou-se “morena clara” na pergunta aberta sobre sua cor e negra na pergunta fechada, evangélica, chefe de família e mãe de 3 filhos: 2 mulheres (de 15 e 11 anos) e um menino de 6 anos. Todos moram com ela, assim como também o companheiro. A última série que concluiu com aprovação foi a sétima do ensino fundamental, assim como seu companheiro. Não possui convênio médico ou odontológico de qualquer origem, só abriu conta no banco para receber o benefício do RM, não tem cheque especial ou cartão de crédito, nem qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vive com sua família foi cedida pelo pai antes de morrer, concessão mantida pela mãe que é a sua única fonte de ajuda. Beth já estava desempregada há 2 anos quando foi selecionada para o RM. Antes disto trabalhava como diarista em casa de família como conta própria. Com o alto preço do transporte não deu mais e hoje só trabalha quando acha o que fazer perto de casa para não gastar com condução. O benefício do RM, no valor de R\$ 190,00 no mês anterior ao da pesquisa foi sua única renda pessoal naquele mês e representou 61% do total da renda familiar no período, que era de R\$ 310,00, advinda dos “bicos” do marido como ajudante de caminhão e do Bolsa Escola das filhas. Os 5

moradores da casa vivem desta renda. O item que responde pela maior parte dos gastos é alimentação (52%), seguido pelo telefone (17%), pela água (12%) e pela luz e pelo gás (10% cada), constituindo-se estes nos únicos gastos da família. Os gastos declarados perfazem somente 81% da receita. Beth faz parte da associação de moradores.

Sobre o histórico, a composição e o “funcionamento” da família

“Eu tive a minha filha com 15 anos. Fui mãe solteira, o pai da minha filha fugiu, até hoje eu nunca mais o vi. Aí me envolvi com o pai da Suzana, eu me dava muito bem com ele só que ele virou alcoólatra e aí eu larguei ele e estava grávida. Eu não sabia que estava grávida porque eu fiquei grávida menstruando, quando fui descobrir já estava de quatro para cinco meses. Aí nasceu a Suzana. Quando eu estava com uns quatro meses que eu tive a Suzana, aí conheci meu marido atual. Eu gostei dele, ele gostou de mim aí nós fomos morar juntos e estamos até hoje. Não somos casados, moramos juntos. A gente vive, coitado, vive como a gente pode. Eu nem posso cobrar muito dele porque ele faz o que ele pode. Que nem agora, hoje ele não está aqui porque ele foi ver essa história do apartamento do Singapura. Ele é esforçado mas vai fazer o quê, não pode ficar cobrando dele. (...) Eu que decido tudo.”

Sobre as condições de vida da família

Beth também identifica boa moradia própria com qualidade de vida e sonha com isto: *“Ah, sei lá. Eu tenho tantos planos, tantos sonhos, mas até agora não consegui realizar nenhum. Eu queria comprar uma casa para mim. O sonho da minha vida é ter piso na minha casa. (...) Um dos sonhos que eu consegui realizar é a geladeira, graças à minha mãe porque se não fosse pela minha mãe também não estava aí. Eu tenho a minha mãe do meu lado e ela me ajuda muito. Mas eu vou vivendo, tenho muitos sonhos que nem a minha porta que está quebrada, abre a janela entra água, pinga tudo aqui. O sonho da minha vida era poder arrumar a minha casa.”* Acha que tem vida com menos qualidade do que a que seus pais levaram até porque tem uma visão bastante idealizada da sua família de origem com quem sempre pôde contar. Para melhorar de vida acha que *“a pessoa precisa ter coragem na vida. E é uma coisa que eu tenho, graças a Deus, coragem.”* E acrescenta: *“Coragem e emprego porque sem o emprego não adianta você ter coragem se não tem serviço, não tem trabalho.”*

Sobre o Programa de Renda Mínima

Soube do RM por uma amiga que trabalhava numa escola. De início não pensou em se inscrever apesar de estar numa situação muito difícil porque achava que “*era uma roubada. Eu não acreditava. Eu falava: ‘Eu nunca tive sorte para nada disso.’*” Mas aí conversou com o marido desempregado e resolveu: “*Eu não tenho nada a perder. Se sair, bem, se não sair... Aí eu fui atrás. Eu tenho que resolver fazer alguma coisa da minha vida. Aí foi quando eu fui. Aí graças a Deus deu tudo certo. Eu fui lá e graças a Deus deu tudo certo. Comecei a ver o cartão, não acreditava. Eu chorei. E eu perguntei para a mulher assim: ‘É durante quanto tempo?’ Ela falou: ‘Ah, não sei. Acho que é um ano’. Eu falei: ‘Mas quando que já vai estar aqui comigo?’ Ela falou: ‘Hoje já está, já pode retirar’. Aí menina! Quando eu peguei aquele dinheiro eu não acreditava. Foi a melhor coisa. Nunca esqueço. Fui no mercado comprei tudo em pão. Foi uma coisa que mais quero na minha vida.*”

Beth pegou muita fila tanto para cadastrar-se quanto para pegar o cartão: “*Só a fila. Nossa meu Deus. Porque no dia que a gente foi tinha muita, acho que era milhões de pessoas, era muita gente, muita gente mesmo. Aí a gente começamos a fila, quando nós chegamos para entregar a ficha a mulher falou: ‘O cartão de vocês não veio. Deu um problema lá e só vai vim na outra semana’. Tinha uma fila quilométrica e chega lá não tem o cartão! Aí eles deixaram chegar lá para falar que não veio o cartão! Tive que ir lá de novo. Foi só isso daí que me deixou meia chateada. A gente já com fome, passando uma dificuldade e ainda...*”

Acha que o RM foi implantado pela Prefeitura em EM, porque “*ela se conscientizou disso daí: tem gente passando fome, a violência cresce cada vez mais porque um pai, uma mãe não vai ver o filho passando fome. Aí é aonde a gente faz besteira.*”

Beth discursa longamente sobre as pessoas que pegam o RM sem precisar, tirando a vaga de outras que, inexplicavelmente, precisam muito e não são selecionadas. Sua indignação com isto é enorme. Sugere visitas domiciliares das assistentes sociais em todas as casas e não por “sorteio”, referindo-se a um possível processo de amostragem para as visitas: “*Se eu fosse uma pessoa que tivesse condição eu não ia pegar o Renda Mínima. Jamais. Eu ia deixar para quem precisa mesmo. E eu conheço muita gente que não precisa. Eu acho que a assistente social deveria fazer visita nessas casas não por sorteio.*”

Diz não ter nada a temer com qualquer visita porque só falou a verdade como foi pedido no ato do cadastramento. Insiste em querer mostrar carteira de trabalho e outros documentos que comprovam sua situação financeira precária. “*A única coisa que eu queria eu já falei para a senhora: que tinha que ver as pessoas que precisam realmente. Que nem o dinheiro que eu pego é só para comer. Eu falei para uma colega: ‘Eu*

não tenbo vergonha de falar, a gente não arruma [trabalho], eu tenbo coragem, eu não sou preguiçosa'. Eu faço crochê para vender que é uma coisa que ajuda. A gente não pode ficar parada.” Quanto aos vizinhos, diz que valorizaram sua entrada para o RM *“porque eles viram que é real.”*

Sobre o uso do benefício

“Está tudo na minha mão, eu que cuido.” O principal uso é *“na alimentação. Aqui na minha casa a gente gasta mais na alimentação. A gente dá preferência para isso.”* Teme o fim do benefício embora tenha planos de abrir uma *bombonnière* na garagem da casa da mãe, aproveitando a proximidade de uma escola. Já andaram (ela e o marido), vendo as possibilidades, mas por enquanto ainda não dá.

Sobre outros programas da PMSP

Já ouviu falar do CN e do Banco do Povo (talvez referindo-se ao São Paulo Confia), mas disseram que é *“muita burocracia”*.

V PESQUISA COM OS EX-BENEFICIÁRIOS DO PROGRAMA COMEÇAR DE NOVO

Parâmetros gerais do Programa Começar de Novo (CN)²⁰

“O programa Começar de Novo é para desempregados com 40 anos ou mais. Tem as modalidades Começar de Novo Renda e Começar de Novo Emprego.

***O Começar de Novo Renda** atende desempregados com 40 anos ou mais, dá capacitação cidadã, capacitação para o mercado e para atividades comunitárias, visando à reinserção desses cidadãos no mercado de trabalho. Beneficia desempregados de famílias carentes com renda per capita de até meio salário mínimo. Foi lançado em abril de 2001. Mais de 42 mil adultos já foram beneficiados. Novas inscrições serão abertas neste ano. Não cadastra pela Internet.*

***O Começar de Novo Emprego** é um programa que possibilita a reinserção no mercado formal de trabalho do desempregado com 40 anos ou mais de idade e que tenha concluído o ensino fundamental, financiando o treinamento no local de trabalho. Os desempregados cadastrados, posteriormente selecionados, serão encaminhados às empresas parceiras que devem contratá-los com carteira assinada. Essas contratações não podem ultrapassar o limite máximo de 5% de funcionários da empresa (SDTS, 2003: 8 e 9).*

A presente pesquisa só trabalhou com ex-beneficiários do CN Renda uma vez que o CN Emprego encontra-se em fase de implantação e, como vai ser visto, corresponde aos anseios de muitos ex-beneficiários que até sugeriram esta fórmula como um desdobramento desejável para o programa.

O perfil dos entrevistados a partir das fichas socioeconômicas

Por ocasião da realização dos GFs e das entrevistas, todos os participantes responderam a uma ficha de caracterização socioeconômica. A partir dos resultados desta parte da

²⁰ No relatório anterior traçou-se um cuidadoso retrato de cada programa apresentado em forma de quadros-resumo, contendo detalhes acerca de seus objetivos, contrapartida e critérios de elegibilidade, avaliação, acompanhamento e parcerias, desafios e resultados. Aqui trata-se apenas de indicar sumariamente suas características básicas para contextualizar a análise da visão que deles têm os beneficiários/ex-beneficiários.

pesquisa foi construída a tabela que se segue, que permite traçar o perfil dos entrevistados.

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Tempo médio de preenchimento da ficha	11,9 minutos	11,9 minutos
Classe modal de sexo	Feminino (80%)	Feminino (93%)
Idade média	52,47 anos	48,29 anos
Classe modal de faixa etária	50 a 59 anos (47%)	40 a 49 anos (64%)
Proporção de paulistas	20%	29%
Tempo médio de residência no Município de São Paulo	29 anos	28 anos
Estado de origem da maior proporção de migrantes	Minas Gerais (33%)	Bahia e Minas Gerais (21% cada)
Classe modal de cor (pergunta aberta)	Morena (53%)	Morena (36%)
Classe modal de cor (pergunta fechada)	Branca (40%)	Parda (50%)
Classe modal de religião	Católica (53%)	Católica (86%)
Classe modal de posição na família	Chefe (60%)	Chefe (57%)
Classe modal de situação conjugal	Casada/união consensual (67%)	Casada/união consensual (57%)
Paternidade/maternidade	Sim (93%)	Sim (100%)
Classe modal do número de filhos	1 filho e 3 filhos (31% cada)	2 filhos e 4 filhos (19% cada)
Proporção dos que têm filhos entre 7 e 15 anos	50%	64%
Classe modal de última série concluída	1ª e 5ª séries do ensino fundamental (20% cada)	5ª e 8ª séries do ensino fundamental (17% cada)
Proporção com ensino fundamental concluído	26%	21%
Proporção com ensino médio concluído	27%	0%
Proporção com convênio médico particular	0%	0%
Proporção com convênio médico de empresa	20%	0%
Proporção com convênio odontológico	7%	0%
Proporção com conta em banco anterior ao programa	29%	7%

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Proporção com conta em banco aberta para receber o benefício	53%	50%
Proporção com cheque especial	7%	0%
Proporção com cartão de crédito	27%	14%
Proporção com acesso à Internet em casa	0%	0%
Proporção com acesso à Internet no trabalho	0%	0%
Proporção que busca acesso à Internet no telecentro da Prefeitura	7%	0%
Classe modal de tipo de ocupação do domicílio	Própria (71%)	Própria (71%)
Número médio de parcelas recebidas do CN	5,71 parcelas	6,17 parcelas
Classe modal de número de parcelas recebidas do BT	6 parcelas (80%)	9 parcelas (71%)
Proporção de membros da família que é beneficiária do BT	0%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária do CN	0%	14%
Proporção de membros da família que é beneficiária do OT	0%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária do POS	0%	7%
Proporção de membros da família que é beneficiária do RM	0%	28%
Proporção de membros da família que é beneficiária do São Paulo Confia	0%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária do São Paulo Inclui	0%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária de outros programas da PMSP	0%	7%
Classe modal de situação no mercado de trabalho anterior à entrada no programa	Desempregado (87%)	Desempregado (79%)
Tempo médio de desemprego até o ingresso no BT	89,17 meses	82 meses

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Classe modal de posição na última/atual ocupação	Empregado com carteira assinada (64%)	Empregado sem carteira assinada (50%)
Classe modal de setor da economia em que trabalhava	Serviços (29%)	Serviços (58%)
Proporção que teve algum rendimento no mês anterior ao da pesquisa	60%	64%
Valor médio do rendimento individual no mês anterior ao da pesquisa	R\$ 200,00	R\$ 152,88
Classe modal de fonte de rendimento no	Trabalho regular e “bicos” (50% cada)	“Bicos” (40%)
Proporção que tem vontade e tempo de fazer trabalho voluntário	27%	29%
Proporção que tem vontade, mas não tem tempo de fazer trabalho voluntário	67%	71%
Proporção que já faz trabalho voluntário	7%	0%
Proporção que não tem vontade de fazer trabalho voluntário	0%	0%
Número médio de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado)	3,87 pessoas	4,93 pessoas
Classe modal de número de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado)	5 pessoas (27%)	4 pessoas (43%)
Classe modal de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado) e que têm rendimento	2 pessoas (57%)	2 pessoas (42%)
Classe modal de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado), que têm rendimento e que contribuem para o orçamento	2 pessoas (57%)	2 pessoas (67%)
Rendimento familiar médio do mês anterior ao da pesquisa	R\$ 381,76	R\$ 330,46
Número médio de pessoas que vivem desta renda	3,53 pessoas	4,93 pessoas
Principal tipo de associação a que pertencem os beneficiários do CN	Associação religiosa (33%)	Associação de moradores (14%)

Fonte: Pesquisa DIEESE/SDTS, 2003.

O perfil dos entrevistados do Capão Redondo

Com base nas classes modais e nas médias, pode-se dizer que os entrevistados do CN no CR são predominantemente mulheres (80%); com idade média de 52 anos; não naturais do Estado de São Paulo (80%), vivendo em São Paulo há 29 anos em média; declararam-se predominantemente morenos na pergunta aberta sobre a sua cor (53%) e brancos na pergunta fechada (40%); católicos (53%), chefes de sua família (60%), casados ou em união consensual (67%); têm filhos (93%), predominando os que têm 1 ou 3 filhos (31% de cada), 50% deles menores com idade entre 7 e 15 anos; as últimas séries que concluíram com aprovação foram a primeira e a quinta séries do ensino fundamental (20% de cada), denotando um baixo índice de instrução, corroborado pelos outros indicadores: somente 26% concluíram o ensino fundamental, 27% o ensino médio e nenhum chegou à universidade. Não possuem convênio médico ou odontológico de qualquer origem, não tinham conta em banco antes de serem selecionados para o CN (71%), não têm cheque especial nem cartão de crédito (93% e 73%, respectivamente), não têm qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vivem com suas famílias são próprias já pagas (71%). Receberam em média 5,71 parcelas do CN, predominando os que receberam 6 parcelas (80%). As pessoas da família que vivem na mesma casa não são beneficiários de outro programa da PMSF (100%). Quando foram selecionados para o CN já estavam desempregados (87%) há 89 meses em média. Antes disto haviam sido empregados com carteira assinada (64%) no setor de serviços (29%), desempenhando ocupações do tipo: atendente de enfermagem, auxiliar de limpeza, bordadeira, diarista, doméstica, encarregado de produção, gerente, encarregada de serviços de limpeza e copa, montador de circuito elétrico, pedreiro, servente escolar e ambulante. No mês anterior ao da pesquisa, tiveram alguma renda pessoal (60%), no valor médio de R\$ 200,00, advinda de trabalhos regulares e “bicos” (50% de cada). Gostariam de fazer trabalhos voluntários, mas não dispõem de tempo para tal (67%). Suas famílias são compostas de 3,87 pessoas em média, predominando as compostas por 5 pessoas (27%), das quais duas tiveram algum rendimento no mês anterior ao da pesquisa (57%), ambas contribuindo para o orçamento familiar (57%). Sua renda familiar no mesmo período foi em média de R\$ 381,76, que se destinam ao

sustento de, em média, 3,53 pessoas. No que concerne à sua vinculação a entidades da sociedade civil organizada, pertencem a associações religiosas (33%).

O perfil dos entrevistados em Ermelino Matarazzo

Com base nas classes modais e nas médias, pode-se dizer que os entrevistados do CN em EM são predominantemente mulheres (93%); com idade média de 48 anos; não naturais do Estado de São Paulo (71%), vivendo em São Paulo há 28 anos em média; declararam-se predominantemente morenos na pergunta aberta sobre a sua cor (36%) e pardos na pergunta fechada (50%); católicos (86%), chefes de sua família (57%), casados ou em união consensual (57%); têm filhos (100%), predominando os que têm 2 ou 4 filhos (19% de cada), 64% deles menores, com idade entre 7 e 15 anos; as últimas séries que concluíram com aprovação foram a quinta e a oitava séries do ensino fundamental (17% de cada), denotando um baixo índice de instrução, corroborado pelos outros indicadores: somente 21% concluíram o ensino fundamental e nenhum concluiu o ensino médio ou chegou à universidade. Não possuem convênio médico ou odontológico de qualquer origem, não tinham conta em banco antes de serem selecionados para o CN (93%), não têm cheque especial nem cartão de crédito (100% e 86%, respectivamente), não têm qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vivem com suas famílias são próprias já pagas (71%). Receberam em média 6,17 parcelas do CN, predominando os que receberam 9 parcelas (71%), denotando prorrogação de bolsa para participação no POS: 7% declararam esta participação. As pessoas da família (incluindo o próprio entrevistado) que vivem na mesma casa não são, em sua maioria, beneficiários de outro programa da PMSP: merecem destaque os 28% que recebem o RM. Quando foram selecionados para o RM já estavam desempregados (79%) há 82 meses em média. Antes disto haviam sido empregados sem carteira assinada (50%) no setor de serviços (58%), desempenhando ocupações do tipo: ajudante geral, ambulante, auxiliar de vendas, costureira, cozinheira, diarista, doméstica, encarregada de serviços de limpeza e metalúrgica. No mês anterior ao da pesquisa tiveram alguma renda pessoal (64%), no valor médio de R\$ 152,88, advinda de “bicos” (40%). Gostariam de fazer trabalhos voluntários, mas não dispõem de tempo para tal (71%). Suas famílias são compostas de 4,93 pessoas em média, predominando as compostas por 4 pessoas (43%),

das quais duas tiveram algum rendimento no mês anterior ao da pesquisa (42%), ambas contribuindo para o orçamento familiar (67%). Sua renda familiar no mesmo período foi em média de R\$ 330,46 que se destinam ao sustento de, em média, 4,93 pessoas. No que concerne à sua vinculação a entidades da sociedade civil organizada, pertencem a associações de moradores do bairro (14%).

O perfil dos beneficiários a partir dos dados da SDTS

Como pode ser constatado na comparação dos resultados da pesquisa com os dados produzidos a partir dos cadastros da SDTS para o CN (quadro a seguir), embora sem o compromisso estatístico de representar o conjunto dos beneficiários, o perfil traçado é perfeitamente compatível. Destaque nas duas fontes de dados é a situação educacional de EM, que se mostra bem mais favorável do que a do CR.

Indicadores calculados pela SDTS	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Classe modal de sexo	Feminino (72%)	Feminino (65%)
Classe modal de estado civil	Casado (43%)	Casado (53%)
Classe modal de situação conjugal	Com cônjuge/ companheiro (53%)	Com cônjuge/ companheiro (62%)
Proporção de paulistas	16%	29%
Estado de origem da maior proporção de migrantes	Bahia (25%)	Bahia (25%)
Idade média	49,6 anos	46,6 anos
Classe modal de faixa etária	40 a 50 anos (61%)	40 a 49 anos (72%)
Classe modal de última série concluída	1ª série do ensino fundamental (27%)	4ª série do ensino fundamental (23%)
Proporção com ensino fundamental concluído	9%	20%
Proporção com ensino médio concluído	6%	5%
Proporção com ensino superior concluído	0%	0,3%
Classe modal de situação no mercado de trabalho	Assalariado com carteira assinada (100%)(*)	Faz “bico” (66%)
Número médio de pessoas na família	3,1 (*)	4,7
Renda média familiar	R\$ 91,38	R\$ 226,2

Indicadores calculados pela SDTS	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Classe modal de renda familiar	Até R\$ 100,00 (65%)	R\$ 200,01 a R\$ 400,00 (43%)
Classe modal de tipo de ocupação do domicílio	Própria (50%)	Própria (40%)

Fontes: SDTS, jun. 2002; SDTS, ago. 2003

(*) Estes dois dados parecem ter sido calculados no Capão Redondo com critérios um pouco diferentes porque parecem discrepantes em todos os programas.

Os Grupos Focais (GFs) ²¹

A composição dos GFs

Com o objetivo de garantir que o GF contivesse sujeitos representativos das mais diferentes condições de ex-beneficiários, com base no seu perfil produzido pela SDTS, os responsáveis pelo programa escolheram a seguinte composição para GFs de 13 pessoas:

- ✓ **Idade:** 1 ex-beneficiário com 40 anos, 1 com 45 anos e 1 com 55 anos (3);
- ✓ **Escolaridade:** 1 ex-beneficiário analfabeto, 1 com até a 5ª série do ensino fundamental e 1 com ensino médio (3);
- ✓ **Tipo de família:** 1 ex-beneficiário com cônjuge e 1 sem cônjuge (2);
- ✓ **Inserção anterior no Mercado de Trabalho:** 1 ex-beneficiário egresso da indústria e 1 egresso dos serviços (2);
- ✓ **Naturalidade:** 1 ex-beneficiário nascido em São Paulo, 1 nascido em Minas Gerais e 1 nascido no Nordeste (3).

O roteiro dos GFs

O roteiro acordado com os responsáveis pelo CN para conduzir os GFs com os(as) ex-beneficiários(as) do CN era o seguinte:

²¹ Cada capítulo tratará apenas das especificidades do programa em pauta, uma vez que os procedimentos comuns já foram descritos na **Introdução**. Como já foi visto, cada GF foi relatado. Partes destes relatos serão incorporadas ao corpo do relatório.

- ✓ Por que você acha que a PMSP implantou o programa no Município de São Paulo e na sua região em particular?

- ✓ Como você contaria a história de sua inclusão no programa?
(como soube do programa; por que resolveu inscrever-se; dificuldades enfrentadas para a inscrição – filas, atendimento, nível de informação etc.; crença no programa; crença na sua seleção para o programa etc.)

- ✓ De que tipos de atividades você participou? Você pôde escolher as atividades das quais participou? De quais atividades você mais gostou de participar? Por quê? De quais atividades você menos gostou de participar? Por quê?

- ✓ Você achava que a sua participação no programa traria alguma coisa nova para a sua vida? O quê? E para a vida de sua família? O quê?

- ✓ Como está sendo a sua vida após o desligamento do programa?
(mudanças ocorridas; obtenção de novas formas de geração de renda; melhoria de condições de vida; oportunidade de participar de outros programas; oportunidade de maior e melhor participação na vida da comunidade etc.)

- ✓ Na sua opinião, quais as principais qualidades do programa? Por quê?

- ✓ E os principais defeitos? Por quê?

- ✓ Você tem sugestões para que o programa se torne melhor para as pessoas, para as famílias e para as comunidades em que ele é implantado?

- ✓ Conhece outros programas da PMSP?

Os convites para os GFs

Foram feitos através de uma série de telefonemas para os ex-beneficiários do programa CN nos dias que antecederam a sua realização. Todos os ex-beneficiários contatados eram moradores dos distritos de CR e de EM, respectivamente, e suas características e direções constavam de listas de nomes sorteados fornecidas pela SDTS/PMSP para a equipe de pesquisa a partir de seus cadastros.

Havia uma certa preocupação por parte da equipe da pesquisa de que não houvesse interesse por parte dos ex-beneficiários em participar dos grupos em função de já estarem desvinculados do programa (alguns há muito tempo). Tal preocupação revelou-se descabida uma vez que todos se mostraram interessados em participar. Alguns poucos declararam que não podiam participar naquele dia e horário, devido a outros compromissos já assumidos, mas disseram que gostariam muito de ser convidados em um próximo momento.

No CR²², não houve recusa alguma e foram dados 75 telefonemas para confirmar 16 pessoas: 14 para o GF e 2 para as entrevistas domiciliares, obtendo-se, portanto, a relação de 4,5 telefonemas para cada pessoa confirmada para participar e de 5,6 para cada entrevista de fato realizada (quer no GF, quer no domicílio). As “causas conjunturais”, que incluíam desde a pessoa não estar em casa no momento da ligação até qualquer problema momentâneo com a linha telefônica, foram as mais freqüentes para o não êxito da ligação; seguiram-se as ligações que descobriram não haver a pessoa procurada naquele domicílio e os casos de telefone inexistente (mensagem da companhia telefônica).

Em EM, também não houve qualquer recusa e foram dados 67 telefonemas para confirmar 16 pessoas: 14 para o GF e 2 para as entrevistas domiciliares, obtendo-se, portanto, a relação de 4,2 telefonemas para cada pessoa confirmada para participar e de 4,8 para cada entrevista de fato realizada. As “causas conjunturais”, que incluíam desde a pessoa não estar em casa no momento da ligação até qualquer problema momentâneo

²² Embora o GF de EM tenha antecedido ao do CR, os comentários serão sempre feitos inicialmente para esse último, respeitando a precedência cronológica da implantação do programa nesse distrito.

com a linha telefônica, foram as mais freqüentes para o não êxito da ligação; seguiram-se as ligações que descobriram não haver a pessoa procurada naquele domicílio e aqueles em que o contato foi estabelecido, mas as pessoas não podiam participar do GF no dia e hora propostos (em iguais proporções) e, finalmente, os casos de telefone inexistente (mensagem da companhia telefônica).

A realização dos GFs

No Capão Redondo (CR), o GF realizou-se no posto de atendimento da SDTS e PMSP em Campo Limpo, situado praticamente no Largo do mesmo nome, de fácil acesso aos moradores do Capão Redondo, no dia 11/06/03, e teve duração aproximada de 1 hora e 35 minutos. Convidados para as 14 horas, os ex-beneficiários chegaram antes ou pontualmente. Participaram 10 mulheres e 3 homens: agentes comunitárias, costureiras, donas de casa e muitos que se autodefiniram na apresentação somente como desempregados. Uma das participantes levou o filho que ficou desenhando durante o GF e que, a pedido da facilitadora, doou um dos desenhos para os arquivos da pesquisa.

Como havia uma grande mesa retangular no meio da sala, optou-se pela acomodação de todos ao redor dela. No final do GF, o conagraçamento foi agradável, mas poucos participantes permaneceram por mais tempo.

Em Ermelino Matarazzo (EM), o GF realizou-se na Creche “Casa da Criança”, situada na Rua Tanazeiro, número 38, no dia 10/06/03, com duração aproximada de 1 hora e 45 minutos. Convidados para as 14 horas, muitos ex-beneficiários participantes do GF chegaram antes disso. O grupo contou efetivamente com 11 mulheres e 2 homens: nas falas de apresentação ninguém mencionou a sua profissão, mas sim a condição de desempregado.

No final do GF, o conagraçamento foi bem animado, com várias piadinhas sobre as coxinhas de galinha que um grupo que participara de uma cooperativa de culinária havia feito e que não tinha dado certo conforme relatado por uma das participantes.

Clima reinante nos GFs

Os GFs do CN não fugiram à regra de todos os demais: logo que o trabalho se iniciava, só elogios e comentários de aprovação eram feitos. À medida que o GF evoluía e a confiança aumentava é que surgiam as críticas e sugestões, sempre associadas à constatação de que o programa ajudava muito, de toda forma. Só aqueles participantes que chegavam muito “engasgados”, ávidos por um desabafo, é que logo na primeira fala destampavam “*o pote até aqui de mágoas*” (Chico Buarque) em que tinham se transformado os seus corações. Estes(as), no entanto, eram a minoria.

Algumas pessoas (aparentemente as julgadas mais inseguras e vulneráveis) eram acompanhadas por outras, aparentemente para dar apoio moral em geral. Algumas vezes, constatada a amistosidade do evento, os(as) acompanhantes se retiravam antes do final. Em outras, acabavam por incorporarem-se ao grupo, chegando mesmo a pedir a palavra e a participar ativamente.

No CR, nas palavras da relatora, o clima foi de atenção e colaboração, pontilhado por momentos de tensão devidos ao conteúdo e à forma das colocações de um dos participantes do sexo masculino. Seu jeito incisivo, autoritário, desconfiado e amargo destoava do tom dos outros integrantes do grupo, sendo que muitas vezes seus interlocutores respondiam a problemas lançados por ele, mas sem dirigir-se diretamente a ele. Essas pessoas agiram deliberadamente com solidariedade a seu momento de amargura, mas fizeram questão de expressar suas opiniões, sem quebrar a coesão do grupo. A polaridade respeito-desrespeito esteve presente quase o tempo todo. Por isso, a moderadora foi bem exigida para conduzir o grupo para seus objetivos de avaliação do CN e garantir que todos os presentes pudessem expressar suas idéias, compartilhando suas experiências diferenciadas no programa. Várias vezes foi preciso que ela lembrasse ao referido participante as regras do GF, pois ele tendia a discursar – aliás o que fazia com muita maestria e habilidade – e a polemizar em pingue-pongue com os demais colegas.

Em EM, também nas palavras da relatora, o clima foi de atenção, respeito e bom humor, o tempo todo. Alguns falavam mais, outros menos, mas todos participaram e assentiram com a maioria das afirmações. Demonstraram interesse de participar de novo do CN, se fosse possível. A moderadora conduziu habilmente sua explanação e incentivou a discussão dos pontos planejados com os participantes, sem que nenhum deles se sentisse não-ouvido, e sem apressá-los. Muitas vezes falavam todos juntos, compartilhando suas experiências diferenciadas no programa.

Levantamento dos principais aspectos abordados de forma recorrente nos GFs

De início, uma palavra sobre a diferenciação do próprio programa nos dois distritos: enquanto no CR o CN ainda não contava com uma estruturação uniforme, em EM já existia um módulo básico com conteúdos de cidadania, comum a todos os participantes, que antecedia qualquer outra atividade específica. Da mesma forma, no CR algumas pessoas indicadas foram convidadas a participar do Programa Oportunidade Solidária (POS) e em EM esta foi uma alternativa aberta a todos os participantes ainda que, no entender deles, de forma um tanto intempestiva, como será oportunamente descrito. Tais diferenciações parecem ter deixado os participantes no CR mais sujeitos às possibilidades concretas das instituições parceiras. Estes aspectos serão retomados também quando forem trabalhadas as informações colhidas junto aos monitores do CN e do BT nos dois distritos.

Aos comentários sistematizados seguem-se algumas das falas que os sugeriram. Algumas delas tocam em mais de um dos pontos listados, mas optou-se por mantê-las alocadas em um dos aspectos para que um pouco da articulação do pensamento dos entrevistados pudesse ser percebida pelos leitores. Os aspectos listados a partir dos GFs em cada distrito são os que foram mais enfatizados, não querendo dizer que tenham sido os únicos.

No Capão Redondo

O GF do CR, como foi mencionado no item “clima reinante”, foi muito polarizado em função das contundentes e amargas colocações de um dos participantes. Contudo,

excluídas as questões pessoais deste participante, na maioria das vezes, ainda que incomodados pela forma com que as críticas eram feitas, os demais participantes compartilhavam do seu conteúdo. Assim, ao sistematizar os aspectos levantados, tomou-se o cuidado de não listar somente aqueles aspectos exclusivamente da lavra participante polêmico.

- ✓ Os motivos percebidos como os que levaram o CN ao CR são: a carência do bairro com muita gente necessitada, o desemprego, a vontade de dar oportunidade aos que têm mais de 40 anos para começar algo diferente na vida e desenvolver o pessoal de baixa renda que estava desempregado.
 - *“Eu acho que é porque é um bairro muito carente.”*
 - *“Eu acho que é porque aqui tem muito desemprego.”*
 - *“Eu acho que ela [a Prefeitura (ou a prefeita?)] deu uma oportunidade para a pessoa começar alguma coisa diferente na vida.”*
 - *“Foi uma oportunidade muito boa que a Marta deu porque depois que passa dos 40 é muito difícil a gente encontrar emprego.”*

- ✓ Independentemente das restrições, o CN, no que se refere ao recebimento da bolsa em dinheiro, ajuda muito as pessoas e as famílias.
 - *“O que beneficiou foi o dinheiro. Todo mundo se beneficiou dele. Agora, tinha que ter um objetivo.”*
 - *“Eu não tive atividade nenhuma porque eu não fui chamada, mas o dinheiro foi ótimo.”*

- ✓ A discussão acerca de quem precisa e quem não precisa participar do programa, que foi central nos GFs do RM, quase não aparece em relação ao CN. Apenas uma referência de que é preciso uma avaliação séria para a seleção porque não é só o fato de a pessoa ser aposentada ou ter casa própria que determina o seu nível de necessidade.
 - *“Só que, a maioria lá do meu pessoal que foi, eles não conseguiram porque quem tinha casa própria, quem era aposentado, não podia. Mas eles precisavam tanto, coitadinhos. E eles ficaram tão decepcionadas.”*

- ✓ Os ex-beneficiários do CN souberam do programa das mais diferentes maneiras: na escola de seus filhos, por vizinhos, amigos e parentes, pelo pároco da Igreja, telejornais, funcionários da Prefeitura etc.
 - *“Eu fiquei sabendo através dos telejornais, através da minha filha também que trabalha na Prefeitura, e através da própria população passando um recado um para o outro: está fazendo inscrição. É o Renda Mínima, é o Começar de Novo, é o Bolsa Trabalho, e nas escolas das minhas crianças, que eram duas, também notificaram. Ainda deixei para o último dia mas eu fui.”*
 - *“Eu fiquei sabendo pelo padre da minha paróquia, chegou lá no nosso grupo e nos avisou: quem quiser participar do Começar de Novo, vocês vão fazer a inscrição.”*
 - *“Eu soube do programa através da minha filha. Eu fui até a escola, os professores é que estavam ali na mesa, fui muito bem atendida. Foi na Escola João Pedro Cavano Neto onde as minhas filhas estudam. Cheguei às 8 horas, 8 e cinco já tinha sido atendida. Não teve problema para mim. Eu achei uma coisa muito boa, estava há muito tempo parada. Eu vendo Avon, um trabalho informal para eu conseguir sobreviver. Esse trabalho veio a calhar e foi muito bom para mim. Pena que durou pouco, como disse o colega.”*

- ✓ Havia um alto índice de descrença na concessão real do benefício quando da inscrição. Assim, a inscrição era feita, mas a efetivação da inclusão no programa – da qual duvidavam até o recebimento do primeiro dinheiro – é muitas vezes atribuída à sorte e/ou à dádiva divina.
 - *“Eu não acreditava. (...) Só fiquei confiante no dia que eu fui no Banco do Brasil, que me deram o cartão. Eu ainda não estava acreditando. Só acreditei no dia que eu fui e retirei o dinheiro. Aí eu passei a acreditar. Só que a alegria de pobre dura pouco. Quando você pensa que você está comendo queijo, você está comendo é o fel. O que já foi já passou, você nem viu ele passar. Chegou na hora, acabou. Foi falado para mim que era um ano. E durou 6 meses.”*
 - *“Eu acreditava demais. Tenho muita fé em Deus a gente consegue tudo porque o que vale não é a beleza, não é roupa, não é sapato é a fé em Deus no coração. Então foi tudo ótimo, foi muito bom.”*

- *“Eu não acreditava muito, mas fui assim mesmo. A minha mulher insistiu e eu fui. Fui muito bem atendido, preenchi a ficha legal, fui chamado lá, fiz o cartãozinho, recebi os seis meses sem ir lá. E eu perguntei: ‘E o trabalho?’ O rapaz falou: ‘O trabalho é com a Prefeitura. Você aguarda lhe chamar.’ Aí todo final do mês eu ia lá e pegava uns troquinhos e até agora não me chamaram. Só que acabou de novo e eu estou doido para começar de novo.”*
- ✓ As expectativas depositadas no programa, inclusive com a utilização literal de seu nome, levaram a muitas frustrações em função da forma não sistemática e diferenciada de sua implantação no CR. Alguns esperavam conseguir sólida formação profissional que lhes permitisse encontrar trabalho, outros esperavam trabalhar diretamente, até como forma de retribuir a bolsa que estavam recebendo, outros ainda tinham a expectativa inversa de nada ter que fazer em troca da bolsa. Como não houve a possibilidade de escolha das atividades (como a ficha de inscrição deixou transparecer para muitos deles), algumas destas expectativas foram drasticamente frustradas enquanto outras pessoas, ao ganharem o que não esperavam ou pediram, ficaram agradavelmente surpreendidas com a novidade. Por outro lado, o fato de muitas pessoas terem recebido os 6 meses da bolsa sem participar de qualquer atividade deu não só a sensação de estarem recebendo caridade, como um desalento por acharem que iriam sair do CN do mesmo jeito que entraram: sem a chance de Começar de Novo.
- ✓ *“Eu só fiz o curso de computação. Não aconteceu mais nada.”*
- ✓ *“A minha expectativa é que eu pensei que a gente ia aprender alguma coisa para continuar trabalhando, indo para frente. Mas um curso de um mês e uma semana não deu para aprender nada.”*
- ✓ *“A minha expectativa era que eu ia receber o dinheiro sem trabalhar. Essa foi a minha expectativa, mas aí foi ao contrário. Me chamaram para trabalhar, nossa! Chegou a fazer 5 anos que eu estava parada, foi uma reviravolta na minha vida. Eu gostei, me senti ativa novamente.”*
- ✓ *“Terminou o programa, você ficou do mesmo jeito que você entrou: sem emprego, sem saber o que você aprendeu.”*

- ✓ *“Eu fiz a inscrição, só que eu não esperava que fosse chamada tão rápido. Em pouco tempo já fui chamada e fui fazer uma coisa que eu queria fazer, desde os meus 15 anos que eu parei de estudar, porque lá quando eu estudei fiz só até a quinta série. E veio estudo para mim eu gostei tanto e estou até hoje estudando. E esse ano estou fazendo a sexta, a sétima e a oitava [séries]. Esse ano. Então eu acho que ela me deu uma oportunidade que eu estava querendo desde os 15 anos. E agora eu consegui através da Marta.”*
- ✓ *“Quando eu me inscrevi, eu coloquei artesanato. Eu pensei: eu vou pôr artesanato porque depois se me chamarem para fazer alguma coisa, eu sei fazer alguma coisa que é artesanato. Aí não me chamaram para artesanato. Entrei certa que era artesanato. Sabe aquele negócio que você tem certeza? Quando veio a escola para mim foi surpresa. Também adorei.”*
- ✓ *“A minha atividade foi nenhuma. Foi aquilo que eu falei para a senhora: era um dia aqui; amanhã não tem outro lugar para ficar. Só que não teve esse negócio de computação, não teve esse negócio do Pico do Jaraguá. Não teve nada disso.”*

- ✓ Segundo os participantes dos GFs, foram as seguintes as atividades que lhes foram oferecidas durante os 6 meses da bolsa: curso de computação com duração de 5 semanas; volta à escola para ampliar a escolaridade; oficina de reciclagem; experiência na Companhia de Engenharia de Tráfego (CET); ginástica; curso com agrônomos com duração de 3 dias; trabalho na rua fazendo fichas para o Sistema Único de Saúde (SUS); passeios a museus, exposições e pontos turísticos; aulas de cooperativa; atividade agrícola numa granja e NENHUMA atividade. A avaliação que fazem de sua participação nestas atividades é variada sendo que em algumas falas transpareceu o desgosto com as oficinas, vistas como atividades infantis que nada acrescentam para os adultos que podem até sentir-se diminuídos com este tipo de proposta de trabalho. Já o retorno ao ensino formal foi muito bem visto por quem teve esta oportunidade não só por ser uma maneira de recuperar um tempo perdido como por ser um pré-requisito indispensável para o mundo do trabalho formal hoje. A atividade na CET foi pouco duradoura porque os responsáveis por ela acharam que não era adequada para a faixa etária dos selecionados, muitos deles com problemas de saúde.

- *“A princípio nós fomos fazer oficina para depois ir para a computação. Oficina eu fiz: saúde, como conviver com os amigos, como respeitar o amigo. Depois nós iríamos para a rua, como de fato nós fizemos um grupo de 8, entrava no Jardim Redimbé, que é o bairro onde eu moro, muitos vinham de outros lugares também e entrava na favela para preencher fichas que seria do SUS. Então nós trabalhamos muito nessa área aí. A princípio a oficina, depois computação, depois fomos para a rua mesmo. Depois voltava ao ponto inicial que era o posto do Jardim Lígia. Foram 6 meses de atividade.”*
 - *“Eu não tenho nem o que falar porque eu recebi e não fiz nada. Tem que começar de novo.”*
 - *“Eu fiz umas atividades, eles deram umas explicações do que era cooperativa. Aí passou os 6 meses. Só explicaram o que era cooperativa, mas a cooperativa não saiu.”*
 - *“Comigo aconteceu igual ele: só recebi mas não fui chamada para fazer atividade nenhuma. Fiquei em casa. Eu não fiz informática, recebi durante 6 meses.”*
 - *“A aula que a gente teve lá, é até engraçado, fazer desenho. Eu me senti lá embaixo. Fazer desenho, ver quem sabia mais que o outro. Desenho de você cortar revista. Sabe numa creche? Isso não é oficina. Oficina que não leva para frente não é oficina.”*
 - *“Eu fiquei no desenho e naquela parte de reciclagem da garrafa fazendo aqueles vasinho. Eu falei para o professor: ‘Eu gostaria muito de fazer computação.’ Mas não consegui. Acho que não tinha. Fiquei na reciclagem mesmo. Foi só desenho e fazer aqueles vasilhos de garrafa.”*
 - *“Eu gostaria que eles tivessem conseguido fazer a gente entrar [na CET] porque a gente não queria ganhar esse dinheiro sem trabalhar. A gente queria aproveitar bem aquele trabalho.”*
- ✓ Os principais defeitos atribuídos ao programa foram: curta duração dos cursos; curta duração da bolsa em geral; falta de possibilidade de escolha das atividades das quais iriam participar; desorganização; falta de local fixo para as atividades; desqualificação do pessoal de cadastramento e de alguns instrutores; falta de divulgação. Houve também quem não tivesse visto defeitos no programa.
- *“Não teve nada de negação. Tudo correto. A coisa que eu mais queria era estudar e sair primeiro o estudo.”*
 - *“Em primeiro lugar eu desejo que a Marta tenha um bom governo. E quero agradecer também por essa oportunidade que ela nos deu de Começar de Novo. Apenas que foi muito pouco, foi 6 meses só, quase não deu para fazer nada.”*

- *“O que ela fez foi uma coisa certa pelo caminho errado. Porque o Começar de Novo, ele veio para você aprender uma profissão. Então tinha que ser uma coisa levada a sério. Só que, um dia você dava um estágio aqui, outro mês já não sabia para onde você ia. Aonde eu achei errado foi aí.”*
 - *“Você aprendeu a profissão pela metade não pode desenvolver a sua profissão. Então é aonde eu achei errado foi isso aí. E continuo achando errado. Quem quiser me crucificar que me crucifique, mas vai me crucificar na verdade. Eu não gosto de mentira.”*
 - *“No meu ponto de vista ela trouxe esse programa para desenvolver o pessoal de baixa renda que estava desempregado. Só que as pessoas que iam fazer esse programa não foram pessoas qualificadas.”*
 - *“O Começar de Novo foi bom. Só que é aquilo que eu volto a falar: foi bom sem ter uma organização. Não teve organização.”*
 - *“A má qualidade é que acabou logo. Não durou. Não deu para aprender direito. Tinha que ser os 6 meses completo aí ia ser maravilha.”*
 - *“É o que foi o ruim é que foi só 6 meses.”*
- ✓ As qualidades atribuídas ao programa dizem respeito a: oportunidade de formação/ampliação de redes sociais; integração social; reintegração ao mundo do trabalho; retomada da busca por uma maior escolaridade; a mera existência do programa.
- *“A qualidade foi bom demais. Foi maravilhoso! Aquele curso a gente teve bastante amigas, era uma delícia.”*
 - *“Foi bom porque deu a chance para a pessoa que tinha mais de 40 se reintegrar na sociedade trabalhista.”*
 - *“A qualidade é que eu fiz muitas amizades lá com as colegas.”*
 - *“Uma qualidade é o povo se integrar porque moramos todos no mesmo bairro, mas não conhecemos a todos. E nesse trabalho aí todos se integram. Eu fiz muitos amigos. Não sei se com todos foi a mesma coisa, mas para mim, fizemos muitos amigos como a assistente social do Posto do Capão Redondo, a gente conhecia ela assim, ficava até com medo da Alda. Mas aí conhecemos e a Alda de perto é uma ótima pessoa. Como o colega disse, a gente pode ter acesso a*

ela, conversar com ela, com problema psiquiátrico, leva uma coisa lá e conversa. Quer dizer, você integrou e fez aquilo.”

✓ As principais sugestões apresentadas para melhorar o programa foram: mais organização; local certo e pré-determinado para as atividades; dar emprego; fazer cooperativas; desenvolver uma profissão; mais qualificação do pessoal envolvido (“*deveriam ser pessoas como as da equipe de pesquisa*”); verificar no momento da seleção quem de fato precisa desta oportunidade; ter atividades para todos durante todo o tempo da bolsa; criar mecanismos que permitam a quem já participou do programa passar para as outras turmas o que aprendeu ou o que já sabia, multiplicando em muito a capacidade de atendimento do programa; dar uma nova oportunidade de participação a quem já participou sem atingir seus objetivos. Como aconteceu em uma entrevista do RM, uma participante do GF do CN disse que o que está precisando melhorar mesmo é o sistema de saúde do CR.

– *“O que eu acho que para o programa ser levado a sério ele tinha que ter um local certo, num endereço certo, um horário certo. Tipo uma escola. Você tem a sua escola aqui vamos supor nesse prédio, tem a sua sala, tem os seus professores e todo dia você está estudando. Se você estuda hoje aqui nessa sala, amanhã você vai para o Guarujá, depois você vai para Valo Velho, e amanhã você não tem lugar para você ir. Você vai aprender o quê? Você não vai aprender nada. Então você entra de um jeito e sai do mesmo jeito. A única coisa que beneficiou foi o dinheiro que você recebeu.”*

– *“Eu não porque já arrumei um emprego. Mas eu digo por elas que não arrumaram, que não tiveram um outro emprego, aí poderia ser tipo assim: podia fazer o curso e já um encaixe no emprego efetivo que seja. E aí ia depender da capacidade de cada um de três meses em experiência.”*

– *“O que eu tenho que falar é que pelo menos para mim me ajudou muito, eu queria que voltasse de novo. Se pudesse ia ser muito bom.”*

– *“A pessoa que vai entrar para fazer a inscrição tem que ser como vocês [da pesquisa]: pessoas qualificadas, pessoa que sabe o que está fazendo, não uma pessoa que pede uma palavra e se encontrar com ela lá fora ela não sabe o que é.”*

– *“Mas aí se é o Começar de Novo, deveria dar emprego para a pessoa.”*

- *“A sugestão para o programa ser melhor é que voltasse de novo a profissão para as pessoas fazer, ter uma atividade e não se sentir inútil dentro de casa. Porque passou dos 40 anos a gente não acha mais trabalho.”*
 - *“Como emprego. Não a pessoa receber sem fazer nada. Você vai receber, você vai aprender e você vai continuar. Agora, continuar com todos os seus benefícios. Você vai pagar o seu INSS, você vai participar de tudo. É um emprego que está te dando. A gente te ensinou e a gente está te empregando.”*
 - *“O que eu espero é o seguinte: é que esse dinheiro não siga como uma esmola, que a pessoa seja útil de ganhar esse dinheiro e não sejam dinheiro curto de 6 meses, 9 meses. Você vai viver. Você não vai viver. Você não vai viver nove meses. Você pode viver só hoje.”*
 - *“Seria melhor, por exemplo, as pessoas que fossem qualificadas no trabalho, que nem ela falou, que fosse já preparada e qualificada que fosse passando para os outros. Por exemplo, alguém pegasse para ensinar os outros mesmo ali naquele local e ia passando.”*
 - *“A sugestão para melhorar o programa, deixa ver o que eu vou dar, a sugestão de Começar de Novo: uma nova oportunidade. Que desse nova oportunidade.”*
 - *“E a má qualidade do programa é, como ele mesmo já disse, nós estávamos um dia na ação operária, outro dia num lugar ruim. Não tinha um posto fixo. Mas, contudo, para mim, mesmo assim eu aprendi muita coisa. E a sugestão para melhorar o programa é ter um ponto fixo.”*
- ✓ Quanto ao benefício, é usado principalmente para suprir as necessidades básicas do cotidiano (com destaque para a alimentação), para realizar pequenos sonhos há muito acalentados e, em um único caso, na compra de uma máquina de costura que tem possibilitado alguns ganhos para a ex-beneficiária.
- *“É claro que o dinheiro. É pouco é pouco, mas serviu para comprar alimento, para comprar roupa, para pagar dívida, mas você tem que ter um incentivo. É apenas um começo.”*
 - *“Eu investi numa coisa: fui passear no Rio de Janeiro. A minha família mora lá, então nas férias aproveitei e fui. Estava trabalhando. Se fosse hoje o Começar de Novo o dinheiro não ia para o Rio, mas eu ia pôr dentro de casa para ajudar na despesa. (...) Fiz essa viagem porque fazia tempo que eu queria fazer, a minha família mora lá e eu queria ir, mas o dinheiro não dava. Então aproveitei e fui fazer essa viagem.”*

- *“Eu tive oportunidade de comprar uma máquina e trabalhar para aquele dinheiro não ficar sem eu alterar ele. Depois que passasse os 6 meses eu não ia ganhar nada porque eu não empreguei o dinheiro. Como é que eu ia trabalhar sem uma máquina? Então eu comprei uma máquina e comecei a trabalhar devagarzinho. Faço conserto de roupa para o pessoal, eu ganho uns trocados que vai dando para comprar o meu pão de cada dia. Isso foi bom para mim.”*

- ✓ A centralidade da questão do trabalho – sua indispensabilidade e a dificuldade concreta de consegui-lo – é algo que angustia bastante o público do CN, todo ele com idade acima de 40 anos e com escolaridade bastante reduzida. Daí o acerto da implantação do CN Emprego, ainda que só atinja aqueles com maior escolaridade.
 - *“Nós com 40 anos não entramos mais em lugar nenhum para trabalhar. Nós não temos emprego de fato para trabalhar.”*
 - *“O que eu tenho para falar é que estou desempregada, eu queria trabalhar, não tem emprego e o que eu não gosto é de ficar dentro de casa sem fazer nada.”* (primeira fala de uma mulher no GF)

- ✓ Quanto à participação em outros programas, havia ex-beneficiário do RM cortado no cadastramento e, ficava claro que as pessoas que estavam falando de cooperativa tinham passado pelo POS, só que sem ter noção disto. Outras pessoas mencionaram a participação por um ano na frente de trabalho do governo do Estado de São Paulo.

Em Ermelino Matarazzo

- ✓ Os motivos percebidos como tendo sido os que levaram o CN a EM são: carência da área; incentivo ao trabalho por conta própria; geração de emprego nos novos negócios para as pessoas com mais de 40 anos e a demonstração de que ainda é possível trabalhar depois dos 40. Vale ressaltar que a menção ao que “ela fez ou trouxe” permanece em todos os grupos, sendo usada indistintamente para a Prefeitura e para a prefeita, como se a segunda fosse a personificação da primeira.
 - *“Eu acho que é porque é uma área muito carente e necessitava muito de ajuda porque, lógico, São Paulo inteiro precisa de ajuda, não só Ermelino Matarazzo, mas acho que ela viu que*

aqui no Ermelino Matarazzo tem muita população, muita gente carente, muito desempregado, a maior parte do povo todo vieram morar aqui na zona leste. Então a minha opinião, eu acho que ela viu que seria uma área que precisava ela mexer primeiro. Essa é a minha opinião.”

– *“Eu acredito que seja isso. Ela queria que a gente trabalhasse por conta da gente mesmo, ter o negócio da gente. Eu acho.”*

– *“É que teve muitas pessoas que pensavam que a pessoa que já tinha acima de 40 anos não tinha mais condições de trabalhar. Então ela implantou esse benefício, para que todos arrumassem um emprego e fossem para frente.”*

– *“Para a gente ter o seu próprio negócio e gerar empregos. Pelo o que a gente aprendeu e deu para perceber, era a geração de emprego também para as pessoas e acima de 40 anos.”*

✓ Em muitos depoimentos, destaca-se o consenso em relação à importância do CN como forma de ajuda – financeira e não financeira – às pessoas acima de 40 anos, que se sentem marginalizadas e excluídas do mercado de trabalho, vivendo o problema permanente do desemprego e vendo isto se refletir na sua postura diante da vida: em casa com os filhos e o marido, com os amigos etc.

– *“A gente se sentia muito excluída e aquela participação ali, todo dia aquele curso conversando, aprendendo coisas diferentes, nós começamos a se sentir útil. As mulheres de 40 elas se sentiram com 20.”*

– *“Ajudou muita gente e a gente fica com planos de tentar alguma coisa.”*

– *“Porque é um problema que você não pode resolver da noite para o dia, o problema do desemprego.”*

✓ A relativa crença na obtenção da bolsa era comum, sempre reforçada, ou mesmo baseada, na fé em Deus e no apelo à sorte. A necessidade de conseguir um caminho para a própria vida levou a maioria à inscrição mesmo que “só por tentativa”, enfrentando filas e tumultos como quase todos relataram tanto para a inscrição inicial como, principalmente, para pegar o cartão. Havia total desinformação quanto ao local, a hora e a data da inscrição, talvez porque a maioria tinha tomado conhecimento do programa através de vizinhos e amigos e não por uma fonte oficial de informação. Somente uma participante do GF disse ter conseguido inscrever-se

tranqüilamente ainda que tenha tido muitos problemas para pegar o cartão. Houve inclusive um complicador externo que todos mencionaram: greve de ônibus no dia em que todos tinham que se deslocar até Itaquera para pegar o cartão.²³

- *“E corri muito atrás também por necessidade mesmo.”*
- *“Como já falaram que foi difícil para fazer a inscrição, mas para mim não foi. Eu fui na Escola Otávio Mangabeira, cheguei lá não tinha ninguém na minha frente, fui eu e uma amiga minha. Daí nós pegamos a senha, depois fomos fazer a inscrição, no começo foi tudo bem. Só depois para pegar o cartão, aí que foi mais difícil porque foi lá no centro de Itaquera. Eu fiquei sabendo por amigas, também, mas eu nem sabia se era aquele dia, se ia continuar. Eu fui por uma tentativa.”*
- *“Falando sinceramente, tem que falar com sinceridade, eu fui por necessidade. Eu fiquei sabendo, eu não acreditava muito, mas a gente tem que ir para ver que nem São Tomé: tem que ver para crer. Então eu falei: ‘Eu vou me inscrever para ver se é verdade.’ E depois eu vi que era verdade e gostei do que veio depois, que foi o curso tudo.”*
- *“Eu fiquei sabendo por intermédio de outras pessoas para a gente se inscrever e sofri muito na fila. Tive que madrugar, inclusive teve muito tumulto. E o dia que a gente teve que ir lá no SESC, quando chegou quase a minha vez, acabou os cartões e justamente no dia que estava marcado para eu ir lá era o dia de greve dos ônibus. Mas como nem tudo está perdido, um vizinho meu também tinha que ir parar lá, ele tinha carro e a gente foi junto. Quer dizer, todo o mal teve um bem. E eu soube por intermédio de outras pessoas que falaram: ‘Está tendo uma inscrição na Escola do Cruzeiro.’ Aí eu fui por intermédio de outras pessoas.”*
- *“Foi através da vizinhança. Uma vizinha sabe, a outra sabe e foi assim. Uma coisa muito interessante que uma falava: ‘Não. É hoje.’; outra falava: ‘Não. É amanhã.’ Aí uma ia às 5 [horas] da manhã, outra saía às 4 [horas] da manhã. Aí uma ia e falava: não é nesse lugar é em outro. E nisso foi indo. Eu sei que cheguei aqui na escola era 5 [horas] da manhã, aí ficamos esperando até 7. Chegou as 7 da manhã, não era nesse dia. Aí ficou para outra semana. Chegou na outra semana a fila estava como daqui lá no centro de São Paulo de tanta gente que tinha, daqui do Ermelino até o centro de São Paulo. Eu falei: ‘Ah não. Eu não vou*

²³ Mais de um episódio bizarro foi relatado: o primeiro foi o caso de uma pessoa que acabou sendo beneficiária do CN junto com o marido, conseguiu as senhas para inscrição no chão porque umas pessoas, vendo a confusão, tomaram-se de descrença e desespero e jogaram as senhas fora! O segundo foi de uma pessoa que tentava inscrever-se, mas teve que enfrentar uma crise nervosa da pessoa encarregada pela inscrição.

ficar porque é muito tumulto, é muita confusão.’ Fui para casa. Cheguei em casa, falei: ‘Sabe de uma coisa, quem sabe agora já tem menos gente?’ Cheguei lá tinha vinte pessoas só. Mas já foi mais tarde. Aí cheguei, esperei, a moça também não queria dar a senha porque teve muita confusão, muita briga, aí a gente juntou umas 10 e vamos: ‘Quando ela se acalmar ela dá para gente de novo.’ Aí ela se acalmou, foi lá tomou uma água, ficou lá de plantão, ficou com dó da gente e deu a senha. Aí foi umas 4 da tarde eu fui embora com a minha senha. Cheguei em casa e: ‘Bom, é só Deus’, porque eu sou daquelas assim: eu costumo falar que eu não tenho sorte, então eu falei: ‘Vou esperar a minha sorte. Se for a minha sorte vou ser chamada. Se não...’ E graças a Deus fui chamada e gostei. Foi cansativo como todo mundo que fez, foi cansativo, mas foi bom. (...) Ela não estava nervosa. Porque era muita gente desde da noite do outro dia e era muita gente. Um gritava, o outro passava na frente. Tinha gente que dava 10 [documentos de] identidades para pegar senha para os 10. Então foi um tumulto muito grande. Ela tinha que ficar nervosa mesmo. Então, depois que ela respirou bem e se acalmou, a gente queria a senha, tinha que esperar ela se acalmar. Então a gente ganhou na persistência.”

– *“Em relação ao tumulto e em termos de informação fiquei sabendo através de vizinho e de televisão, foi uma coisa meio difícil porque você vai, pega a senha, tem que ir no seu dia, no seu horário, mas graças a Deus fiz, confiei e acreditei e estou aqui. Agora, o tumulto maior foi só lá em Itaquera porque era muita gente, as filas, o horário, às vezes a falta de números, a greve dos ônibus também. Mas nada que não deu para solucionar. Graças a Deus acreditei estou aí e espero que através desse programa venham outros. Está muito bom.”*

✓ Todos se acharam bem informados e atendidos quando do cadastramento, embora alguns tenham permanecido achando que estavam indo para um emprego e não para um curso. Contudo, não se mostraram decepcionados ao perceber o engano porque se achavam muito necessitados de novas informações, conhecimentos e habilidades para tentar “começar de novo”.

– *“Eu fui não pensando no dinheiro, eu fui pensando que eu ia trabalhar. Eu fiz a inscrição não pensando no dinheiro, pensando que eu ia arrumar um emprego e que eu ia trabalhar. A minha intenção era essa: trabalhar. Eu acho que a maior parte das pessoas também, eu creio, que foi pensando em arrumar um emprego porque a gente tem 40 anos e está difícil. Quem tem 20 já*

está difícil, quem tem 18 está difícil, quem tem 40 então! A minha intenção de correr mais para fazer foi essa: de arrumar um emprego de alguma coisa.”

- ✓ Durante o tempo de recebimento da bolsa, havia a exigência de, como contrapartida, frequentar os cursos e as atividades propostos pelas instituições parceiras. Em EM, foram as seguintes as atividades das quais os entrevistados disseram ter participado: todos passaram pela primeira fase que se constituiu no módulo básico de cidadania no qual grande parte do aprendizado se dá através de dinâmicas. Alguns entrevistados identificavam este módulo como “o Começar de Novo”. Na segunda fase, alguns fizeram curso de computação, outros foram encaminhados para a alfabetização, outros ficaram esperando uma alternativa que lhes conviesse e que nunca chegou e, finalmente, uma parcela foi para a “fase da cooperativa”.
 - *“A gente foi para a cooperativa, fomos ter informações para formar a cooperativa. Fomos dividida em grupos e cada grupo viu que tipo de cooperativa queria participar.”*
 - *“Eu fiz o Começar de Novo, depois fiz o cooperativa e fiz também o computação e depois nesse curso que nós fizemos da cooperativa não deu certo porque, eu acho, que nem ela já comunicou ali, que tinha que ter confiança. E acho que para a gente montar uma cooperativa tem que ter união também, bastante união.”*

- ✓ As principais qualidades do programa, segundo os participantes do GF de EM foram: a qualidade do que foi oferecido; a oportunidade para os que não tiveram chance na vida e ter se constituído numa verdadeira terapia para quem se sentia totalmente desesperançado.
 - *“Sobre atividades todas que fiz do começo até o fim eu gostei. Para mim foi uma terapia porque eu, como todas as colegas que estão aqui e a maioria que não estão aqui estavam em casa com problema, preocupação, desempregada aquelas coisas de casa que você fica dentro de casa e você não sabe: você olha para o filho e briga com o filho, falava com o marido grita com marido, tudo te irrita, você olha para televisão nada presta. E então quando eu comecei o Começar de Novo, foi à noite, como falei no começo que me apelidaram de Risadinha, então tinha bastante atividade e ali eu me senti em casa.”*

- *“Gostei da fase do curso, do Começar de Novo, fiz várias amizades que para mim foi muito bom, foi uma terapia, eu estava com muitos problemas então me ajudou muito a me conhecer, a conquistar a minha auto-estima, e o que eu não gosto mesmo no momento é a necessidade que todos nós estamos passando em termos de desemprego, necessidade, doença em geral, e estar muito mal. Espero em Deus que melhore não só para mim, mas como para todos.”* (primeira fala de uma entrevistada no GF)
 - *“Eu acho que a qualidade é em dar oportunidade às pessoas que não tiveram chance. Essa é uma grande qualidade.”*
- ✓ Os principais defeitos apontados foram: alguns terem permanecido um bom tempo sem atividade alguma (embora de maneira muito menos crítica do que no CR, isto também foi mencionado em EM); o não recebimento do diploma do curso feito, o que impede a comprovação para efeito do mercado de trabalho (alguns disseram ter recebido diploma e outros não, o que leva a crer mais uma vez em diferenças de atuação das instituições parceiras do projeto); a impossibilidade de escolha das atividades desenvolvidas; a não realização de grande parte dos grupos que constavam como opção inicialmente; a falta de qualificação dos instrutores na fase profissionalizante do programa; a falta de um local fixo; a desorganização; a separação dos grupos da primeira para a segunda fase (no GF dos monitores este foi um ponto muito discutido e apontado por eles como um dos principais erros na implantação do programa em EM, como será visto no capítulo específico); despreparo e desinformação para a fase de cooperativa – questão que ocupou bastante tempo da discussão no GF e merece um tópico em separado.
- *“Eu fiquei dois meses no curso só estudando. Foi bom porque tinha muita coisa que a gente não tinha conhecimento como o Estatuto do Adolescente e aprendemos muita coisa. Só que quando terminamos ia receber o diploma e não veio. Eu não recebi. Aí ficou para hoje, recebe amanhã. Tinha outros cursos, eu escolhi costura. Também não arrumaram. Aí foi a época que parou de vim a verba, aí eu também tinha que me virar. E não fiz mais.”*
 - *“Não é isso. Os monitores eram bons. Mas os cursos profissionalizantes não tinha pessoas capacitadas para passar para a gente. É isso. E os cursos que eles puderem colocar melhor porque cada um quer fazer alguma coisa, cada um quer ter uma profissão ou já tem mas quer se*

especializar naquilo, então eu acho que daqui para frente poderia ver esse lado aí. Uma maior profissionalização para os grupos.”

- *“Eu preferia um curso de computação. O pessoal estava falando que ia ter curso para computação, cozinheira, jardinagem, costura, vários cursos. E depois que terminou o primeiro módulo não teve nada disso. Aí a gente ficou meio perdido. Depois eu fiquei sabendo que se eu fosse fazer o da cooperativa seria melhor porque era um grupo da USP, era um pessoal da USP que vinha para dar aula, aí eu falei: ‘Então eu vou fazer esse.’ Mas a gente, e os novos que estavam nesse grupo, não estavam se entrosando bem porque quando a gente estava no outro curso, no primeiro módulo, a gente já se conhecia então o grupo estava bem entrosado. Eu acho que deveria ter continuado aquele grupo, mas não, foi desfeito e começou outro grupo. Então a gente ficou sem confiança para montar uma cooperativa porque uma cooperativa eu acho que a gente precisa se conhecer, ter confiança um no outro e isso demora um pouco para se conseguir. Então ficou assim tudo no ar, não ficou nada certo. Inclusive agora eu também não estou indo no da cooperativa e eu nem sei se está continuando.”*
- *“Mas o defeito é como eu falei: separar os grupos que começaram no início porque aí a gente fica totalmente perdida.”*

- ✓ Os beneficiários permaneceram no programa entre 6 e 9 meses, conforme o seu envolvimento, “na fase de cooperativa”, como eles dizem. Isto não está absolutamente claro para eles: identificam como continuidade do CN, da SDTS/PMSP, mas não identificam como sua passagem por outro programa – o Programa Oportunidade Solidária (POS), muito menos pelo Projeto Desenvolvimento Solidário (PDS) - e não conseguem se situar de maneira a considerar a proposta como uma alternativa viável de ganhar o seu sustento. Muitas são as razões por eles apontadas para isto: falta de uma infra-estrutura para a montagem do negócio; impossibilidade e medo de investir o que não têm em algo que poderá dar certo ou não; a não informação antecipada de que a cooperativa seria uma alternativa para que, desde o início, parte do benefício fosse canalizada para uma poupança com esta finalidade; despreparo para as diversas etapas envolvidas na proposta (como real capacitação para a produção; dificuldades com o cálculo econômico dos custos e do preço de venda etc.); impossibilidade de dar continuidade à cooperativa depois do período em que receberam a bolsa porque

têm que voltar a garantir o sustento da família; razões não-financeiras, tais como falta de entrosamento, de união e de confiança entre os sócios (o que só se constrói com tempo de convivência, com amizade, com parceria), coisas significativas demais para serem construídas em tão pouco tempo, ainda mais quando os grupos da primeira fase, nos quais a “grupalização” e o sentimento de pertencimento já estavam embrionários, foram desfeitos. Tantas incertezas também geram migração de um grupo de cooperativa para outro em função não mais das habilidades específicas ou dos desejos, mas da avaliação feita da “qualidade e da possibilidade” de cada grupo. Não bastassem estas razões, ainda houve, na assim chamada “fase da cooperativa”, uma maior inclusão de bolsistas do BT: jovens com outras mentalidades e vivendo um outro momento da vida, o que foi percebido como uma dificuldade adicional à coesão necessária para uma empreitada tão nova e tão justamente temida. Foi ainda levantada a distância entre o que era dito pelos formadores da segunda fase, percebido como muito teórico, e o que era percebido como realidade pelos participantes: a fala dos primeiros de que a cooperativa era viável soava aos segundos como “insistência” e “tentativa de convencimento” e não como algo que de fato fosse capaz de viabilizar a empreitada. Os monitores do CN e do BT, que participaram de um GF específico, atribuíram estes problemas à ruptura ocorrida entre a primeira e a segunda fase: mudança de grupo, de monitores, de locais das atividades e até mesmo das instituições responsáveis (predominando na segunda fase as não vinculadas ao dia-a-dia do pessoal do bairro).

- *“Eu só parei porque, como todas nós temos família, eu tenho que sustentar a minha família, então tem que procurar uma sobrevivência. Às vezes, quando eu não arrumo um bico, eu vou no curso. Parou a bolsa eu tive que arrumar uma renda para a minha família. Depois da bolsa ainda fiquei mais um mês. (...) E também o grupo da costura não continuou, se desfez, senão eu teria continuado.”*
- *“Eu escolhi assim: no início eu queria participar de bonbonnière, que meu sonho era abrir uma bonbonnière, eu gosto de mexer com doce, mexer com comida e como eu achei um grupo muito pequeno, muito fraquinho, eu fui para o grupo da costura e eu fiquei no grupo da costura.”*
- *“No meu grupo tinha muitos jovens. E eles me davam muito trabalho.”*

- *“Para mim foi ao contrário porque no meu último curso agora da cooperativa teve jovens mas foram muito educados, muito comportados. No começo eu também fiquei assim assustada porque o jovem hoje em dia faz mesmo, fala a verdade, a gente tem filho mas sabe que são um furacão.”*
- *“Eles [os jovens] com essa rebeldia deles, se a gente prestar atenção tem coisas, não a rebeldia, mas tem coisas que eles têm a ensinar para a gente. Muitas coisas eles têm para ensinar.”*
- *“Como tudo na vida que a gente vai fazer, tem que ter a união primeiro. Não adianta você ter o dinheiro e não ter o grupo unido para saber movimentar aquele dinheiro. Então o dinheiro ajuda muito, mas não é tudo porque se você não, vamos supor, nós estamos aqui em grupo, nós vamos montar uma cooperativa, não adianta só ela ter um dinheiro. Ela vai ter o dinheiro, mas, se nós não nos unirmos para aquilo que a gente vai fazer, o dinheiro dela vai ficar parado. Então primeiro, na minha opinião, qualquer cooperativa como qualquer coisa, foi o que me fez e me faz levantar, foi o que eu aprendi muito no curso: antes do dinheiro, tem que ter o respeito, a união.”*
- *“Na primeira fase do curso, do primeiro módulo, eu gostei muito, tanto dos companheiros como do professor, foi muito comunicativo em todos os sentidos até chegar o ponto de pegar o certificado que foi lá no central de Itaquera. Foi muito bom para mim e continua sendo bom porque estou fazendo agora a segunda fase do curso que é a formação e incubação das cooperativas. Então para mim está tendo muito proveito independente. Chegou uma hora também que eu pensei em desistir porque eu fui para o grupo da reciclagem. Nós escolhemos, ele explicou bem, esclareceu, deixou a critério de cada um. Eu escolhi para reciclagem. Só que tinha muito jovem no grupo de reciclagem, era mais zoeira. Para eles o que era importante, tinha uns que falavam: ‘Eu só vim pela bolsa, a hora que acabar...’”*
- *“(…) porque eu não tinha nenhuma afinidade a eles, igual ela falou: se tivesse desde o começo tivesse sido as mesmas pessoas. Se bem que é bom também fazer novas amizades. Mas você pega confiança nas pessoas, você conhece, tem amizade. Extraviou tudo, mudou, houve mudança tanto das pessoas, do instrutor, tudo. Mas para mim, eu encaro normal. Tem umas que é melhor, outras não é. Mas a gente procura levar porque também a gente não vai mudar todo mundo.”*
- *“O único defeito que eu achei foi no final porque eu acho que a gente deveria estar preparado para o que está fazendo agora. Porque no começo foi mais para a gente se unir, se conhecer. No*

final que eu achei que foi a parte mais difícil, a gente ficou: o que que nós vamos fazer? Quem nem a cooperativa, um foi cozinha, outro foi costura, outro foi para a bonbonnière. Então a gente ficou assim muito perdido até, como ela mesmo falou, misturou o grupo que no começo nós já tínhamos aquele grupo de que a gente queria fazer. No nosso caso nós queríamos o grupo de costura e nós queríamos fazer o grupo da costura. A partir do momento que misturou o grupo, até você pegar a confiança na pessoa para recomeçar tudo de novo. Até você confiar no grupo de novo, em dois meses é pouco tempo.”

– *“No meu caso mesmo eu não queria mais estar procurando emprego, bater de porta em porta. Os 40 anos já, você já tem idade avançada, não tem a leitura então é muito ruim. Eu acho assim: foi muito bom, mas só que a gente já deveria ter sido preparada desde o primeiro mês. Quando chegasse no final você não iria ter aquele apoio da Prefeitura para que você fosse abrir sua cooperativa, o grupo. Porque você foi durante os 9 meses. Você esteve ali aquela preparação para você abrir a cooperativa. Deveria ter sido uma explicação: ‘Você economiza a partir de agora nem que seja R\$ 5 ou R\$ 10’, para quando chegar no final do curso você ter investimento para você não entrar totalmente com a cara e a coragem.”*

– *“Tudo foi certo do começo. Chegou no fim, que era na reta de todo mundo ter o seu objetivo, fazer alguma coisa para não depender de ninguém mais, muitas coisas falharam. Porque você ficou: como que eu vou fazer? E agora? Nós não vamos ter uma renda com que contar...”*

– *“É, abandonei porque não deu certo. O grupo que entrou junto com a gente não deu certo aí eu saí fora. Eu falei: ‘Se tiver um outro grupo que tenha ordem eu posso até entrar de novo, mas se não tiver ordem não dá para a gente continuar.’ Aí eu não fui mais.”*

✓ As principais sugestões feitas para melhorar o programa decorrem diretamente das falhas apontadas: local e horário fixos; mais organização; explicar tudo desde o começo abrindo o leque de possibilidades; dar continuidade na segunda fase aos grupos que trabalharam juntos na primeira fase; “não acabar!”

– *“A minha sugestão é que eu achei que tem que ter organização. Estava muito mal organizado. Tinha que ter um lugar preparado para a gente fazer as coisas, não tinha. Uma mulher se submeteu a oferecer a casa para fazer as coisas, as comidas. Chegou lá, a principal coisa que tinha que ter na casa era uma geladeira. As coisas estragaram todas. Estragou tudo. Foi uma extravagância! Por isso que eu fiquei nervosa.”*

- *“Já definir, organizar para a gente ter uma definição. Tem que definir para a gente se organizar. No caso economizando ou depositando R\$ 5 ou R\$ 10 todo mês ou o grupo ou cada pessoa no geral, porque agora ficou uma coisa no ar. Se bem que no ar em termos porque eles falam que tem um Banco do Povo e tem a Prefeitura para fazer o empréstimo. Agora eis a questão, o problema maior: é a gente pegar um empréstimo ou não? Porque se a gente pega um empréstimo a gente vai ter que quitar. Se a cooperativa for para frente, a gente quita. Se ela não for, a gente fica com a dívida, aí não pode fazer mais empréstimo. Então é uma coisa que a gente já teria ter tido conhecimento desde o começo porque a gente já estava a par e vamos fazer tal coisa, nós temos tanto, vamos fazer pesquisa para ver quanto que vai gastar, investir em tal coisa.”*
 - *“Organizar melhor em termos de horário, prolongar mais. Tinha que já ter o local correto, não ficar mandando a gente: vai ali, vai aqui, chegar lá não é lá, chega no outro lugar. Sempre em contato as primeiras pessoas. No caso, formou um grupo com 15 ou 20, deixar eles. Não ficar mudando de pessoas. Se é cooperativa de restaurante, em restaurante. Se é reciclagem, é reciclagem. Não ficar mudando e mandando ir para lá e para cá porque bagunçou muito com a mente da gente. Eu acho que por isso muita gente está desistindo, pelo fato de estar pensando que era uma coisa, só que isso aí agora é no final. Para mim não está sendo final porque eu ainda continuo e pretendo ver até aonde vai. Mas para quem, no caso muitas já pararam no final, é mais em termos de organização.”*
 - *“Foi uma ótima opção de conhecer novos amigos, vários colegas e eu estou muito feliz e seria mais feliz ainda se continuasse.”*
- ✓ A vida após o programa voltou a ser igual em termos financeiros (já que a bolsa foi usada na sobrevivência e a situação de desemprego persiste), mas muito diferente em termos *“da cabeça da família”* em função do que perceberam como ganhos não financeiros do programa, muito mencionados e valorizados pelos participantes do GF: aprendizado de como enfrentar os problemas da vida; aumento da auto-estima (aspecto muito discutido pelos monitores também); melhor conhecimento do próprio bairro; formação/ampliação de uma rede social; sentimento de inclusão; possibilidade de ter novos planos e tentar alguma coisa ou, no dizer de uma participante, *“começar a sonhar de novo.”*

- *“Ficou igual em termos financeiro. Mas em termos de cabeça da família mudou muita coisa.”*
- *“Em termos financeiro continuou quando parou o Começar de Novo. Mas em termos de conversar com a família, de harmonia, de força, isso eu aprendi no curso, como é difícil a gente falar, mas como resolver o problema que é a maior falta do mundo dentro de casa, o dinheiro, mas a gente tem que ter também muita fé em Deus e saber unir a família para enfrentar o problema do dia-a-dia.”*
- *“Aprendi a enfrentar os problemas da vida, o dia-a-dia. A gente fica muito parada naquilo. Se a gente acha que é só a gente que tem aquele problema, que só a gente que está naquela situação. No curso a gente viu que não era só a gente que estava naquela situação. Milhares de pessoas estavam na mesma situação. Então eu aprendi porque você vai conversando no dia-a-dia, você vai conhecendo pessoas diferentes. Às vezes eu estou com um problema e ela também tem o mesmo que eu. Ela sabe como resolver o problema. Se eu tenho o mesmo que ela, nós duas conversando, eu vou saber resolver o meu. Foi isso que eu aprendi. Eu ali chorando, chegou uma colega que chorou porque estava com problema pior do que o meu. Juntou todo mundo, resolveu o problema dela. Então eu aprendi a resolver o meu e ajudar alguém que tenha o mesmo problema. Então para mim foi muito bom. Não foi só financeiramente, foi pessoalmente, emocionalmente foi muito bom.”*
- *“É a nossa estima que aumenta muito porque você dentro de casa, você se sente uma inútil. Os homens costumam deixar a gente mais para baixo ainda: ‘Ah, você não presta para nada, você não sei o quê’, e a mulher lá: ‘Ah, meu Deus, eu não presto para nada, vou me matar.’ Então eu falei: ‘Eu sou mais eu, não quero nem saber.’”*
- *“Aprender muito do nosso bairro, da carência do hospital. A gente aprendeu muito no curso para conhecer o Hospital do Ermelino como que era, como que a gente fazia para resolver o problema do hospital, da saúde. Então de cada coisa a gente aprendeu um pouquinho. Foi muito bom. Das crianças carentes que estavam na rua, como ensinar pôr o lixo no lugar. Às vezes a gente sabe, mas vai ensinar o outro vizinho, o vizinho manda a gente naquele lugar, que não é da nossa conta, que não sei o quê. Você aprende a conversar: ‘Não. Joga ali porque senão vai encher a sua casa de água.’ Foi uma escola muito boa.”*
- *“O dinheiro foi importante. Mas para mim o mais importante foi o conhecimento das pessoas, o curso que abriu muito a minha cabeça. Quando a gente não tinha o emprego, o dinheiro fixo, quando os nossos filhos pediam logo cedo o pão: ‘Mãe, eu quero pão.’, eu e meu marido, um*

olhava para a cara do outro e falava que não tinha, começava um a xingar o outro, porque a culpa era dele porque ele saiu do emprego, e a culpa era minha porque eu fiquei desempregada.”

- ✓ Alguns entrevistados mencionaram a participação em outros programas da Prefeitura e/ou a oportunidade de cadastramento simultâneo. Havia quem fosse beneficiário do RM, quem estava inscrito no Operação Trabalho (“esperando a carta”) e quem quisesse saber se o São Paulo Confia financiaria as cooperativas. Somente uma participante demonstrou bom conhecimento dos programas, de suas condições e desdobramentos, do cadastramento pela Internet, chegando mesmo a mencionar o Programa Oportunidade Solidária (POS). Entretanto, o Programa Desenvolvimento Solidário (PDS) não foi mencionado nenhuma vez. Aliás, o aparecimento da questão do cadastramento pela Internet gerou uma conversa sobre quem tem Internet em casa estar cobrando R\$ 5,00 para efetuar o cadastramento dos que não têm; houve quem fosse a favor, quem fosse contra e quem defendesse a velha e querida fila como a forma mais adequada, até por ser mais democrática e permitir o “tête-à-tête” entre candidato e cadastrador, o que pode mudar os acontecimentos.
 - *“Eu fui lá na Prefeitura semana passada [no telecentro] e ela falou que não estava fazendo nada. Estava lá os computadores tudo parado e ela falou que por enquanto não estava tendo inscrição nenhuma. Então eu não sou contra cobrar R\$ 5. Se for para mim escolher entre ficar numa fila de madrugada para fazer inscrição eu prefiro porque aí é uma coisa mais certo. Mas também não vou ser contra de me cobrar R\$ 5 se for feito só através da Internet. Eu vou pagar com gosto. Porque eu sei que é uma esperança que eu vou ser chamada.”*
 - *“Eu, como já tinha falado, no momento está todo mundo em casa desempregado. Nós estamos recebendo o Renda Mínima, que é R\$ 40 que o meu filho recebe. Estamos assim. Aparece um biquinho em casa de família eu vou fazer é R\$ 50 a faxina, meu marido, quando ele arruma um bico de pedreiro, ele também faz. Então assim vamos levando a vida. A gente está ganhando, dá para pagar uma luz, pagar a água, a gente come. De fome ninguém morre.”*

As entrevistas domiciliares do CN

Foram realizadas 2 entrevistas domiciliares em cada um dos distritos com o objetivo de fazer o mesmo tipo de indagação que se fazia nos GFs, em contexto de maior

aproximação com o cotidiano dos entrevistados e com a possibilidade de aprofundar algumas questões, quer previamente pensadas, quer emergentes. No caso do CN, a opção foi por realizar as entrevistas somente com mulheres (que representam 72% dos beneficiários do CR e 65% dos de EM). A variável de corte estabelecida foi cor:

- ✓ **Uma ex-beneficiária que se declarou branca no ato do cadastramento;**
- ✓ **Uma ex-beneficiária que se declarou negra no ato do cadastramento.**

Como já foi mencionado, foi grande o interesse em participar, não tendo havido qualquer recusa. De um modo geral, as entrevistadas receberam a entrevistadora em suas casas com simpatia e acolhimento, como será comentado em cada caso em particular. As entrevistas tiveram um tempo muito variado em função da personalidade das entrevistadas, já que disponibilidade todas tinham bastante. A média ficou em torno de 1 hora.

O roteiro seguido pode ser visto em sua íntegra no **Apêndice** e estava dividido em 6 blocos: sobre o histórico, a composição e o “funcionamento” da família; sobre as condições de vida da família; sobre o programa Começar de Novo; sobre o uso do benefício; sobre a vida pós-desligamento do programa e sobre outros programas da PMSP.

As entrevistadas do Capão Redondo²⁴

1. Neuma havia sido selecionada por ter se declarado negra quando do cadastramento para o CN. Marcou com a entrevistadora para o dia 30 de junho às 10 horas da manhã e, pontualmente, encontraram-se. A partir das referências fornecidas por Neuma ao telefone não houve problema algum em localizar sua casa, no centro do CR.

Contexto da entrevista nas palavras da entrevistadora

Era uma casa boa. Fui muito bem recebida. Um menino que brincava no pátio da frente da casa foi avisar Neuma da minha chegada. Depois fiquei sabendo que se tratava do

²⁴ Os nomes foram trocados, como é de praxe neste tipo de metodologia.

filho de um sobrinho que Neuma está cuidando para que a mãe possa trabalhar. A entrevista foi rápida porque ela era bem tímida e respondia tudo com muita objetividade, como se as perguntas fossem de um questionário e não totalmente abertas.

Perfil da entrevistada

Neuma tem 52 anos, é paulista de Bilac e mora no Município de São Paulo há 43 anos, grande parte do tempo no próprio distrito do CR. Declarou-se negra (tanto na pergunta aberta quanto na fechada sobre sua cor), evangélica, solteira (nunca teve um companheiro e sempre morou com a família) e sem filhos. A última série que concluiu com aprovação foi a segunda do ensino médio e este ano conclui a terceira, porque continua freqüentando escola. Não possui convênio médico ou odontológico de qualquer origem, só abriu conta no banco para receber o benefício do CN, não tem cheque especial ou cartão de crédito, e, às vezes, acessa a Internet no telecentro da Prefeitura. A casa em que vive com sua irmã é própria da irmã e foi construída em terreno adquirido pelo pai. Neuma recebeu 6 parcelas do CN e nem ela nem sua irmã estão participando de outro programa social da Prefeitura. Neuma já estava desempregada há 3 anos quando foi selecionada para o CN. Antes disto, trabalhava, com carteira assinada, numa metalúrgica como montadora de circuitos eletrônicos. Como ainda não achou outro trabalho depois que deixou de receber a bolsa do CN, está continuando os estudos e trabalhando como lavadeira/faxineira em uma casa de família lá mesmo no CR, recebendo R\$ 100,00 por mês. Além disto, cuida (sem receber remuneração) do filho do sobrinho. Os R\$ 100,00 que recebeu por seu trabalho de doméstica foram a sua única renda pessoal no mês anterior ao da pesquisa e representaram 29% do total da renda familiar no período, que foi de R\$ 340,00, advinda da aposentadoria da irmã. O item que respondeu pela maior parte dos gastos foi a alimentação (38%), seguido pela luz e pelo telefone (19% cada), pelo gás (12%), pela água (7%) e pelos remédios (6%) Estes foram os únicos gastos da família. Neuma faz parte de uma associação religiosa.

Sobre o histórico, a composição e o “funcionamento” da família

Nascida em Bilac, interior do Estado de São Paulo, e filha de um pai que trabalhava na lavoura, Neuma veio para o Município de São Paulo ainda pequena: *“Eu vim com a minha família. Nessa época, quando eu vim para cá, eu já não tinha mais mãe. Minha mãe morreu quando eu tinha 8 anos de idade. Aí meu pai pegou nós, nós éramos em duas menores, e aí ele veio para cá com a gente. E as irmãs maiores, uma já estava aqui quando eu cheguei, morava com o meu irmão, e aí nós ficamos todos aqui. Elas trabalhavam e cuidavam da gente.”* Depois que se instalaram em SP, inicialmente no Valo Velho e depois no Capão Redondo, o pai nunca mais conseguiu emprego: *“Aí ele trabalhava em nada. Vendia alguma coisinha, ele já tinha bastante idade. Como ele conhecia só experiência de lavoura ele não ia conseguir emprego aqui. Não tinha nada que ele soubesse fazer. Aí ele começou a vender docinhos. Quem mantinha mesmo a casa eram as irmãs mais velhas que trabalhavam já nesse tempo.”* O trabalho destas irmãs era como doméstica em casa de família. Hoje em dia, a vida na casa é bastante tranqüila e ela e a irmã compartilham as tarefas domésticas: *“É assim: quando ela não está em casa, eu faço tudo e quando ela está em casa a gente faz juntas. Uma faz o almoço, a outra limpa a casa. Roupa, cada uma lava as suas.”* Neuma enfatiza que a irmã é a principal responsável pelo orçamento porque ela *“não tem salário e os R\$ 100 é para comprar uma coisinha de objetos pessoais, uma pasta de dente, um creme porque não dá para muita coisa também. Quando dá, eu ajudo a pagar a conta do telefone.”*

Sobre as condições de vida da família

Neuma identifica boas condições de vida com um *“bom emprego: esse é a base de tudo da pessoa ter uma boa condição de vida. Se não tiver emprego não dá para fazer nada. Em primeiro lugar o emprego, um bom estudo, pelo menos do segundo grau para frente porque hoje em dia precisa ter pelo menos uma faculdade para conseguir um emprego.”* Coerentemente acrescenta que não tem boas condições de vida, mas já teve quando trabalhava na metalúrgica. Atualmente acha que sua vida tem as mesmas condições da que seus pais levaram: *“Olha, nas condições que eles levaram eu fico até indecisa porque no tempo que eu trabalhava eu achava que era melhor. Mas agora, eu não estou achando muito.”* Diz que para melhorar de vida uma pessoa precisa de *“mais estudo e mais oportunidade de trabalho.”* Contudo, demonstrando a pessoa atenta que é, acrescenta: *“também não adianta a pessoa estudar. Com essa política que tem no Brasil que mais de 40 anos é considerado velho para trabalhar, então não adianta nada, não adianta muita coisa. Tipo*

assim: eu me reciclei. Nesse tempo que eu estava parada a minha irmã pagou para mim um curso de auxiliar de enfermagem. Eu fiz auxiliar de enfermagem. Agora estou procurando emprego nessa área. Mas, pelo que eu estou vendo, eu vou encontrar problemas devido à minha idade. Então é difícil.”

Sobre o Programa Começar de Novo

Neuma pensa que o programa foi trazido para o CR *“porque tinha muitas pessoas desempregadas e é considerada uma região de baixo nível social. Aqui é considerado isso: uma região de baixo nível social, de muita criminalidade.”* Soube do CN pela escola onde estudava: *“Antes quando eu fazia o primeiro grau eu estudava na escola da Prefeitura. Agora eu estou na escola do Estado. Eu fiquei sabendo na escola da Prefeitura.”* Sua observação parece convergir com a feita no GF sobre a diferenciação de informação conforme o nível do poder público que é responsável pela escola. Decidiu inscrever-se de imediato, sem falar com ninguém, logo que se deu conta de que suas condições se encaixavam perfeitamente nos critérios de elegibilidade do CN. Apesar da decisão rápida e firme, Neuma não acreditava que seria beneficiada pelo programa: *“Para dizer a verdade eu não acreditei. Eu me inscrevi, mas eu tinha uma certa dúvida de que eu fosse ser chamada para participar. (...) tinha muita gente. (...) Eu enfrentei muita fila e eu me inscrevi na própria escola, mas já havia muita fila lá. Eu achava que, é claro que não é todo mundo que se inscreve que consegue. E eu não acreditava que eu fosse ser uma dessas pessoas.”* Gostou do atendimento que recebeu quando do cadastramento, recebeu informações suficientes sobre o programa e dispunha da documentação exigida. Quanto às atividades desenvolvidas durante o tempo de recebimento da bolsa, Neuma disse ter feito o curso de informática que tinha assinalado como opção preferencial na inscrição porque *“eu tinha vontade de saber porque eu nunca nem tinha chegado perto de um computador. Era completamente estranho para mim. Então eu coloquei que me interessava mais esse curso de informática. E eu fui escolhida.”* Depois que o curso acabou, *“durou os dois primeiros meses”,* sem escolha, foi para a *“a segunda fase que seria sobre cidadania, como montar negócio, fazer negócio próprio”* no Jardim Ângela. Não achou ruim, dava para ir a pé, mas avaliou que não tinha possibilidades concretas de realizar a proposta: *“Não que eu não me interessei, eu não me enquadrei, não se identificou comigo. Para você montar um negócio hoje em dia você tem que ter um capital de giro. E como que uma pessoa desempregada vai ter um certo capital para o abrir um negócio? Não tem como. Você desiste.”* A idéia era uma cooperativa de marmitex e, mesmo tendo

desistido ao término da bolsa, diz que deixou nome e endereço para ser convocada caso o negócio fosse adiante. Mas, até hoje *“ninguém me chamou!”* Neuma avalia positivamente as instruções que recebeu, a qualidade dos instrutores e dos locais onde as atividades se desenvolveram. Valoriza muito os conhecimentos adquiridos no CN, mas entende quem pensa de outro jeito: *“Agora eu acho que isso é complicado porque depende do ponto de vista de cada um. Porque tem gente que valoriza dum jeito, tem gente que valoriza de outro e tem gente que não valoriza de jeito nenhum. Mas eu acho que sempre a gente aprende alguma coisa. Antes, por exemplo, eu não tinha muita visão de cidadania. E quando eu ia comprar alguma coisa eu preferia ir lá para a cidade gastar o meu dinheiro lá na cidade. Nessas palestras, eles ensinaram que a gente tem que procurar investir no próprio lugar que a gente mora.”* Isto faz com que os benefícios concedidos às pessoas reflitam na comunidade em que elas vivem. Neuma recomendaria vivamente o ingresso no CN para seus parentes e amigos porque para ela *“foi muito bom. Me ajudou muito em todos os sentidos tanto financeiramente, como psicologicamente e intelectualmente porque aprendi, muita coisa que eu não sabia, aprendi.”* A sugestão que daria para melhorar o programa era que existisse um acompanhamento do egresso e oferta de emprego: *“Eu não vi defeito. Mas eu acho assim: eu participei desse programa, eles deveriam entrar em contato com a pessoa, saber se a pessoa conseguiu algum trabalho e também dar oportunidade para as pessoas. Eles falaram que dariam emprego. Só que muito poucas pessoas, pelo que eu sei, conseguiram o emprego.”*

Sobre o uso do benefício

“Na época era o salário mínimo de R\$ 176. Eu aplicava nas contas, eu ajudava a pagar as contas, no dia-a-dia.” Por decisão própria.

Sobre a vida pós-desligamento do programa

“A vida só não mudou porque não consegui trabalho. Já estudava e continuei os estudos. Porém acho que a vida mudou porque as coisas que eu não sabia, muita coisa que eu não sabia, eu aprendi lá. Então mudou.”

Sobre outros programas da PMSP

Neuma diz ter sido informada do Renda Mínima e do Bolsa Escola, mas que nenhum dos dois se aplicava a ela ou a irmã. Vale ressaltar que tudo indica que Neuma passou

pelo POS mas, como seus colegas do GF, não se deu conta disto, nem do Programa Desenvolvimento Solidário (PDS). Já está inscrita e aguardando resposta do CN Emprego. Com certeza é uma excelente candidata!

2. Márcia havia sido selecionada por ter se declarado branca quando da inscrição no CN e sua entrevista foi marcada com um certo grau de flexibilidade que sua disponibilidade permitia, condicionada ao término da entrevista com Neuma. Um arranjo de conduções fez-se necessário para que a ligação entre o centro de CR e o Jardim Macedônia fosse feita. Neuma não sabia ensinar como se chegava na casa de Márcia a partir da sua própria casa. Várias consultas na rua e a conclusão indicava que o melhor seria tomar um ônibus para o terminal Capelinha e, de lá, uma perua para o Jardim Macedônia. Assim foi feito e deu super certo: a casa de Márcia ficava bem na rua do ponto final da perua.

Contexto da entrevista nas palavras da entrevistadora

Era uma casa boa e ampla em rua calçada, com supermercado em frente e padaria na esquina. Márcia foi muito receptiva, perguntou se eu queria almoçar (em função da hora, por volta das 13 horas), e encontrou um bom lugar para conversarmos, logo na entrada da casa. Apressou-se em adiantar que ficou muito pouco tempo no CN, pois foi vítima das línguas da vizinhança que achavam que ela era daquelas que “*não precisavam*” do programa. A entrevista rendeu quase 2 horas, porque Márcia é muito falante e gosta de contar histórias. Pena que sua participação no programa tenha sido pequena.

Perfil da entrevistada

Márcia tem 53 anos, é mineira e mora no Município de São Paulo há 33 anos. Declarou-se branca tanto na pergunta aberta quanto na fechada sobre sua cor, católica, chefe de sua família, viúva e mãe de 1 filho de 15 anos com quem vive. Moram somente os 2 na casa e ela aluga a parte de baixo para outra família. A última série que concluiu com aprovação foi a oitava série do ensino fundamental. O filho está cursando a sétima série. Não possui convênio médico ou odontológico de qualquer origem, já tinha conta no banco antes de ser selecionada para o CN, tem cheque especial e cartão de crédito, mas

não tem qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vive com sua família é própria já paga. Recebeu somente uma parcela do CN porque abandonou o programa incomodada com o falatório da vizinhança: *“Pelos comentários. Começaram a fazer críticas, que tinha gente que precisava mais do que eu, que não sei o quê. Aí eu escutei esse papo aí e falei: Não, não vou! (...) Uma vizinhada aí. Comentaram aí. Depois um fala, outro fala. Eu fiquei chateada. Não vou pegar. Seja o que Deus quiser.’ Se minha consciência foi assim, eu assumi assim.”* Nem ela nem o filho são beneficiários de outro programa da Prefeitura. Quando foi selecionada para o CN já estava desempregada há 14 meses. Antes disto, teve uma longa trajetória ocupacional e o último emprego tinha sido em limpeza e copa, com carteira assinada, em um escritório de advocacia. No mês anterior ao da pesquisa, sua renda pessoal (que no caso coincide com a familiar) foi de R\$ 550,00, advinda do aluguel de parte da casa e da pensão do marido. O item que responde pela maior parte dos gastos é a alimentação (63%), seguido pelo telefone (14%), pela prestação do sofá (8%), pelo gás (7%), pela luz (6%) e pela água (2%). Estes são os únicos gastos da família. Márcia pertence à associação de moradores de seu bairro.

Sobre o histórico, a composição e o “funcionamento” da família

“De Minas eu vim solteira com minha família, minha mãe era doente. Meu pai veio com ela se tratando. Aí nós viemos por motivo de doença, a minha mãe fez seis operações. Só era eu de mulher, eu e ela porque minhas irmãs já eram casadas. Era eu, ela e seis irmãos homens. Então a gente começou assim. Viemos por motivo de doença, aí chegou aqui eu fui trabalhar e ajudar eles.” Vieram primeiro morar em Pirituba na casa do irmão mais velho que já havia mudado para São Paulo: *“A gente morou lá 2 anos. Aí com 2 anos a gente conseguiu comprar um terreninho lá em Osasco, inclusive meu irmão que está aqui, continua na casa e a gente foi cada um comprando o seu e ele ficou na casa. A gente comprou lá e moramos 9 anos lá. Construímos um quarto e cozinha e ficamos 9 anos juntos a família inteira. Depois eu consegui comprar aqui também, aí minha mãe, meus irmãos vieram morar comigo e assim foi. Aí foram casando os mais novos, eu me casei também, continuei na casa porque a casa é minha. (...) Meu marido era filho de um vizinho lá em Osasco ele era consertador de rádio e televisão. Então eu ficava lá assistindo televisão, que nessa época nós não tínhamos televisão então eu ficava lá aos domingos à tarde vendo televisão. Eu trabalhava a semana inteira. E lá ele chegou e me viu pela primeira vez depois comentou com ela que tinha gostado de mim, pediu para me ver mais*

vezes.” Márcia tem uma rica trajetória ocupacional que inclui trabalho doméstico; como assalariada com carteira assinada em empresas como a Sadia (na qual trabalhava como limpadora de carnes para a produção de frios e de onde pediu para sair para pegar o fundo de garantia e arrumar as coisas para o casamento); como uma metalúrgica (na qual trabalhava no acabamento de peças elétricas). Márcia também já teve uma carrocinha de cachorro-quente que ainda está estacionada na entrada da casa. Diz que parou porque depois de um certo tempo *“ninguém mais queria comprar!”* Atualmente está desempregada: *“Eu fico em casa. Quando a inquilina viaja eu fico no trabalho dela, a patroa dela gosta muito de mim. Quando ela ganhou o bebê eu também fiquei lá. Só trabalho assim.”* Acha que não há oportunidade de trabalho para quem tem mais de 40 anos: *“O problema é a idade minha que dá trabalho. Passou de 40 anos ninguém quer dar trabalho. Já procurei em casa de família daqui do bairro, eu peço para bastante amigas mas quando fala a minha idade já é recusado. Isso é verdade”.* Gostaria de montar uma lojinha, mas sozinha, porque *“este negócio de trabalhar com cooperativa não dá muito certo.”*

Sobre as condições de vida da família

Márcia diz que o que define qualidade de vida é *“um trabalho primeiramente, e saber também porque tem muita gente que tem trabalho mas não sabe aproveitar o dia-a-dia de trabalho, o dinheiro. A gente para ter uma boa vida a gente tem que segurar, gastar só o necessário...”* Diz não ter boas condições de vida, mas *“vive bem graças a Deus”.* Acha que este é o momento da vida em que teve melhores condições de vida, pois, embora não tenha trabalho, tem “saúde”. Tem uma vida melhor do que a que os pais levaram porque com a doença eles perderam tudo o que tinham. O que possibilita uma pessoa melhorar de vida é *“primeiramente o trabalho: se você tem saúde e pode trabalhar”.*

Sobre o Programa Começar de Novo

Márcia acha que a Prefeitura trouxe o CN para o CR *“para dar condições de vida melhor para as pessoas, para trabalhar também, entrosar no trabalho e trabalhar. Quem quer trabalhar.”* Soube do programa através de uma amiga e, imediatamente, decidiu inscrever-se: *“Tomei a decisão porque não gosto de ficar parada então pensei: vou me inscrever. Quem sabe eu consigo alguma coisa.”* Enfrentou uma fila enorme, gostou do atendimento que recebeu e considerou as

informações suficientes, exceto no que se refere ao valor da bolsa: *“Me informaram direito, que tinha direito a um curso, que a gente que tinha que escolher, aí eu escolhi informática, mas se eu quisesse um outro, eu escolheria. Sobre o salário eu não me lembro bem se falaram...”* Participou de fato do curso de informática por 1 mês (o tempo que ele durou) e pretendia continuar nos cursos mesmo sem ir buscar o dinheiro mas não foi chamada para nenhuma outra atividade. Considera o ponto mais positivo do CN a qualidade do que ele oferece, inclusive os locais dos cursos e a roupa: *“Pelo menos eu ganhei uma camisa e um chapeuzinho”*. Chamou a atenção esta colocação porque ninguém comentara sobre isto no GF. Diz que *“o programa é bom. Para ficar melhor tinha que dar um serviço fixo para as pessoas porque muitos que foram para trabalhar, que foram chamados, eles com 6 meses foram despedidos. Então não é um emprego. É uma ajuda. Então eu acho que, para o programa ficar melhor, teria que dar um emprego definitivo. Muita gente precisa trabalhar mesmo. Então teria que dar um emprego definitivo. Aí ficaria melhor.”*

Sobre o uso do benefício

A única parcela que recebeu do CN, no valor de *“cento e tantos reais”*, foi aplicada na compra de um novo colchão.

Sobre a vida pós-desligamento do programa

Apesar do pouco tempo no programa, Márcia diz que sua vida mudou um pouco: *“Igual, igual não ficou porque eu tive experiência. Foi pouco tempo mas eu tive experiência.”*

Sobre outros programas da PMSP

Márcia fala da experiência de suas amigas que estavam no CN e foram para *“a parte de cooperativa”*, mas igualmente não identifica isto com um outro programa da Prefeitura (POS e DSOL).

As entrevistas de Ermelino Matarazzo

1. Marina havia sido selecionada por ter se declarado negra quando do cadastramento para o CN e marcou com a entrevistadora para o dia 27 de junho às 10 horas da manhã. O encontro acabou acontecendo com uma hora de atraso por causa da entrevistadora

que teve problemas com a condução: estava tudo explicado, a perua certa foi tomada, mas um detalhe falhou: o trocador esqueceu de mostrar qual era o ponto no qual ela avisara que queria descer! Foi um longo caminho de volta que teve que ser feito a pé e pedindo muitas informações. Marina foi avisada do atraso por telefone e, com tranqüilidade, informou que só teria compromisso às 15 horas, justamente com o grupo da cooperativa, o que permitia uma margem de tempo satisfatória.

Contexto da entrevista nas palavras da entrevistadora

Era uma casa boa, de dois pavimentos, que Marina herdou de um senhor doente de quem tomou conta sem cobrar nada: só em troca do aluguel dessa mesma casa. Quando ele morreu, a família dele deixou para ela. Fui muito bem recebida. Marina foi até a rua ver se eu já estava chegando e, desde o primeiro minuto, conquistou-me com seu sorriso sincero e largo. Ficamos na sala onde ela estava passando roupa enquanto me aguardava. A entrevista foi muito longa, quase 3 horas de duração durante as quais entravam e saíam filhos e netas, vizinhas batiam na porta. O movimento da casa era intenso. Marina tem personalidade forte, é muito bem falante e tem mesmo muita coisa para contar. E queria contar: *“Sabe, para mim é muito importante eu dar uma entrevista, eu falar. Se eu vou falar, eu falo a minha vida toda, que é uma novela.”* Lastimavelmente, mais uma vez em função do tempo, a análise vai se restringir aos aspectos mais pertinentes aos objetivos da pesquisa, deixando de fora uma infinidade de dados da rica experiência de vida da entrevistada.

Perfil da entrevistada

Marina tem 59 anos (que não aparenta), é mineira e mora no Município de São Paulo há 34 anos. Declarou-se negra (tanto na pergunta aberta quanto na fechada sobre sua cor), católica, chefe de família (embora viva com um “senhor” na mesma casa) e é mãe de 4 filhos. Moram com ela, além do cônjuge, 3 filhos (2 homens, de 25 e 19 anos, respectivamente, e 1 mulher de 15 anos) e 3 netas (de 11, 9 e 8 anos, respectivamente). A última série que concluiu com aprovação foi a terceira do ensino fundamental e o seu companheiro a segunda. Todos os demais moradores (à exceção do filho de 25 anos que já concluiu o ensino médio, mas está desempregado), filhos(a) e netas estão freqüentando a escola. Não possui convênio médico ou odontológico de qualquer

espécie; só abriu conta no banco para receber os benefícios do RM e do CN; não tem cheque especial ou cartão de crédito nem qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vive com sua família é própria, mas ela prefere considerá-la cedida, porque até hoje não teve o dinheiro para passar a escritura que foi só o que ficou para ela fazer depois da doação. Contudo, Marina tem um instrumento particular de compra e venda, com registro em cartório e tudo, porque a família do morto fez questão. Na verdade não é só a falta de escritura que faz Marina ainda não ter se “apropriado internamente” da casa que é sua, sem dúvida alguma. Como ficou patente em vários momentos da entrevista e, como ela mesma acabou por verbalizar²⁵, Marina tem muita dificuldade em receber, pois, desde muito jovem, acostumou-se a dar. Agora sofre ao perceber que está chegando aquela fase da vida em que a situação tende a se inverter. Recebeu 9 parcelas do CN e continua recebendo o RM por ter posse e guarda oficial das netas. Marina já estava desempregada há 2 anos quando foi selecionada para o CN. Os R\$ 135,00 que recebeu do RM foram a sua única renda pessoal no mês anterior ao da pesquisa e representaram 21% do total da renda familiar no período, que era de R\$ 635,00, advinda do trabalho do companheiro como cortador de chapas na guilhotina, somada ao RM. O item que responde pela maior parte dos gastos é a alimentação (50%), seguido pela luz (16%), pelo transporte (13%), telefone (12%), pelo gás (12%) e pela água (5%). Os gastos listados por Marina excederam em 9% a renda familiar. Marina não é associada a nenhuma associação da sociedade civil organizada.

Sobre o histórico, a composição e o “funcionamento” da família

“Eu nasci em Ituiutaba [MG], [perdeu a mãe aos 8 anos] me criei em Uberlândia, de Uberlândia foi que eu saí, fiquei um ano e meio no Rio de Janeiro, conheço Copacabana... Eu não conheço. Eu fiquei lá uns tempos só e, para conhecer, tem que viver bastante tempo. E depois fui para Minas, não deu certo e quinze dias depois eu vim para São Paulo e em São Paulo estou até hoje. Aqui que eu constituí a minha família. A minha família morava lá em Minas em Uberlândia, meu pai era tintureiro e a gente trabalhava com ele então, eu sou uma ótima passadeira por ter trabalhado com o

²⁵ “Porque enquanto eu trabalhava, o meu problema é esse, eu sempre fui de trabalhar, eu sempre ajudei a minha família, eu sempre ajudei meu pai que ele é viúvo, se casou de novo e teve seis filhos com a minha madrasta. E eu sempre é que fui a chefe de todos eles. Então eu acostumei a dar. E não receber. E hoje, para mim receber eu acho muito difícil. Eu só quero receber de Deus. Mas está difícil porque eu já estou já perdi a minha idade, já perdi a minha juventude, eu perdi os meus trabalhos que não têm mais.”

meu pai. E aí, depois que eu vim para São Paulo, [porque] estava muito ruim lá de serviço, eu trabalhei de doméstica, dormia no emprego e aí depois eu trouxe eles para morar aqui. Meu pai vendeu a casinha que tinha lá e veio. Comprou uma em Camargo Velho e a gente está aqui até hoje. Mas a minha família, a minha mesmo, com os meus filhos, sou mãe solteira, foi constituída com muito sacrifício, com muita garra minha porque o pai era um irresponsável. E aí depois não deu certo, a gente se separou e eu continuei a minha luta trabalhando, cuidando deles e pagava aluguel, a água, a luz e graças a Deus nunca fui despejada mesmo doméstica, trabalhava muito, trabalhei muito. Mas graças a Deus eu estou aqui. E depois eu conheci esse senhor que eu moro hoje e tenho esses dois filhos que é o casal: o Thiago e a Camila, são os mais jovens. Então, estou com esse senhor faz 22 anos. O Thiago já tem 19. Mas a gente tem uma vida assim, eu tenho essa casa graças a Deus e ele trabalha, ele é responsável, ele põe o que comer dentro de casa e eu trabalho para ajudar a manter a casa.” Porém, quem determina como o dinheiro vai ser usado é a Marina: “Geralmente é eu que determino. Eu tenho marido que dá aquele apoio da contribuição do salário dele, mas geralmente eu é que determino. Às vezes ele fica meio com ciúmes porque: ‘Tudo é a dona Marina, tudo é você, tudo é a mãe, e eu aqui não faço nada!’. É que estão mais acostumados comigo, então eu é que comando.” Para a realização das tarefas domésticas Marina recebe a ajuda de “quase” toda a família: “Ajudam, todas elas. A minha filha não gosta muito disso, mas ela faz a comida, então outra lava louça, a outra seca e assim a gente é um conjunto muito bom. Esse que saiu [referindo-se ao filho que acabara de sair] passou a minha roupa da semana passada quase toda, graças a Deus. Só marido que não porque ele é bonachão, folgado. Ele chega, deita, aproveita. Agora que está se restabelecendo da pneumonia então agora é que fica mesmo à vontade.” Marina tem outro tipo de problema com o marido: ele é contra ela ter assumido as netas depois da separação do filho. Acha que é um encargo muito pesado para as condições de vida que Marina tem, ainda mais que ela não recebe ajuda financeira para a criação das meninas, mesmo tendo chegado ao extremo de “pôr o filho na Justiça” para ele pagar pensão para as filhas. Ela diz ter consciência das dificuldades, mas deixa claro que, se tiver que optar entre o companheiro e as netas, fica com as netas e não faz segredo disto: “Mas tudo bem, é assim que fica a vida: graças a Deus eu tenho esse pedacinho aqui que dá para eu apoiar minhas netas, os meus filhos. E o marido, eu não sou casada com ele, eu já falei para ele: ‘A porta da rua é a serventia da casa.’ Mas não vai. É acomodado: porque agüentar tudo isso com 63 anos! É errado eu cuidar das meninas, é errado eu aceitar meus filhos dentro de casa (os outros que não é dele), eu precisar trabalhar.

Não sei o quê... Mas eu não fiz só para mim e para ele, eu fiz para todos os filhos. Ele tinha que entender, isso é. Mas ele não entende. Às vezes a gente tem cada arranca rabo mas ele lá e eu cá. Eu não sou de avançar mas também eu sou de me defender. Aí ele fica doido também. Se ele não quer ir, o problema é dele. Com o pouquinho que a gente tem aqui, a gente vai empurrando.”

Sobre as condições de vida da família

Para Marina, o que determina as condições de vida é o “trabalho. É tão bom a gente levantar cedo e falar: ‘eu vou trabalhar’ e quando chega no fim do mês ter o saláriozinho da gente para receber. A condição de vida que eu acho é o trabalho. A saúde também tal, mas a gente tendo o trabalho eu acho que é a melhor coisa que é a gente tem.” Coerentemente acrescenta que “é claro que não tenho boas condições de vida hoje!”, mas diz que já teve melhores no passado: “Olha, tirando a moradia, que hoje eu não pago aluguel, a minha vida era melhor. Era porque eu tinha trabalho, eu podia trabalhar em 2, 3 casas, eu podia trabalhar de sábado, de segunda a domingo. Então era mais puxado, mais forçado, mas era uma coisa que era gostosa. Era muito bom. Eu trabalhava direto: de domingo a domingo. Eu fazia bico no domingo, eu trabalhava no matadouro de frangos em Guarulhos, chegava às cinco, cinco e meia da manhã e trabalhava até as duas, três horas e vinha para casa. Era mais difícil. Mas a condição de vida era melhor porque tinha trabalho. A gente tinha uma oportunidade de trabalho tão grande que eu podia escolher: hoje eu vou para aquele que me paga tanto, que me paga melhor do que o outro que me paga menos. Hoje não. Hoje, se aparece uma pessoa: ‘Quer vim fazer um serviço para mim?’, ‘Quero.’ ‘Quanto você cobra?’, ‘Eu vou pelo tanto que você pode pagar.’ Porque ninguém tem. Então eu acho que naquela época a condição de vida era melhor.” Convidada a comparar suas condições atuais de vida com as que seus pais tiveram, Marina medita, conclui que as deles eram melhores e explica por que: “E agora? E agora José? Lembra? [citando Carlos Drummond de Andrade] Então, na época dos meus pais tinha menos alfabetização mas o trabalho eu acho que era melhor, em condições melhores. Porque eu lembro bem, o meu pai era tintureiro e a família inteira trabalhava com ele. Todo mundo comia, bebia, minha família vinha do interior, lá da roça, chegava em casa comia, dormia, tudo. Graças a Deus. Hoje a gente não pode fazer isso. Hoje, eu sou sincera, se na minha casa chegar, vamos supor, um irmão com dois filhos e a mulher eu fico toda sem saber como vou hospedá-los. Então eu acho que na época de meus pais, na nossa época tinha menos alfabetização, o pessoal era mais, vamos falar o português claro, mais ignorante, mas eu acho que as condições de vida era melhor.” Quanto à maneira que uma pessoa

tem de melhorar a vida, Marina diz: *“Eu acho que com melhor oportunidade de trabalho. Porque trabalho ajuda bastante.”*

Sobre o Programa Começar de Novo

“Eu acho que a Prefeitura trouxe o Começar de Novo por muita falta de... eu acho que é mais por falta, de trabalho. Eu acho.” No seu longo depoimento sobre como soube do programa e como fez para inscrever-se, Marina traz de volta um conjunto de questões já colocadas por outras entrevistadas, inclusive de outros programas: a da fila como boa divulgadora de que algo está acontecendo, a da injustiça nas concessões dos benefícios, a perplexidade com a possibilidade de receber algo do poder público pelo simples fato de inscrever-se, o não compreender o que lê, a confusão entre programas estaduais e municipais e entre os nomes dos programas, a dúvida quanto ao tempo de duração da vinculação ao programa, o questionamento do valor variável do benefício e a percepção deste como uma “solidariedade” (palavra que substituiu a “caridade” mencionada por muitos outros entrevistados), o desconhecimento de que a prorrogação que recebeu do CN tenha sido para participar do POS (mais adiante, Marina faz uma série de observações sobre cooperativas que em tudo combinam com as observações feitas pelos participantes do GF). Eis a sua fala na íntegra: *“Porque eu tenho minhas meninas no colégio. E foi até engraçado: eu fui levá-las na escola um dia de segunda-feira. Aí eu estou vendo aquela fila enorme na escola, no Otávio Mangabeira e eu falei: ‘Meu Deus, por que essa fila grande?’ Aí eu li escrito: Começar de Novo acima dos 45 anos. Foi só o que eu vi. Aí eu falei: ‘Começar de Novo?’ Porque eu participei do Frente do Trabalho do governo então eu participei daquele. Aí eu nunca mais fiz inscrição nenhuma porque disseram que quem tinha feito não poderia fazer mais inscrição nenhuma, [em coisa] pública. Aí eu fiquei até meia frustrada, eu falei: ‘Caramba! Nove meses de trabalho, depois dos nove meses você se vira, você vai comer se tiver.’ Aí então eu vi lá Começar de Novo. E olhei, procurei saber de uma colega, mãe da coleguinha da minha neta e ela disse: ‘Olha lá, Marina, você não sabe ler? Lê lá o que está precisando.’ Aí eu li e a outra falou: ‘Mas eu não vou fazer o Renda Mínima porque R\$ 15 por criança eu não vou fazer.’ Aí ela disse: ‘Mas R\$ 15 por criança, R\$ 15 já dá para você fazer uma feira, uma pequena feira, mas dá.’ ‘Ah, eu não vou fazer.’ Aí eu falei: ‘O que que é R\$ 15 por criança?’ E ela falou: ‘Olha lá, cada criança vai receber R\$ 15.’ Eu peguei e falei: ‘Ah, eu pensei que eu ia trabalhar para ganhar R\$ 15 por cada criança que eu tivesse.’ Não, Marina você é um, suas*

netas é outro e seus filhos é outros.’ Aí eu falei: ‘Tudo bem’. Vim correndo. Aí ela me segurou a fila, eu vim correndo em casa pegar os documentos das meninas (porque tinha levado só o meu) e levei para poder fazer a inscrição. Eu não tenho o que reclamar, graças a Deus. Reclamo porque a Prefeitura deu oportunidade para uns e não deu para outros.” Apesar de Marina dizer que não é por si que reclama, ao continuar se contradiz: “Eu reclamo assim porque eu contei toda a minha vida, porque a gente faz um questionário muito bom lá. Mas têm pessoas que ganharam até vale-gás, têm pessoas que têm inscrição para a cesta-básica. Eu não tenho. Eu não tenho vale-gás, eu não tenho cesta básica. Mas valeu porque meu filho também participou, teve o Bolsa Trabalho. Mas, quando ele teve que faltar para fazer um bico, não aceitaram mais ele voltar. E era só seis meses. Por que foi só seis meses? Então eu falei: ‘Quer dizer, a gente trabalha seis meses, quem entra, entra assim já com dívida, pensando no que comer, como vai comer.’ Até que controla. Quando a gente pensa: deu para mim pagar aqui uma continha que eu devia uma luz, um telefone porque a gente precisa de um telefone. (...) Eu não consigo ligar mais. Eu nunca pago. Então, naquela confiança de que eu ia ter mais um mês de auxílio do Começar de Novo eu me perdi completamente. Quando eu fui lá para buscar, que eu pagava o meu telefone e ajudava a inteirar na minha luz, eu fiquei sem os dois. Eu li o contrato, mas não explicava se seria nove meses, se seria seis meses. Não explicava. Como eles disseram, a gente ia ficar até o mês de janeiro com essa solidariedade, com esse benefício, mas janeiro eu não recebi e muitos não receberam e quando a gente foi receber já foi fevereiro, março e abril. Aí que foi quando a gente começou o outro curso que nós fizemos três meses, aí já diminuiu a mensalidade, foi para R\$ 156. Quando a gente começou a receber foi R\$ 189. Então a gente falou: ‘Puxa vida, é um salário.’”

Neste, como em todos os blocos do roteiro da entrevista, Marina alongou-se em suas considerações e conseguiu ser tão abrangente que suas falas tocam praticamente em todos os aspectos levantados em conjunto pelos participantes dos GFs do CN. Para não alongar demais, somente serão listados os aspectos concernentes ao CN, sem necessariamente inserir as longas falas da entrevistada.

Sobre crença na seleção

“Olha, acreditar, acreditar não, mas eu tinha esperança.”

Sobre as atividades que desenvolveu

“Trabalhar praticamente não. Eu fiz o curso de dinâmica, o primeiro curso da gente foi dinâmica e depois nós fizemos artesanato, cooperativismo e decoração. O cooperativismo inclusive terminou agora e a gente já fez até a feira solidária.”

Marina estimularia seus amigos e parentes a fazer o CN.

Sugestões para melhorar o programa

“Ah, meu Deus! Tem sugestões? Olha, eu acho que está tudo muito bom mas precisaria de ter mais colaboração dos monitores. Porque têm uns que aceita, faz, se sacrifica bastante. Outros não.” (...) “Só que tem uma coisa, esse socioeconômicos, eu acho assim, é como eu falo sempre: eles não estão sabendo trabalhar. Enfim, os sindicatos, o governo todo mundo porque tem muito trabalho, existe trabalhos demais. Por exemplo, quando eu estudava, na dinâmica da gente, eu fiz entrevistas também, e o que mais a gente acha é precisando ajuda de funcionários em creches, em escolas, em vias públicas e delegacias. Eu fiz entrevistas fechadamente conversando com os diretores e eu achava que para nós, em vez desse programa social, desse benefício, deviam dar emprego. Porque quando eu fui fazer entrevista, na dinâmica que eu estava fazendo, a creche aqui perto da minha casa precisava de 5 funcionárias. Outra precisava de 8. Então seria, vamos supor no nosso bairro, se eles tirassem mais ou menos 10 pessoas para trabalhar ele já estava tirando da rua, arrumando uma ocupação para todo mundo e não gastava tanto dinheiro. Esse benefício, vamos supor, eu estava recebendo o meu Começar de Novo e o Renda Mínima no total daria R\$ 188 com mais R\$ 135 que era o que eu estou recebendo das meninas do Renda Mínima. Quer dizer que dá R\$ 300 e poucos reais. O salário mínimo é o mínimo. Se ele me pagasse esse salário mínimo não precisava dele me dar essa Renda Mínima. Eu acho isso, está certo que ajuda, mas então ele me dá o salário mínimo para mim, um salário mais ou menos para o meu filho que já tem um estudo mais elevado e vamos supor, vai ser um escriturário, vai ser um atendente, uma coisa qualquer. Nós já seríamos dois trabalhando. Não precisava do Renda Mínima. É isso que eu penso porque tem família que além de receber o Começar de Novo, recebeu o marido e a mulher.”

Sobre a visão da vizinhança pelo fato de ela participar do CN

“Eles acharam positivo assim. Eles sempre admiraram porque eu sou muito trabalhadeira, eu vou em frente com tudo, eles acharam muito bom e me incentivaram. Foi muito bom.”

Sobre a experiência com um pequeno comércio e porque é difícil a cooperativa dar certo

Marina já teve um pequeno negócio de cachorro-quente que gostaria de reativar. Tem a infra-estrutura, mas não tem o capital para comprar a matéria-prima. Além disto, como a comida em casa está escassa, fica difícil vender o cachorro-quente porque as muitas pessoas da casa comem tudo e o lucro vai por água abaixo “*e não vou ser eu que vou dizer para não comerem!*” Na cooperativa de alimentação, que é a de que ela está participando através do programa POS e do PDS, as dificuldades são de outra ordem. “*Em conjunto é meio difícil!*” porque a vontade e a disponibilidade para o trabalho são diferenciadas, o investimento é diferenciado e o racha do lucro tem que ser igual. Cita o exemplo de uma cooperativa de costureiras que ela conhece que começou com 10 participantes e agora são só 3 porque a maioria não agüenta esperar, não tem paciência de esperar o negócio dar certo. Apesar disto, ela põe fé no grupo do qual está participando porque foram bem sucedidos na experiência da feira solidária, porque se conhecem e já demonstraram competência: “*Eu acho que sim. Da minha parte tem [chance de dar certo], porque uma que a gente já está acostumada, conhece, têm senhoras lá que é muito boa de quitutes, faz bolos muito bons, faz pão, tortas, essas coisas assim. É uma coisa que a gente sabe que sai. E é só a gente trabalhar. Na nossa feira solidária foi muito em cima. Nós fizemos tudo em duas semanas: eu com o meu cachorro-quente, a outra com o seu bolo, mas foi em duas semanas. Não foi mais do que isso. Deu para a gente jogar um pouquinho no fundo, que está lá seguro. Mas o resto eu acho que com o tempo...*”

Sobre a ajuda indireta que o programa propicia para a região: “*Além de estender para região, ajuda muito as pessoas a ter incentivo de trabalho. Tem um Mercado Pantanal e tem um açougue do lado do mercado, aquele açougue, aquele mercado, faz uns quatro meses que ele melhorou. (...) O rapaz mesmo falou para mim que ele tinha muito medo de formar um mercado ali, mas ele foi incentivado e ele está sentindo que ele está sendo útil para o bairro e o bairro está sendo útil para ele.*”

Sobre o uso do benefício

“*Alimenta melhor. A gente fazia feira, dava para comprar um chinelo de dedo. Agora eu estou achando que não vai dar mais.*” Não deu tempo de investir em algo mais duradouro: “*Quando eu*

consegui pensar isso: eu tenho que tirar alguma coisa do que eu ganhei. Então o último mês eu fui e no segundo eu já não pude mais pagar. Aí tive que: tira daqui põe ali, para poder livrar a cara lá com a casa de móveis. Mas tudo bem, a gente sabe que as coisas está difícil mesmo. Não deu tempo. Eu já estava com muitos problemas econômicos. Primeiro a gente foi tentar ver se dava para colocar alguma coisa em ordem, naquela esperança de que fosse um período maior de benefício. Quando eu pensei que podia ser, a única coisa que eu fiquei de fazer para mim foi comprar um guarda-roupa que eu não tinha. O meu tinha quebrado, estourado todo. E eu falei: 'Eu compro o mais barato que tem, que foi R\$ 250, para eu pagar em duas vezes com o meu Começar de Novo.' No outro mês eu não tive mais o pagamento."

Sobre a vida pós-desligamento do programa

"Ah, me deu muita insegurança. E como me deu insegurança! Até hoje estou meia perdida porque eu parei de receber em abril. Abril, maio e junho, nós já vamos para julho e eu ainda estou meia perdida. [A vida] Voltou pelo que estava antes e com uma esperança de melhorar. Eu sei como trabalhar no cachorro-quente que é o que eu quero. Mas para vender tem que ter um acompanhamento de um refrigerante, um suco e como meu balcão achou de acabar o gás justo agora também então, estou parada, estou desanimada. E estou desanimada mesmo. (...) Não, não estou vendo [perspectivas]. E ainda para ajudar parece que a gente fica nervosa, meu marido também deu broncopneumonia, ele começou a trabalhar de novo agora faz pouco tempo então a gente está meio sem caminho ainda. Mas a gente chega lá, eu ainda tenho esperança." Diz que o que está melhor é que agora a cabeça está diferente. Por exemplo: *"Tive uma época bem difícil, antes de sair o programa, tive uma época muito difícil que eu tive que chegar na assistente social da Prefeitura e falei: 'Olha, eu não tenho o que comer'. Como hoje eu não tenho. Mas, por exemplo, me ajudou muito nisso daí, por exemplo, se eu tenho R\$ 1, eu vou lá e compro um quilo de arroz. Se não dá para eu comprar um quilo eu compro meio, mas, naquela época, eu não tinha essa estrutura na minha cabeça. Eu não tinha. Eu achava que: ou eu vou e faço bastante [compra] ou eu não faço de jeito nenhum. Então era assim que eu era."*

Sobre outros programas da PMSP

Marina e sua família já participaram do RM, do CN e do BT, além da Frente de Trabalho do governo estadual, e ela diz que não está interessada em nenhum outro

programa especificamente, mas em todos que aparecerem no qual ela, seus filhos e netos satisfizerem as condições.

Epílogo

Sendo surpreendente até o final, quando a entrevista estava terminando, Marina sacou de papel e lápis para anotar de que instituição eu era, os objetivos da pesquisa, o que ia ser feito com os dados, que esperança ela podia ter e passar para suas amigas a partir desta pesquisa. Satisfeita sua justa curiosidade (todas estas informações já lhe tinham sido prestadas, mas agora estavam devidamente anotadas em seu “caderno de aulas”), Marina responde ao agradecimento da entrevistadora dizendo: *“Imagina, não tem nada que agradecer. Eu é que agradeço a oportunidade de me deixar falar. Eu quero ver aonde vai sair a minha voz depois.”*

2. Yara havia sido selecionada por ter se declarado branca quando da inscrição no CN e sua entrevista foi marcada com um certo grau de flexibilidade que sua disponibilidade permitia, condicionada ao término da entrevista com Marina. Indo para a casa de Marina, a entrevistadora percebeu que passara na porta de Yara. Assim, dirigiu-se a pé para lá logo que acabou a entrevista anterior e não houve qualquer problema para localizar a casa em rua bem conhecida por ter um abrigo para idosos que Yara dera como referência.

Contexto da entrevista nas palavras da entrevistadora

Era uma casa boa em rua ampla, conhecida e asfaltada. Fui bem recebida e, enquanto durou a entrevista (cerca de 1 hora), a filha de Yara que está desempregada e recebendo seguro desemprego, ficou lavando a louça, ouvindo o que falávamos e manifestando com gestos seu espanto, sua aprovação ou desaprovação. Quase ao final da entrevista, o filho chegou para almoçar. O almoço também me foi oferecido e recusado. Todos se mobilizaram para me ensinar a chegar ao próximo endereço em que eu faria uma entrevista com uma ex-beneficiária do BT. O marido estava em casa, passou por nós rapidamente e apenas acenou com a cabeça me cumprimentando.

Perfil da entrevistada

Yara tem 49 anos, é paulista e sempre morou no Município de São Paulo, grande parte do tempo em EM mesmo. Declarou-se “morena” na pergunta aberta sobre sua cor e branca na pergunta fechada, católica, cônjuge, casada e mãe de 4 filhos dos quais apenas 2 moram com ela e o marido: a filha de 21 anos, que é vendedora, mas está desempregada, e o filho de 25, que também é vendedor e está trabalhando – ambos já concluíram o ensino médio. A última série que Yara concluiu com aprovação foi a quarta série do ensino fundamental e o marido, a quinta, sendo marceneiro desempregado. Não possui convênio médico ou odontológico de qualquer origem, só abriu conta no banco para receber a bolsa do CN, não tem cheque especial ou cartão de crédito nem qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vive com sua família é alugada. Recebeu 9 parcelas do CN e nenhum membro da sua família, que vive com ela, é beneficiário de outro programa da Prefeitura. Yara sempre foi dona de casa, nunca tendo trabalhado fora. Para ganhar um dinheirinho, quando aparece alguém interessado, faz uma “costurinhas” em casa mesmo. Foi o que aconteceu no mês anterior ao da pesquisa, quando recebeu como única renda pessoal no período, R\$ 25,00 de uma vizinha que lhe entregou umas peças para coser. Assim, contribuiu com 3% da renda familiar, que foi de R\$ 755,00, advindos do seguro desemprego da filha e do salário do filho. O item que responde pela maior parte dos gastos é o aluguel (52%), seguido pela alimentação (28%), pela luz (13%), pelo gás (4%) e pela água (3%). O telefone só recebe ligações porque a conta anterior não foi paga. Estes são os únicos gastos da família. Yara não é associada a qualquer entidade da sociedade civil organizada.

Sobre o histórico, a composição e o “funcionamento” da família

“Meu pai, eu não lembro o serviço que ele fazia, só sei que ele levou um tombo na firma em que ele trabalhava que teve conseqüências, ele ficou com a perna aleijada, dura, veio o gangrena na perna aí ele teve que se aposentar por causa desse problema dele, ele ficou um bom tempo engessado, ficou um bom tempo usando muleta por causa da perna. (...) Meu pai era aposentado e a minha mãe era doente porque quando nós mudamos aqui para Ermelino, que eu tinha 11 anos, a minha mãe sofreu um acidente aqui na Paranaguá e ficou ruim, de cama, depois deu um derrame até que ela faleceu. E o meu pai faleceu uns dez, quinze anos antes dela. (...) Quando eu era pequena, a gente morava na Vila

Guilherme, quando eu tinha 11 anos foi que a minha mãe com o dinheiro da aposentadoria do meu pai, conseguiu construir uma casinha aqui em Ermelino, em um terreninho que ela comprou. Aí nós mudamos para Ermelino: eu tinha 11 anos. E de lá para cá sempre aqui vivi em Ermelino. (...) Quando eu me casei eu já morava aqui em Ermelino com meus pais, com a minha mãe, com meus irmãos. Casei com 19 anos, com 10 meses de casada nasceu a minha primeira filha, aí quando ela já tinha um aninho, não foi assim um coisa programada, veio sem a gente esperar, mas veio, a segunda que hoje está com 28 anos. A primeira tem 29. Três anos depois se não me engano, nasceu meu filho que hoje está com 25. Assim fui levando a vida até hoje com o meu marido e meus filhos, uma dificuldade sempre tem dificuldade, a gente que é pobre não é fácil criar. Aí quando ele tinha 3 para 4 anos veio a última que hoje está com 21, já veio a quarta filha e aí eu fechei a fábrica, operei para não ter mais. (...) Sempre morando aqui em Ermelino, mudando de uma casa porque de aluguel, você já viu... Mas sempre aqui em Ermelino.”

Falando da divisão de tarefas em casa, Yara diz que o marido pouco ajuda mas, em compensação, dá a ela todo o poder de administração do dinheiro: *“Desde que nos casamos sempre foi assim: ele pouco me ajuda, mas quanto à matéria do dinheiro, foi sempre eu que, estava sempre na minha mão. Ele recebia, dava na minha mão e eu que pagava o que tinha que pagar: o aluguel, a luz, a água e o gás, a comida. Era tudo eu. É lógico que na hora de ir ao mercado ele ia comigo, a gente fazia uma comprinha. Mas era sempre na minha mão. Eu que controlava tudo. (...) Agora que ele está desempregado ele fica um pouco aí sentado. As filhas ficaram moças então ele falava: tem as filhas para te ajudar agora não precisa. Quando elas eram novinhas ele sempre me dava uma mão quando ele não estava trabalhando, mas depois que as filhas ficaram moças, qualquer coisinha ele falava: ‘Bota as filhas para te ajudar.’”* Referindo-se à filha que estava ao lado lavando louça, diz que *“agora que ela está em casa desempregada, ela me ajuda bastante.”*

Sobre as condições de vida da família

Yara acha que qualidade de vida *“é você trabalhar e ter o dinheiro para que você possa comer, se sustentar, criar os filhos.”* Boas condições de vida se conseguem tendo dinheiro e acha que isso se consegue com um bom emprego e que estudo facilita a obtenção deste. Contudo, faz uma grande relativização sobre o benefício do estudo – um pouco por senso de realidade e um pouco para se consolar por não poder realizar o seu desejo de ver os

filhos fazendo uma faculdade e se formando: “*Eu acho que hoje em dia pessoa tem que ganhar bem para poder viver bem. É lógico que conta o estudo. Que nem meu filho, eu gostaria que meu filho, tivessem já freqüentado, porque pelo tempo que eles se formaram já era para ter se formado numa faculdade, mas infelizmente até hoje não deu. Mas a gente vê tanta gente, a gente vê na televisão, que tem os estudos e está vendendo coisas, fazendo um tipo de trabalho que não tem nada a ver com os estudos deles, porque hoje em dia muita gente tem o estudo, mas não está conseguindo o serviço. Quer dizer que hoje em dia tem tanta pessoa que gasta o que pode, o que não pode, faz faculdade, faz isso e aquilo outro e no fim, hoje em dia não está sendo beneficiado daqueles estudos. Apesar de que eu teria vontade que meus filhos tivessem continuado os estudos, a faculdade e tudo. Mas hoje em dia eu não sei mais dizer se é o estudo que vale a pena porque a gente vê tanta gente que estudou, se formou e não tem nada porque não consegue serviço.*” Comparando suas atuais condições de vida com a que teve no passado, Yara acha que as de antigamente eram melhores: “*Eu já tive um pouquinho melhor, que era o tempo em que o meu marido era bom. Hoje em dia ele tem problema de coluna, precisa emagrecer, se tratar. Então o tempo que ele era forte, bom, que ele ganhava bem com a profissão dele a gente tinha uma vida, não de um rico, mas não nunca faltava nada dentro da minha casa, tinha sempre comida, não faltava roupa para os filhos, nunca faltou nada. Então eu acho que há um tempo atrás eu tive uma vidinha melhor do que eu tenho hoje.*” Já comparando as suas condições de vida com as de seus pais, considera as suas muito melhores: “*Hoje em dia o que eu tenho eu acho que não é nada mas o que os meus pais, o que eu passei com os meus pais, eu falo para todo mundo que hoje em dia eu sou rica, bem dizer.*” Yara diz também o que considera mais importante para conseguir melhorar de vida: “*Eu acho que é mais trabalho porque se você trabalhar você tem condições de melhorar.*” Constatação interessante para quem nunca trabalhou fora mas que, pelo orgulho com que fala de seus poderes em casa, certamente considera (adequadamente) o trabalho doméstico como parte deste trabalhar que ajuda a progredir, juntamente com as suas costuras que chama de ajuda e não de trabalho.

Sobre o Programa Começar de Novo

Yara acha que a Prefeitura trouxe o CN para EM “*para ajudar as pessoas carentes (...) porque essa área do Ermelino, São Miguel, Guaianases é uma parte muito carente. E eu acredito que foi por causa disso*”. Logo aproveita para voltar à já famosa definição de carência relativa: “*Eu preciso, mas se for analisar mesmo, tem muita gente que precisa muito mais que eu. Então eu acho que*

esse dinheirinho que a Prefeitura estava dando ajudou muita gente.” Mesmo definindo a ajuda financeira como pequena, Yara valoriza a bolsa do CN. Sendo uma pessoa muito voltada somente para a vida do lar, Yara nunca parece estar bem situada sobre as coisas que são de fora desse seu domínio. Mesmo tendo participado do CN, ainda chama o programa por outro nome e acredita que foi ajudada porque estava doente à época da inscrição. A noção de que ela não é tão pobre como outras pessoas do bairro transparece ao longo da entrevista em muitas de suas falas e, em função disto, ela nem acreditava que seria incluída no programa. “Para ser franca para você eu via muita gente falar nisso [no programa] mas nem passava pela minha cabeça o que que era. Uma colega minha, uma vez aqui em casa, viu a dificuldade minha porque eu estava com uma ferida, que eu tenho problema de varizes, e ela viu a minha ferida que na época estava aberta, ela viu as condições que eu estava, o meu marido desempregado, aí ela falou para mim: ‘Está tendo esse Programa de Bolsa Trabalho’. Eu falei: ‘Mas eu não sei nem o que que é isso.’ Ela falou assim: ‘Tem o préziinho lá em cima, estão fazendo ficha e tudo, vai lá, quem sabe você consegue, explica sua situação, quem sabe você consegue, já ajuda você em casa esse dinheirinho.’ Aí foi onde eu fui. Já estavam nas últimas fichas, foram feitas muitas mas eu não sabia porque eu só fico aqui dentro fazendo serviço, costurando, aí eu peguei e fui. Cheguei lá a moça falou assim: ‘Vamos ver se ainda tem alguma folha, eu faço.’ Aí ela viu a minha situação e falou assim: ‘Eu vou fazer essa ficha para você.’ Mas eu nem imaginava que eu ia ser chamada. (...) Eu não acreditava porque eu pensei assim: ‘Eles só vão chamar as pessoas que eles vêem que é pobreziinha mesmo.’ Porque a gente vê gente por aí que precisa bem mais do que a gente. Então eu falei tudo o que eles perguntaram: a minha situação, eu expliquei tudo, mas eu não achei que fosse conseguir. E graças a Deus um tempo depois veio a carta da Prefeitura me chamando. Enfrentei muita fila lá no SESC, em outros lugares também, fui no salão da igreja, mas valeu a pena.” Yara acha que foi muito bem atendida por onde andou para efetivar a sua entrada no CN e que recebeu informações suficientes para entender bem o programa. Ao descrever as atividades das quais participou, expressa o também recorrente sentimento de infantilização ao desempenhar os trabalhos propostos no módulo básico e o prazer de encontrar pessoas e ampliar a sua rede: “Nós fizemos um cursinho aqui perto do Banco do Brasil mas era mais assim, para a gente se encontrar, a gente fazia tipo de desenhos em cartolinas, montava trabalhos. Era como se eu tivesse voltado à minha época de escola. Eu fazia trabalhos sobre o desemprego, sobre muita coisa que a professora ensinava, tinha hora do lanche, a gente batia papo e ao mesmo tempo era bom porque a gente fez novas amizades, a gente se

encontrava, punha a fofoca em dia e eu gostava muito quando eu me encontrava lá com o pessoal.” Terminada a primeira fase, Yara foi convidada para fazer o “curso de cooperativa”, mas a alternativa que se colocava era só a de reciclagem. Como outros entrevistados do GF, não avaliou este caminho como frutífero para sua vida e, apesar de ter iniciado, abandonou em seguida, não voltando a ter outra atividade até o final de seu tempo no CN (que foi de 9 meses): “Eles disseram que quem quisesse seguir os cursos de cooperativa... e eu ainda fiquei. Falei que ia ficar na parte de cooperativa. (...) Eles estavam fazendo mais a parte, desse negócio de juntar a garrafa de plástico. (...) mas eu, no meu ponto de vista, eu pensei assim: ‘Eu acho que esse negócio de reciclagem não vai dar futuro.’ Como eu já tenho mais experiência na minha maquininha em casa aí o meu marido falou assim: ‘Não, o tempo que você vai ter que ficar indo...’. Eu ainda frequentei um pouco as reuniões, mas ele ficava falando. Eles ensinavam como que é o tipo de cooperativa, como é que agia tudo, mas depois falei: ‘Não, eu não vou mais porque eu não vou seguir. Eu prefiro ficar em casa costurando, ganhando os meus troquinho, eu não vou seguir.’ Teve muitas delas que continuaram a frequentar o curso da cooperativa, mas eu saí depois de um certo tempo.” Yara diz que gostou de ter participado do CN e que recomendaria para amigos e parentes e até para o marido desempregado. Ao falar das qualidades e defeitos do programa, Yara reforça o que já havia sido destacado antes quando descrevera suas atividades: ao contrário de muitas de suas colegas de programa que participaram do GF, Yara não achava que estava aprendendo muita coisa de útil com as dinâmicas do módulo básico e expôs suas expectativas: “Defeito, eu acho que não teve. Só que, sei lá, eu acho assim que, deveria ser uma coisa que a gente aprendesse. Que nem quando começou essa reunião [do CN], eu pensei que a gente ia se encontrar nas reuniões para aprender um tipo de um curso assim: a bordar, o pessoal se reunir para aprender a bordar ou então aprender a fazer pintura ou então aprender a fazer crochê. Eu pensei que quando a gente fosse se reunir ia ser assim. No começo eu pensei assim que a gente ia aprender um tipo de um curso. Mas não. A gente se encontrava mais era para palestra e como eu falei para você, para fazer trabalhos em cartolina. Então eu acho que seria melhor assim: se quando se reunisse, nesses cursinhos, tivesse uma professora assim: uma só para ensinar a bordar, a outra na reunião ensinasse a gente a cozinhar uma comida mais gostosa ou então fazer um tipo de um bordado, costura. Sei lá. Uma coisa diferente. O tempo que gente fica lá é gostoso, mas se tivesse uma coisa que a gente tivesse aprendendo ali, eu acho que era melhor.” Mais adiante mostra ter apreciado o que as pessoas do GF classificaram de “ganhos não monetários” e que ela resumiu nas palavras:

“eu me dei mais valor a mim.” Vale a pena transcrever mais falas de Yara sobre o assunto porque ela, mesmo dizendo que não sabia se expressar, fez isto com muita clareza: *“A gente não aprendeu nada. Como eu falei, a gente ficava mais é fazendo papel na cartolina. Mas eu acho que eu aprendi a me valorizar mais. (...) Eu acho que eu aprendi a me valorizar mais porque lá ensinava também que a vida da gente não é só estar em casa cuidando de neto, a gente tem que dar valor a gente também. Tem que sair, passear. Filho casou, tem seus filhos então eles que cuidem não trazer para a gente cuidar. Eu tenho os meus netos porque a minha filha quando precisa é só em cima de mim. Então já nesse curso eu aprendi que casou teve seus filhos então elas que cuidem lá. Eu tenho que me valorizar mais, eu tenho que sair, me distrair. Não sei explicar. Mas foi o que eu aprendi.”* Yara destaca ainda que sua participação no programa, bem como a de outras pessoas da rua, foi valorizada pela vizinhança e deixou muita gente com vontade de participar também. Diz isto com o orgulho de quem não deixou a oportunidade escapar: *“Eles acharam positivo. Tanto é que muitos falaram: ‘Ah, eu quero fazer também.’ Eu falei: ‘Agora eles não estão fazendo mais.’ Porque a gente começou a receber e eles não estavam fazendo mais. Eu falei: ‘Quem está recebendo agora é porque já fez a ficha, a Prefeitura já chamou. Infelizmente agora tem que esperar quando vier uma nova inscrição.’ Mas muita gente aqui na rua gostou porque não era só eu, tinha a Maria, a outra vizinha, por aqui que também foram e freqüentavam o mesmo curso.”*

Sobre o uso do benefício

Yara confirma o que já foi muitas vezes dito: o uso do benefício foi para as despesas do dia-a-dia e houve medo, embora houvesse a intenção, de investir em algo a mais longo prazo: *“Eu não quis arriscar de assumir um compromisso assim. A vontade que eu tinha era essa de montar uma oficina minha. Mas eu não quis arriscar. Eu fiquei com medo. Aí eu falei: ‘São só 6 meses para a gente receber, aí depois eu não vou ter como.’ Porque eu já tive esse dinheirinho para poder ajudar dentro de casa. Então se eu fosse tirar esse dinheiro para gastar com máquina, isso e aquilo já não daria porque ia faltar esse dinheiro para mim. E também eu pensei: é só 6 meses. Aí depois não dá certo eu vou arrumar dor de cabeça, vou assumir uma dívida que meus filhos vão ter que pagar. Aí eu não quis arriscar.”* Considera que fez um bom uso da bolsa, embora saiba de quem não fez: *“Muita gente pegou esse dinheiro e gastou à toa com esse negócio de pinga, cigarro, tem gente que bebe, muita gente que falava que recebia, ia para bar gastar. Eu acho errado. Mas que nem no meu caso, que eu*

precisei dele para gastar em casa, me ajudou muito. Então eu gostaria que se eles me chamassem de novo... nossa! Ia me ajudar muito. É só isso.”

Sobre a vida pós-desligamento do programa

“Ficou ruim. Inclusive ficou mais apertado do que era antes.” Explica que, com suas costuras, além de tirar pouco dinheiro, é tudo picadinho, o que atrapalha o uso do dinheiro: *“Por exemplo, eu faço um conserto, faço uma saia, uma blusa e se eu recebo R\$ 25 hoje, esse dinheiro eu já tenho que ir no mercado comprar uma mistura, então não é igual como, eu ia no fim do mês no banco e pegava aquele dinheiro que era os R\$ 189, a gente pegando tudo assim na mão a gente sabe o que faz, não é? E você pegando de picado, um pouquinho essa semana não dá porque você vai no mercado compra 1 quilo disso, 1 quilo daquilo, o dinheiro acabou e você não vê aonde você gastou.”*

Sobre outros programas da PMSP

“A única coisa que eu sei é que têm muitas mulheres aqui na rua que elas falam que eles vão fazer novas inscrições do Começar de Novo e disse que esses que já tiveram, que já receberam vão ser avisados para se inscrever de novo. Se eu tivesse chance de me inscrever de novo, eu iria me inscrever nesse mesmo, no Começar de Novo. Porque não tem outro. Só tem o Começar de Novo, o Renda Mínima e o Bolsa Trabalho, não é?”

VI PESQUISA COM OS EX-BENEFICIÁRIOS DO PROGRAMA BOLSA TRABALHO

Parâmetros gerais do programa Bolsa Trabalho (BT)²⁶

“O programa Bolsa Trabalho é para jovens desempregados de 16 a 29 anos de idade. Tem as modalidades Bolsa Trabalho Renda, Bolsa Trabalho Cursinho e Bolsa Trabalho Emprego.

***O Bolsa Trabalho Renda**, lançado em abril de 2001, já beneficiou 39 mil jovens de 16 a 20 anos. O programa dá capacitação cidadã e uma bolsa mensal para que os jovens permaneçam estudando sem pressionar o mercado de trabalho. Novas inscrições serão abertas este ano. Não inscreve pela Internet.*

***O Bolsa Trabalho Cursinho** é um programa que visa a oferecer o acesso de jovens ao ensino superior, oferecendo bolsas para cursos preparatórios pré-universitários. É destinado a jovens de 16 a 29 anos, que tenham concluído o ensino no nível médio, inclusive profissionalizante. A Prefeitura vai financiar a bolsa destes jovens, que deverão ser aprovados pelos cursinhos parceiros.*

***O Bolsa Trabalho Estágio**, lançado em fevereiro de 2003, é um programa de aperfeiçoamento ocupacional, por meio de estágios em empresas e organismos governamentais e não governamentais que aderirem ao programa. É direcionado a jovens que estejam devidamente matriculados e freqüentando uma instituição regular de ensino médio (inclusive profissionalizante), supletivo ou superior. A Prefeitura irá subsidiar os custos da intermediação e acompanhamento do estágio. O período do estágio é de, no mínimo, 6 meses” (SDTS, 2003: 7 e 8).*

A presente pesquisa só trabalhou com ex-beneficiários do Bolsa Trabalho Renda, uma vez que as outras duas modalidades encontram-se em fase de implantação e, como vai ser visto, correspondem aos anseios de muitos ex-beneficiários, que até sugeriram estas fórmulas como desdobramentos desejáveis para o programa.

²⁶ No relatório anterior traçou-se um cuidadoso retrato de cada programa apresentado em forma de quadros-resumo, contendo detalhes acerca de seus objetivos, contrapartida e critérios de elegibilidade, avaliação,

O perfil dos entrevistados a partir das fichas socioeconômicas

Por ocasião da realização dos GFs e das entrevistas, todos os participantes responderam a uma ficha de caracterização socioeconômica. A partir dos resultados desta parte da pesquisa, foi construída a tabela que se segue, que traça o perfil dos entrevistados.

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Tempo médio de preenchimento da ficha	8 minutos	10 minutos
Classe modal de sexo	Masculino (57%)	Feminino (59%)
Idade média	18,86 anos	19,08 anos
Classe modal de faixa etária	Até 20 anos (100%)	Até 20 anos (92%)
Proporção de paulistas	100%	100%
Tempo de residência em São Paulo	Sempre morou (100%)	Sempre morou (100%)
Classe modal de cor (pergunta aberta)	Morena (43%)	Morena e parda (25% cada)
Classe modal de cor (pergunta fechada)	Negra (57%)	Branca (50%)
Classe modal de religião	Católica (86%)	Católica (67%)
Classe modal de posição na família	Filho (100%)	Filho (92%)
Classe modal de situação conjugal	Solteiro (100%)	Solteiro (100%)
Paternidade/maternidade	Não (100%)	Não (100%)
Classe modal de última série concluída	2ª série do ensino médio (29%)	3ª série do ensino médio (33%)
Proporção com ensino fundamental concluído	86%	92%
Proporção com ensino médio concluído	14%	42%
Proporção com convênio médico particular	0%	0%
Proporção com convênio médico de empresa	0%	8%
Proporção com convênio odontológico	0%	8%
Proporção com conta em banco anterior ao programa	29%	8%
Proporção com conta em banco aberta para receber o benefício	71%	59%

acompanhamento e parcerias, desafios e resultados. Aqui se trata apenas de indicar sumariamente suas características básicas para contextualizar a análise da visão que deles têm os beneficiários/ex-beneficiários.

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Proporção com cheque especial	0%	0%
Proporção com cartão de crédito	14%	0%
Proporção com acesso à Internet em casa	0%	0%
Proporção com acesso à Internet no trabalho	0%	0%
Proporção que busca acesso à Internet no telecentro da Prefeitura	0%	8%
Classe modal de tipo de ocupação do domicílio	Própria (57%)	Própria (67%)
Número médio de parcelas recebidas do BT	5,71	6,17
Classe modal de número de parcelas recebidas do BT	6 parcelas (86%)	6 parcelas (75%)
Proporção de membros da família que é beneficiária do BT	0%	9%
Proporção de membros da família que é beneficiária do CN	0%	9%
Proporção de membros da família que é beneficiária do OT	14%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária do POS	0%	9%
Proporção de membros da família que é beneficiária do RM	28%	27%
Proporção de membros da família que é beneficiária do São Paulo Confia	0%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária do São Paulo Inclui	0%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária de outros programas da PMSP	0%	0%
Classe modal de situação no mercado de trabalho anterior à entrada no programa	Nunca trabalhou (57%)	Nunca Trabalhou 67%)
Tempo médio de desemprego até o ingresso no BT	16 meses	27 meses
Classe modal de tempo de desemprego	12 meses (67%)	24 meses (50%)
Classe modal de posição na última/atual ocupação	Empregado sem carteira assinada (100%)	Empregado sem carteira assinada (75%)

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Classe modal de setor da economia no qual trabalhava	Não há predominância	Comércio (75%)
Proporção que teve algum rendimento no mês anterior	14%	25%
Valor médio do rendimento individual no mês anterior ao da pesquisa	R\$ 30,00	R\$ 133,00
Classe modal da fonte do rendimento individual	“Bicos” (100%)	“Bicos” (100%)
Proporção que tem vontade e tempo de fazer trabalho voluntário	57%	33%
Proporção que tem vontade, mas não tem tempo de fazer trabalho voluntário	43%	58%
Proporção que já faz trabalho voluntário	0%	8%
Proporção que não tem vontade de fazer trabalho voluntário	0%	8%
Número médio de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado)	4,86	5,58
Classe modal de número de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado)	4 pessoas (43%)	5 pessoas (50%)
Classe modal de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado) e que têm rendimento	1 pessoa (50%)	1 pessoa (58%)
Classe modal de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado), que têm rendimento e que contribuem para o orçamento	1 pessoa (50%)	1 pessoa (58%)
Rendimento familiar médio do mês anterior ao da pesquisa	R\$ 430,00	R\$ 427,27
Número médio de pessoas que vivem desta renda	4,86 pessoas	5,58 pessoas
Principal tipo de associação a que pertencem os beneficiários do BT	Associação religiosa (15%)	Associação religiosa (17%)

Fonte: Pesquisa DIEESE/SDTS, 2003.

O perfil dos entrevistados do Capão Redondo

Com base nas classes modais e nas médias, pode-se dizer que os entrevistados do BT no CR são predominantemente homens (57%), revelando, contudo, um equilíbrio entre os participantes do sexo masculino e feminino não visto nos demais programas pesquisados; com idade média de 18 anos; naturais do Estado de São Paulo (100%) e sempre tendo vivido no Município de São Paulo (100%); declararam-se predominantemente morenos na pergunta aberta sobre a sua cor (43%) e negros na pergunta fechada (57%); católicos (86%), ocupando a posição de filhos em suas famílias (100%), solteiros (100%) e sem filhos (100%). A última série que concluíram com aprovação foi a segunda série do ensino médio (29%), denotando um índice de instrução bem mais elevado do que o dos participantes do CN, corroborado pelos outros indicadores de educação: 86% concluíram o ensino fundamental e 14% o ensino médio. Pela faixa etária, ainda é compatível o não acesso à universidade, ainda que os dados qualitativos apontem para uma exclusão neste sentido, como costuma ocorrer na sociedade brasileira em geral com as populações menos favorecidas. Não possuem convênio médico ou odontológico de qualquer origem, não tinham conta em banco antes de serem selecionados para o BT (71%), não têm cheque especial nem cartão de crédito (100% e 86%, respectivamente), também não têm qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vivem com suas famílias são próprias já pagas (57%). Receberam em média 5,71 parcelas do BT, predominando os que receberam 6 parcelas (86%). As pessoas da família que vivem na mesma casa não são beneficiários de outros programas da PMSP, merecendo destaque os 14% que disseram participar do OT e os 28% do RM. Nunca tinham trabalhado (57%) antes de serem selecionados para o BT. Os que já haviam trabalhado e encontravam-se desempregados, quando de sua inclusão no programa, estavam nesta situação há 16 meses em média depois de terem sido empregados sem carteira assinada (100%), tendo exercido suas atividades nos mais diversos setores, desempenhando ocupações do tipo: ajudante geral, empregada doméstica e serralheiro. No mês anterior ao da pesquisa, não tiveram renda pessoal (86%) e, os 14% que tiveram, auferiram um rendimento pessoal no valor médio de R\$ 30,00, advindo de “bicos” (100%). Gostariam de fazer trabalhos voluntários e dispõem de tempo para tal (57%). Suas famílias são compostas de 4,86 pessoas em

média, predominando as compostas por 4 pessoas (43%), das quais somente uma teve algum rendimento no mês anterior ao da pesquisa e contribuiu para o orçamento doméstico (50% em ambos os casos). Sua renda familiar no mesmo período foi, em média, de R\$ 430,00 que se destinam ao sustento de, em média, 4,86 pessoas. No que concerne à sua vinculação a entidades da sociedade civil organizada, pertencem a associações religiosas (15%).

O perfil dos entrevistados em Ermelino Matarazzo

Com base nas classes modais e nas médias, pode-se dizer que os entrevistados do BT em EM são predominantemente mulheres (59%), revelando, contudo, um equilíbrio entre os participantes do sexo masculino e feminino não observado nos demais programas pesquisados; com idade média de 19 anos; naturais do Estado de São Paulo (100%) e sempre tendo vivido no Município de São Paulo (100%); declararam-se predominantemente morenos e pardos na pergunta aberta sobre a sua cor (25% de cada) e brancos na pergunta fechada (50%); católicos (67%), ocupando a posição de filhos em suas famílias (92%), solteiros (100%) e sem filhos (100%). A última série que concluíram com aprovação foi a terceira série do ensino médio (33%), denotando um índice de instrução bem mais elevado do que o dos participantes do CN e superior ao dos beneficiários do BT no CR, corroborado pelos outros indicadores educacionais: 92% concluíram o ensino fundamental e 42% o ensino médio. Não possuem convênio médico ou odontológico de qualquer origem, não tinham conta em banco antes de serem selecionados para o BT (92%), não têm cheque especial nem cartão de crédito (100% em ambos os casos), também não têm qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vivem com suas famílias são próprias já pagas (67%). Receberam em média 6,17 parcelas do BT, predominando os que receberam 6 parcelas (75%). As pessoas da família que vivem na mesma casa não são beneficiários de outros programas da PMSP, merecendo destaque os poucos que disseram ter parentes co-moradores que participam do CN, do POS e do RM (9%, 9% e 27%, respectivamente). Nunca tinham trabalhado (67%) antes de serem selecionados para o BT. Os que já haviam trabalhado e encontravam-se desempregados quando de sua inclusão no programa, estavam nesta situação há 27 meses, em média, depois de terem sido empregados sem carteira assinada

(75%), tendo exercido suas atividades principalmente no comércio (75%). As ocupações que tiveram eram do tipo: ajudante geral, auxiliar de escritório, office boy e recepcionista. No mês anterior ao da pesquisa, não tiveram renda pessoal (75%) e, os que tiveram (25%), auferiram um rendimento pessoal no valor médio de R\$ 133,00 advindo de “bicos” (100%). Gostariam de fazer trabalhos voluntários, mas não dispõem de tempo para tal (58%). Suas famílias são compostas de 5,58 pessoas, em média, predominando as compostas por 5 pessoas (50%), das quais somente uma teve algum rendimento no mês anterior ao da pesquisa e contribuiu para o orçamento doméstico (58% em ambos os casos). Sua renda familiar no mesmo período foi, em média, de R\$ 427,27 que se destinam ao sustento de, em média, 5,58 pessoas. No que concerne à sua vinculação a entidades da sociedade civil organizada, pertencem a associações religiosas (17%).

O perfil dos beneficiários a partir dos dados da SDTS

Como pode ser constatado na comparação dos resultados da pesquisa com os dados produzidos a partir dos cadastros da SDTS para o BT (quadro a seguir), embora sem o compromisso estatístico de representar o conjunto dos beneficiários, o perfil traçado, em suas linhas gerais, é perfeitamente compatível. Destaque nas duas fontes de dados é a situação educacional de EM, que se mostra bem mais favorável do que a do CR. Vale notar que o “envelhecimento” da população descrita é devido ao lapso de tempo transcorrido entre os dois registros, sendo o mesmo argumento válido para o progresso escolar.

Indicadores calculados pela SDTS	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Classe modal de sexo	Feminino (55%)	Feminino (59%)
Classe modal de estado civil	Solteiro (95%)	Solteiro (97%)
Proporção de paulistas	75%	78%
Estado de origem da maior proporção de migrantes	Bahia (9%)	Bahia (10%)
Idade média	17,9 anos	17,3 anos
Classe modal de última série concluída	6ª e 7ª série do ensino fundamental (23% cada)	2ª série do ensino médio (26%)

Indicadores calculados pela SDTS	Capão Redondo	Ermelino Matarazzo
Proporção com ensino fundamental concluído	62%	87%
Proporção com ensino médio concluído	0,1%	21%
Classe modal de situação o mercado de trabalho	Assalariado com carteira (97%)(*)	Estudante (75%)
Número médio de pessoas na família	3,2(*)	5,5
Renda média familiar	R\$ 202,41	R\$ 267,50
Classe modal de tipo de ocupação do domicílio	Própria (54%)	Própria (55%)

Fontes: SDTS, jun. 2002; SDTS, ago. 2003.

(*) Estes dois dados parecem ter sido calculados no Capão Redondo com critérios um pouco diferentes porque parecem discrepantes em todos os programas.

Os Grupos Focais (GFs) ²⁷

A composição dos GFs:

Com o objetivo de garantir que o GF contivesse sujeitos representativos das mais diferentes condições de ex-beneficiários, com base no seu perfil produzido pela SDTS, os responsáveis pelo programa escolheram a seguinte composição para GFs de 12 pessoas:

- ✓ **Idade:** 1 ex-beneficiário e uma ex-beneficiária com 16 anos e 1 ex-beneficiário e uma ex-beneficiária com 20 anos (4);
- ✓ **Escolaridade:** 1 ex-beneficiário e uma ex-beneficiária com de 6^a a 8^a séries e 1 ex-beneficiário e uma ex-beneficiária com de 1^a a 3^a séries do 2^o grau (4);
- ✓ **Tipo de família:** 1 ex-beneficiário e uma ex-beneficiária em família biparental e 1 ex-beneficiário e uma ex-beneficiária em família monoparental (4).

²⁷ Cada capítulo tratará apenas das especificidades do programa em pauta uma vez que os procedimentos comuns já foram descritos na **Introdução**. Como já foi visto, cada GF foi relatado. Partes destes relatos serão incorporadas ao corpo do relatório.

O roteiro dos GFs

O roteiro acordado com os responsáveis pelo BT para conduzir os GFs com os(as) ex-beneficiários(as) do BT era basicamente o mesmo utilizado na pesquisa com os ex-beneficiários do CN:

- ✓ Por que você acha que a PMSP implantou o programa no Município de São Paulo e na sua região em particular?

- ✓ Como você contaria a história de sua inclusão no programa?
(Como soube do programa? Por que resolveu inscrever-se? Dificuldades enfrentadas para a inscrição – filas, atendimento, nível de informação etc.; crença no programa; crença na sua seleção para o Programa etc.)

- ✓ De que tipos de atividades você participou? Você pôde escolher as atividades das quais participou? De quais atividades você mais gostou de participar? Por quê? De quais atividades você menos gostou de participar? Por quê?

- ✓ Você achava que a sua participação no programa traria alguma coisa nova para a sua vida? O quê? E para a vida de sua família? O quê?

- ✓ Como está sendo a sua vida após o desligamento do programa?
(Mudanças ocorridas, obtenção de novas formas de geração de renda, melhoria de condições de vida, oportunidade de participar de outros programas, oportunidade de maior e melhor participação na vida da comunidade etc.)

- ✓ Na sua opinião, quais as principais qualidades do programa? Por quê?

- ✓ E os principais defeitos? Por quê?

- ✓ Você tem sugestões para que o programa se torne melhor para as pessoas, para as famílias e para as comunidades em que ele é implantado?

✓ Conhece outros programas da PMSP?

Os convites para os GFs

Foram feitos através de uma série de telefonemas para os ex-beneficiários do programa BT nos dias que antecederam a sua realização. Todos os ex-beneficiários contatados eram moradores dos distritos de CR e de EM, respectivamente, e suas características e direções constavam de listas de nomes sorteados fornecidas pela SDTS/PMSP para a equipe de pesquisa a partir de seus cadastros.

Havia uma certa preocupação por parte da equipe da pesquisa de que não houvesse interesse por parte dos ex-beneficiários em participar dos grupos em função de já estarem desvinculados do programa (alguns há muito tempo). Se no caso da pesquisa com o CN tal preocupação revelou-se descabida uma vez que todos se mostraram interessados em participar, já não era tão infundada no caso dos ex-beneficiários do BT, notadamente no caso do CR. Ao fazer as ligações, a pessoa encarregada percebeu, pelo tom de voz nos telefonemas, que não havia muita firmeza quando os jovens aceitavam participar do GF. Aqui também, na maioria dos casos, quando seus pais atendiam ao telefone, era necessário responder pacientemente a suas indagações: quem estava ligando, para que mesmo queria falar com seu(sua) filho(a), onde seria o encontro, se o BT voltaria etc. Depois, restava repetir tudo para os jovens, quando eles chegavam, finalmente, ao telefone.

No Capão Redondo²⁸, houve uma recusa explícita e muitas disfarçadas do tipo: “estou muito ocupado(a) esta semana”; “tenho prova e preciso estudar”; “tenho que levar minha mãe ao médico”; “tenho uma festa de aniversário no mesmo horário”, que foram contabilizadas na alternativa “não pode participar no horário”. Foram dados 116 telefonemas para confirmar 16 pessoas: 14 para o GF e 2 para as entrevistas domiciliares, obtendo-se, portanto, a relação de 7,3 telefonemas para cada pessoa confirmada para participar e de 16,6 para cada entrevista de fato realizada (quer no GF,

quer no domicílio). As “causas conjunturais”, que incluíam desde a pessoa não estar em casa no momento da ligação até qualquer problema momentâneo com a linha telefônica, foram as mais freqüentes para o não êxito da ligação; seguiram-se as ligações que descobriram não haver a pessoa procurada naquele domicílio; o terceiro lugar foi ocupado por um empate entre os casos de telefone inexistente (mensagem da companhia telefônica) e os casos das pessoas que declararam não poder participar no dia e horário propostos. Como uma informação a mais para a pesquisa, indagou-se em todos os telefonemas se o(a) jovem em pauta estava trabalhando, tendo sido obtidas 4 respostas afirmativas.

Em Ermelino Matarazzo, não houve qualquer recusa e foi muito mais fácil atingir a meta da pesquisa: foram dados 46 telefonemas para confirmar 16 pessoas: 14 para o GF e 2 para as entrevistas domiciliares, obtendo-se, portanto, a relação de 2,9 telefonemas para cada pessoa confirmada para participar e de 3,8 para cada entrevista de fato realizada. As “causas conjunturais”, que incluíam desde a pessoa não estar em casa no momento da ligação até qualquer problema momentâneo com a linha telefônica, responderam por 96% das ligações que não resultaram em aceitação do convite. Como uma informação a mais para a pesquisa, indagou-se em todos os telefonemas se o(a) jovem em pauta estava trabalhando, tendo sido obtida apenas uma resposta afirmativa.

A realização dos GFs

No CR, o GF realizou-se no posto de atendimento da SDTS e PMSP em Campo Limpo, situado praticamente no Largo do mesmo nome, de fácil acesso aos moradores do Capão Redondo, no dia 25/06/03 e teve duração aproximada de 45 minutos. Convidados para as 14 horas, somente uma ex-beneficiária do BT chegou meia hora antes; até o horário previsto, chegaram mais três rapazes. A facilitadora ficou preocupada, pois essa baixa presença confirmava suas intuições a partir dos telefonemas; imediatamente voltou aos telefonemas tentando confirmar se os convidados estavam a caminho ou não do GF. Conseguiu notícias de três deles, que estavam vindo para o encontro: uma moça, que realmente chegou depois do GF ter começado, e um casal

²⁸ Embora o GF de EM tenha antecedido ao do CR, os comentários serão sempre feitos inicialmente para esse último, respeitando a precedência cronológica da implantação do programa nesse distrito.

(ambos ex-BT), que não apareceu. Às 14:15 horas, com 4 ex-BT presentes, 3 homens e 1 mulher, deu-se início ao GF. Em CR, nenhum entrevistado chegou acompanhado. Mais tarde, como foi mencionado, juntou-se ao grupo, em tempo de participar, mais uma ex-beneficiária.

Em EM, o GF realizou-se na Creche “Casa da Criança”, situada na Rua Tanazeiro, número 38, no dia 24/06/03 também com duração aproximada de 45 minutos. Convidados para as 14 horas, somente um ex-beneficiário da BT chegou meia hora antes; até o horário previsto, chegaram mais dois jovens. A facilitadora ficou preocupada, pois essa baixa presença confirmava suas intuições a partir dos telefonemas; imediatamente voltou aos telefonemas tentando confirmar se os convidados estavam a caminho ou não do GF. Dois deles estavam vindo; uma das meninas havia esquecido do compromisso; e outro, sua mãe informou que ele estava na faculdade, pois esse era seu horário habitual de aula! Às 14:25 horas, com 7 ex-BT presentes, 4 homens e 3 mulheres, o GF foi iniciado. Uma moça chegou atrasada e mais 2 adolescentes chegaram às 15 horas, quase no momento de o GF terminar: vieram voluntariamente, não estavam entre as convidadas, mas tiveram uma participação ativa e frutífera para os trabalhos.

Clima reinante nos GFs

Uma especificidade dos GFs do BT é a de que os jovens eram menos falantes do que os dos outros grupos. Tal característica, bem como um número menor de participantes, permitiu uma duração muito mais reduzida do trabalho em grupo. Talvez para esta faixa etária fossem necessários mais encontros para que a uma maior grupalização correspondesse uma maior desinibição. Outras hipóteses levantadas pela equipe da pesquisa diziam respeito à ausência de pessoas mais jovens na equipe, o que talvez pudesse possibilitar maior identificação entre as pessoas presentes permitindo que a conversa rolasse mais solta. Independentemente de nossas diferentes idades, nós 4 da equipe, éramos “as tias”. Outra possibilidade é que os jovens se sentem inseguros entre eles mesmos, e que, quando um deles começava a falar, acompanhava a reação dos demais, se iam gozar ou não, se deveria continuar ou não; ou seja, estava sempre presente o temor de não serem aceitos pelo grupo, por um motivo qualquer. Contudo,

tais observações, bem como outras registradas no item “clima reinante”, não inviabilizaram o trabalho de pesquisa que, como será visto no relato dos resultados, alcançou plenamente os seus objetivos.

No CR, nas palavras da relatora, o clima foi de respeito, bom humor e, como o grupo era pequeno, todos praticamente se pronunciaram sobre cada uma das questões. Um pouco menos do que em EM, também em CR, o GF com os ex-bolsistas do BT tendeu a entrevistas individuais “em grupo”. A moderadora, como de costume, levantava as questões sobre o programa. Mas, em vez de as respostas seguirem seu próprio curso de associações e experiências diferenciadas dos participantes, elas rapidamente eram contadas e... ponto final. Algumas das falas mais longas que aparecem no relatório são fruto da junção de uma seqüência de respostas curtas. Em poucos momentos eles se manifestaram todos juntos.

Muitas das observações sobre o GF do mesmo programa em EM são válidas para CR; mas, como acostumamos a nos dizer, entre a equipe de pesquisa, “Capão é Capão”, dizendo com isso que as respostas aos programas sociais são sempre mais vívidas e comprometidas nesse distrito, talvez porque CR pertença à primeira fase de distritos em que os programas foram implementados, marcados, portanto, pelo pioneirismo da experiência. Esse GF, em especial, foi bastante caracterizado pela participação meio compulsiva de um dos rapazes que havia perdido a mãe recentemente, sendo que, conforme seu relato, ela havia sido a grande incentivadora para ele entrar no BT. Em vários momentos nos emocionamos junto com ele. No final do GF, o conagraçamento foi tranqüilo, prolongado, parecia que ninguém queria ir embora. Estendeu-se, no mínimo, por mais meia hora, o que foi muito agradável.

Em EM, também nas palavras da relatora, o clima foi de respeito, bom humor, mas meio desanimado. O GF tendeu a ser entrevistas individuais “em grupo”. A moderadora, como de costume, levantava as questões sobre o programa, mas, em vez das respostas seguirem seu próprio curso de associações e experiências diferenciadas a serem contadas pelos participantes, tendiam a morrer nas respostas quase

monossilábicas que eram pronunciadas. Assim, aos poucos, foi-se estabelecendo o sistema de rodada, pelo qual cada um respondia “na sua vez”. Algumas das falas mais longas que aparecem no relatório são fruto da junção de uma seqüência de respostas curtas.

A moderadora tentou incentivar a discussão dos pontos planejados com os participantes, mas a resposta foi sempre menor do que a esperada (pelo menos para nós pesquisadoras). Poucas vezes falaram todos juntos, compartilhando suas experiências diferenciadas no programa.

No final do GF, o conagraçamento foi tão sem graça quanto a atividade, o que diferenciou muito esse grupo com os jovens dos demais que havíamos acompanhado, ou seja, com beneficiários mais velhos (CN) ou de várias idades (RM e OT).

Nem as fotos dos participantes do GF que tiramos mantiveram a qualidade que vimos mantendo: estão embaçadas!

Parece que falta garra, ou então, eles, em sua maioria, ainda são muito dependentes da família e/ou esperam algum grande milagre em suas vidas. Muitos foram acompanhados e, um dos meninos convidados, chegou muito atrasado, depois que o GF terminara, pois o pai, que lhe trouxe de carro, teve dificuldades de localizar o endereço. Certamente essa é uma impressão geral, pois a iniciativa das duas voluntárias vindo ao GF por elas mesmas a partir de alguma informação que desconhecemos, aponta em outra direção. Há também alguns ensaios de vôo próprio que não devem ser minimizados. Mas percebe-se que a maioria não tem propostas, nem individuais, e que dificilmente constroem propostas coletivas. Talvez o que mais estranhemos seja a falta de espírito de grupo. Pelo menos, foi o que observamos naquelas quase duas horas que convivemos.

Levantamento dos principais aspectos abordados de forma recorrente nos GFs

Aos comentários sistematizados seguem-se algumas das falas que os sugeriram. Algumas delas tocam em mais de um dos pontos listados, mas optou-se por mantê-las alocadas

em um dos aspectos para que um pouco da articulação do pensamento dos entrevistados pudesse ser percebida pelos leitores. Os aspectos listados a partir dos GFs em cada distrito são os que foram mais enfatizados, não querendo dizer que tenham sido os únicos.

No Capão Redondo

- ✓ Os motivos percebidos como os que levaram o BT ao CR são: para ajudar as pessoas com necessidade; oportunidade do primeiro emprego para quem está saindo da escola, concluindo o ensino médio; porque no CR tem muita gente precisando de ajuda, é uma área carente com muita gente que não pode pagar cursos; para ajudar pessoas que não conseguem ter nem uma renda mínima. Uma participante do GF declarou que não faz *“a mínima idéia”* de por que isto aconteceu.
 - *“Uma oportunidade de um primeiro emprego para quem está estudando, pela faixa etária. Para quem estava começando a entrar no mercado de trabalho. Foi bom.”*
 - *“Porque aqui estava precisando. Por aqui estava precisando porque é área carente, não tem muita gente que tem dinheiro para pagar curso, essas coisas. Então a Prefeitura está tentando ajudar e está conseguindo.”*

- ✓ Motivação para inscrever-se no BT: muitos disseram terem ido somente pela bolsa mesmo. Outros declararam outras motivações além da financeira: porque a mãe insistiu; para se soltar um pouco porque era muito *“fechado”*; para ter uma atividade fora de casa; para fazer um curso de informática e conseguir uma experiência para tentar ingressar no mercado de trabalho que é muito exigente com relação a este ponto.
 - *“Para falar a verdade eu fui empurrado pela minha mãe. Ela que me empurrou. É a pessoa que sempre falou: ‘Você vai fazer isso que isso é para o seu bem.’ Aí eu ia lá: ‘Eu fiz’. Aí eu falei para ela: ‘Não vai dar certo.’ E ela: ‘Vai ter que dar certo.’ (...) Ela achava que ia. Eu não. Ela: ‘Vamos rezar para Deus, que dá certo.’ E eu: ‘Mãe, são mil pessoas, não tem como.’ E ela: ‘Tem. Vamos rezar para Deus, que dá certo.’ E eu: ‘Está bom.’ Aí fui chamado, assinei tudo, fui bem tratado, me ofereceram água porque não tinha café, assinei mas não estava com tanta esperança de ser chamado. Quando fui chamado a minha mãe veio me dar bronca:*

‘Eu não disse para você? Eu falei.’ Aí eu fiz o curso aqui, fui recebendo, ajudando ela. E assim foi indo até o final.”

– *“Para mim, o meu interesse foi a informática e a experiência de um primeiro emprego porque eu ainda estava estudando e hoje está difícil, geralmente eles pedem experiência e quem está terminando o estudo nunca vai conseguir um emprego se não tiver uma oportunidade assim. Aí eu encarei mesmo assim.”*

– *“Me inscrevi pela Bolsa.”*

– *“Eu queria a Bolsa.”*

– *“Eu foi para eu tentar me soltar mais porque eu era muito preso, era aquele garoto que sempre ficava agarrado na barra da saia da mãe. Aí a minha mãe falou assim: ‘Você vai, nem se importa com dinheiro. O dinheiro é o de menos. Você aprendendo, o que você aprender lá vai servir para você. Um dia, você querendo ou não, você vai usar.’ Aí eu fui mais para aprender. Tudo que eu aprender, guardar. E graças a esses trabalhos de se soltar, ver o que estava precisando na rua, para mim foi bem melhor porque assim fui me soltando. Não conversava com as pessoas na rua. Antigamente passava na rua três.. passou. Agora não. Agora passo: ‘Oi, tudo bem.’ Eu não conversava com aquela pessoa. Agora já converso. É bem melhor.”*

✓ Os ex-beneficiários do BT souberam do programa (e foram incentivados para dele participar) principalmente pelas suas famílias e pelos(as) professores(as) das suas escolas.

– *“Foi no colégio. Eu soube. Foi a minha professora, ela perguntou a minha idade, eu era a mais velha da sala, aí eu disse. No dia da reunião dos pais ela pediu para que minha mãe viesse para me inscrever. Me inscrevi, demorou uns dias, chegou uma carta para eu ir lá na Regional, depois fui na AABB, aí comecei a fazer o curso. Então eu soube pela professora.”*

– *“Eu soube através da minha irmã. Daí fui eu e a minha irmã. A minha irmã fez, Ela foi chamada. Aí eu fiquei desanimado que ela foi chamada e eu não. Depois de um mês que ela começou a fazer eu fui chamado também. Só isso.”*

– *“Lá onde eu moro, eu nem sabia, me falaram, eu cheguei lá tinha pouca gente. Achei que eu fosse ser atendida logo, mas aí o pessoal tinha dado uma senha que o pessoal levou para casa para voltar mais tarde. Aí eu fiquei confiante porque eu achei que fosse poucas pessoas. Depois*

eu fiquei meia desanimada. Mas quando eu recebi o telefonema aí eu acreditei: eu ia trabalhar e fazer curso.”

– *“Eu, foi através da escola. Eu estudava na escola, eles estavam falando para nós e para todos os alunos que era para enfrentar fila, ganhar uma senha também.”*

✓ O atendimento recebido na fase de cadastramento foi bem avaliado pelos entrevistados. Todos enfrentaram filas, mas se acharam bem atendidos e informados quanto ao programa. A não crença e a crença na concessão real do benefício quando da inscrição se alternavam entre os entrevistados. Em todo caso, a maioria recorreu a Deus (pessoalmente ou através de familiares) para pedir uma forcinha para entrar no programa.

– *“Acreditava porque eu rezava todos os dias pedindo para Deus para me incluir na lista porque estava precisando muito ajudar lá em casa.”*

– *“Acreditava. Sempre acreditei.”*

✓ Segundo os participantes dos GFs, foram as seguintes as atividades que lhes foram oferecidas durante os 6 meses da bolsa que todos disseram ter permanecido no programa: curso básico de informática; dinâmicas para “se soltar”; atividades de levantamento das necessidades do bairro; curso de leitura e escrita; trabalho no posto de saúde e na rua para cadastramento no SUS; cursos de literatura e de teatro (inclusive com apresentações); curso de agente comunitário de trânsito na CET; trabalhos diversos em escolas (grafitagem, limpeza, trabalho com os alunos etc.); curso de cooperativa. O curso básico de saúde que estava previsto acabou não saindo. Os entrevistados ressaltaram que às vezes havia possibilidade de escolha das atividades e outras vezes elas eram compulsórias.

– *“Você escolhia: você quer fazer hoje o trabalho voluntário para escrever e mandar para nós, se soltar mais ou escrever? Aí como todo mundo queria sempre fazer as brincadeiras, se soltar mais, de vez em quando a gente escolhia e fazia, de vez em quando eles mandavam.”*

– *“Eu fiz leitura, um curso de leitura para poder ler sem errar muito, para quando for escrever fazer acentuação direito, como se comportar durante uma entrevista, colocamos cadeiras numa roda para a pessoa se soltar mais, fiz também um de voluntário: você escrevia tudo que estava*

dando problema na sua rua e entregava para ela. Aí com o tempo eles iam lá e arrumavam a rua. Por exemplo, isso aconteceu com a minha rua. Asfaltaram ela. Não tem nem um mês que asfaltaram ela. Eu escrevi tudo que tinha de problema, mandei, asfaltaram. Foi 6 meses assim: uma semana fazia essas brincadeiras para se soltar mais, outra para escrever e outra para você escrever o que você estava vendo de errado na sua rua ou então nas casas. Onde você tivesse achando coisa errada você ia lá, anotava e trazia, e eles davam um jeito de poder ajudar.”

- *“Eu, nos 2 primeiros meses, eu fiz curso básico de informática e nos outros 4 meses a gente fez cadastramento do cartão SUS na região mesmo. E a gente começou a fazer um curso, eles falavam: básico da saúde. Mas a gente nem chegou a fazer porque não tinha um local específico para fazer, aí o pessoal voltou mais para o cadastramento mesmo. Durante esses 6 meses foi o que a gente fez. Eu gostei porque eu era supervisora do posto, a gente tinha a tarefa de dar baixa nas folhas que vinham das ruas porque o pessoal ia fazer pesquisa de porta em porta; aí, como acho que estava muito pouco serviço, a gente saiu para rua também para ajudar. Foi legal.”*
- *“Eu participei de computação, literatura e teatro. Eu escolhi todas as três. Também trabalhei no Euclides da Cunha e em outra escola [fazendo] grafiteagem. Desenhos.”*
- *“Eu fiz um curso de cooperativa [POS]. Foram 6 meses assim. O pessoal queria montar cooperativa de restaurante, culinária. Uns queriam montar outra cooperativa, aí foi uma briga porque na minha sala só tinha pessoas mais velhas. Só tinha eu e um outro rapaz mais novo. (...) Eu participei de tudo, não faltou nenhum dia. Me deram essa atividade, eu não escolhi.”*
- *“Eu fui fazer aqueles cursos, eu fiquei na parte de cooperativa de culinária. Aí eu não fiquei porque eu não sabia cozinhar. Eu ia fazer o quê? Fui mais por causa da Bolsa. Foi bom. Eu apresentei teatro também na sala de culinária. Foi um pouco de vergonha, mas foi bom.”*
(homem)
- *“Eu fiz curso na CET de Agente Comunitária de Trânsito. Eu gostei muito. Até hoje eu tenho tudo guardado: crachá, uniforme, tudo, cada papel, a foto que eu saí no jornal também está tudo guardadinho. Eu guardei tudo. Eu fiquei uns meses lá fazendo curso. Depois eles distribuíram a gente num colégio para a gente ajudar no colégio. No colégio às vezes eu ajudava a diretora a arquivar coisas lá na secretaria, ajudava na cozinha, varria, arrumava lá, cuidava dos alunos na hora do intervalo. Na boa.”*

✓ Os principais defeitos atribuídos ao programa foram: excesso de faltas e atrasos de alunos e monitores, o que provocava descontinuidade e perda de contato; falta de local fixo para as atividades; descumprimento do horário por parte dos bolsistas; “*enrolação no trabalho*” por parte dos bolsistas; descompromisso por parte dos bolsistas. Neste ponto algumas digressões, até mais longas, ocorreram porque alguns dos participantes do GF fizeram a ponte entre o que estavam dizendo e a ausência de grande parte dos seus pares no GF. Nisto contaram com o apoio da moderadora que aproveitou para lembrar que ninguém precisava ter se comprometido sem pretender vir já que havia sido explicado tratar-se de uma atividade voluntária. Não deu para saber até que ponto se deram conta de que sem compromisso seria muito difícil conseguir e, mais ainda, manter um trabalho, que, como ficou claro no GF, era a meta central de todos eles como será mais adiante.

– *“Defeito que eu achei [no GF] foi de faltar muita gente. Eu acho assim, que quando você tem um compromisso, mesmo que você tenha um, você não pode adiar aquele para vim nesse. Por exemplo, eu tinha o compromisso de vim aqui e de ir no cemitério visitar a minha mãe. Aí eu falei para os altos: ‘Mãezinha, você sabe que isso aqui é o mais importante para mim. Então eu vou lá hoje e amanhã eu te visito. Você não vai sair daí.’ Para mim, eu acho assim: você tem um compromisso mas aparece um que vai tomar mais o seu tempo, vai precisar mais de você não tem o porque de você falar: ‘Ah não, estou com dor de cabeça, ah não, tenho que cuidar de não sei o quê, ah não, tenho que cuidar da casa.’ Cuidar da casa todo dia você cuida. Para mim eu acho assim, se você tem um compromisso você tem que fazer o possível para estar lá. Foi isso que eu tentei fazer. Estou aqui. E a palavra que define isso, para mim não seria confiança, amor. Seria responsabilidade.”*

– *“O que eu não gostei [no BT] foi que faltava muito. Tinha vez que você ia, aí chegava lá, pronto: hoje não vamos ter porque veio poucas pessoas, hoje não vamos ter porque a coordenadora teve que ir não sei onde. Esse é o único ruim. E isso para mim, é o que seria para eles melhorar para os que estão entrando agora que é o de não faltar muito porque senão... Vamos supor, cada vez que eles vão faltando e os alunos também, vai perdendo mais contato. Vamos supor: ‘Eu não fui ontem, mas também acho que não vou amanhã. Não fui ontem, se eu for amanhã vão brigar comigo.’ É sempre assim. Por isso eu estou falando assim: para eles melhorar mais e ter todo dia e ser sempre um assunto melhor do que o outro.”*

- *“Bom sobre o trabalho... - eu sou péssima para falar -. Vamos lá. Defeito: tem pessoas que não cumprem, como ela disse, não cumprem que nem eu mesma. Até eu estou incluída nessa lista. Às vezes, quando tinha que estar no colégio 1 hora, às vezes não dava tempo, mas eu chegava.”*
- *“Defeito: teve muita gente que não cumpriu o horário, como ele falou.”*
- ✓ As qualidades atribuídas ao programa dizem respeito à oportunidade de trabalho para o pessoal que está saindo do ensino médio; a ter uma ocupação fora de casa; a colocar os jovens em contato com os idosos; à qualidade dos instrutores. Este ponto estava diretamente relacionado à experiência dos que tinham sido mandados sem opção para o *“curso de cooperativa”*, no qual predominavam os participantes do CN e no qual o objetivo do trabalho era culinária. O recebimento da bolsa era uma qualidade intrínseca, nem mencionada, já que muitos já haviam dito que recebê-la havia sido a sua única motivação para participar do programa. No GF do CN, isto já havia sido mencionado como empecilho ao desenvolvimento do trabalho conjunto com os jovens.
 - *“Por isso é que acho que foi bom ali, foi que quanto mais as pessoas falavam, um contando da sua vida, o outro: eu posso aprender bastante coisa com isso. Para mim foi o básico. Ainda mais para mim, que eu era muito fechado. Agora eu sou mais aberto. Mas antigamente era muito fechado. Não era bom. Graças a esse, coisinha, que ficou um pouco melhor. Depois disso eu fiquei melhor. Foi gostoso. Mas tem que melhorar esse negócio de faltas, porque às vezes não tinha, às vezes não arranjava lugar certo. Mas tirando isso o trabalho foi 10!”*
 - *“[Os instrutores eram] bons, educados, não tinha esse negócio de brigas. Da parte deles eles ensinavam até aonde podia. Se tivesse que passar a tarde inteirinha nisso aí explicando. Mas tinha que cumprir o horário então tinha que parar. Tinha dia que a gente ia, a gente custava 3 dias para fazer só um assunto porque era muita coisa. Você pensa que não é nada, aí você vai: ‘Hoje vamos falar de tal coisa’, aí começa a falar, falar, falar aí chegou: ‘Hi, deu a hora, mas amanhã nós continuamos.’ Aí vai no outro continua: ‘Hi, não deu. Continua amanhã.’ Isso para mim foi o básico. Foi dez!”*
 - *“Qualidade: eu gostei muito. Foi bom para mim porque eu ficava sozinha em casa sem fazer nada, saía do colégio e ficava em casa direto. Agora não. Quando surgiu esse negócio do Bolsa*

Trabalho eu fiquei feliz porque eu não parava em casa. Chegava do colégio arrumava a casa, ajudava e ia trabalhar.”

– *“A qualidade que eu achei foi a oportunidade para o pessoal que está saindo da escola, do terceiro colegial, poder começar a trabalhar.”*

✓ As principais sugestões apresentadas para melhorar o programa foram: mais organização; mais supervisão para garantir a frequência, a pontualidade e a efetiva realização das tarefas por parte dos alunos; dar oportunidade a quem se inscreveu e não foi chamado e a quem não se inscreveu e se arrependeu de não ter tentado; ter um local certo para as atividades; sempre dar comprovante dos trabalhos e atividades realizadas porque, mesmo não tendo o peso de uma carteira assinada, sempre ajuda na hora de procurar trabalho.

– *“A sugestão é a mesma coisa que ele falou: dar oportunidade maior para o pessoal que está vindo aí porque tem muita gente que se inscreveu e não foi chamada.”*

– *“Eu trabalhei com cadastro, tinha muita gente que trabalhava na rua, fazia que ia trabalhar mais não ia, ia para casa porque não tinha uma pessoa específica para estar olhando. Então o pessoal enrolava muito no serviço. Por isso que a gente teve que sair do posto para poder ajudar na rua, porque estava meio fraco o rendimento. Eu diria assim, um grupo. Porque a gente saía em grupo. Então um grupo que saísse, se tivesse um supervisor para estar olhando aquele grupo, para estar todo mundo fazendo o serviço direitinho. Vamos supor, no meu caso, era só eu para um grupo de 10. Saíam de 3 em 3 e não tinha alguém para estar olhando esses três: se eles iam mesmo fazer o serviço ou não. Então eu acho que tinha que ser mais organizado neste ponto.”*

– *“Sugestão para melhorar: ajudar muito as pessoas que precisa. Tem muita gente que precisa. Tem gente que teve oportunidade, mas não foi, tem gente que se inscreveu, mas também não foi convidada.”*

✓ Quanto ao benefício, embora não tenha sido objeto específico de discussão no GF, ficou claro que é usado principalmente para ajudar em casa e nas despesas pessoais do bolsista.

✓ A centralidade da questão do trabalho – sua indispensabilidade e a dificuldade concreta de consegui-lo – é algo que angustia bastante o público do BT, todo ele bastante jovem, mas que comunga das mesmas preocupações do pessoal do CN: a estes sobrava idade e aqueles faltava experiência. Tudo é motivo de dificuldade para conseguir trabalho. Daí o acerto da implantação do BT Estágio ainda que só atinja aqueles que permanecem na escola. Quando o tema era a vida pós-programa, a unanimidade dos participantes mencionou a busca incessante por um trabalho, a maioria de “qualquer trabalho”. Somente 2 fizeram menção a ser necessário ter um trabalho onde se dessem bem. Os outros disseram que “não está dando para escolher”. Narraram suas experiências em trabalhos temporários e com “bicos” com seus familiares ou em casa de família. Nas falas a este respeito, vale a pena ver o que é percebido como um trabalho onde “*você se dê bem*”.

– *“Depois eu trabalhei num serviço básico, faxineira na casa de uma moça, eu ganhava R\$ 100. Depois eu saí da casa dela porque estava pagando muito pouco, é um casarão. Aí eu saí e até agora estou parada. Agora estou atrás de um emprego também. O que aparecer. Eu não estou escolhendo.”*

– *“[Depois que saí do programa] Fiz nada. Estou procurando [trabalho]. Qualquer coisa.”*

– *“Depois que eu parei [de receber a bolsa], procurei trabalho, levei tanto não na cara. Mas fiz currículo, espalhei, fui chamado só cheguei lá já tinham preenchido a vaga. Mas tudo bem. Aí por enquanto agora estou só fazendo bico, de vez em quando e olhe lá, com o meu pai. Ele mexe às vezes com máquina de lavar, essas coisas, eu tento aprender para não sofrer na vida. Mas tirando isso não consegui nada de trabalho.”*

– *“Qualquer um [trabalho que está procurando]. Mas é como ela disse, não adianta você achar um trabalho onde você não se sinta bem. Não, vou trabalhar por causa que estou pensando no dinheiro. Se você não se sente bem você não vai conseguir fazer o trabalho direito. Por exemplo, no trabalho você é o que você faz. Se você trabalha limpando, se o seu serviço é aquele, você não pode ser maior do que ninguém. Tem que trabalhar ali. Muitas vezes acontece de pessoas ser despedidas por isso: começa lá trabalhar limpando, o outro limpando também e: ‘O seu está muito sujo. O meu está mais limpo.’ E aí acontece que vai pessoas embora e não sabem porquê. Eu acho assim: se eu entrar num trabalho, o meu serviço pode ficar o pior possível, mas eu sei que eu fiz. A minha parte eu cumpri. A única pessoa para mim que pode*

falar que está ruim ou que não está, seria a encarregada ou o superior. É a única pessoa que eu obedeceria. Se viesse um outro: 'Está sujo, limpa lá direito' para mim falando, eu não vou fazer nada. No meu subconsciente para mim está bom. Por isso que eu falo que tem que ter esse negócio de você se sentir bem porque você não vai se sentir bem com um monte de gente que estão no mesmo nível que você, enchendo o seu saco: 'Você está fazendo errado.' Eu desistiria na hora. Eu só procuro alguma coisa que eu me dê bem. Mas o que eu me der bem, pode ser até catar lixo na rua, para mim já é bom demais. Ir para a rua para mim já é bom demais."

– *"Eu trabalhei temporário no correio, 2 meses, e o que me ajudou foi a informática que eu aprendi lá, é o que eles mais pedem hoje. A informática me ajudou. Mas a respeito de ter trabalhado a gente só recebeu o comprovante de cadastramento; então já não tem aquele mesmo peso de um diploma ou de uma assinatura na carteira. Mas já ajudou."*

– *"O [trabalho] que aparecer, que eu me der bem. Porque também não adianta trabalhar num lugar que você não se sinta bem. No lugar que eu me sinta bem trabalhando, acho que vale a pena."*

– *"Eu trabalhei fazendo uns bicos lá na garagem de empresa de ônibus Coperalta à noite. Eu fazia a parte elétrica. Depois saí, fiz uns bicos de office-boy também, mas tudo sem registro, aí parei. Depois de lá entrei na fase de exército, saí e até agora não recebi. Essa fase de exército agora está difícil."*

✓ Havia unanimidade quanto à avaliação positiva da participação no programa não só pelo recebimento da bolsa. Outros ganhos pessoais, não monetários, são apontados pelos participantes do BT: mais abertura para a vida e para as pessoas, mais mobilidade no mundo; melhora de relacionamento na família e na comunidade e mais atenção recebida por parte dos familiares que passaram a se interessar pelas atividades desenvolvidas e que estavam propiciando um ganho mensal ao jovem em torno de R\$ 140,00.

– *"Adorei. Para mim foi... de tão tapado que eu era, estou melhor."*

– *"Agora está bem melhor, o relacionamento. Principalmente com os meus familiares."*

– *"Fez uma pouquinha diferença que o pessoal ficava interessado em saber o que eu fazia, e não sei que, como que era, aquela coisa toda. Mas foi legal."*

- ✓ Quanto à sua participação e de seus familiares em outros programas da Prefeitura: havia filhos e neto de beneficiários do RM, havia filho de inscrito (e não chamado) para o CN, e havia irmãos de ex-beneficiários do BT também. Como sempre, havia a passagem não percebida pelo POS e pelo PDS.
 - *“A minha mãe se inscreveu a primeira vez e ela se inscreveu essa segunda [no RM]. Só que como ela tinha pressão alta e problema no coração ela perdeu a memória e aí só foi decaindo no hospital e veio a falecer. Vai fazer um mês e meio. Aí meu pai perguntou se ele podia continuar recebendo porque ele não trabalha, ele só faz bico de vez em quando para arrumar máquina, aí falaram que ele podia continuar. Ele pegou para poder cuidar da filha mais nova que é a mais pequena e é o xodó da família. Tirando isso, a minha avó recebe o RM também.”*
 - *“O meu pai fez também o Começar de Novo só que não foi chamado.”*
 - *“A minha mãe se inscreveu no Renda Mínima, até hoje ela recebe. Ela se inscreveu e se inscreveu de novo.”*

Em Ermelino Matarazzo

- ✓ O motivo percebido como tendo sido o que levou o BT à EM foi um só: *“Para dar oportunidades aos jovens que nunca trabalharam, primeiro emprego, no caso fazendo estágio.”* Uma participante fez esta declaração e houve um coro dos demais dizendo *“é isto aí.”*
- ✓ Motivação para inscrever-se no BT: também houve consenso em torno da idéia de que a expectativa era fazer o curso e ser encaminhado para o mercado de trabalho. Como não foi isto o que aconteceu, gerou muita decepção e descontentamento.
 - *“É. Eu achei que fazendo esse curso a gente ia ter uma experiência e depois a gente ia trabalhar em alguma coisa. Eu achava que eles iam encaminhar a gente. Mas, é só no pensamento mesmo.”*
- ✓ Os ex-beneficiários do BT souberam do programa (e foram incentivados para dele participar) principalmente por conhecidos, amigos, vizinhos e parentes. O atendimento recebido na fase de cadastramento foi bem avaliado pelos entrevistados. Todos enfrentaram filas, mas se acharam bem atendidos e informados quanto ao programa. A não crença e a crença na concessão real do benefício quando da

inscrição se alternavam entre os entrevistados, constituindo-se a quantidade de inscritos na maior fonte de dúvida da obtenção da bolsa. Como de praxe, não faltaram apelos à ajuda divina para ser selecionado para o programa.

- *“Eu fiquei sabendo através de outras pessoas também que falaram, que eu conheço.”*
- *“Eu soube por uma amiga, fui lá fiz a inscrição e tudo, muita correria, mas eu acreditei porque eu acho assim: que, quem está na chuva é para se molhar, se eu fui atrás então, tinha que alguma coisa dar. Eu fui três vezes no SESC, aí fui informada aonde que estava os cursos, fiz os cursos, e só.”*
- *“Quando eu fiquei sabendo, eu fiz a inscrição, eu fiquei super feliz. Mas depois, na hora da fila, eu vi aquela fila enorme eu falei: ‘Ah meu Deus! Acho que eu não vou conseguir. É muita gente! Acho que não vai dar certo.’ Porque já que eles falaram que era para voltar no outro mês, aí depois voltar no outro dia eu falei: ‘Ah, não vou fazer nada não.’ Eu não acreditei muito não.”*
- *“Não tinha muita fé que ia conseguir. Aí, sorte de Deus, que eu consegui e fui fazer.”*
- *“Eu não estava muito esperançoso que iria conseguir porque tinha muita gente lá no dia. Mas eu consegui, sendo que não fiz nenhum curso, nem nada.”*
- *“Foi eu e minha mãe enfrentando fila. Enfrentamos fila aqui, no dia para pegar o cartão enfrentei fila de novo, quase que ia dormir na fila.”*
- *“Eu fiquei sabendo através dos vizinhos, enfrentei bastante fila também no dia para fazer as inscrições, para pegar o cartão, para fazer a senha também muita fila. Eu também não tinha muita esperança porque tinha muita gente, aí não tinha muita esperança não.”*
- *“Foi uma colega da minha mãe que falou para ela, aí minha mãe se informou, a gente foi e conseguimos fazer. Enfrentamos fila, mas deu tudo certo. Eu pensei que não ia ser chamada mas graças a Deus!”*
- *“Não falaram nada assim, me trataram super bem.”*

- ✓ Segundo os participantes dos GFs, foram as seguintes as atividades que lhes foram oferecidas durante os meses da bolsa: módulo básico com conteúdos de cidadania e usando muitas dinâmicas como técnica de aula; reciclagem; decoração; cooperativas. A maioria declarou que, após o término do módulo básico houve um período sem atividade e, já quase no final de sua participação no BT é que mandaram ir à Regional

para escolher os cursos. Muitos resolveram nem fazer porque já não daria tempo de aprender nada no pouco tempo de bolsa que lhes restava. Dos 10 participantes do GF, 3 receberam somente o dinheiro e passaram o tempo aguardando a “chegada da carta” para saber as atividades das quais poderiam participar e a carta nunca chegou. Um destes 3 participantes, além de não fazer qualquer atividade, teve a bolsa cortada a partir do terceiro mês. Alguns comentários já feitos anteriormente merecem ser repetidos aqui: um é o que diz respeito ao medo de insistir muito na não chegada da carta e perder a bolsa e o outro está relacionado à desvalorização das dinâmicas, percebidas como infantis e, no caso deste GF em particular como “coisa de mulher” por parte dos meninos, gerando indignação e raiva.

- *“Eu também não fiz o curso mas recebi a Bolsa durante os 6 meses. No caso eles mandariam uma carta para você ir num lugar para poder fazer o curso que nem ele fez. Mas eu não fui chamada. Não porque eles falaram que era para mim aguardar. Eu fui saber aqui na Paranaguá mas falaram que era para eu esperar que eles iam mandar porque estavam selecionando outras pessoas, colocando em ordem, mas não fui chamada.”*
- *“Eu fiz o curso de aprendizagem, teve dinâmica, a palestra, teve para a gente estar se conhecendo, teve teatro. Depois disso eu fui fazer um curso de reciclagem que teve também que estava tendo outros cursos também depois disso. Aí fui fazer o curso de reciclagem.”*
- *“Teve artesanato. Depois falaram para ir na regional para a gente ver os cursos que tinha para você fazer. Mas não tinha muito curso, tinha mais reciclagem, futebol, basquete e vôlei. Tinha mais isso só.”*
- *“Eu não fui chamado, não fiz o curso, não tive atividade. Nada. Só recebi a bolsa durante 3 meses. Não fui chamado e aí também não recebi mais. Além de não ser chamado não recebi mais.”*
- *“Eu também só recebi e não fiz nenhum tipo de curso. Nada. Só recebi os 6 meses. Não [procurou saber] porque eles falaram que iam mandar a carta, aí eu fiquei aguardando a carta também. Só recebi os 6 meses.”*
- *“Eu fiquei sabendo pela colega da minha mãe que falou para a minha mãe. Aí fui eu e meu irmão. Quando chegou no dia para fazer o cartão enfrentamos uma fila, chegamos às 6 horas. Depois voltamos de novo e outra fila, depois nós voltamos e aí fizemos um curso, começamos a fazer uns negócio lá, negócio de trabalho, dinâmica.”*

- *“Achei. Dinâmica, assim, ficar fazendo negócio, pegar negócio reciclável e fazendo outras coisas, montando bonequinho, conversando com todo mundo, fazendo redação para ver alguma coisa assim. Só isso. (...) Mandar você assim, como trabalhar em banco para você aprender alguma coisa tipo fazer alguma coisa assim, não para ganhar muito assim, está ligado? porque está difícil emprego. Aí mandar... Só que não. Ao invés disso era fazer só um cursinho e parar, aí não dá certo. Ficar enchendo bexiga, fazendo bonequinho de... também na minha festinha eu vou encher bexiguinha...”*
- *“Nós nos reunimos num galpão, a gente teve muita dinâmica, teatro, uma ótima professora chamada Silvia, e a gente fez muita coisa. Disseram para a gente que eram 3 meses de aprendizado básico. Então a gente ficou 3 meses com esse pessoal e aí a gente ficou os outros 2 meses sem fazer nada. No final de dezembro a gente foi lá embaixo, aí a gente escolheu os cursos. Eu escolhi de artesanato. Lá em baixo na regional. Aí eu escolhi o curso de artesanato mas eu não fiquei porque ia ficar só duas semanas. Eles não iam ficar 3 meses como falaram para a gente. Aí eu também não fiz porque duas semanas eu não ia aprender nada de artesanato. Então eu não fiz. Mas eu recebi até dezembro, a Bolsa.”*
- *“Eu fiquei sabendo pela minha prima, depois eu fiz a inscrição, enfrentei fila pra caramba também, fiz o curso que não valeu em nada, mas fiz. Só isso.”*
- *“Eu fiz um curso Módulo I que era só palestra e umas dinâmicas, depois no final de dezembro eu escolhi o curso de auxiliar de enfermagem. Como eu faltei o primeiro dia, eles me jogaram para o curso de artesanato, aí eu fui obrigado a fazer. Eu fiz, mas não aprendi nada porque era só a professora que fazia e não deixava ninguém fazer, a gente ficava só olhando. Só o cheirinho do saboneteinho, só isso.”*
- *“Nós fizemos umas maquetes do bairro. Teve um curso básico: noção de cidadania. Ao final do curso teve algumas maquetes, foi conhecendo o tanto do nosso bairro, fomos descobrindo o que tinha no próprio bairro e montando a maquete, fazendo as exposições, fomos ao SESC. Essas foram as atividades.”*
- *“Eu recebi até mais [meses da bolsa] porque eu fiz pela incubadora. [Ficou sabendo] por carta mesmo. Correspondência. Que era para estar comparecendo no Colégio Filomena, eu compareci e aí comecei a fazer. A gente ainda está dando continuidade. O curso ainda continua porque o projeto lá é criar uma central de turismo da cidade de São Paulo que é assim: as escolas que queiram conhecer museus, pontos turísticos da nossa cidade possam estar procurando*

o nosso grupo em si. Depois que acabou a Bolsa, a gente está continuando só que os encontros está sendo em cada casa dos componentes durante uma vez por semana. [Foi feita uma cooperativa de Turismo que hoje conta com 6 membros, todos egressos do BT] Está prosseguindo. Inclusive para arrumar fundos a gente está querendo fazer customização de camisetas. O quê seria customização de camiseta? Seria pegar uma peça branca e transformar com couro, miçangas etc. Esse é um dos projetos que está sendo trabalhado porque a gente está pondo em exposição na feira que vai ter dia 28 de julho, na Paranaguá, vai ter uma feira com todas as cooperativas.”

- ✓ Os principais defeitos atribuídos ao programa foram: despreparo dos instrutores; não encaminhar para um trabalho; falta de esclarecimento sobre o que de fato é o BT; falta de critérios seletivos sérios capazes de identificar quem está interessado só no dinheiro e quem quer de fato aprender e trabalhar.
 - *“O único problema que eu acho que afetou bastante a gente foi a falta de instrução, assim, o nosso instrutor ele não estava bem preparado para dar o curso para a gente tanto que a gente ficou várias vezes sem fazer nada durante o curso. A gente ficava lá um olhando para a cara do outro para ver o tempo passar. Basicamente. A gente ficou esse tempo, ele deu um pouco de noção para a gente mas só que depois ele já não tinha mais o que dar. Então a gente ficava assim, a gente tinha que inventar. Depois para o fim é que ele entrou em outras coisas que a gente fez. Mas no começo ele não estava preparado. Não estava. Tinha que preparar mais eles para poder ser instrutor.”*
 - *“Assim, porque eles não diziam o que ia fazer, nada. Uns diziam que era um serviço, outros diziam que era um curso mas ninguém dizia realmente o que era o Bolsa Trabalho. Eu acho que não ficou bem esclarecido para a gente o que era o Bolsa Trabalho. Eu acho que foi um defeito.”*

- ✓ A principal qualidade atribuída ao programa diz respeito à formação de redes sociais e das atividades em grupo, além do pagamento da bolsa, é claro.
 - *“A qualidade é que todos têm um conhecimento, em grupo, cada um pode contar, se conhecer um pouquinho e contar um pouco de sua história.”*

- ✓ As principais sugestões apresentadas para melhorar o programa foram: mais organização, mais critério na seleção, maior variedade de cursos, mais treinamento para os instrutores, encaminhamento posterior para o mercado de trabalho e continuidade do programa no distrito.
 - *“Eu acho que essa ajuda poderia ser melhor se quando a pessoa terminasse tivesse um incentivo, um emprego para não ficar na rua porque hoje em dia você ficando na rua você não aprende nada, só o que não presta. Então se você continuasse e arrumar como encaixar num emprego fixo para que não venha a faltar nada dentro da casa de qualquer um.”*
 - *“Acho que nesse momento nada assim, nem para a população diz que isso vai continuar porque pelo tempo que já ficou parado as pessoas já não estão nem esperando mais serem chamados. Outras pessoas também ficaram sabendo, se inscreveram e até hoje não foram chamadas. Diminuiu a fé pelo tempo que eles ficaram parado. Já estão falando em outras coisas mas não cita mais sobre o Bolsa Trabalho, esse Renda Escolar, esses negócios.”*
 - *“Que fosse uns cursos melhor porque os cursos que deram, a gente não tem como seguir a profissão. Tipo artesanato. Um monte de macho vai seguir curso de artesanato? Não tem como. Tem que ser uns cursos um pouco melhorzinho. No caso, um curso de mecânica.”*
 - *“Porque muitas pessoas, não vou dizer que as pessoas não precisam porque todo mundo precisa, mas tem pessoas que precisam mais. Precisava ter um acompanhamento só que domiciliar, fazer visita domiciliar. É o meu ponto de vista. Se ela realmente está interessada ou se ela está interessada na Bolsa em si.”*

- ✓ O trabalho também é uma questão central no GF de EM, mas, ao contrário do de CR, é uma visão muito idealizada do tipo *“tá difícil mas alguém vai ter que me ajudar a arrumar.”* Os jovens parecem mais imaturos e suas críticas muitas vezes parecem mesmo atitudes adolescentes de quem foi decepcionado em sua expectativa de participar do programa e ver seu problema de trabalho resolvido. Não transpareceu no conjunto dos jovens do grupo que eles estavam batalhando um trabalho por si mesmos a não ser nas honrosas exceções. Contudo, isto não invalida suas críticas e sugestões, pois são tão generalizadas que devem ter muitos pontos de fundamento em aspectos não realizados ou realizados de maneira truncada pelo programa na região.

As entrevistas domiciliares do BT

Foram realizadas 2 entrevistas domiciliares em cada um dos distritos com o objetivo de fazer o mesmo tipo de indagação que se fazia nos GFs, em contexto de maior aproximação com o cotidiano dos entrevistados e com possibilidade de aprofundar algumas questões, quer previamente pensadas, quer emergentes. No caso do BT a opção foi por realizar as entrevistas com pessoas de ambos os sexos porque neste programa há uma distribuição mais equilibrada, ainda que com predominância feminina: as mulheres representam 55% dos beneficiários do CR e 59% dos de EM. A variável de corte estabelecida foi sexo:

Um ex-beneficiário homem e uma ex-beneficiária mulher em cada distrito.

Não foi difícil agendar as entrevistas e a tendência dos entrevistados falarem menos já registrada nos GFs manteve-se. De um modo geral, os(as) entrevistados(as) receberam a entrevistadora em suas casas com atenção e polidez como será comentado em cada caso em particular. As entrevistas foram curtas, a maioria das vezes com respostas lacônicas e objetivas. A média de duração ficou em torno de meia hora.

O roteiro seguido pode ser visto em sua íntegra no apêndice e estava dividido em 6 blocos: sobre o histórico, a composição e “funcionamento” da família; sobre as condições de vida da família; sobre o Programa Bolsa Trabalho; sobre o uso do benefício; sobre a vida pós-desligamento do programa e sobre outros programas da PMSP.

Os(as) entrevistados(as) do Capão Redondo²⁹

Telefonando para agendar as entrevistas, o primeiro homem da lista já concordou em concedê-la, o mesmo acontecendo com a primeira mulher: ambos tinham nomes iniciados com as primeiras letras do alfabeto e esta era a variável que ordenava esta lista em particular. Envolvida com mil e um telefonemas, a entrevistadora só se deu conta do

²⁹ Os nomes foram trocados como é de praxe neste tipo de metodologia.

que se passava ao colocar atenção no registro de como chegar às casas: tratava-se de 2 irmãos. Ambos animados em participar, apoiados pela mãe que pegou o telefone para garantir que a entrevistadora não se arrependeria de conversar com eles. Nenhuma objeção foi feita e as entrevistas ficaram agendadas para o dia 30 de junho na parte da tarde, sem horário muito rígido, para que pudessem ser feitas logo após a entrevista de Márcia, ex-beneficiária do CN. A única restrição de horário colocada pelos entrevistados era que a entrevista não fosse às 15,30 horas porque Amélia tinha que levar o sobrinho à escola nesse horário. Pelo telefone também descobríamos que havia condução direta do Jardim Macedônia (onde morava Márcia, a entrevistada anterior) para a estrada onde moravam os irmãos ex-beneficiários do BT e, mais do que isto, que as casas eram relativamente próximas uma da outra. Mais uma vez, a numeração caótica das casas nos distritos mais carentes do Município de São Paulo atrasou a chegada da entrevistadora: na referida estrada havia 3 vezes o mesmo número fornecido como sendo o da casa dos entrevistados. Um telefonema salvador, muitas quadras caminhadas de volta e a ida dos entrevistados para a porta da casa para serem vistos pela entrevistadora resolveram o problema.

Contexto da entrevista nas palavras da entrevistadora

Era uma casa bastante pobre. Na verdade havia duas casas no pequeno terreno: a dos dois entrevistados e a e sua irmã casada. Fui muito bem recebida. David e Amélia sentaram-se comigo em torno de uma mesinha junto ao fogão em uma cozinha onde o piso era de terra. A entrevista foi feita em dobradinha depois de ambos terem preenchido as respectivas fichas socioeconômicas. Os dados familiares eram comuns.

Perfil dos entrevistados

1. Amélia tem 20 anos, é paulista e sempre morou no Município de São Paulo, mais precisamente, no CR. Declarou-se negra (tanto na pergunta aberta quanto na fechada sobre sua cor), católica, solteira, filha da chefe do domicílio e sem filhos. Ainda frequenta escola e cursa a terceira série do ensino médio.

2. David tem 19 anos prestou exatamente as mesmas informações iniciais que Amélia prestara, a não ser no que concerne à série que está cursando: primeira série do ensino médio.

Amélia e David não possuem convênio médico ou odontológico de qualquer origem, só abriram conta no banco para receber o benefício do BT, não têm cheque especial ou cartão de crédito, nem qualquer acesso à Internet. A casa em que vivem com sua mãe (os pais são separados) é própria, porém construída em terreno da Prefeitura. Cada um recebeu 6 parcelas do BT e não são beneficiários (nem a mãe) de outros programas da Prefeitura. Amélia nunca tinha trabalhado antes de participar do BT e David estava desempregado há 24 meses quando foi selecionado para o programa. Antes disto, havia trabalhado como serralheiro, sem carteira assinada, em uma indústria. Nenhum dos dois teve qualquer rendimento no mês anterior ao da pesquisa e, assim, não colaboraram para a renda familiar que foi de R\$ 200,00 proveniente exclusivamente do trabalho como doméstica da mãe. O total de gastos do mês anterior calculado pelos dois excedeu a renda familiar em 62%! O item que respondeu pela maior parte dos gastos foi a alimentação (47%), seguido pela luz (28%), pelo telefone (11%), pelo gás (10%) e pela água (5%). Estes foram os únicos gastos da família. Amélia e David não fazem parte do quadro de associados de qualquer entidade da sociedade civil organizada.

Sobre o histórico, a composição e “funcionamento” da família

É Amélia quem relata a história familiar com a aquiescência de David: *“A minha mãe é baiana, só que eu não sei de que lugar da Bahia ela é. Ela veio muito novinha para São Paulo, teve uma vida difícil porque o pessoal quando vem de outro estado vem para conseguir uma vida boa aqui em São Paulo. Ela veio solteira, ela veio com a minha avó, só morou ela meus tios e o irmão dela. Eles moravam aqui na época que a região era barro, só mato, terra. Vieram direto para o Capão Redondo, tentando a vida. Minha mãe, pelo que me recordo, começou a trabalhar aqui em São Paulo parece que com 15 anos. Sempre trabalhou de doméstica. (...) A minha mãe trabalhava dia e noite, cuidava da casa, da minha avó também. A minha avó ficou cega, perdeu a perna. Ela [a mãe de Amélia e David] era a única mulher, o resto era tudo homem. Alguns não vieram [para São Paulo]. Meu tio faleceu também. Dos que vieram com ela só tem dois vivos aqui. Os únicos que apóiam em alguma coisa.*

(...) Ela casou aqui com o meu pai. Na época, ela tinha 24 anos, depois vieram para cá e ele construiu aqui uma casa de madeira. Desde que a gente nasceu a nossa casa sempre foi de madeira, de três cômodos, é pequenininha. Meu pai ajudava um pouco aqui dentro de casa. Agora se separaram. Vai fazer 4 anos que eles se separaram. A gente era muito novinhos. [O pai e a mãe] se dão super bem, ele vem ver a gente, vem com a menina mais velha que é a filha dele. Ele não ajuda porque ele não trabalha registrado e ele tem outra família. No caso, ele recebe R\$ 200 também por mês. Então não dá para manter a filha dele lá e nós dois aqui. Minha mãe não quis casar de novo. O casamento da minha mãe é eu, ele [David] e a minha irmã. (...) Ela decide tudo. Ela fala: 'É assim, tem que ser assim.' David complementa: *"A palavra maior é dela."* Amélia continua: *"A gente ajuda. Ele faz uma parte: arruma a cozinha, eu arrumo o quarto. A casa é pequenininha."*

Sobre as condições de vida da família

Amélia diz que ter boa condição *"é você ter uma vida confortável. É tipo eu catar minha mãe, meu irmão e a gente sair ou ir para o clube ou para o cinema. É uma vida confortável."* A noção de lazer, um item que esteve ausente do discurso e dos gastos de todos os entrevistados dos outros programas, é introduzida aqui pelos jovens. Amélia continua... *"vida com lazer, armário, geladeira estas coisas."* Diz que considera ter boa condição de vida *"apesar de morar na região em que eu moro."* Porém acrescenta que no passado sua vida já foi melhor porque *"tinha meu pai ajudando aqui em casa."* Isto dava mais conforto *"porque a minha mãe sozinha ela não consegue. Confortável é um ajudando o outro."* Como pode se ver a receita de Amélia para o conforto inclui muitos e variados ingredientes... Falando sobre o que mais ajuda alguém a melhorar na vida, assim Amélia se pronuncia: *"Eu acho que é mais estudo porque você sem estudo não é nada. Eu vou terminar esse ano meu estudo. Para falar a verdade eu não suporto ficar lá [na escola]. Mas eu estudo porque dizem que não existe futuro para quem não estuda. Posso fazer alguns tipos de cursos. É estudo. Depois o trabalho."* Observe-se que está tão introjetada a impossibilidade de chegar à Universidade, que a conclusão do ensino médio já é considerada normalmente como o fim dos estudos.

Chega a vez de David responder às mesmas questões: *"Condições de vida boa para mim é trabalhar e ajudar a minha mãe porque sem dinheiro você não vai ter coisa boa na vida no futuro. Se arrumar serviço, com o dinheiro eu posso fazer um piãozinho com a minha mãe. Por enquanto está tudo*

quebrado.” Por razão diferente da de Amélia, também acha que as condições já foram melhores no passado: porque *“naquela época eu estava trabalhando, eu não era registrado, era de menor, mas estava trabalhando. Depois a firma faliu e desse dia até hoje não arrumei emprego. Quando eu acordo de manhã é todo dia procurando trabalho e nada.”* David diz que para melhorar de vida *“primeiro o estudo, depois o serviço, depois é os amigos.”* Dá para ver que David é muito cioso de suas responsabilidades “masculinas” enquanto Amélia está mais voltada para os resultados do trabalho e do estudo. David dá total prioridade à “produção” de melhores condições de vida.

Sobre o Programa Bolsa Trabalho

Amélia começa sua fala sobre a percepção que tem das razões que levaram a Prefeitura a levar o BT para o CR: *“Dizem que Capão Redondo é um dos bairros mais perigosos.”* Mas acha que não foi por causa da criminalidade e sim pela pobreza que o programa foi implantado na região: *“É muita gente carente. A maioria dos nordestinos que vem do Norte, vem tudo parar no Capão Redondo. É o que eu falei: tentar arrumar condições boas e chega aqui acaba na miséria; vem com esperança e não consegue sair mais e aí vem a miséria, a criminalidade. O Bolsa Trabalho e o Renda Mínima veio para cá acho que para isso: para dar uma ajuda para as famílias. Muitas famílias desempregadas, sem condições de comprar uma cesta-básica. Então com o Bolsa Trabalho fica tudo mais fácil. No caso, o pai ou a mãe que está desempregado dá melhor condição para o filho, recebendo.”* David corrobora: *“É por causa disso, também eu acho. Ajuda bem, ajuda todo mundo.”*

A história dos dois irmãos no BT é absolutamente a mesma, do começo ao fim, e eles narram em jogral um complementando a fala do outro ou corrigindo um detalhe (como o nome do banco onde foram receber o benefício que David achava que era o Bradesco e Amélia tinha certeza que era o Banco do Brasil): *“A gente assistimos, na época era até antes das eleições, estava no comecinho das eleições. Na minha escola também eu vi o cartaz aí perguntamos. A gente foi num monte de escolas daqui da região de Capão olhando aonde estava fazendo inscrição, aí fizemos na escola onde ele estudava, onde eu estudo fizemos a ficha lá, eu e ele.”* Note-se que houve a referência ao período eleitoral mas não o tom irônico dado no GF do CN quando isto foi relacionado à campanha política mesmo. David continua dizendo que pegaram muita

fila e Amélia complementa “e muito sol na cara. (...) Eu não tinha muita esperança porque era muita gente. São duas escolas que eu conhecia: essa onde eu estudo e uma Escola do Jardim Marcelo bem mais para baixo da escola onde eu estudo; são duas escolas aqui em Capão que estava fazendo inscrição. Era muita gente.” David complementa: “Não era uma fila. eram 3 grandes filas. (...) Depois a gente chegou lá em Santo Amaro no Bradesco... “ Amélia corrige: “Não era no Bradesco, era no Banco do Brasil.” David concorda e retoma sua narrativa: “Ah, era no Banco do Brasil. A gente pegou uma fila também mas fomos bem atendidos [em todos os lugares em que andaram para concretizar sua inscrição e ingresso o BT]” Amélia concorda e acrescenta: “Fomos bem atendidos e deram boas informações de como ia ser o programa, como que a gente faria para receber o cartão, as cartas, quantas cartas a gente ia receber antes de chegar o cartão. Ai explicaram bem para a gente.” (Amélia expressa-se com facilidade mas em um português pouco compatível com sua escolaridade.) Foi enfática ao responder sobre a pergunta se lera o contrato que assinara com o BT: “A gente lê porque a gente não vai assinar uma coisa que não leu.” (O que ela não sabe é que assinar sem ler o contrato de inclusão nos programas sociais da Prefeitura é a situação mais comum embora polêmica.) David informa que a bolsa que receberam era no valor de R\$ 137,00 para cada um e diz que nem ele nem Amélia participaram de qualquer atividade oferecida pelo BT. Só receberam mesmo o dinheiro. É com certa decepção (e preocupação que a entrevistadora achasse que haviam feito algo errado) que narram, se alternando, como isto aconteceu. Amélia diz que “informaram para a gente que a gente ia fazer curso, vários tipos de cursos e a gente...” David continua: “Ficamos esperando se ligavam para ver se a gente ia fazer alguma atividade mas não ligaram.” Amélia confirma: “Não ligaram. Só recebemos [o dinheiro].” David continua: “A minha mãe chegou a ligar lá mas a mulher falou: ‘Aguarda que vai chegar a carta.’” É a vez de Amélia: “Ai a gente esperamos a carta, no certo é três cartas que chega mas não chegou nenhuma. A gente não fez o curso.” David, como que assegurando que o programa não tinha mentido sobre a existência dos cursos, diz: “Tem um amigo meu que fez atividade. Nós é que só recebemos o dinheiro.” Como em outras situações narradas por entrevistados de outros programas, a famosa espera da carta, sempre prometida em qualquer questionamento junto aos representantes da SDTS nos distritos³⁰ é ao mesmo tempo conveniente e incômoda para

³⁰ Como relatou a responsável por esta função no GF do BT do Capão, “observamos, na meia hora que antecedeu o GF, intensa circulação de pessoas pelo posto, em busca de informações sobre recadastramento e novo cadastramento dos diversos programas da SDTS. Um grande cartaz, atrás da mesinha da recepção, onde estavam atendendo um homem e uma mulher, dizia: ‘favor aguardar a

os beneficiários: se por um lado frustra suas expectativas (se estas são maiores do que o mero recebimento do benefício), por outro garante que este “*vai entrando*” enquanto a situação não se resolve: muitas perguntas e questionamentos sobre a não chegada da carta podem levar à perda da bolsa... parece estar implícito na fala de alguns entrevistados.

Voltando ao assunto do BT em suas vidas, Amélia é firme ao dizer não saber se sua imagem melhorou ou piorou junto aos vizinhos e amigos pelo fato de ter participado do BT: “*Os vizinhos eles não opinam. Não dá nenhum palpite.*” Também acha que o comércio local não se beneficia pelo fato de pessoas da região estarem recebendo bolsas: “*Eu acho que não altera nada. Na minha opinião, não.*”

Sobre o uso do benefício

Mais uma vez assumindo seu papel de “homem da casa” é David quem explica como era administrado o dinheiro da bolsa: “*A minha mãe ficava com a metade e eu ficava com a outra metade. A minha mãe falava assim: ‘Eu nem quero o dinheiro’. Eu falei: ‘Mãe eu quero te dar sim porque ajuda a pagar o telefone ou água, comprar alimento para nós comermos’.*” E continuou dizendo o que fez com a sua metade: “*Eu comprava roupa e dava uns brinquedinhos para o meu sobrinho. (...) Aproveitei para passear também.*” Agora é Amélia que fala do destino que deu à sua metade: “*Eu também administrei meu dinheiro em roupas, sapatos também. O dinheiro era pouco mas sempre ajudava.*” David diz que a metade que ficou com a mãe “*ajudou um pouco*” [nas despesas da casa] e Amélia acrescenta “*só um pouquinho!*” Encerrando o assunto utilização do benefício em dinheiro, David narrou com orgulho e satisfação que decidiram, todos em conjunto, fazer com o benefício algo de duradouro e prazeroso para a família toda porque todos adoram música: “*Com o dinheiro que nós pegamos, a gente juntou e comprou um som. Aí nós juntamos a metade e o dinheiro que ela recebeu do serviço dela tiramos um som. Em casa*

carta de cadastramento do Renda Mínima em casa’. Além de repetirem os dizeres do cartaz, os funcionários (que atendiam em esquema de rodízio, sempre mantendo um de cada sexo) informavam verbalmente que: irão recadastrar para o Operação Trabalho (OT), visando atualizar os dados dos já cadastrados; vai ter nova chamada do OT (ou de todos os programas?) e será respeitada a fila; vão abrir cadastramento novo para o RM, e assim por diante. As pessoas que buscavam tais informações, majoritariamente, eram mulheres que traziam crianças pequenas no colo, pela mão. Escutamos também várias reclamações dirigidas aos funcionários, algumas mais chorosas, outras mais indignadas, clamando por justiça: ‘por que os valores (do RM) são diferentes?’; ‘eu recebia R\$ 33,00 e agora não recebo mais...’; ‘tenho o mesmo número de filhos que ela, é minha vizinha, e não fui chamada (para o RM)’. Certamente essa foi uma pequena amostra das pressões e das questões que são enfrentadas pelos atendentes da SDTS em seu cotidiano.”

já tinha um som pequeno e era toca-fita. Aí um dia eu falei: 'Mãe, esse dinheiro que nós estamos pegando dá para a gente tirar um som.' E ela: 'Se vocês quiserem'. Aí eu comprei um som e no último dia a gente ia receber e a gente deu tudo para ela tirar o som para nós. Temos o som até hoje. Eu tenho um cuidado danado com esse som." Entre os investimentos duradouros David também menciona que fez um curso de informática, mas, para isto, teve que contar também com a ajuda financeira da mãe.

Sobre a vida pós-desligamento do programa

A vida após o programa, sem o dinheiro da bolsa, pareceu a Amélia mais difícil do que antes por causa da *"pressão porque a gente sempre estava lá recebendo. Se eu achasse emprego fixo, porque a gente precisa mesmo... Quando acaba [a bolsa]! Aí, sei lá. Volta tudo de novo."* David, sempre preocupado em ser um pouco provedor, diz: *"Eu saí procurando um biquinho para fazer. Ganhei uma merrequinha mas dá para ajudar a minha mãe ou eu mesmo ajudar eu: para sair, eu tinha um dinheirinho. Mas está difícil. Por enquanto não pintou nenhum biquinho para mim ainda."* Ambos indicariam o programa para seus amigos porque, no dizer de David: *"Tem muitas pessoas que, igual a nós, está precisando de dinheiro. Tem muito por aí."* Ao ser convidada para destacar defeitos e qualidade do BT, Amélia deixou transparecer sua tristeza por não ter sido chamada para os prometidos cursos e o quanto é chato receber um dinheiro (ainda que muito bem vindo) sem dar contrapartida alguma: *"Qualidade boa é de receber. Defeito do programa eu acho que é receber, também. Ah, sei lá. Eu falei até para a minha mãe: 'Muito adolescente vive desempregado'. Então fazer alguns cursos para o adolescente trabalhar. Eu acho que tem que ter projetos de cursos para as pessoas da periferia aqui ter mais condições de vida porque se ele não faz nada... se ele tivesse num curso do Bolsa Trabalho para ter uma profissão... Eu acho que eles deveriam ter um curso para o adolescente lá dentro e trabalho lá dentro do curso. A pessoa estar recebendo dentro do curso."* David apressa-se em acrescentar. Acho *"o mesmo que ela falou: o certo é o sistema do Bolsa Trabalho ter serviço para aquele que nunca trabalhou a primeira vez. Se tivesse essa oportunidade, se tivesse serviço para aquele que nunca trabalhou, que é a primeira vez, era até melhor."*

Sobre outros programas da PMSP

Dizem conhecer pouco. David arrisca: *“Tinba o Bolsa Trabalho e tinba outro mas não lembro agora. Outro que trabalhava dentro de escolas.”* Achrom que a mãe nunca correu atrás de nenhum benefício para ela mesma porque está *“sempre ocupada e quem tinba que correr atrás era nós. Ela não podia faltar no serviço.”* Encerrada a entrevista David diz *“é só isso”* e Amélia acrescenta: *“É dar maior oportunidade aqui para Capão Redondo. Só.”*

As entrevistas de Ermelino Matarazzo

Ao agendar as entrevistas do BT em EM, a entrevistadora também se deparou com duas irmãs. Desta vez havia objeções de sua parte em entrevistar as duas porque precisava de um ex-beneficiário e de uma ex-beneficiária. Assim, ficou agendada uma das irmãs (aliás filha de mãe beneficiária do RM e ex-beneficiária do CN) e um outro rapaz.

1. Luisa marcara sua entrevista, a pedido da entrevistadora, sem um horário rígido para que fosse feita na seqüência da de Yara, ex-beneficiária do CN. Contando com a colaboração das referências dadas pela mãe de Luisa ao telefone e com a ajuda de toda a família de Yara, não foi difícil chegar à sua casa. O local era meio afastado, tinha que ser alcançado primeiramente a pé, depois de ônibus interno e novamente a pé atravessando um viaduto sobre a linha férrea conhecido como a passarela da Banquímica. Na portaria da Banquímica, há poucos metros da casa de Luisa, todos declararam desconhecer a rua indicada. Mais adiante, tomando informações, a entrevistadora foi descoberta pela própria Luisa que estava nas redondezas esperando e tentando adivinhar quem ela era.

Contexto da entrevista nas palavras da entrevistadora

Era uma casa muito pobre, em área muito pobre também, com ruas de terra com esgoto a céu aberto e, inclusive, com uma espécie de cachoeira de água servida jorrando em determinado local da rua. Fui recebida efusivamente pela família que é beneficiária do RM e ex-beneficiária do CN e de duas BT. A entrevista tendeu em muitos momentos a ser coletiva principalmente depois da chegada de Carol, irmã de Luisa, também ex-beneficiária do BT, que está trabalhando e é considerada a inteligente da família. Estava presente também o irmão de Luisa, definido como “débil mental” (de fato aparentava

ser doente embora tivesse dado alguns palpites interessantes aqui e acolá., sempre tendo sua participação rechaçada ora pela mãe ora pelas irmãs). A entrevista durou quase duas horas e foi realizada na sala da casa com todos sentados em dois pequenos sofás que lá estavam e com a TV ligada. O texto será mais centrado nas respostas da própria entrevistada, sem prescindir das “colaborações” dos demais membros da família quando julgadas pertinentes.

Perfil da entrevistada

Luisa tem 19 anos, é paulista e sempre morou no Município de São Paulo. Declarou-se branca tanto na pergunta aberta sobre sua cor quanto na pergunta fechada, católica, filha do chefe da casa, sem filhos. Ainda frequenta escola e está cursando a primeira série do segundo grau. Não possui convênio médico ou odontológico de qualquer origem, só abriu conta no banco para receber a bolsa do BT, não tem cheque especial ou cartão de crédito, nem qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vive com seus pais, seus três irmãos e um sobrinho (filho de Carol que tem 21 anos e também é ex-BT) é própria, porém construída em área de ocupação, sem posse do terreno, portanto. Recebeu 6 parcelas do BT. Luisa nunca tinha trabalhado antes de ser selecionada para o BT e não teve nenhuma renda pessoal no mês que antecedeu à pesquisa, não tendo contribuído, portanto, para a renda familiar que foi de R\$ 770,00 no período, advinda dos “bicos” do pai como pedreiro, do RM da mãe e do salário da irmã, Carol, que trabalha como agente comunitária. O item que responde pela maior parte dos gastos é a alimentação (38%), seguido pelos gastos com prestações de móveis (24%) e pelas roupas do enxoval do segundo nenê de Carol que vai nascer daqui a dois meses (14%), pela água e pelo telefone (5% cada) e pelos gastos com luz, gás, educação e remédios de usos contínuo pelo irmão doente (em torno de 3,5% cada). Os gastos listados com a ajuda da mãe de Luisa excederam em 72% a renda familiar. Luisa não é associada a qualquer entidade da sociedade civil organizada.

Sobre o histórico, a composição e “funcionamento” da família

Inicialmente Luisa disse não saber nada sobre a história de vida dos pais “*porque não era nascida...*”; depois acrescentou que sabia que “*era uma vida sofrida.*” Pensando um pouco

mais, relatou: *“Minha mãe já veio do Ceará casada. Veio direto para São Paulo, é o que ela conta...”*

Sobre as condições de vida da família

Luisa acha que qualidade de vida *“é lazer!”*, definição apoiada inteiramente por Carol que acrescenta *“e também emprego. Quem tem um bom emprego, que trabalha, que pode sair final de semana, (porque também não é só serviço), o ser humano tem que ter lazer.”* Ou seja, como já fora observado quando da entrevista de Amélia e David, a chegada dos jovens à pesquisa introduziu a noção de que a vida não é só correr atrás do dinheiro para a sobrevivência, mas também é preciso distrair-se, mesmo com orçamentos sem condições de destinar nada para este item. Luisa acha que nunca teve condições de vida melhores do que as atuais: *“Eu acho que não. Nunca mais teve. Nós sem emprego nós não somos nada.”* Ao declarar que considera a sua vida pior do que a que os pais levaram, Luisa provoca a ira de Carol e da mãe. A primeira diz: *“Deixa de ser mentirosa. Pelo menos naquela época eles viviam lá na roça, trabalhavam duro. Aqui não.”* Já a segunda: *“Pelo menos um estudo ela tem, tem uma casa para morar, tem a família, tem o pai, a mãe para dar. E nada disso eu tinha lá no norte. Nós tínhamos que ir para a roça. Eu trabalhei muito para o meu pai na agricultura.”* Outra controvérsia se instala quando Luisa declara que o que mais pode ajudar a melhorar de vida é *“Conhecer mais pessoas.”* A mãe logo diz que *“é trabalhar”* e Carol acha *“que é estudo porque hoje se você não tiver estudo você não consegue serviço. Hoje em dia para arrumar uma vaga de lixeiro, faxineiro lá perto do meu serviço estão pedindo primeiro grau. Isso se não pedirem o segundo grau completo. Faxineiro hoje em dia, só entra para vaga se tiver o primeiro grau completo ou segundo.”* A mãe, que sempre tende a concordar com Carol, por quem demonstra ter grande admiração, retruca para Luisa: *“Se você tem boas amizades mas se você não tem um estudo, você não consegue um emprego, um dinheiro para você sobreviver. Você falou errado isso aí.”*

Sobre o Programa Bolsa Trabalho

Luisa acha que a Prefeitura trouxe o BT para EM *“para ajudar mais a gente, as pessoas pobres.”* Outra polêmica se instala porque Carol diz que *“não é pobre, é carente”*. Luisa diz que é a mesma coisa, mas fica claro que, como Carol é agente comunitária, está preocupada com a denominação mais *“politicamente correta”*. Desta vez a mãe entra

tentando conciliar as duas opiniões e encerra a questão: *“O pobre é mais carente que está precisando porque a renda que a gente tem não dá para sobreviver.”* Mais adiante recoloca a já famosa questão da carência relativa, propugnando a continuidade dos programas sociais em EM: *“Tem muita gente que está pior do que a gente, mais carente ainda. Tem gente por aqui nessa área que está pior do que nós. (...) Porque a gente hoje em dia não quer só para a gente. Todo mundo quer ter.”*

Luisa diz ter sabido do BT na escola e logo ter se interessado. Contudo, só se inscreveu depois de conversar com a família. Ao acrescentar sempre ter acreditado que ia dar certo, ganhou nova “advertência” materna: *“Fala a verdade. A gente jogou. A gente se inscreveu e ficou assim...”* Luisa mostra-se surpresa e pergunta: *“A senhora não acreditava, mãe?...”* A mãe disfarça e começa a contar da ida para a longa fila de madrugada, a confusão no dia de buscar o cartão com a greve de ônibus etc. Luisa retoma o fio e acrescenta: *“A população do Ermelino Matarazzo tem tanta sorte que o dia que tinha que ir lá foi um dia que teve uma greve de ônibus. Como que o pessoal ia lá para o SESC se estava tudo em greve em São Paulo? Aí eles remararam dia 11 de julho, nós fomos. Aí graças a Deus deu tudo certo nesse dia.”* Carol suspira: *“Foi muito sofrimento.”* Luisa diz que foi muito bem atendida e teve as informações de que necessitava para iniciar a sua participação no programa: *“Fomos bem atendida (entre aspas) porque sempre tem empurra-empurra. A atenção foi super ótima. Não tenho reclamação. Explicaram como funcionava o curso e depois nós tivemos curso do BT que foi até o curso sobre cidadania.”* Já dando início à descrição das atividades das quais ela e Carol tinham participado e que tinham sido exatamente as mesmas. Participaram do curso na igreja, não era tão perto mas dava para ir a pé.³¹ Luisa diz: *“Foi curso de cidadania, nós fizemos curso também de montagem de teatro, fizemos teatro ainda no curso, nós saímos também sobre a vila, fizemos painel da sobrevivência do Ermelino Matarazzo, fizemos a história do Ermelino Matarazzo. Eu gostei. Não só ajudou no curso como ajudou também dentro da escola onde a gente estuda.”* Carol acrescenta que sua avaliação também é de que ajudou muito. Luisa afirma ter escolhido as atividades, menos o curso de cidadania que era para todo mundo. O resto *“foi escolhido porque teve da Dengue, tinha teatro, tinha esporte.”* Disse ainda que *“os amigos acharam super legal,*

³¹ Vale dizer que grande parte das pessoas entrevistadas já baniu de seus orçamentos os gastos com transporte, daí eles quase não aparecerem na estrutura de gastos: ou as pessoas trabalham com vale transporte, ou só vão a lugares onde possam chegar caminhando.

também tinha meninas na escola que fazia. Tinha um monte de gente.” e que recomendaria o BT para todo mundo e para ela mesma fazer de novo se isto fosse possível. Luisa aponta como a maior qualidade do BT o ensino que foi ministrado e os ótimos monitores. O pior defeito foi a inadequação do local onde fizeram os cursos e, conseqüentemente, sua sugestão “é que tem que procurar um lugar, é o que todo mundo diria. Foi dentro de um salão comunitário da paróquia que a gente não tem espaço, era muito ruim. Só isso.”

Sobre o uso do benefício

Luisa diz que quem decide tudo naquela casa: “*A minha mãe que é chefe daqui da casa.*”, contradizendo a ficha preenchida que atribuía esta função ao pai. O dinheiro do BT foi usado majoritariamente na sobrevivência da família, mas as filhas, desta vez contrariando a mãe que afirmava que o dinheiro só dera para isto, contam que deu para mexer um pouco na casa. Aí a mãe concorda: “*É. Pelo menos a minha casa estava sendo rebocada aí não precisava pegar o dinheiro e gastar só nós. A casa estava muito suja. Pelo menos dentro de casa deu para limpar. Fora ainda tem que terminar.*” Empolgada e, até um pouco emocionada, acrescenta que deu para “*melhorar a vida.*”

Sobre a vida pós-desligamento do programa

A mãe de Luisa foi logo dizendo que “*voltou ser a mesma coisa.*” Luisa apressou-se em discordar: “*Está sendo diferente. Porque nós não temos o que nós tínhamos antes.*” Na verdade, Luisa mostra-se ressentida porque ela não arranhou nada após o término da bolsa e Carol arranhou um bom trabalho cujo salário é até maior do que a bolsa que recebiam. Neste ponto da conversa, Carol começa a contar a sua experiência no novo trabalho e de como os conhecimentos adquiridos no BT ajudaram-na a conseguir o lugar de agente comunitária que hoje ocupa e a ter um relacionamento melhor com os outros, o que também é indispensável ao seu trabalho: “*Com certeza. Nossa! Ajudou bastante. (...) Ficou mais fácil de respeitar o outro, de ter posição diferente. É porque eu era bem mais fechada e quando a gente vai entrando em emprego a gente tem que ser assim, uma forma, não liberar totalmente, mas liberar de coisa em grupo que hoje não é só para você pensar em só você individual, hoje é o espaço, tem que trabalhar em grupo. Ajudou bastante.*” Luisa não mais se pronunciou a respeito deste tema.

Sobre outros programas da PMSP

Como já foi dito, a família tem bom conhecimento e faz bom uso dos programas da Prefeitura e, pelo jeito não vai parar por aí, pois Carol disse que apareceram *“uns cursos aí e eu não peguei mais por causa da barriga. Abriu a inscrição de fazer aqueles cursos... Abriu a inscrição na Internet para o Bolsa Trabalho para curso para vestibular também. Eu gostaria.”* A mãe das duas, mostrando ter boa percepção das diferenças de oportunidades entre elas, acrescentou: *“Se aparecer qualquer curso assim, se eu ver que está aparecendo para fazer eu vou procurar é para a Luisa que ela [Carol] já está trabalhando. Mas ela [Luisa] ainda não tem experiência de serviço ainda, está precisando trabalhar, participar.”*

2. Silvio marcou com a entrevistadora para o dia 27 de junho por volta das 16 horas, com flexibilidade para que a entrevistadora fosse encontrá-lo ao final da entrevista com Luisa, uma das irmãs ex-beneficiárias do BT. O encontro acabou acontecendo mais ou menos no horário combinado. Não houve dificuldade para localizar a boa casa de Silvio, em rua asfaltada bem no centro de EM.

Contexto da entrevista nas palavras da entrevistadora

Desde o telefonema para propor a entrevista que Silvio havia sido desinteressado, lacônico, arredio e parecia não ser “tocado” por nada. Concordou de imediato, ensinou e deu referências de como chegar à sua casa, mas tudo parecia lhe ser indiferente. Fui recebida com educação. Silvio já estava na porta da casa e propôs que fizéssemos a entrevista logo na varanda da entrada. Como no telefone, Silvio não fez gesto algum de rejeição ou acolhimento e foi monossilábico na entrevista. Sua irmã mais velha, com quem mora depois que os pais resolveram voltar para o Nordeste desanimados com a cidade grande, era muito simpática e falante e ficou conosco o tempo todo, ajudou a responder à parte familiar inicial e não interferiu na entrevista propriamente dita que não durou mais do que 20 minutos e que... por alguma razão desconhecida, não gravou, embora o teste da fita tivesse sido feito e fosse tudo o que constava gravado quando cheguei em casa. Felizmente, o desanimado Silvio não acrescentara muita coisa ao que os outros entrevistados já haviam dito e não participara de qualquer atividade do BT:

apenas recebera a bolsa. Assim, como não foram tomadas notas, o que vai constar como informação sobre ele neste relatório é a parte relativa ao seu perfil.

Perfil do entrevistado

Silvio tem 18 anos, é paulista e sempre morou no Município de São Paulo. Filho de alagoanos, declarou-se “moreno” na pergunta aberta sobre sua cor e branco na pergunta fechada, católico, cunhado do chefe de família, solteiro e sem filhos. Ainda frequenta escola e está cursando a terceira série do ensino médio. Não possui convênio médico ou odontológico de qualquer espécie, só abriu conta no banco para receber o benefício do BT, não tem cheque especial ou cartão de crédito ou qualquer tipo de acesso à Internet. A casa em que vive com sua irmã, seu cunhado e uma prima é alugada. Recebeu 6 parcelas do BT e nunca havia trabalhado antes de participar do programa. Não teve qualquer rendimento pessoal no mês anterior ao da realização da pesquisa e, portanto, não colaborou na renda familiar de R\$ 400,00, advinda somente do salário de sua irmã como auxiliar de enfermagem, já que o cunhado e a prima estão desempregados. O item que responde pela maior parte dos gastos é o aluguel (42%), seguido da alimentação (12%), pela luz e pelo vestuário (10% cada), pela educação e pelo transporte (12% cada), pelo gás (5%) e pela água (3%). Os gastos listados pela irmã de Silvio excederam em 49% a renda familiar. O telefone somente recebia chamadas porque a conta do mês anterior não havia sido paga. Silvio não é associado a nenhuma associação da sociedade civil organizada.

VII PESQUISA COM OS EX-MONITORES DOS PROGRAMAS COMEÇAR DE NOVO E BOLSA TRABALHO

A idéia de complementar a pesquisa com ex-monitores do CN e do BT, fazendo um GF conjunto com pessoas que foram monitoras nos dois programas, surgiu, e foi logo aprovada, no GF com os coordenadores dos programas da SDTS. De fato a idéia revelou-se muito boa para dar à pesquisa um pouco da visão “do outro lado” da questão.

Os ex-monitores também responderam a ficha socioeconômica que permitiu a geração do perfil que segue.

O perfil dos entrevistados a partir das fichas socioeconômicas

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Conjunto dos dois distritos
Tempo médio de preenchimento da ficha	12 minutos
Classe modal de sexo	Feminino (67%)
Idade média	38,89 anos
Classe modal de faixa etária	40 a 49 anos (44%)
Proporção de paulistas	44%
Tempo médio de residência no Município de São Paulo	29 anos
Estado de origem da maior proporção de migrantes	Bahia (33%)
Classe modal de cor (pergunta aberta)	Negra (33%)
Classe modal de cor (pergunta fechada)	Negra e parda (44% cada)
Classe modal de religião	Católica (44%)
Classe modal de posição na família	Chefe (44%)
Classe modal de situação conjugal	Casado/união consensual (56%)
Paternidade/maternidade	62%
Classe modal no número de filhos	2 e 4 filhos (40% cada)
Filhos entre 7 e 15 anos	40%
Classe modal de última série concluída	3ª série do ensino médio (56%)
Proporção com ensino fundamental concluído	100%
Proporção com ensino médio concluído (inclusive não seriado)	78%
Proporção com ensino superior concluído	11%
Proporção com convênio médico particular	0%
Proporção com convênio médico de empresa	44%

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Conjunto dos dois distritos
Proporção com convênio odontológico	11%
Proporção com conta em banco anterior ao programa	100%
Proporção com cheque especial	33%
Proporção com cartão de crédito	88%
Proporção com acesso à Internet em casa	44%
Proporção com acesso à Internet no trabalho	78%
Proporção que busca acesso à Internet no telecentro da Prefeitura	11%
Classe modal de tipo de ocupação do domicílio	Próprio já pago (67%)
Classe modal de situação no mercado de trabalho anterior à entrada no programa	Trabalhando (44%)
Classe modal de posição na última/atual ocupação	Assalariado sem carteira assinada (67%)
Classe modal de setor da economia em que trabalhava	Serviços (86%)
Proporção que teve algum rendimento no mês anterior	100%
Valor médio do rendimento individual no mês anterior	R\$ 1.264,44
Classe modal de fonte do rendimento no mês anterior ao da pesquisa	Trabalho regular (100%)
Proporção que tem vontade e tempo de fazer trabalho voluntário	22%
Proporção que tem vontade, mas não tem tempo de fazer trabalho voluntário	11%
Proporção que já faz trabalho voluntário	67%
Proporção que não tem vontade de fazer trabalho voluntário	0%
Número médio de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado)	3,67 pessoas
Classe modal de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado)	4 pessoas (44%)
Classe modal de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado) e que têm rendimento	2 pessoas (67%)
Classe modal de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado), que têm rendimento e que contribuem para o orçamento	2 pessoas (67%)
Rendimento familiar médio no mês anterior	R\$ 2.100,00
Classe modal de renda familiar	R\$ 400,01 e mais (100%)
Número médio de pessoas que vivem desta renda	3,67 pessoas
Principal tipo de associação a que pertencem os monitores	ONGs (44%)
Tempo médio de experiência como monitor	5,78 anos
Tempo médio de trabalho na instituição parceira	6,38 anos

Fonte: Pesquisa DIEESE/SDTS, 2003.

O perfil dos monitores

Com base nas classes modais e nas médias, pode-se dizer que os monitores do CN e BT entrevistados são predominantemente mulheres (67%); com idade média de 38 anos; não naturais do Estado de São Paulo (56%), vivendo no Município de São Paulo há 29 anos, em média; declararam-se predominantemente negros na pergunta aberta sobre sua cor e negros e pardos na pergunta fechada (33% e 44% de cada, respectivamente); católicos (44%), chefes de suas famílias (44%), casados ou em união consensual (56%); têm filhos (62%), predominando os que têm 2 e 4 filhos (40% de cada), sendo 40% deles menores com idade entre 7 e 15 anos. A última série que concluíram com aprovação foi a terceira série do ensino médio (56%), denotando um bom nível educacional para o desenvolvimento da função, corroborado pelos outros indicadores educacionais: todos tinham pelo menos o ensino fundamental completo, 78% tinham o ensino médio completo e 11% tinham nível universitário. Nenhum possui convênio médico particular, 44% possuem convênio médico da empresa em que trabalham e 11% convênio odontológico. Todos tinham conta em banco antes de serem monitores dos programas, 33% têm cheque especial e 88%, cartão de crédito; 44% têm acesso à Internet em casa, 78% no trabalho e 11% usam o telecentro da Prefeitura. A casa em que vivem com suas famílias é própria já paga (67%). Quando foram selecionados para trabalhar como monitores estavam trabalhando (44%) e eram assalariados sem carteira assinada (67%) no setor de serviços (86%), desempenhando ocupações do tipo: analista programador, atendente, auxiliar de desenvolvimento infantil, coordenador pedagógico, educador, monitor de informática. No mês anterior ao da pesquisa, todos tiveram alguma renda pessoal, no valor médio de R\$ 1.264,44, totalmente advinda de seu trabalho regular. Contam hoje com 5,78 anos, em média, de experiência como monitor e trabalham há 6,38 anos, em média, para a instituição parceira da Prefeitura e 67% já fazem trabalhos voluntários. Suas famílias são compostas de 3,67 pessoas, em média, predominando as que têm 4 pessoas (44%), das quais duas tiveram algum rendimento no mês anterior ao da pesquisa (67%) e ambas contribuíram para o orçamento familiar (67%). Sua renda familiar no mesmo período foi, em média, de R\$ 2.100,00, que se destinam ao sustento de, em média, 5,78 pessoas. No que concerne à sua vinculação a entidades da sociedade civil organizada, 44% pertencem a ONGs.

Os Grupos Focais (GFs) ³²

A composição dos GFs

Não havia características prévias definidas para a participação nos GFs dos monitores. A única exigência é que tivessem trabalhado nos programas CN e BT em um dos dois distritos pesquisados: Capão Redondo e Ermelino Matarazzo. Houve dificuldade de elaborar uma lista básica com alguns nomes e telefones em função de a SDTS e o Projeto Desenvolvimento Solidário (PDS) terem repassado a seleção dos monitores para as entidades parceiras responsáveis pela execução das atividades nas duas áreas e do razoável espaço de tempo transcorrido desde que os programas haviam sido concluídos, principalmente no CR. Ainda pesava desfavoravelmente ao CR o fato, já observado nos capítulos específicos, de que os programas tiveram atuação pioneira neste distrito acarretando várias dificuldades adicionais de organização. Com a ajuda de Sonia, diretora da Creche Casa da Criança que mantivera contato com muitos monitores que atuaram em EM, foi possível realizar o GF de lá. Já no CR, dos poucos nomes recuperados, muitos não tinham mais possibilidade ou interesse de participar. Contudo, inviabilizado o GF, não foi perdida a informação, obtida através de entrevistas com 2 ex-monitores pertencentes a duas diferentes instituições que realizaram o trabalho no CR, em seus locais de trabalho.

O roteiro dos GFs

O roteiro acordado com os responsáveis pelo CN e pelo BT para conduzir os GFs, e, no caso, as entrevistas, era o seguinte:

- ✓ Por que você acha que a PMSP implantou o programa no Município de São Paulo?

- ✓ Sua história de inclusão no programa: Como soube do programa? Por que resolveu participar? Participou no processo de seleção? Enfrentou dificuldades – filas, atendimento, nível de informação etc.?

³² Cada capítulo tratará apenas das especificidades do programa em pauta uma vez que os procedimentos comuns já foram descritos na **Introdução**. Como já foi visto, cada GF foi relatado. Partes destes relatos serão incorporadas ao corpo do relatório.

- ✓ Atividades desenvolvidas:
 - Recebeu informação sobre os Programas Sociais da Prefeitura? Você pôde escolher o curso que ia dar e o local para dar aula? Participou da definição do conteúdo do curso? Recebeu treinamento? Recebeu acompanhamento pedagógico? Foi submetido à avaliação pela instituição? Houve interrupção do curso? Quais as principais dificuldades encontradas para execução do curso: administrativas, materiais, de infra-estrutura, etc.?

- ✓ Avaliação
 - Satisfação com o local das aulas: acesso, segurança, tamanho, iluminação, ventilação, limpeza, carteiras, banheiro etc.;
 - Satisfação com os materiais e equipamentos disponíveis para uso: apostilas, material escolar, equipamentos, materiais específicos para as atividades, adequação aos objetivos do curso etc.

- ✓ Correlação entre os conteúdos e a realidade dos beneficiários:
 - Você acha que a participação no programa promove mudanças na vida dos participantes, possibilita a obtenção de novas formas de geração de renda, melhoria de condições de vida?
 - Na sua opinião quais as principais qualidades do programa? Por quê?
 - E os principais defeitos? Por quê? Sugestões para melhorar.
 - Você tem sugestões para que o programa se torne melhor para as pessoas, para as famílias e para as comunidades nas quais ele é implantado?

- ✓ Vida profissional após o trabalho de monitoramento no programa: continua na mesma instituição parceira – na mesma ou em outra função? Continua a participar como monitor em programas da Prefeitura?

Os convites para os GFs

Foram feitos através de uma série de telefonemas para os locais de trabalho, para as casas e para os celulares dos ex-monitores. Houve muita dificuldade em sua localização. Algumas negativas, e, às vezes, um tom de voz nos telefonemas que não passava muita firmeza na verdadeira disposição de participar, ainda que o convite tivesse sido aceito. Não era desinteresse, o problema. Muito pelo contrário, mas uma certa incerteza quanto aos objetivos da pesquisa e sobre o tipo de assunto que seriam instados a discursar. Alguns disseram depender de liberação do seu chefe para poder comparecer e pediram que a responsável pela pesquisa fizesse diretamente o contato (o que foi feito com sucesso), outros estavam hoje voltados para outras atividades ou haviam ascendido a cargos de direção em sua instituição, não tendo mais a disponibilidade de deslocar-se até os distritos para participar do grupo.

Em todo caso, parecia haver uma diferença bem marcada entre o tipo de monitores que trabalharam em um e em outro distrito, até porque, no CR, o trabalho voluntário havia sido freqüente e, em EM, houve remuneração (diferenciada e nem sempre pontual) pelos trabalhos executados. O entusiasmo pelo trabalho realizado era comum às duas equipes, embora a tônica predominante dos que trabalharam no CR parecia ser o “profissionalismo” e a dos que trabalharam em EM parecia ser o envolvimento comunitário.

A realização dos GFs

No Capão Redondo, como foi dito acima, o GF não se realizou, tendo sido substituído por duas entrevistas, que serão analisadas mais adiante.

Em Ermelino Matarazzo, o GF realizou-se na Creche Casa da Criança, situada na Rua Tanazeiro, número 38, no dia 01/07/03, com duração aproximada de 2 horas. Convocados para as 14 horas, somente um ex-monitor de BT/CN chegou meia hora antes; até as 14:25 horas, chegaram mais 5 participantes do sexo feminino; o sétimo chegou quando o grupo já estava trabalhando, às 14:45 horas. O GF iniciou-se com 6

ex-monitores BT/CN presentes: 1 homem e 5 mulheres, tendo a eles se juntado mais um no decorrer dos trabalhos.

Clima reinante no GF em Ermelino Matarazzo

Nas palavras da relatora, o clima foi de respeito, bom humor e marcado por muita colaboração e empenho para que fossem registradas, com a maior seriedade e sinceridade possíveis, as experiências – êxitos, fracassos, sugestões – dos monitores e de seus coordenadores durante as atividades por eles desenvolvidas com os beneficiários dos programas sociais CN e BT. Sem termos previsto, também obtivemos registros da avaliação, pelas instituições parceiras da SDTS e do PDS, do papel destes no mesmo processo.

Levantamento dos principais aspectos abordados de forma recorrente no GF de Ermelino Matarazzo

As informações obtidas no GF com os monitores foram complementares às prestadas pelos ex-beneficiários do CN e do BT e muito úteis para a compreensão de alguns aspectos que eles haviam mencionado e cuja extensão não havia sido possível aquilatar àquela altura da pesquisa. Apenas à guisa de exemplo, pode ser citado o tão enfatizado (e lamentado pelos ex-beneficiários) desfazer dos grupos da primeira fase, que ganhou aqui a dimensão que de fato parece ter tido: um recomeçar difícil e muitas vezes percebido como improdutivo e desarticulado das expectativas geradas na primeira fase. A metodologia adotada por esta pesquisa permite dizer que as percepções que uns e outros tiveram do processo são absolutamente compatíveis e complementares.

Aos comentários sistematizados, seguem-se algumas das falas que os sugeriram. Algumas delas tocam em mais de um dos pontos listados, mas optou-se por mantê-las alocadas em um dos aspectos para que um pouco da articulação do pensamento dos entrevistados pudesse ser percebida pelos leitores. Os aspectos listados a partir do GF são os que foram mais enfatizados, não querendo dizer que tenham sido os únicos.

Neste GF dos monitores em particular, muitas falas, algumas longas e bem articuladas, centraram as baterias e a emoção em um conjunto bem definido e reduzido de questões: além de descreverem as razões pelas quais achavam que os programas tinham vindo para EM, sua história de inclusão no programa, a formação e o acompanhamento recebidos para respaldar a sua atuação e a forma que lhes foi possível atuar, a discussão esteve centrada na dificuldade com o local para realizar as atividades e com o material; com o atraso no recebimento dos recursos para as entidades realizarem suas atividades e pagarem os monitores, com a descontinuidade ocorrida entre o módulo básico e a parte específica e na inadequação da forma pela qual o POS (e o PDS) chegou(ram) e foi(ram) desenvolvido(s). Os monitores até mencionaram o POS, mas ninguém se referiu ao PDS. Essa propalada inadequação na passagem para a “segunda fase” será melhor explicitada em item específico a seguir. A importância da participação nos programas de pessoas envolvidas com a comunidade e da existência de uma sociedade civil organizada para o sucesso da vinda e da implantação efetiva dos programas também constitui aspecto original muito bem percebido e desenvolvido pelos participantes. Assim, neste capítulo, mais do que nos demais, as falas vão se impor por si mesmas.

- ✓ Os motivos percebidos como os que levaram o CN a EM foram: carência do bairro; abundância de desempregados; oportunidade para as pessoas elevarem sua auto-estima; existência de população favelada; existência de segmentos organizados da sociedade civil.
 - *“No meu entender porque é um bairro carente, onde concentra mais população desempregada pela periferia que trabalha com muita gente da favela, gente que realmente necessita.”*
 - *“Eu não conheço muito a região de Ermelino, eu moro em Guarulhos, mas eu creio que esse programa está sendo levado para regiões realmente que o índice de desemprego é alto, índice de qualidade de vida é baixo e que seja a região de Ermelino.”*
 - *“Eu acho assim: é como eles falaram, como o nível de desemprego é muito alto e também a auto-estima das pessoas estão muito baixa. Então para tentar elevar um pouco e dar oportunidade para essas pessoas.”*
 - *“O que os colegas aqui falaram, é realmente isso: porque Ermelino, creio que tem bastante favelas, em volta tem bastante favelas, e a perspectiva de vida da pessoa acima de 40, que nem a*

faixa etária que eu trabalhei, o 'eu' deles estava muito lá embaixo. Tinha pessoas que me falavam que estava muito deprimida, que não tinha perspectiva de vida, de nada. E no decorrer do curso eles viram que a realidade não é essa: que há uma chance na vida do ser humano, independente da faixa etária.”

- *“Eu acredito no que todo mundo falou, que realmente é mais por causa da pobreza que aqui, o bairro mais pobre, e que ele vem implantar também para levantar a auto-estima das pessoas.”*
- *“Eu penso igual a eles. Eu acho que a gente tem essa necessidade, o desemprego, a favela. Mas eu vejo assim: eu acho que também tem outra coisa que fez com que talvez o Ermelino Matarazzo tenha sido escolhido: eu acho que é a organização e, também, a questão da subprefeitura. Eu acho que se a gente for pensar a nível só de pobreza, a gente vai ver que tem bairros que também estão numa situação ainda pior do que o Ermelino Matarazzo. Mas eu acho que depende também muito da organização do bairro. O Ermelino Matarazzo ele é um bairro que luta muito, ele tem uma caminhada muito longa, tem várias lideranças, tem uma liderança muito grande. E através do apoio da subprefeitura, também tenha contribuído para isso. Eu acho que se não tiver a subprefeitura que ajude o bairro, ele fica parado. Se não tiver movimentos organizados, por mais que tenha movimentos em todas as regiões de São Paulo, a gente não pode negar que o movimento de Ermelino Matarazzo, junto até com o Padre Ticão, que é liderança, é um movimento muito organizado. Ele chama muito atenção para que os programas sejam implantados. Eu acho que ajuda muito quando o bairro é organizado.”*

- ✓ Quanto às formas como passaram a exercer a função de monitores nos programas: já tinham o seu trabalho reconhecido pelas pessoas que se incumbiram da seleção; foram designados pelas instituições parceiras; já tinham experiência anterior com trabalho comunitário voluntário e se candidataram; tiveram o seu perfil considerado adequado pela instituição encarregada da seleção.

- *“Eu também, como a colega, fui convidada pela diretora a participar do projeto que ela já conhecia o meu trabalho.”*
- *“Eu não conhecia esse programa antes, porque ele não existe em Guarulhos, a Prefeitura de lá não implementou ainda esse programa. Eu fiquei conhecendo através da PRODAM. Quando eu entrei na PRODAM, eu entrei já no setor que trabalhava direto com a área social, a área dos projetos Bolsa Trabalho, Começar de Novo e Operação Trabalho. Então eu já fui*

encaminhado para dar aula nesses programas, e eu fui conhecendo, fui conhecendo o público. Apesar de ter dado aula em escolas particulares, esse público era bem diferente, é um público-alvo porque são pessoas com pouco nível de estudo, pouca educação, eu cheguei a dar aula até para analfabetos. Então eu vi que o trabalho tinha que ser diferente do que eu fazia antes.”

- *“Já tendo um trabalho, conhecendo a comunidade e a população de Ermelino, a entidade, sabendo do meu trabalho, me convidou para estar participando desse programa. Eu achei maravilhoso, adorei participar, foi uma experiência ótima.”*
- *“Eu não tive seleção. A diretora da entidade do ensino de educação já conhecia o meu trabalho que eu já fazia com os adolescentes, do CJ, que agora é ECJ, então ela me convocou. Eu aceitei. Não sabia nem para aonde ia mas topei e gostei do trabalho.”*
- *“A minha irmã, ela trabalha no centro de educação e ela ficou sabendo pela entidade. Aí ela me falou, mandou eu fazer um currículo. Eu fiz o currículo e, para quem desenvolvia trabalho voluntário, também que eles estavam dando a oportunidade, que já conhecia e tudo mais. Aí eu mandei o currículo e a Sonia me chamou para participar. Aí eu aceitei, adorei o trabalho, foi muito bom, foi uma experiência maravilhosa.”*
- *“No meu caso eu tive que fazer seleção porque é uma entidade. Foi assim: a gente foi procurada. A subprefeitura foi lá, visitou o espaço, conheceu, olhou todo o ambiente para ver se dava para a gente implantar e pegar salas, a gente pegou. E aí cabia a nós da entidade escolher os monitores. A gente teve que procurar saber qual era o perfil do monitor, o que ele precisava ter para ser. O que precisava? Tinha que ser pessoas que nem elas que são educadores, já trabalham na comunidade e aí a gente escolheu.” (Responsável por instituição)*

- ✓ Os monitores identificaram como as principais dificuldades que encontraram para exercer suas funções: a falta de material; a falta de local fixo e adequado para as atividades; a baixa escolaridade de parte significativa dos participantes; a demora na chegada dos recursos em geral, inclusive para o pagamento dos próprios monitores; heterogeneidade do público e problemas específicos com parte do público jovem; falta de um representante da SDTS que se responsabilizasse pela solução de problemas relativos à bolsa em si.

- *“A dificuldade também que eu achei foi a falta de material. Vontade a gente tinha bastante. E eles chegavam com tanta ansiedade fazendo pergunta e queria participar, só que o material era*

insuficiente. Aí nós usamos a imaginação, trabalhando, pedindo para eles estar trazendo, até mesmo fiz trabalhos com sucatas com eles.”

- *“E a dificuldade principal eu acho que é a falta de alfabetização do pessoal, a falta de escolaridade muitas vezes dificulta eles a estar aprendendo, a estar crescendo, levar apostilas para estar estudando para estar desenvolvendo a mente deles. Eu acho que essa foi a principal dificuldade que eu encontrei para dar aula para eles.”*
- *“A dificuldade foi a mesma de todos: é a falta de material. Isso dificultou muito o trabalho mas, mesmo assim, o pessoal que estava, os educadores da comunidade que eu participei, eles levaram muito bem, fizeram o trabalho com muito boa vontade. Dava para perceber que o pessoal não estavam lá trabalhando só pelo dinheiro porque demorou muito a vir essa verba para estar pagando os educadores, para estar comprando os materiais e o pessoal estava ali. Dava para perceber que era de coração mesmo.”*
- *“Peguei pessoas alfabetizadas, só tinha 3 que não eram alfabetizadas. Tinha pessoas até formadas em técnico em contabilidade. E olha! Foi um trabalho maravilhoso. A dificuldade que encontrei foi a falta de material no início. Isso foi um trabalho muito árduo, a gente tinha que se virar, procurar e usar de tudo que você tinha dos meios. A única dificuldade que eu encontrei foi essa. Quanto ao resto foi muito bom.”*
- *“Tinha uma outra turma que era a Bolsa Trabalho que me deu também uma dor de cabeça, mas depois... Uma dor de cabeça assim: porque eu ficava muito tensa. Então eu não deixava que eles saíssem, porque tinha pessoas lá que o conceito não era muito... Então eu ficava preocupada se ele fosse tomar drogas, essas coisas. Eu ficava de olho. Era olho lá e olho cá. Então a minha preocupação maior era essa em relação aos adolescentes. Inclusive sumiu umas cadeiras, roubaram, roubaram dinheiro meu e eu rodei a baiana.”*
- *“A primeira coisa que deveria sair era o dinheiro para ser comprado o material para desenvolver melhor o trabalho. Desenvolvemos sim, mas com muita dificuldade e com muita luta, correndo atrás, coisas que nós não tínhamos muito tempo para isso, mas pelo menos uma parte ou uma porcentagem desse valor que é liberado fosse depositado, que fosse liberado para poder comprar o material para ser desenvolvido as atividades. Primeiro lugar isso. O local antes de iniciar nós já corremos atrás, mesmo eu com a dificuldade que eu tive hoje, mas no dia seguinte já estava tudo pronto. Eu não tinha luz – foi feita uma extensão. (...) Eles [os bolsistas] contribuíram na limpeza, contribuíam na mão-de-obra deles, lixeiro, banheiro eles limpavam.*

Tudo. Tanto o da Bolsa Trabalho como o pessoal do Começar de Novo. Todos contribuíam e cooperavam em ajudar a fazer o trabalho, a limpeza, a higiene. Foi muito bom. O primeiro passo é esse: liberar a verba para ser comprado o material.”

- *“Dificuldade que nós tivemos foi só com material que realmente no começo foi muito ruim o material. Só que a gente foi pedindo para o pessoal estar ajudando, dar uma força. O trabalho que nós desenvolvemos foi muito bom, foi uma experiência e eu aprendi muito com eles e o que eu sabia também eu passei para eles.”*
- *“As dificuldades são as mesmas: a gente teve muita dificuldade porque a gente não tinha como manter o material, os monitores precisavam de tudo para trabalhar e não tinham com o que trabalhar. Então a gente teve essa grande dificuldade. Outra coisa que eu achei que dificulta muito era o retorno da Secretaria [SDTS] para com os monitores: é muito demorado. Primeiro eles implantam os programas e não dá nenhuma condição para a pessoa trabalhar. A pessoa precisa começar a trabalhar sem ter nada. Depois termina e não vem aquele dinheiro que eles falam que é para o monitor. O dinheiro demora muito para vim. As pessoas ficam devendo em papelaria, nos bazares onde compraram e isso complicou muito. Outra coisa que eu achei que complicou também foi os bolsistas também porque fica tudo por conta dos monitores e da gente, porque daquele dia em diante que a gente implanta, fala para aquele pessoal que são os bolsistas, eles esquecem tudo e tudo eles acham que você tem que resolver. E aí é o salário deles que não cai mais, o auxílio deles que não cai mais no banco. E aí aonde cai? Cai tudo em cima ou do monitor ou da pessoa que está coordenando as entidades. Lá eram quatro salas que coordenava: 3 de Começar de Novo e uma de Bolsa Trabalho. Eles não procuram, eles não querem saber se é na Prefeitura, se é na Secretaria [SDTS], eles não querem saber. Eles vão sempre atrás de você. Isso foi uma grande dificuldade e isso complica muito a vida da gente. Eu acho que tudo que acontece lá, vem lá de cima da Secretaria. Ele vem de lá, mas cai na gente: as lideranças, as pessoas. Tudo que acontece na vida é nós que ficamos como vitrine para que o povo bata. E o povo chega na cara da gente e diz: ‘Eu fui lá no banco e o meu o dinheiro não caiu.’ Teve pessoas que receberam três meses e no outro mês não recebeu mais. Na minha entidade ficou várias pessoas que ficou três meses sem receber. Então até hoje a pessoa ainda chega na entidade e diz assim: ‘Poxa, aquele Começar de Novo! Eu não recebi aqueles três últimos meses. Me manda falar aqui, daqui me manda na Secretaria, eu fui na Secretaria e até hoje não recebi.’ Então essas coisas chateia muito a gente.”*

- ✓ Os monitores consideram ter recebido instruções por parte Prefeitura, uma espécie de formação. O “caminho” instrucional percorrido teve a prefeita pessoalmente no seu topo, as instruções gerais da SDTS em seguida, o preparo específico das aulas nas entidades que tinham a responsabilidade direta pelas atividades, objetivando uma homogeneização de conteúdos entre as diversas turmas de um mesmo programa e a distinção de métodos para adequá-los a jovens (BT) e mais velhos (CN). Note-se, novamente, que não menção ao PDS.
 - *“E a gente teve uma explicação porque, quando foi para implantar os programas, a própria prefeita ela veio. Nós tivemos todo mundo reunido no hospital, (...) aonde ela pegou e ela explicou tudo e falou qual era a proposta que ela tinha para os programas. O que ela queria, aonde ela queria chegar e aonde ela queria que a gente trabalhasse aquele povo, que era fazer levantar a auto-estima das pessoas, fazer as pessoas entenderem que esse dinheiro que eles estavam recebendo do Bolsa Trabalho, ele não ia viver a vida toda, que era um dinheiro que eles iam receber seis meses e que eles começassem a se preparar e criar um grupo de pessoas e que começassem a trabalhar para sobreviver, e ensinar as pessoas como elas caminhassem com suas próprias pernas porque eles não iam viver de benefício a vida toda. Então esse acompanhamento a gente não tem o que reclamar porque ele foi passado para a gente e ele foi tentado.”*
 - *“Você quer saber se para começar o programa, se a gente teve informação. Que foi falado foi. Então foi preparado. O programa, ele foi criado, foi chamado as entidades, teve o dia que cada entidade foi para lá para pegar o número de bolsistas que ia ter, depois veio para a entidade e depois nós tivemos quatro sábados de informações aonde tinha o pessoal da sede da Secretaria, veio a Doroti, a Marinilsa, as pessoas que vinham dar palestras de educação. Dentro da entidade a gente também tinha a nossa avaliação todas as sextas-feiras para que nós sentássemos em grupo com o educador.”*
 - *“Depois teve a formação para eles, eles fizeram a formação, se prepararam. O que que faltava para eles se prepararem? Era as coisas que vêm lá da Secretaria que passaram para eles que foram os 4 sábados que a gente fez a formação. O que elas trouxeram eram as coisas que eles também já sabiam fazer. Só era mesmo para completar.”*
 - *“Acompanhamento é o seguinte: nós tivemos aqueles encontros aos sábados, quatro sábados nós tivemos esse curso. Foi muito bom também, muitas coisas que nós aprendemos lá, pelo menos as*

dinâmicas, foram muito boas. Eu aplicava com os meus beneficiários isso e eles se saíram muito bem. Recebemos também planilhas sintéticas do módulo básico, o projeto de como trabalhar as atividades (...) e como deslanchar tudo.”

– *“Acompanhamento pedagógico nós não tivemos. Mas entre os educadores, tivemos sim. Ainda veio um moço aqui também, o Francisco, veio também nos orientar, cooperou muito conosco orientando como o nosso trabalho teria que ser feito.”*

✓ O módulo básico deveria durar 2 meses. Seus conteúdos vieram pré-definidos, bem como o tempo que deveria ser dedicado a cada um dos temas: cidadania, direitos, auto-estima e meio ambiente. As atividades que serviam de base ao aprendizado eram relacionadas ao cotidiano dos beneficiários.

– *“Eu trabalhei com o Começar de Novo, no módulo básico. Então nós trabalhamos auto-estima, os direitos do cidadão, trabalhamos cidadania, meio ambiente.”*

– *“[A duração do módulo básico foi] de dois meses, mas cada módulo tinha horas a ser trabalhada, cada tema tinha hora a ser trabalhada. Também tivemos palestrantes lá. Eu chamei um enfermeiro daqui do Hospital do Ermelino, foi dar palestra para nós também sobre o direito cidadão, foi também uma pessoa dar palestra para eles. Então tivemos apoio sim, tivemos ajuda pelo menos do meu lado.”*

– *“Sobre as atividades, eram a realidade deles porque é assim: a gente discutia depois formava os grupos. Eles preparavam as dramatizações e apresentavam para os outros grupos Bolsa Trabalho vim assistir a apresentação deles. É como ela falou. Quando eu cheguei no grupo eu falei: ‘Meu Deus!’, porque um grupo de 50 pessoas e pessoas acima de 40 anos... E eles olharam para mim também: ‘O que que eu vou aprender com ela?’ Mas a primeira coisa que eu falei foi: ‘Eu não estou aqui para ensinar, mas também para aprender. Então vai ser uma troca.’ Realmente foi uma troca. Eu aprendi muito, foi muito bom, fizemos as atividades com eles. Fizemos uma maquete sobre os equipamentos públicos do bairro e com essas maquetes tiramos fotos deles fazendo trabalho e no último dia nós fizemos a exposição. E eles trabalhando, eles trabalhando e falavam assim: ‘Ah! professora, eu vou estar trazendo a minha família para ver o que eu fiz.’ Eles trabalharam, eles confeccionaram os trabalhos deles naquela expectativa de estar mostrando para a família o que eles fizeram e o que eles aprenderam. O*

trabalho foi feito, as atividades foram feitas em cima da realidade deles sim.” (A mais jovem monitora que participou do GF)

- *“Eu fiz um trabalho com eles para eles dar um passeio no bairro e ver o que tinha hoje que não tinha antes, o serviço público, seja o que fosse. Então eles fizeram essa pesquisa e me trouxeram: que antes não tinha posto de saúde e hoje tinha, não tinha um policial lá na praça e hoje tem, não tinha uma creche e hoje tem. Foram quatro maquetes que eles fizeram em cima desse tema. Então eles confeccionaram uma maquete do posto de saúde, confeccionaram a Praça Onze com o posto policial, a favela, que por sinal ficou muito legal, foi um dos centros das atenções porque eles fizeram a favela com um moleque empinando pipa e a pipa lá no fio, o perigo que tinha. Ficou maravilhoso. Eu mesma como educadora, eu me surpreendi. Era exatamente isso que nós queríamos: nos surpreendermos. Realmente eles conseguiram. Os Bolsa Trabalho, os adolescentes, eles não acreditaram: ‘Olha que vergonha que nós estamos passando, veja o que eles [do CN] estão mostrando.’ Quando chegaram aqui que foram ver a exposição eles saíram de fininho falando: ‘Eu não acredito, eles passaram a perna na gente.’ Eles usaram exatamente esse tema: passaram a perna. Muitas vezes eles saíam do grupo deles, eu no banheiro, e entravam na nossa sala e ficavam lá acompanhando e às vezes até davam sugestões: ‘Você não acha melhor assim?’ E eles acatavam as sugestões deles. Foi muito bom, sinceramente eu fiquei radiante com os trabalhos deles. Os não alfabetizados que não sabiam escrever, não sabiam se expressar, os colegas ajudavam: ‘Você faz para mim? Você relata isso para mim?’ E o outro ia lá: ‘O que você quer falar?’ Ele falava e o outro ia escrevendo. Eles não sabiam escrever nem ler, mas o colega do lado ajudava. Teve essa solidariedade um com o outro.”*
- *“(…) como todo mundo está construindo, os outros grupos está construindo alguma coisa que já tem na cidade, vocês podem construir a empresa que vocês gostariam de ter. Eles desenvolveram cada projeto deles mesmo, eles descreveram no papel o que eles gostariam de ter e depois fizeram a maquete e a gente trouxe para cá, fizemos exposição. Nossa, foi muito bom. Foi uma maravilha, uma experiência muito ótima com o pessoal. Tinha pessoas que falavam assim: ‘Olha, professora, eu não vejo a hora de chegar amanhã para retornar aqui com um grupo, eu me sinto muito importante por estar aqui no grupo com vocês. Hoje eu me sinto uma pessoa importante. Antes não.’ Eu chegava em casa, quando se reunia todo mundo aqui, muitas choravam, aquela emoção.”*

✓ O programa previa para os 4 meses restantes de bolsa (após o término do módulo básico), a parte específica que deveria oferecer opção entre cursos profissionalizantes diversos ou cooperativismo (sob responsabilidade do POS e do PDS). Houve consenso no GF de que a primeira parte foi muito bem sucedida e que a segunda desandou por várias razões: os cursos específicos não estavam prontos para serem oferecidos ao final do módulo básico; a alternativa da cooperativa – única de fato oferecida no momento exato – foi percebida pelos beneficiários como o caminho para não perderem a bolsa por falta de participação em alguma atividade. Como os ex-beneficiários do CN e do BT já haviam colocado, os outros cursos só foram disponibilizados quase ao final do programa e a “fase da cooperativa” não foi percebida como adequadamente conduzida. Com eles concordam os monitores que também mencionam o efeito danoso do desmonte dos grupos formados quando do módulo básico e da sua divisão por diversas propostas de cooperativa; o despreparo prático dos instrutores responsáveis pela segunda fase e a repetição de conteúdos. A discussão destes aspectos foi central no GF e ocupou grande parte de seu tempo. Ficou claro que também havia um componente forte de insatisfação das entidades responsáveis pelo módulo básico com as mudanças das regras do jogo, ao menos as que eles haviam entendido que regeriam o programa. Não fez parte do coro o representante da PRODAM, que veio de outra área ministrar um curso básico de informática com conteúdo e materiais especificamente produzidos por sua instituição. Para ele, a maior dificuldade foi transmitir estes conhecimentos para um público de tão baixa escolaridade e o desinteresse de alguns beneficiários pela computação.

– *“Teve interesse pelos bolsistas. Só que não teve. Faltou pessoas que tivessem conhecimento que pudesse ajudar eles a dar o primeiro passo. Isso aí não teve. Porque interesse teve. Eles queriam muito trabalhar em cooperativa, mas não teve essa pessoa que tinha conhecimento, que tivesse algum trabalho e que viesse passar para eles e ajudasse eles a dar o primeiro passo. Isso aí não teve. Não houve possibilidade de realizar. Mas o propósito deles era esse, exatamente.”*

– *“Cada educador preparava sua aula dentro dos temas que era integração, o primeiro bloco, cidadania, meio ambiente, qualidade de vida; trabalho e geração de renda nós trabalhamos em cima disso – formas alternativas de geração de renda e que também veio o pessoal da*

Oportunidade Solidária. Só que assim: (...) eles foram dois dias que eles ficaram com os bolsistas e o próprio pessoal do Oportunidade Solidária não tiveram o que falar para eles. Eles não souberam explicar, não tinham uma coisa certa, não tinham nada concreto para passar. Então isso foi uma falha que ficou porque eles se interessavam muito pela cooperativa mas eles não conseguiram estar passando. Eles se perderam. Na verdade, quando eles viram aquelas 50 pessoas, porque o meu grupo era de 50 pessoas, eles se assustaram: 'Nossa! Como eu vou lidar com esse monte de gente? Como que você conseguiu controlar esse monte de gente pedindo ajuda?' E o que deu para perceber, eu, educadora que fiquei dois meses com eles e até mesmo eles, os bolsistas, que ficou foi uma falha muito grande com o Oportunidade Solidária. Eles não conseguiram, não tinha nada de concreto na verdade para oferecer."

- *"E também eu acho assim: o Oportunidade Solidária quando chegou, deu uma informação mas não deu uma informação mais clara para as pessoas. O que as pessoas entenderam é que eles iam abrir uma cooperativa e que a Prefeitura ia arrumar um local para eles, iam emprestar dinheiro. Até a essa altura eles não tinham nem noção do São Paulo Confia, o Banco do Povo. A esperança que eles tinham era isso: a Prefeitura vai arrumar um local, vai arrumar um terreno. Por exemplo, vai fazer cooperativa de costura, ah!, a Prefeitura vai arrumar a sala, ela vai estar lá, vai pôr as máquinas, vai pôr tudo e nós vamos trabalhar na cooperativa. Então a impressão que dava era aquilo. Aí o Oportunidade Solidária espalhou os papeizinhos e todo mundo foi pegando: vamos todos para o Operação Solidária. Eu acho que é uma falta de respeito com as entidades, porque no primeiro momento que a Prefeitura jogou o programa social quem estava lá? Era essas entidades pequenas. A gente sabe o que a gente sofreu para poder implantar esse programa. Não foi fácil. A gente secava as pernas de fazer reunião junto com o pessoal da subprefeitura, nós estávamos lá toda semana duas, três vezes por semana e vai na Secretaria, e documentação que tem isso, que tem aquilo. Foi um Deus nos acuda. O que eu quero dizer é: chegou no fim, quando bateu aquela questão de passar os programas específicos tudo para o Operação Solidária, deu a impressão que não sei o que deu. Aí a gente levantou a auto-estima das pessoas que vieram para o curso e derrubou a nossa. As pessoas que estavam na frente das entidades foram tudo lá para baixo, para o buraco. A gente se sentiu assim. Até gostei do que [o outro] falou porque parece que é eu que estou com isso do Operação Solidária, mas nem tanto. Eu adorei os meninos que vieram lá: o Fernando, a Fernanda, eu achei eles bacanas, mas é a organização. Quando a gente fala a gente pega sempre o Operação Solidária*

porque é o que está ali. Mas não é que eu sou contra. Ele é tão vítima quanto a gente. As pessoas que vieram pelo Operação Solidária são todas pessoas técnicas, são pessoas formadas como vocês que estão aqui. Mas só que elas não dão um retorno para as pessoas que estão ali, nem sequer na auto-estima. As pessoas não se sentem ali naquela sala. Eu digo porque na Sapen ficou e até agora ainda tem uma sala lá. Era a semana toda aquele grupo. Você chegava lá a pessoa estava dormindo em cima da cadeira olhando e aquela mocinha lá na frente, ela falava, falava. E todo mundo dormindo, depois saíam e iam embora. Eu ficava... me perguntava: 'Para onde esse povo vai? O que eles vão tirar de concreto disso aqui?' Se é uma cooperativa você tem que por a mão na massa. Eu já penso diferente. Pega a pessoa e vai lá, vamos ver o que nós vamos fazer. Vamos fazer financiamento, vamos partir para a coisa concreta porque senão as pessoas desanimam."

- “Por exemplo o Oportunidade Solidária, trabalhar em cooperativa. Eu acho que esse objetivo da cooperativa não atingiu. E eu acho que tem que trabalhar muito para poder chegar lá. Lá na entidade mesmo, nós cedemos a sala para o Oportunidade Solidária e até hoje tem núcleo de cooperativa. E a gente está vendo que é assim: eles tinham uns quatro grupos - coleta seletiva, costura, restaurante e artesanato. Hoje só tem um. Então eles têm muita dificuldade ainda para chegar. Que é essa questão do desemprego, abranger essa questão do desemprego. Então o Começar de Novo e a formação, eles têm que arrumar alguma maneira para que a gente facilite melhor essa questão da cooperativa, para que a gente tire dali pessoas que recebe esse dinheiro e que na realidade ela passe dali para uma cooperativa para ir trabalhar e sobreviver. E isso nós não chegamos lá. Estou achando muito difícil.”*
- “Agora, com relação ao curso adicional do Oportunidade Solidária, o que eu vi, eu não participei em si do projeto, mas, o que eu vi, é que o risco era alto para eles porque a questão do negócio, é quem tem dinheiro. E dinheiro no caso deles era empréstimo e para conseguir empréstimo alguns citaram que têm que dar alguma garantia. Poucos deles têm, por exemplo, uma casa que é a única coisa que eles têm e teria que dar como garantia para conseguir dinheiro. E se o negócio não desse certo? Como ficaria? Então eu acho que o que deu errado nesse projeto foi a questão do risco alto, tem um risco muito alto, é algo muito incerto. Eu acho que foi o que impediu alguns para estar passando para frente o projeto.”*
- “Eu acho que assim: nós temos o básico, lá na entidade teve o básico e teve duas salas do específico, que o que foi só trinta dias o específico. Aconteceu que o básico ele era para levantar a*

auto-estima dos bolsistas. Nós íamos pegar eles, todo mundo ia pegar eles, e dar para eles todo o conteúdo de cidadania, de auto-estima, de falar tudo que era que uma pessoa deveria fazer para ele poder continuar a vida dele depois. Quando nós estávamos no final do curso... eu não sei, pode até ser que é que seja a impressão minha, (...) pode ser que seja erro meu (mas eu acho que não foi) não quero também que o Oportunidade Solidária diga que eu estou contra o programa (...) Eu não estou contra ela, eu acho que está tudo certo... Mas eu acho que era assim: a gente estava fazendo um trabalho com eles e o que eles esperavam? Que aquele próprio pessoal que estavam com eles, eles iam continuar o trabalho com eles até eles chegarem a alguma solução, alguma coisa. E aí o que aconteceu? Nos últimos dois dias dos cursos, terminando o curso, veio o Oportunidade Solidária. Aí ela implantou em cima da Oportunidade Solidária vai trabalhar cooperativa, vai trabalhar isso, trabalhar aquilo. Só que corrido para eles. Todo mundo foi para o Oportunidade Solidária. Tanto que quando veio o específico, que era para as entidades pegar, muitas entidades não pegou porque não tinha mais... Os alunos tinham ido todos para o Oportunidade Solidária. Só que, quando chegou no Oportunidade Solidária, eles encerraram. Aí muita gente ia lá e voltava na entidade e dizia: Poxa, eu estou lá no Segundinho³³. Sai daqui, eu estou lá, não estão vendo nem o que eu vi aqui, estou vendo coisa menos do que eu vi aqui...”

- “Que passou no início, na formação, eu acho que a Marinilsa estava muito iluminada com essa questão, uma pessoa lúcida. Tanto é que na fala dela, nós, esse programa é maravilhoso. Está claro isso para nós o que ela quer, qual é a proposta do projeto pela fala da Marinilsa, Doroti, na formação e aí implantamos. Beleza, nós vamos para a sensibilização. Sensibilização, resgate da auto-estima e uma ponte com o específico que vem depois. E aí se ascendeu nas entidades que as entidades fariam esse trabalho. E nós iríamos então, trabalhar com esses beneficiários, levantar as possibilidades para eles estarem conosco nos específicos.”
- “Que eles iriam: ‘Eu gostaria de fazer isso, eu gostaria de fazer aquilo.’ Então, de acordo com essa informação, começamos a trabalhar isso. Que foi o grande erro. Nós começamos aí a mostrar o nosso trabalho na entidade. Levamos os bolsistas para conhecer nossa sala de informática, para conhecer o trabalho de artesanato, para conhecer a marcenaria, ou seja, para despertar nele interesse por um curso ou pelo outro ou falar: não tem nada a ver. Levamos ao teatro, conseguimos também ir ao SESI, aqui no D. Pedro, o Michael passou perto do teatro

³³ Conhecido colégio da região.

(...); vamos pôr esses beneficiários a par do que está acontecendo na região. E, beleza. Só que aí, no meio tempo, quando foi (...) uns vão para o hospital, eles vão não sei para onde e começou a se voltar contra nós: ‘Cara você falou que a gente ia fazer isso, fazer aquilo e agora eu estou sabendo que a gente vai ter que fazer o Oportunidade lá, não sei o quê, a cooperativa, mas eu não quero cooperativa. A gente vai ser técnico de futebol.’ E começou a destruir todo um trabalho que nós tivemos inicial. Então eu achei que o programa peçou aí, porque você começa com uma linha, começa sensibilizando, a entidade começa se organizando para assumir os próximos quatro meses numa área mais específica, tanto é que nós tínhamos claro que alguns educadores não fariam, porque precisaríamos pegar educador voltado para a questão específica: formação profissional, é teatro, é arte cênicas, seja o que for, nós iríamos trabalhar com as pessoas específicas na área. Não. Nada disso aconteceu. (...) Os beneficiários retornavam para nós angustiados: ‘Lá não vale nada. O que eu fiz aqui valeu, valeu muito, mas lá...’ E eu: ‘O que está dando errado?’ Você apostou, você deu a cara para bater e lá na frente está dando errado? (...) Quem vem de fora vê com um outro olhar. Fala: ‘Não. Eu vou lá, eu já tenho uma per capita, por aluno, eu vou dar esse curso. Acabou, nem tento, tchau.’ Nós somos ao contrário. Além de saber aonde os beneficiários moram, a gente cruza com eles todos os dias. E aí? Então eu acho que quando a Prefeitura monta um projeto desse ela tem que ser muito clara que existe, por parte da entidade que assume, uma responsabilidade na continuidade desse trabalho, independente se ele vai dar certo ou não, a gente vai continuar porque nós moramos. Nós não vamos pegar, fechar as portas e falar tchau. Deu tudo errado? Não. Nós acreditamos no programa. Então eu acho que aí tem que haver um respeito, tem que haver um diálogo, tem que fechar com a entidade, fecha os seis meses, traz formação também para a própria entidade, investe, mas não fica jogando: ‘Agora você vai para a Secretaria do Trabalho, agora você vai para o SP-Trans, agora você vai para o hospital.’ O beneficiário está aqui. (...) Então eu acho que a Prefeitura tem que ser mais responsável quando ela coloca essas questões, até para ouvir mais as entidades porque não é só uma coisa técnica isso: ‘Ah não, eu sou técnica, isso eu conheço, eu sou psicóloga então isso dá certo.’ Não é assim que acontece as questões. A gente tem que vim na área, tem que discutir e tem que propor juntos, tem que ouvir.”

- “A minha atividade foi o curso de informática. Nós temos o nosso manual, o manual do instrutor, que possui conteúdo de cada dia da matéria e os alunos recebem as apostilas deles de cada módulo, eles aprendem três módulos: é o Windows, o Word, o Excel e, no final, é feito a

avaliação. Eles avaliam o curso. A PRODAM passa a avaliação escrita, falando do que eles achava de cada ação, do instrutor, do local. Eles fizeram essa avaliação. (...) O material foi dado. Cada um tinha a sua apostila e o conteúdo acho que é bom. O conteúdo do nosso curso é o básico, dado em um mês, aulas diárias 2 horas por dia, então o conteúdo é bom realmente para passar o básico, o que eles precisam para estar arranjando emprego para operar o computador em uma empresa. A deficiência é a questão da falta de filtragem que houve por enviar pessoas que não tinham alfabetização. Não tem condição de dar um curso de informática para uma pessoa que não é alfabetizada. Teria que ser encaminhada para o projeto de alfabetização algo assim parecido. Nós temos casos de alunos que vão só para bater cartão, não têm interesse em informática, principalmente o pessoal do Começar de Novo, pessoal que tem um certo receio de lidar com computador, tecnologia esse tipo de coisa. Alguns com o tempo até que se adaptam e acabam gostando, acabam se interessando por algo que eles não tinham nem vontade de aprender. A nossa falha no projeto é a questão da filtragem de pessoas para requisito, que para o nosso curso é o requisito mínimo. Fora isso o conteúdo é bom, para eles é o ideal.”

- *“[A alfabetização] foi considerada um específico porque não tinha aonde colocá-los. Aí nós fomos na subprefeitura e ele falou: ‘Nós precisamos fazer, pelo menos vocês não precisam pagar.’ Porque a Prefeitura já paga os educadores por um outro programa. Nós só precisamos desses beneficiários na sala de aula para que eles continuem, que aí você não pegue ele e coloque num outro programa de Oportunidade Solidária para ele ver tudo o que ele viu, de novo. Que aí ele endoia. Porque ele veio para cá, e foi um trabalho completamente diferente, foi alfabetização, eles resgataram: ‘Será que eu tenho coragem de voltar a estudar?’ E isso foi levantado de novo. Depois foram fazer matrícula no [colégio] Teresinha para dar continuidade aos estudos. Esse foi o compromisso da entidade: até a 5ª série nós assumimos. Depois vocês toquem o barco.”*

- ✓ As principais sugestões feitas para melhorar o programa decorrem diretamente das falhas apontadas: local e horário fixos; mais organização; investimento nos “educadores” e nas entidades comprometidas com a comunidade; continuidade do programa e entre as fases do programa. A sugestão dada por um participante de encaminhar os bolsistas diretamente para empresas do mercado formal, gerou a última grande polêmica do GF. As falas que se seguem resumem o importante

conteúdo da discussão que resume bem o que está em jogo: o “formal”, o “técnico”, o “instrutor” *versus* o “educador”, o agente comunitário, o “alternativo ao sistema”.

- **Participante 1:** *“Uma coisa importante seria o vínculo desses programas com programas com empresas para fazer estágio com eles, fazer contratos, mesmo que sejam temporários. A gente tem contato com eles diariamente e eles têm muito talento, a gente vê talentos perdidos, pessoas que você pensa ‘Poxa! Se eu fosse empresário, já estava contratado!’ São pessoas esforçadas, pessoas talentosas. Muitas vezes vagando por aí sem ser aproveitado. Uma coisa legal seria o programa ser associado, uma associação com empresas como faz o SESI, ele forma alunos e depois encaminha alunos para empresas, seria algo legal porque seria um estímulo maior para eles. Realmente o objetivo é esse: criar emprego, não só criar pessoas dependentes de programas sociais durante certo tempo. Seria uma sugestão.”*
- **Participante 2:** *“A Marta [prefeita] deixou isso bem claro e até citou que estava aí o ‘mercado de ensinamento’: o SEBRAE, o SENAI, as empresas que dão curso. E não tem. Eles aprendem mas não tem aonde ir trabalhar. Por isso que a proposta dela é até diferenciada dessa proposta de pôr na cabeça da pessoa que ele vai sair dali para um emprego porque não tem. Essa proposta dela era essa e ela deixou isso bem claro quando a gente esteve na reunião: ela pedia que a gente falasse para os educadores e que preparasse as pessoas para isso porque ela mesma não tinha emprego para dar para as pessoas. Tinha muita gente que dizia: ‘Quando eu sair daqui eu vou trabalhar na CET, vou trabalhar de gari...’ Não tem mais. Por isso que fica difícil, e é por isso que veio a idéia de procurar as entidades e os educadores que não que seja formado. O trabalho que vai fazer é um trabalho completamente [diferente] do trabalho empresarial: é um trabalho mais para a pessoa aprender a caminhar com suas próprias pernas. A proposta dele, para o Bolsa Trabalho dá. Mas para o Começar de Novo não dá. (...) É aonde vem a idéia de que as pessoas aprenda a fazer alguma coisa para sobreviver. Não tem aonde pôr o povo para trabalhar. Anda por São Paulo para você ver. Você só vê firma fechada, aí você vai pôr na cabeça da pessoa que ele vai trabalhar, mas trabalhar aonde? A gente já prefere aquela idéia de que seja mesmo e que saia um pouco do campo do técnico e passa para o voluntariado e ensinar as pessoas a sobreviver senão vai morrer de fome. Uma pessoa com 60 anos, eu tenho 62, e se eu achasse um emprego eu iria trabalhar, mas não acho. Não estou dizendo que a pessoa é velha para trabalhar. Se um de 20, 25 não acha, aonde é que eu vou achar com 62? (...) Você não pode enfiar na sua cabeça que você tem que ter um emprego*

registrado. Nós estamos vivendo numa era que não tem. Como vamos sobreviver? Uma banca de doce, de roupa, pano de prato, pregar um zíper na calça. Se você pôr uma plaquinha lá na sua casa que você prega zíper, não me cobre caro, porque se você cobrar caro, você não vai achar zíper para pregar. Se você cobrar R\$ 3 por zíper, 3 que você pegar já é R\$ 9. Se sair para trabalhar fora, você vai ganhar isso. E aí vai. Vai fazendo as pessoas ter consciência de que eles podem arrumar um meio de sobreviver.”

- **Participante 3:** “Sair de lá e já está com alguma coisa em vista para trabalhar, para ganhar. Eles não queriam só ganhar o que ele estavam ganhando naqueles 6 meses, e sim eles terem um emprego para ganhar desse serviço que ele ia prestar. Eles perguntam se a Prefeitura ia pegar eles para trabalhar, se eles iam para escola, se eles iam ser encaminhados pela Prefeitura. E a realidade não era bem essa. Independente de qualquer coisa, é como o menino falou, teria que ter um convênio para ser encaminhado, preparamos eles, encaminhar e ele lá desenvolver o trabalho deles, porque foi uma queda muito grande.”
- **Participante 4:** “O objetivo não era que ele saísse direto para um emprego. Até mesmo porque não tem emprego. Tem trabalho. Hoje está se diminuindo cada vez mais o emprego. E aí a Prefeitura chama o programa para se criar alternativas de geração de renda. Então ficou muito claro: quando essa senhora formula a sua loja, ela não vai mais atrás daquele emprego porque ela não consegue. Quando a gente sonhava com jovens na sala de aula: o que é preciso fazer? Vamos tentar montar um grupo para fazer cooperativa de som? Mas eu gosto de som, você gosta de buffet. O que é preciso para realizar essa atividade para gerar renda para aquele grupo? Porque aí a Prefeitura vem da contramão de SENAI, SESI. Ela fala: o que é preciso a comunidade desenvolver para que ela gere renda, para que ela não fique mais atrelada a um mercado de trabalho que não oferece mais... Agora vai inovar, tentar empurrar 6 mil jovens para dentro da empresa dando incentivo fiscal. É a única alternativa, o empresário fala assim: tudo bem. Mas tu pagas? Eu coloco. Porque eu não vou pagar um encargo tão alto, pagar 400 para o jovem e pagar 400... Aí vai o governo federal, vai inverter tudo: coisas que a Prefeitura não tem força para fazer no momento que é pegar, dar todo esse incentivo para jogar os jovens lá dentro e depois joga para fora de novo porque o mercado não absorve. Então a alternativa de criar, de mudar ela é clara, só que é assim, para o beneficiário não está claro. Porque a todo momento ele fala assim: ‘Mas eu vou trabalhar depois?’ E aí você tem que falar: ‘Não, cara.’ Tanto é que nós tivemos dificuldade com educador que falavam assim: ‘Você pode se preparar

para entrevista, você tem que estar assim, assim, vá desse jeito.’ Calma aí, o caminho não é só esse porque senão você cria uma expectativa falsa. Qual entrevista? Há quanto tempo o jovem não vai para uma entrevista nas empresas? Não tem.”

- ✓ A visão do GF como uma oportunidade, há muito esperada, de um desabafo, de ser ouvido, é expressa nas falas finais de avaliação.
 - *“Eu gostei, achei maravilhoso. Espero que vocês tenha guardado o telefone da gente para sempre, não esqueça da gente. Eu acho que sempre é uma oportunidade até para a gente falar tudo que está dentro da gente que nem sempre a gente tem essa oportunidade. Achei vocês maravilhosos e todo o grupo aqui, eu já sou acostumada a enfrentar como o [companheiro aqui]. Fiquei contente quando me disseram que era aqui na Sonia [na creche], amo a Sonia e gostei de todas vocês, peço desculpas se falei alguma coisa. Espero que vocês não esqueçam da gente.”*
 - [Apalavra é] *“Desabafo.”*
 - *“Eu gostei muito, foi muito bom, deu para aprender também com vocês aqui, é muito bom fazer um trabalho e ter alguém para contar como que foi e estar desabafando um pouco e a palavra é amor.”*

As entrevistas com os ex-monitores do Capão Redondo

Foram realizadas 2 entrevistas nos locais de trabalho destes dois ex-monitores de duas instituições diferentes: um dos entrevistados continua dando cursos de informática e a outra hoje em dia é responsável pela área de projetos sociais de uma grande empresa. As participações dos dois nos programas foram extremamente diferenciadas, gerando, em um caso, uma visão localizada a partir de um curso específico e, em outro, uma visão bem global de quem acumulou também a função de coordenadora pedagógica. Vale lembrar que, como já foi dito, no tempo do CR, ainda não havia o módulo básico. A receptividade dos dois entrevistados foi muito boa.

Nesta pesquisa com os monitores, as entrevistas seguiram o mesmo roteiro do GF e não tinham intenção alguma diferente da que se tinha no GF. Foi somente a impossibilidade de reunir as pessoas em um mesmo local que fez com que se empregasse a técnica de

entrevista. Assim, o tratamento que vai ser dado ao conteúdo das duas entrevistas vai ser o mesmo dado ao material colhido no GF, só que individualmente.

Primeira entrevista

✓ Os motivos percebidos como os que levaram o CN e o BT ao CR:

– *“Bom, aqui é uma região muito carente, eu acho que tem muitas necessidades e eu acho que ela tinha que ter começado por ali mesmo. E nós, do Projeto Sampa.org, nós estávamos desenvolvendo já atividades ali por volta de um ano e meio, quase dois anos. Nós montamos os 10 telecentros na região ali de Capão exatamente por conta de ser uma região extremamente carente, com altos índices de violência. Então eu acho que a Prefeitura... a prefeita inclusive conhece e conhecia esse trabalho e conhecia muito bem a região. É uma região que tinha uma série de necessidades e dificuldades mesmo.”*

✓ Forma como passou a exercer a função de monitora nos programas:

– *“Eu, particularmente, peguei o bonde quase no começo. Quando eu cheguei que eu fui admitida para trabalhar no Sampa, foi exatamente para cuidar desses projetos. O Sampa tinha feito uma parceria com a Prefeitura de estar recebendo bolsistas, os 150 bolsistas, para fazer a capacitação deles. (...) 100 do Bolsa Trabalho e 50 do Começar de Novo.”*

✓ As atividades desenvolvidas com os bolsistas foram:

– *“No começo foi assim: nós vamos receber 150 bolsistas e não sabemos o que nós vamos fazer com eles. Monta alguma coisa. Como eu fui contratada como coordenadora pedagógica foi daí que surgiu os 5 programas que nós montamos: **um curso que a gente chamou de suporte de manutenção de computadores**, que nós preparamos esses jovens para eles poderem montar e desmontar computadores, fazer manutenção. Este é, de todos os programas, acho que é o mais profissionalizante. Ele faz ali, se ele quiser começar a trabalhar consertando computador ele tinha condições. Outro curso que a gente montou foi o **curso de agente de notícias**. A idéia era trabalhar com eles o como eles podiam fazer a diferença dentro da região. Só para ter um portal. Então eles poderiam produzir notícias para esse portal. A idéia é sempre assim: o que que sai de Capão Redondo? Só sai criminalidade, chapinha, só sai esse tipo de coisa. Nunca sai o outro lado que tem cultural, os grupos hip-hop, tudo que tem. Então a*

idéia era formar pessoa para que ela pudesse produzir notícias dali, não o que a mídia vende, o que a mídia quer vender da região: violência, ruína e não sei o quê. O outro curso que nós montamos foi o **curso de agente de mapeamento**, a gente chama de levantamento de banco de dados. Eles começaram a fazer mapeamento ali da região, identificar o que tem, o que não tem na região e faz um cadastramento. E o outro curso que nós montamos foi o **curso de agente de rede pública** que foi um curso que na realidade acabou tendo um embrião, um módulo básico que a Prefeitura fez depois por causa dessa experiência. A gente começou a trabalhar partindo da noção de cidadania, mas com conhecimento do que é o Capão. Porque a gente percebeu que todos os jovens, eles queriam fazer o quê? Eles querem melhorar de vida para sair da região. Eles não querem trabalhar na região ou trabalhar a região. Então nós, começamos a ver por exemplo, como é que está a questão da exclusão social, no Capão Redondo, como é que está a questão de emprego, o mundo do trabalho, e aí trazia para o Capão Redondo. Sempre de forma a ver o que está acontecendo. Inclusão digital, como é que está isso, como é que está no Capão Redondo. E sempre fazendo link com o Capão. Uma série de atividades. Um curso de dois meses que faz trabalhar com a cidadania, educação ambiental, exclusão social, a questão racial. E a idéia era, depois eles tiveram um módulo de elaboração do projeto sociais, e a idéia era que eles montassem um projeto de uma cooperativa ou do que eles achassem que seria interessante, a gente daria essa supervisão para eles montarem ou uma cooperativa ou eles montarem um projeto social e estar trabalhando. Esse foi o grande momento do projeto. E o quinto programa que a gente trabalhou foi **formação de co-monitores** porque nos nossos telecentros têm monitores. Então nós precisávamos ter ali pessoas que ajudassem os monitores. Foi formando os cursos nos telecentros, são essas pessoas ficaram lá junto com os monitores aprendendo e atendendo a população. Então foram esses cinco programas que nós montamos. Todos os programas nós trabalhamos com cursos, não separando assim: o pessoal do Começar de Novo vai fazer programa X e o pessoal do Bolsa Trabalho vai fazer Y. Todo o tempo a gente trabalhou com o Bolsa Trabalho e o Começar de Novo. Isso foi experiência em equipe. Inicialmente era assim, nós os jovens e os velhos. Daí a pouco eles descobrem que eles podem trocar: que um tem a juventude, mas não tem a experiência; tem agilidade e o outro tem a experiência, tem conhecimento. Então eles passaram a trocar. Antes de tudo isso acontecer, a gente, como o projeto é um projeto de inclusão digital, a gente começou com um curso básico de informática. Então todos passaram por esse curso de informática.”

- ✓ Principal dificuldade identificada: baixo nível de escolaridade do público beneficiário.
 - *“Começamos com o curso de informática (...) Sim porque tudo isso aqui é sempre ligado a um projeto de computação que a Sampa.org trabalha com a inclusão digital, então era a base que eles tivessem informática. Acontece que com a turma do Capão que é a primeira, nós recebemos muitas pessoas que eram analfabetas. Totalmente analfabetas. E a gente fez a alfabetização via computador. Não me pergunte como nós conseguimos.”³⁴*

- ✓ Os conteúdos apresentados eram sempre relacionados ao cotidiano dos beneficiários e visavam a sua fixação na região de moradia:
 - *“[O] programa sempre é assim: teórico/prático. A gente falava um pouquinho de lideranças comunitárias. Então eles iam identificar quem eram as lideranças comunitárias, onde eles vivem. A gente falava um pouquinho da questão ambiental. Então eles iam ver se tinha lá terreno baldio cheio de lixo, se tinham rios poluídos, sempre tinha uma pesquisa por semana para fazer.”*

- ✓ Benefícios não monetários e validade do programa:
 - *Eu acho que muda [a vida do beneficiário] se for feito isso. Abre uma possibilidade. Eu acho que ainda está engatinhando porque é um volume muito grande, o Sampa não consegue assumir mais que 100, 100 e pouco, a gente parou, só fez isso durante os 6 meses, foi uma loucura total mas eu acho que acho isso é o diferencial, acho que muda sim. Eu acho que isso tem condições. Eu não sei o que eles acham mas eu agora de outro lado eu acho que isso é um caminho. Apesar que eu sinto que eles têm muito isso: ‘Me dá, me dá, me dá.’ Foi o que eu te falei: eles precisam se organizar.”*

- ✓ Sugestões feitas para melhorar o programa: dar mais apoio à instituição parceira e melhorar o nível de informação adequando-a ao público a que se destina.
 - *“Acho que às vezes tem alguns problemas, que é uma população bastante carente, eu acho que carece de informações mais simples para eles porque eles acabam às vezes, confundindo as coisas,*

³⁴ Neste ponto, ela narra uma interessante experiência com um programa de computação para cegos, que usa um fio adaptado para tentar a alfabetização via computador.

eles chegam e acham que eles vão ganhar dinheiro para a locomoção, mas eles já têm dinheiro mas querem ter mais passes, mais isso. Esse primeiro ano nós conseguimos uma parceria com a CUT que nos deu caderno, passe, alguma coisa. A gente foi atrás mas então eu sinto, por exemplo, uma coisa que eu tinha falado da outra vez, crítica, era ajudar essas entidades parceiras em alguma coisa.”

- *“Agora, para os bolsistas, eu acho que carece de um detalhamento mais de informação. Eles estavam meio perdidos com cartão, como retira, eles não vêm. A gente fala para eles não faltarem por causa do pagamento mas eles faltam e não entendem porque que cortou. (...) Não é que a informação não exista, ela existe, ela está lá. Só que precisa trabalhar, que é uma informação muito simplinha, eles não entendem. Então precisa trabalhar muito mastigado, eu acho que precisa trabalhar de uma forma mais visual, menos texto porque eles não conseguem, é difícil para eles.”*

✓ Principais qualidades do programa:

- *“Eu acho que a principal qualidade é tentar sair um pouquinho da linha assistencialista. E isso eu martelei com todos eles muito. A maioria quer a bolsa para ficar em casa. Aí eu falei: ‘Gente, é a história do bá, bá, bá. E o bá, bá, bá não leva a lugar nenhum.’ Então apesar de todos os problemas o forte é buscar capacitação dessas pessoas. Bem ou mal, por 6 meses eles estão ganhando para aprender. Eu acho que se a gente souber trabalhar isto como uma vontade competitiva, vamos assim dizer, esta é a grande vantagem desses programas: é que eles têm 6 meses para aprender. E continuam ganhando para aprender. Isso eu acho fantástico.”*

✓ A questão das cooperativas:

- *“Então a parte de cooperativas foi uma coisa que a gente trabalhou. Eles foram ver que cooperativa existe na região, que nem lá tem cooperativa de ônibus não só de perueiro. Eu falei: ‘Mas é cooperativa no sentido da economia solidária.’ Então a gente sensibilizou para cooperativa, como é que era. O pessoal do Oportunidade Solidária vinha fazer palestra para a gente no primeiro ano, no outro ano eu mesmo copio. Se eles formassem um projeto eu ia levar adiante mas o grupo não conseguiu continuar. Uma pessoa que estava articulando era muito enrolada. Então na primeira turma eles tiveram, tinha alguns projetos, uns três projetos apareceram: um de reciclagem, um de avícola, tudo para montar a cooperativa, mas a coisa não*

caminhou, não se organizaram e ficamos de fazer uma sala junto com o pessoal do Oportunidade Solidária, mas um arrumou emprego, outro saiu e acabou se perdendo. Isso foi uma pena. Mas eu acho que é um projeto que... (...) Acho que esse é o caminho.”

Segunda entrevista

✓ Os motivos percebidos como os que levaram o CN e o BT ao CR:

– *“Creio eu, do meu ponto de vista, o que ele disse lá, periferia, é que ele está levando para um pessoal de baixa renda, é aquele pessoal que não tem condições, que não tem acesso a alguns privilégios. Eu acho dessa forma. Então deve ter feito um mapeamento, deve ter feito um estudo em cima que pegou algumas regiões que seria o extremo da periferia para estar fazendo esse trabalho. Começou lá no Lajeado que foi um dos primeiros e depois o segundo foi no Capão Redondo.”*

✓ Forma como passou a exercer a função de monitor nos programas:

– *“Eu já gosto desse tipo de trabalho, trabalho social, de estar fazendo, eu já tinha algumas experiências e tem um certo cronograma. Um instrutor vai para um lado, outro vai para o outro. Quando coincide, se você conseguir local para ficar próximo da casa, facilita, quando não a gente vai fazendo o trabalho da mesma forma.”*

✓ Treinamento:

– *“Na realidade eu trabalhei também na implantação dos programas, na hora que surgiu esse negócio do Renda Mínima eu fiz parte, eu ia e pegava aqueles lotes que têm para digitação, ou melhor dizendo, para estar fazendo cadastros, então eu tomei conhecimento de alguns programas e fiquei trabalhando. (...) Nós tivemos uma palestra, logo no início, no Anhembi, com relação a isso, para a gente saber quais são os programas, tudo direitinho.”*

✓ Acompanhamento pedagógico:

– *“Tivemos sim. Tinha um departamento lá da PRODAM que é o treinamento o qual eu já fiz parte antes de eu vim aqui para o projeto, eu dava aula para o treinamento lá dentro da PRODAM. E teve um pessoal lá do departamento que fez um acompanhamento com a gente, deu algumas dicas.”*

✓ Conteúdo adequado para a realidade:

- *“É muito relativo isso daí adequado ou não. Tem uma mudança, queira ou não queira independente de condição de pessoa para pessoa. A gente tem um conteúdo para estar passando e mostrar o que é realidade para as pessoas no dia-a-dia, a nível de exclusão digital. Então nós passamos um conteúdo que um curso que é dado do Windows, o Word, o Excel e a Internet, é um curso básico mas com grande conteúdo, algumas informações que a gente acha necessária no dia-a-dia. A intenção é estar pegando aquele pessoal e recolocando no mercado de trabalho, de uma certa forma, recolocando e colocando no escola do pessoal do Bolsa Trabalho no mercado do trabalho. Quando o pessoal reclama: ‘Mas eu faço o curso e eu não tenho um micro para estar praticando, aí eu esqueço tudo.’ Mas tem os telecentros que eles podem estar praticando. Uns falavam assim: ‘Ah, mas a fila é enorme do telecentro.’ Em algumas coisas tem que fazer algum sacrifício. Não tem como, seria até bom levar o telecentro para dentro da casa da pessoa. Para algumas coisas a gente tem que estar fazendo certo sacrifício. É muito importante essa fase de estar passando esses cursos, estar passando essas informações.”*

✓ Defeitos e qualidades dos programas: a identificação de que, apesar da deficiência educacional e das dificuldades/facilidades inerentes à idade com que a pessoa se aproxima da computação, os conteúdos são apreendidos, apreciados e geram mudanças na vida dos participantes.

- *“Por exemplo, eu vou começar com o Começar de Novo que eu acabo até me identificando, eu quando eu posso, eu prefiro dar aula para o pessoal do Começar de Novo. Por você estar aqui na frente você passa o conteúdo e eu sempre falo para o pessoal: o maior presente para quem está ali é quando o pessoal entende, você está conseguindo passar. É muito importante isso aí. Lógico o salário é indiscutível, mas quando a pessoa entende aquela informação você se sente bem. E o pessoal do Começar de Novo eles levam o negócio bem a sério, já tiveram algumas experiências da vida, na prática então eles estão tendo uma oportunidade e sabem que eles não podem perder. Então a maior que eu tenho é, a primeira avaliação teórica, ou seja, a pessoa vai ter que estar escrevendo lá com o próprio punho. Tinha pessoas que são semi-analfabetas, eu cheguei a pegar, e a pessoa conseguia montar a operação o que venha a ser hardware, ela conseguia colocar aquela parte física do computador com as palavras dela. Então ela entendeu. Então é um*

negócio que eu acho assim muito interessante. E algumas pessoas no Começar de Novo: ‘Ah, quais são os cursos que eu vou precisar estar fazendo para eu também poder estar dando uma aula de informática?’ Isso aí é gratificante. Sabendo que os jovens nasceram na era da informática você fala de mouse, click duplo, qualquer criancinha já sabe, mas quem leva a sério pelo menos o negócio dos cursos é o pessoal do Começar de Novo.”

- *“Para o pessoal do Bolsa Trabalho é aquela tranquilidade, para muitas pessoas não caiu a ficha ainda do que está acontecendo, a oportunidade que eles estão tendo, nunca ninguém a nível de São Paulo teve uma oportunidade dessa, você faz um curso e recebe uma ajuda de custo. Tem que pegar com as duas mãos. Nem sempre eles enxergam dessa forma aí acaba deixando a gente chateado. Eu falo para eles: ‘Um curso que está sendo gratuito e vocês não levam a sério.’ Então falam: o brasileiro quando ele paga... Que nem tem um rapaz que falou assim: ‘O meu filho faz um curso de informática eu paguei R\$ 1.200. Mas era bom.’ Eu perguntei: ‘Por que que era bom?’ ‘Bom, para pagar esse preço tem que ser bom.’ Ele vai pelo valor. Na maioria das vezes os cursos gratuitos são os melhores que existem, você não tem aquela intenção de estar segurando o aluno. Você quer passar a informação, você quer recolocá-lo no mercado de trabalho, você quer ver o sucesso daquela pessoa.”*

- ✓ Sugestão para melhoria dos programas: como no GF, a sugestão do responsável pela informática é mais convencional em termos de mercado de trabalho.

- *“Eu acho que seria uma sugestão que até se torna um pouco difícil, que tivesse alguns convênios. Que nem, por exemplo, está dando lá no Capão Redondo algumas empresas, alguns lojistas estar aproveitando porque às vezes pegamos pessoas que tem um nível tão bom, a gente pega umas pessoas que poderia estar indicando para estar trabalhando ali mesmo sem pagar condução, receberia um salário a combinar conforme o dono da loja ganhasse. Isso aí seria muito importante, estar encaminhando porque a pessoa normalmente ela quer trabalhar, algumas pessoas ela não quer que você dá o dinheiro. Ela quer conquistar aquele dinheiro para ela ter o poder de compra, para ela saber eu trabalhei, vou estar recebendo todo dia 30. Seria muito importante se os lojistas, se as empresas, que têm no bairro, escritório de contabilidade contratassem algumas pessoas principalmente aquelas que se destacam, aquelas que têm vontade. Às vezes têm algumas que se destaca mas ela também não quer. Eu acho que seria muito importante um convênio, seria parceria não é?”*

✓ Benefícios não monetários e validade do programa:

- *“Porque você volta a dar aquela auto-estima para algumas pessoas. Por exemplo, eu encontrei várias pessoas que nunca souberam o que era ter uma conta num banco. Então eles ficam contentes quando pegam o cartão, que eles podem sacar, aii digita a senha. Eles estão acostumados a ver tanto isso em novelas na TV ou mesmo por aí quando eles andam. Isso de uma certa forma é auto-estima mesmo que volta. Faz um bem para a cabeça da pessoa e te dá um incentivo a mais, estar sendo recolocada na sociedade. Quando a gente dá aula têm vários tipos de pessoas. Têm pessoas que já tiveram até problema de ter sido preso, você encontra meninas de 13, 14 anos que já são mães e elas acham bonito talvez isso aí: ‘Professor, vou trazer meu filho para você conhecer.’ E a outra que está na frente: ‘Eu também tenho.’ A gente dá muitas dicas quando a gente está dando o curso para a pessoa, que até foge um pouco do curso de informática, mas algumas coisas que a gente acha importante, interessante, quando for fazer uma entrevista não falar gíria, ir com uma roupa direitinho, bonitinho, como sentar. Você passa as informações. Falar é importante, tem duas formas. Vocês pensam que eu falo com meus amigos da forma que eu estou conversando com vocês? Eu também gosto de falar gíria mas estou no meio dos meus amigos. Tudo tem que ter aquele momento certo. É, no dia-a-dia. E você começa a passar algumas informações e eles absorvem bem, eles guardam aquilo. Às vezes chega no final, quando quer assistir uma reunião no final do curso aí eles comentam a nível de brincadeira mas você percebe que ele tem aquela preocupação porque hoje o objetivo mesmo é a pessoa estar arrumando emprego, é ela estar empregada, numa disputa que tem por uma vaga que nem aconteceu lá no Rio o pessoal para varrer rua. Têm tantas pessoas! Não é só lá no Rio, aqui em São Paulo, nos outros estados que está da mesma forma.”*

VIII PESQUISA COM OS BENEFICIÁRIOS E EX-BENEFICIÁRIOS DO PROGRAMA OPERAÇÃO TRABALHO

Parâmetros gerais do Programa Operação Trabalho (OT)³⁵

“O programa Operação Trabalho direciona-se aos trabalhadores desempregados de longa duração, especialmente aqueles na faixa etária de 21 a 39 anos, fornecendo uma garantia de renda, capacitação e atividades de serviços gerais na Prefeitura. O Operação Trabalho paga um benefício de R\$ 315,00 (Salário Mínimo de bolsa mensal mais R\$ 115,00 de auxílios transporte e alimentação). Cerca de 13,5 mil foram beneficiados no Operação Trabalho” (SDTS, 2003: 9).

O perfil dos entrevistados a partir das fichas socioeconômicas

Por ocasião da realização dos GFs e das entrevistas, todos os participantes responderam a uma ficha de caracterização socioeconômica. A partir dos resultados desta parte da pesquisa foi construída a tabela que se segue, que traça o perfil dos entrevistados.

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Região de Campo Limpo	Região da Sé
Tempo médio de preenchimento da ficha	10,9 minutos	11,4 minutos
Classe modal de sexo	Feminino (60%)	Feminino (83%)
Idade média	31,6 anos	35,5 anos
Classe modal de faixa etária	Até 20 anos (30%)	21 a 28 anos (33%)
Proporção de paulistas	80%	73%
Tempo médio de residência em São Paulo	30 anos	29 anos
Estado de origem da maior proporção de migrantes	Minas Gerais (20%)	Bahia e Minas Gerais (10% cada)
Classe modal de cor (pergunta aberta)	Branca, morena e parda (10% cada)	Branca (40%)
Classe modal de cor (pergunta fechada)	Parda (60%)	Branca (43%)
Classe modal de religião	Católica (90%)	Católica (60%)
Classe modal de posição na família	Filho (50%)	Filho (47%)
Classe modal de situação conjugal	Solteiro (50%)	Solteiro (57%)

³⁵ No relatório anterior traçou-se um cuidadoso retrato de cada programa apresentado em forma de quadros-resumo, contendo detalhes acerca de seus objetivos, contrapartida e critérios de elegibilidade, avaliação, acompanhamento e parcerias, desafios e resultados. Aqui trata-se apenas de indicar sumariamente suas características básicas para contextualizar a análise da visão que deles têm os beneficiários/ex-beneficiários.

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Região de Campo Limpo	Região da Sé
Paternidade/maternidade	70%	60%
Classe modal no número de filhos	2 filhos (57%)	1 filho (44%)
Filhos entre 7 e 15 anos	43%	44%
Classe modal de última série concluída	3ª série do ensino médio (70%)	3ª série do ensino médio (67%)
Proporção com ensino fundamental concluído	100%	90%
Proporção com ensino médio concluído (inclusive não seriado)	70%	70%
Proporção com ensino superior concluído	0%	0%
Proporção com convênio médico particular	0%	10%
Proporção com convênio médico de empresa	10%	3%
Proporção com convênio odontológico	0%	4%
Proporção com conta em banco anterior ao programa	50%	62%
Proporção com conta em banco aberta para receber o benefício	38%	93%
Proporção com cheque especial	0%	7%
Proporção com cartão de crédito	20%	14%
Proporção com acesso à internet em casa	0%	7%
Proporção com acesso à internet no trabalho	0%	17%
Proporção que busca acesso à internet no telecentro da Prefeitura	10%	0%
Classe modal de tipo de ocupação do domicílio	Próprio já pago (80%)	Própria já paga (55%)
Número médio de parcelas recebidas do OT	6 parcelas	1,8 parcelas
Classe modal do número de parcelas recebidos do OT	6 parcelas (40%)	1 parcela (83%)
Proporção de membros da família que é beneficiária do BT	10%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária do CN	0%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária do OT	10%	87%
Proporção de membros da família que é beneficiária do POS	0%	0%

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Região de Campo Limpo	Região da Sé
Proporção de membros da família que é beneficiária do RM	0%	10%
Proporção de membros da família que é beneficiária do São Paulo Confia	0%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária do São Paulo Incluir	0%	0%
Proporção de membros da família que é beneficiária de outros programas da PMSP	0%	0%
Classe modal de situação no mercado de trabalho anterior à entrada no programa	Desempregado (70%)	Desempregado (83%)
Tempo médio de desemprego até o ingresso no OT	34 meses	35 meses
Classe modal de posição na última/atual ocupação	Assalariado com carteira assinada (75%)	Assalariado sem carteira assinada (55%)
Classe modal de setor da economia onde trabalhava	Comércio (44%)	Serviços (41%)
Proporção que teve algum rendimento no mês anterior à pesquisa	33%	43%
Valor médio do rendimento individual no mês anterior	R\$ 238,66	R\$ 229,25
Classe modal de fonte do rendimento no mês anterior ao da pesquisa	Não há predominância	“Bicos” (56%)
Proporção que tem vontade e tempo de fazer trabalho voluntário	40%	21%
Proporção que tem vontade, mas não tem tempo de fazer trabalho voluntário	40%	66%
Proporção que já faz trabalho voluntário	10%	7%
Proporção que não tem vontade de fazer trabalho voluntário	10%	7%
Número médio de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado)	4,10 pessoas	5,30 pessoas
Classe modal de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado)	4 pessoas (70% cada)	4 pessoas (30%)

Indicadores calculados pela presente pesquisa	Região de Campo Limpo	Região da Sé
Classe modal de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado) e que têm rendimento	1 pessoa (44%)	2 pessoas (61%)
Classe modal de pessoas que moram na casa (inclusive o entrevistado), que têm rendimento e que contribuem para o orçamento	1 e 2 pessoas (44% cada)	2 pessoas (57%)
Rendimento familiar médio no mês anterior	R\$ 504,62	R\$ 760,17
Número médio de pessoas que vivem desta renda	4,10 pessoas	5,10 pessoas
Principal tipo de associação a que pertencem os beneficiários do OT	Sindicato (10%)	Associação religiosa (17%)

Fonte: Pesquisa DIEESE/SDTS, 2003.

O perfil dos entrevistados da região de Campo Limpo

Com base nas classes modais e nas médias, pode-se dizer que os entrevistados do OT no CR são predominantemente mulheres (60%); com idade média de 31,6 anos; naturais do Estado de São Paulo (80%); declararam-se predominantemente brancos, morenos e pardos na pergunta aberta sobre a sua cor (10% de cada) e pardos na pergunta fechada (60%); católicos (90%), ocupando a posição de filhos em suas famílias (50%), solteiros (50%); têm filhos (70%), predominando os que têm 2 filhos (57%), 43% deles, menores com idade entre 7 e 15 anos; a última série que concluíram com aprovação foi a terceira série do ensino médio (70%), denotando um bom nível educacional, o mais elevado entre os beneficiários dos programas da SDTS. Os outros indicadores confirmam esta tendência: 100% têm o ensino fundamental completo, proporção que é de 70% com relação à conclusão do ensino médio, embora nenhum tenha ingressado na universidade. Não possuem convênio médico ou odontológico de qualquer origem (100% e 90%, respectivamente não têm convênio particular ou de empresa), mas tinham conta em banco antes de serem selecionados para o OT (50%), não têm cheque especial nem cartão de crédito (100% e 80%, respectivamente), não têm qualquer tipo de acesso à Internet em casa ou no trabalho e 10% acessam nos telecentros da Prefeitura. As casas em que vivem com suas famílias são próprias já pagas (80%). Receberam, em média, 6

parcelas do OT, predominando os que receberam 6 parcelas (40%). As pessoas da família que vivem na mesma casa não são beneficiárias de outro programa da PMSP. Quando foram selecionados para o OT já estavam desempregados (70%) há 34 meses, em média. Antes disto haviam sido empregados com carteira assinada (75%) no setor de comércio (44%), desempenhando ocupações do tipo: ajudante operacional, auxiliar de expedição, babá, metalúrgica, recepcionista, segurança e vendedora. No mês anterior ao da pesquisa, tiveram alguma renda pessoal (33%), no valor médio de R\$ 238,66, advinda de vários tipos de fontes. Suas famílias são compostas de 4,10 pessoas em média, predominando as compostas por 4 pessoas (70%), das quais apenas uma teve algum rendimento no mês anterior ao da pesquisa (44%) e uma e duas contribuindo para o orçamento familiar (44% de cada). Sua renda familiar no mesmo período foi em média de R\$ 504,62 que se destinam ao sustento de, em média 4,10 pessoas. No que concerne à sua vinculação a entidades da sociedade civil organizada, o principal tipo de associação é ao sindicato (10%).

O perfil dos entrevistados da região da Sé

Com base nas classes modais e nas médias, pode-se dizer que os entrevistados do OT na Sé são predominantemente mulheres (83%); com idade média de 35,5 anos; naturais do Estado de São Paulo (73%); declararam-se predominantemente brancos tanto na pergunta aberta como na fechada sobre a sua cor (40% e 43%, respectivamente); católicos (60%), ocupando a posição de filhos em suas famílias (47%), solteiros (57%); têm filhos (60%), predominando os que têm 1 filho (44%), 44% deles menores, com idade entre 7 e 15 anos; a última série que concluíram com aprovação foi a terceira série do ensino médio (70%), denotando um bom nível educacional, o mais elevado entre os beneficiários dos programas da SDTS. Os outros indicadores confirmam esta tendência: 90% têm o ensino fundamental completo, proporção que é de 70% quando se trata da conclusão do ensino médio, embora nenhum tenha concluído o terceiro grau. Em sua maioria não possuem convênio médico ou odontológico de qualquer origem, mas tinham conta em banco antes de serem selecionados para o OT (62%), não têm cheque especial nem cartão de crédito (93% e 86%, respectivamente), e poucos têm acesso à Internet em casa e no trabalho (7% e 17%, respectivamente). A casa em que vivem com

suas famílias é própria já paga (55%). Receberam, em média, 1,8 parcelas do OT, predominando os que receberam apenas 1 parcela (83%). As pessoas da família que vivem na mesma casa, em sua grande maioria, não são beneficiários de outro programa da PMSP. Quando foram selecionados para o OT já estavam desempregados (83%) há 35 meses, em média. Antes disto, haviam sido empregados sem carteira assinada (55%) no setor de serviços (41%), desempenhando ocupações do tipo: agente comunitário, ajudante geral, arquivista, atendente, auxiliar administrativo, auxiliar de cozinha, auxiliar de produção, auxiliar de laboratório, babá, caixa, costureira, diarista, digitadora, eletricitista, escriturária, operadoras, recepcionistas e secretárias. No mês anterior ao da pesquisa, tiveram alguma renda pessoal (43%), no valor médio de R\$ 229,25, advinda principalmente de “bicos”. Gostariam de fazer trabalho voluntário, mas não têm tempo para isto (66%). Suas famílias são compostas de 5,30 pessoas em média, predominando as compostas por 4 pessoas (30%), das quais apenas duas tiveram algum rendimento no mês anterior ao da pesquisa (61%), ambas contribuindo para o orçamento familiar (57%). Sua renda familiar no mesmo período foi em média de R\$ 760,17, que se destinam ao sustento de em média 5,10 pessoas. No que concerne à sua vinculação a entidades da sociedade civil organizada, o principal tipo de associação é a religiosa (17%).

O perfil dos beneficiários a partir dos dados da SDTS

Como pode ser constatado na comparação dos resultados da pesquisa com os dados produzidos a partir dos cadastros da SDTS para o OT (quadro a seguir), observa-se um perfil mais favorável dos entrevistados pela pesquisa. A hipótese é a de que, como os beneficiários entrevistados são os que foram selecionados para o cadastramento dos programas sociais da própria Secretaria, sejam eles os mais bem preparados dentre os cadastrados.

O perfil dos beneficiários a partir dos dados da SDTS

Indicadores calculados pela SDTS	Região da Sé	Região de Campo Limpo
Classe modal de sexo	Masculino (53%)	Feminino (73%)
Proporção de paulistas	38%	59%

Indicadores calculados pela SDTS	Região da Sé	Região de Campo Limpo
Maior proporção de migrantes	Minas Gerais e Bahia (11% cada)	Bahia (13%)
Classe modal de última série concluída	8ª série do ensino fundamental (23%)	3ª série do ensino médio (53%)
Proporção com ensino fundamental concluído	41%	76%
Proporção com ensino médio concluído	13%	64%
Proporção com ensino superior concluído	0%	5%
Classe modal de situação o mercado de trabalho antes de ficar desempregado	Assalariado com carteira assinada (48%)	Assalariado com carteira assinada (42%)
Classe modal de setor onde trabalhou antes de ficar desempregado	Serviços (62%)	Serviços (40%)
Proporção que é egresso do sistema penitenciário	14%	0,5%
Classe modal de tipo de ocupação do domicílio	Cedida (42%)	Própria (72%)

Fonte: Banco de dados da SDTS.

Os Grupos Focais (GFs)³⁶

O caminho da pesquisa com o Operação Trabalho (OT) foi um pouco diferente do seguido nos outros programas atendendo a especificidades da própria implantação do programa e às escolhas do responsável pelo programa. O cadastramento deu-se por todo o Município de São Paulo, tendo como unidade a subprefeitura. Para que não se perdesse totalmente a possibilidade de comparação com os outros programas, o responsável pelo OT selecionou a subprefeitura da Sé (que engloba os distritos de Bela Vista, Bom Retiro, Cambuci, Consolação, Liberdade, República, Santa Cecília e Sé) e a subprefeitura do Campo Limpo (que engloba os distritos de Campo Limpo, Capão Redondo e Vila Andrade). Foram realizados 4 GFs sobre o programa, 2 em cada subprefeitura, sendo 1 com beneficiários e 1 com ex-beneficiários. Sempre que foi

³⁶ Cada capítulo tratará apenas das especificidades do programa em pauta uma vez que os procedimentos comuns já foram descritos na introdução. Como já foi visto, cada GF foi relatado. Partes destes relatos serão incorporadas ao corpo do relatório.

possível, ao convidar os participantes da região de Campo Limpo, foi dada preferência para os moradores do Capão Redondo para que a referência espacial das outras pesquisas não se perdesse totalmente. Outra providência aproximadora entre as pesquisas foi a de selecionar, entre os atuais beneficiários, aqueles que estavam trabalhando no cadastramento dos demais programas. Isto os colocava na situação particular de estar literalmente do outro lado da mesa, já que, em todos os GFs foram discutidas questões relativas ao atendimento do público no momento do cadastramento. Continuando com as especificidades da pesquisa e do programa, a forma de expor os resultados também será diferenciada, pois tentará comparar as percepções dos beneficiários com a dos ex-beneficiários, nas duas regiões – situação de pesquisa que só envolveu este programa.

A composição dos GFs

O critério escolhido pelo responsável pelo programa para compor os GFs de beneficiários foi o de selecionar turmas que estavam trabalhando no cadastramento: a da Sé e a de Santo Amaro (inteiramente composta de moradores da região de Campo Limpo). Já os ex-beneficiários foram listados a partir de suas participações no OT destas regiões (Sé e Campo Limpo). O coordenador elaborou o perfil médio do participante do programa no município e disse que todos estariam representando o conjunto:

- ✓ **Sexo:** 70% mulheres e 30% homens;
- ✓ **Idade:** média de 34 anos;
- ✓ **Escolaridade:** 1% de analfabetos; 72% com ensino fundamental completo ou incompleto; 26% com ensino médio completo ou incompleto e 1% com ensino superior completo ou incompleto;
- ✓ **Tempo de desemprego à época do cadastramento:** 30 a 42 meses de desemprego;
- ✓ **Renda familiar máxima:** R\$ 35,00 *per capita*;
- ✓ **Número de dependentes da renda familiar:** média de 3 pessoas;
- ✓ **Condição familiar:** chefe de família.

Como foi visto no perfil a partir das fichas socioeconômicas dos entrevistados, a situação deles era mais favorável em termos de educação e renda e, embora a idade média seja bem próxima, há predominância dos que ocupam a posição de “filho” em sua família.

O roteiro dos GFs

O roteiro acordado com o responsável pelo OT para conduzir os GFs com os(as) beneficiários(as) era o seguinte:

- ✓ Por que você acha que a PMSP implantou o programa no Município de São Paulo e na sua região em particular?

- ✓ Como você contaria a história de sua inclusão no programa?
(como soube do programa; por que resolveu inscrever-se; dificuldades enfrentadas para a inscrição – filas, atendimento, nível de informação etc.; crença no programa; crença na sua seleção para o programa etc.)

- ✓ De que tipos de atividades você participou? Você pôde escolher as atividades das quais participou? De quais atividades você mais gostou de participar? Por quê? De quais atividades você menos gostou de participar? Por quê?

- ✓ Você acha que a sua participação no programa trará alguma coisa nova para a sua vida? O quê? E para a vida de sua família? O quê?

- ✓ Como está sendo a sua vida enquanto participa do programa?
(mudanças ocorridas; obtenção de novas formas de geração de renda; melhoria de condições de vida; oportunidade de participar de outros programas; oportunidade de maior e melhor participação na vida da comunidade etc.)

- ✓ Na sua opinião, quais as principais qualidades do programa? Por quê?

- ✓ E os principais defeitos? Por quê?

- ✓ Você tem sugestões para que o programa se torne melhor para as pessoas, para as famílias e para as comunidades em que ele é implantado?

- ✓ Você sabe que você e outros membros da sua família podem participar de outros programas da PMSP? O que você acha disto? Por quê?

O roteiro acordado com os responsáveis pelo CN para conduzir os GFs com os(as) ex-beneficiários(as) do OT era o seguinte:

- ✓ Por que você acha que a PMSP implantou o programa no Município de São Paulo e na sua região em particular?

- ✓ Como você contaria a história de sua inclusão no programa?
(como soube do programa; por que resolveu inscrever-se; dificuldades enfrentadas para a inscrição – filas, atendimento, nível de informação etc.; crença no programa; crença na sua seleção para o programa etc.)

- ✓ De que tipos de atividades você participou? Você pôde escolher as atividades das quais participou? De quais atividades você mais gostou de participar? Por quê? De quais atividades você menos gostou de participar? Por quê?

- ✓ Você achava que a sua participação no programa traria alguma coisa nova para a sua vida? O quê? E para a vida de sua família? O quê?

- ✓ Como está sendo a sua vida após o desligamento do programa?
(mudanças ocorridas; obtenção de novas formas de geração de renda; melhoria de condições de vida; oportunidade de participar de outros programas; oportunidade de maior e melhor participação na vida da comunidade etc.)

- ✓ Na sua opinião quais as principais qualidades do programa? Por quê?
- ✓ E os principais defeitos? Por quê?
- ✓ Você tem sugestões para que o programa se torne melhor para as pessoas, para as famílias e para as comunidades em que ele é implantado?
- ✓ Conhece outros programas da PMSP?

Os convites para os GFs

A forma de fazer os convites também foi diversa da dos outros programas: como o primeiro grupo seria o de beneficiários da região da Sé, recebida a lista de participantes e feitas as primeiras ligações, constatou-se não só que havia sérios problemas com os registros de telefone para contato como também que havia participantes que estariam no seu turno de trabalho no horário de realização do GF. Assim, para garantir que o grupo seria realizado na data e horário previstos, foi tomada a decisão de repassar a missão de realizar os convites para a supervisora da turma da manhã. No caso dos beneficiários da região de Campo Limpo, pessoal que estava prestando serviço em Santo Amaro, bem como no caso dos grupos de ex-beneficiários das duas regiões, os convites foram feitos pelo telefone como de costume.

Havia uma certa preocupação por parte da equipe da pesquisa de que não houvesse interesse por parte dos ex-beneficiários em participar dos grupos em função de já estarem desvinculados do programa (alguns há muito tempo). No OT, com a experiência de dificuldades com o cadastro dos atuais beneficiários, a preocupação com a localização das pessoas juntou-se à primeira. Tais preocupações revelaram-se muito pertinentes ao menos no caso da Sé: foi mesmo preciso muito esforço para reunir o grupo daquela região, como será visto logo a seguir.

Na região da Sé, para a montagem do grupo com os beneficiários, já haviam sido dados 29 telefonemas quando a decisão de mudar a forma de convite foi tomada. Para o

grupo dos ex-beneficiários, houve uma recusa, um ex-beneficiário estava detido e outro havia falecido. Foram dados 263 telefonemas para confirmar 10 pessoas obtendo-se, portanto, a relação de 26,3 telefonemas para cada pessoa confirmada para participar e de 65,7 para cada pessoa que de fato compareceu ao grupo. As “causas conjunturais” que incluíam desde a pessoa não estar em casa no momento da ligação até qualquer problema momentâneo com a linha telefônica, foram as mais freqüentes para o não êxito da ligação; seguiram-se os telefones inexistentes e as ligações que descobriram não haver a pessoa procurada naquele domicílio.

Na região do Campo Limpo (ênfase nos moradores do Capão Redondo), para a montagem do grupo de beneficiários não houve qualquer recusa e foram dados 33 telefonemas para confirmar 14 pessoas para o GF, obtendo-se, portanto, a relação de 2,35 telefonemas para cada pessoa confirmada para participar e de 2,5 para cada entrevista de fato realizada. As “causas conjunturais” que incluíam desde a pessoa não estar em casa no momento da ligação até qualquer problema momentâneo com a linha telefônica, foram as mais freqüentes para o não êxito da ligação; seguiram-se as ligações onde o contato foi estabelecido mas as pessoas, embora constassem do cadastro de Campo Limpo, na verdade eram da Sé. Para o grupo de ex-beneficiários, composto exclusivamente de moradores do CR, não houve qualquer recusa e foram dados 89 telefonemas para confirmar 14 pessoas para o GF, obtendo-se, portanto, a relação de 6,35 telefonemas para cada pessoa confirmada para participar e que de fato participaram uma vez que todas compareceram. As “causas conjunturais” que incluíam desde a pessoa não estar em casa no momento da ligação até qualquer problema momentâneo com a linha telefônica, foram as mais freqüentes para o não êxito da ligação; seguiram-se aquelas ligações nas quais descobriu-se que não morava ninguém com o nome constante do cadastro.

A realização dos GFs

Na região da Sé, o GF com beneficiários realizou-se na Universidade Anhembi Morumbi, unidade Centro, situada na Rua Líbero Badaró, 487, sala 62, no dia 20/05/03 e teve duração de 2 horas. Convidados para as 14 horas, 11 beneficiários participantes

do GF lá estavam no horário previsto, já um pouco cansados, pois tiveram atividades pelo OT durante a manhã, até as 13 horas. Contando todos os participantes, inclusive os que chegaram atrasados, compuseram o GF, 12 pessoas, das quais, 9 mulheres e 3 homens. Já o **GF com ex-beneficiários** realizou-se no Centro de Eventos da Caixa Econômica Federal (CEF – República), situado na Rua do Arouche, em 03/06/03. Convocados para as 14:00 horas, só um dos participantes do GF chegou nesse horário; as demais chegaram atrasadas, porque, apesar de ser de fácil acesso, a entrada do prédio era difícil de ser vista. Como os que compareceram esperaram a chegada de outros, que não vieram, todos preencheram a ficha de caracterização antes do GF começar. A duração do GF foi de pouco mais de 1 hora. Compuseram o GF, 3 mulheres e 1 homem. No final do GF, o conagraçamento do pequeno grupo foi animadíssimo e as despedidas, com muitos beijos e abraços, “obrigadas” de lado a lado, e expressões de desejos sinceros de que tudo melhore, que existam mais OTs. Foram tiradas várias fotos, inclusive atendendo a pedidos.

Na região de Campo Limpo, o GF com beneficiários realizou-se na Subprefeitura de Santo Amaro, na Praça Floriano Peixoto, 54, 5º andar, próxima ao Terminal Rodoviário de Santo Amaro, no dia 21/05/03 e teve duração aproximada de 2 horas. Convidados para as 14:00 horas, muitos beneficiários do OT participantes do GF chegaram antes. Todos foram extremamente pontuais. Compuseram o GF 13 pessoas, das quais 12 eram mulheres. Já o **GF com ex-beneficiários** realizou-se no Posto de Atendimento da PMSP em Campo Limpo, na Rua Américo Trabulsi, 27, próximo ao Largo do Campo Limpo, no dia 04/06/03 e também teve duração aproximada de 2 horas. Convidados para as 14 horas, muitos ex-beneficiários do OT participantes do GF chegaram antes. Quase todos foram extremamente pontuais. Compuseram o GF 10 pessoas, das quais 6 eram mulheres e 4, homens. Havia também uma ouvinte, que se cadastrou no OT, não foi chamada e insistiu em vir.

Clima reinante nos GFs

Na região da Sé, nas palavras da relatora, o clima do **grupo com atuais beneficiários** do OT foi de atenção, respeito e seriedade, mas o grupo era um pouco devagar. Foi

esquentando aos poucos. Não podemos esquecer que o GF já era a segunda ou terceira grande atividade daquelas pessoas naquele dia. No final do GF, quase todos os participantes permaneceram no local, para os comes e bebes, conversando entre eles e conosco. Eles estavam se conhecendo agora de outra maneira. Foram tiradas fotos de todos juntos! A moderadora conduziu habilmente sua explanação e incentivou a discussão dos pontos planejados com os participantes, tratando com muita delicadeza um dos participante que se emocionou e chorou várias vezes. Quanto ao **grupo com ex-beneficiários**, ainda nas palavras da relatora, quando o GF começou, o clima estava um pouco tenso, pelo atraso, pela espera “interminável” do primeiro participante a chegar e pela agitação das pesquisadoras de apoio. Até deslanchar, aquele GF esteve marcado por imprevistos. Ainda no decorrer do GF, uma das participantes falava baixo, colocando a mão na boca, dividida entre as palavras que afluíam desobedientes e seu medo de dizê-las alto. O importante é que, apesar de todos os percalços, nas rédeas firmes e calmas da moderadora, o grupo foi tomando seu próprio curso, abordando os temas previstos, garantindo a voz e o respeito para aqueles que todos que assim quisessem se expressar. O clima foi se tornando afável, terminou bem, mas registre-se que a maioria dessas pessoas vive em grande solidão, sendo que o GF e/ou o OT, representaram um sopro de vida em seus cotidianos desconfiados, hostis, solitários.

Na região de Campo Limpo, também nas palavras da relatora, **no GF dos beneficiários do OT** o clima foi de atenção, respeito e desabafo. Conforme as falas se desenrolavam, o dia-a-dia das atividades como bolsista do OT ia sendo contado com mais detalhes, denunciando injustiças sofridas ou presenciadas pelos participantes do GF. Uma das participantes mais jovens muitas vezes deu o tom para o grupo, em sua indignação com “os abusos ou as irracionalidades” que vivia. Falta emprego, falta vaga mas, se a Prefeitura se dispôs a “contratá-los”, que fizesse direito. A moderadora conduziu habilmente as perguntas e incentivou a discussão dos pontos planejados com os participantes, respeitosa, mas deixando aflorar suas inquietações, desavenças e experiências individuais e coletivas. Já **no GF com os ex-beneficiários**, ainda nas palavras da relatora, o clima foi de interesse, desabafo, aos poucos afluíam boas e más lembranças. Conforme as falas se desenrolavam, as tensões e descobertas das atividades

de cada um dos presentes como ex-bolsista do OT iam sendo contadas com mais detalhes, denunciando injustiças sofridas ou presenciadas, esperanças, conquistas. Entre os participantes do GF, um homem foi o que mais remou contra o consenso do grupo; esse homem deve estar passando por momentos de grande solidão e exclusão e, inclusive, chegou ao GF um pouco embriagado. Como sempre, a moderadora conduziu habilmente as perguntas e incentivou a discussão dos pontos planejados com os participantes, de forma respeitosa, mas garantindo a palavra a todos.

Levantamento dos principais aspectos abordados de forma recorrente nos GFs

Aos comentários sistematizados seguem-se algumas das falas que os sugeriram. Algumas delas tocam em mais de um dos pontos listados, mas optou-se por mantê-las alocadas em um dos aspectos para que um pouco da articulação do pensamento dos entrevistados pudesse ser percebida pelos leitores. Os aspectos listados a partir dos GFs em cada região são os que foram mais enfatizados, não querendo dizer que tenham sido os únicos.

Nos GFs com beneficiários

Os participantes dos GFs com os beneficiários do OT foram extremamente objetivos ao responder as questões propostas e levantaram aspectos muito semelhantes nas duas regiões. Talvez para isto tenha contribuído o fato de terem uma história muito parecida no programa: inscreveram-se, esperaram muito tempo para serem chamados e foram selecionados para exercerem uma mesma atividade e, ainda por cima, uma atividade diretamente vinculada à SDTS e aos programas sociais. Pelo seu nível de escolaridade (como foi salientado no perfil) devem estar entre os mais qualificados entre os inscritos no OT. O exercício da atividade de cadastramento (que estão apenas iniciando, no caso de Sé, ou que ainda nem iniciaram, no caso de Campo Limpo) lhes propicia uma experiência ímpar: a de estar literalmente do outro lado da mesa. Eles, que têm queixas de problemas vividos quando de seu próprio cadastramento no OT, têm agora a oportunidade de fazer diferente e, por outro lado, de vivenciar as dificuldades de quem está trabalhando na função de cadastrador.

Na região da Sé

- ✓ Os motivos percebidos como tendo sido os que levaram o OT para a região são: para diminuir o desemprego; para dar mais uma experiência para as pessoas trabalharem; para dar trabalho por um período e encaminhar pra uma empresa para a pessoa não se acomodar.

- ✓ Narrando sua própria história no programa, falam que souberam do OT principalmente no “*boca a boca*”, exceção para uma participante que leu sobre isto no Diário Oficial. Tinham dúvidas sobre suas reais possibilidades de participação no programa, mas tinham a esperança de que isto pudesse vir a acontecer. Enfrentaram filas e confusões para efetivar o seu cadastramento e viram gente “*chorando e com fome*” em busca desesperada pela oportunidade que não encontravam no mercado de trabalho. Sofreram com o despreparo e a desinformação dos cadastradores. Vieram para o programa motivados pelo desejo de ter um trabalho registrado que lhes servisse de referência para voltar ao mercado ao final de sua participação no OT, mesmo que fosse uma ocupação que não fosse valorizada ou exigisse preparo menor do que o que tinham, como os cadastradores insistiam em dizer que seria. A discussão sobre o não registro da ocupação oferecida pelo OT foi central no GF e ocupou boa parte de seu tempo: todos achavam que o registro e a contribuição para o INSS poderia ser feita com baixo custo para a Prefeitura e com enormes vantagens para os beneficiários. Alguns mencionam até que podem vir a se prejudicar por estarem falando assim no GF.
 - *“O meu caso foi da Regional da Casa Verde, foi uma falta de organização total, um extremo muito. Se fosse uma coisa mais organizada, muita gente desistiu, as pessoas que estavam lá não estavam preparadas, tinha pessoas que falavam: ‘É para varrer rua. Quem quer, quer. Se não quer, sai da fila.’ Eu discuti com um funcionário. Eu acho que as informações que deram foi totalmente diferente. Depois que você é selecionada você vai vendo que não é nada daquilo que eles falaram. Eles não tinham informação nenhuma. A única obrigação deles era para atender a gente para fazer o cadastro. Fora isso eu gostei do programa, gostei das pessoas e estou aprendendo cada dia mais com o Operação Trabalho. É uma coisa diferente que eu nunca fiz*

na minha vida trabalhar pessoalmente com as pessoas. Na zona norte, aquela região da Casa Verde tinha muita gente, mais ou menos em média umas mil participantes. A fila era enorme.”

- *“A Prefeitura não vai deixar de contribuir junto ao INSS. Aí sim beneficiaria a todos nós. Se você tem alguma coisa na frente para você ver e acompanhar. Mas no meu caso eu estou assim, são 9 meses, no meu caso, perdido porque não há esse vínculo empregatício nem registro em carteira. Então a Prefeitura deveria que pagar esse compromisso junto ao INSS e eu não perderia os 9 meses.”*

- ✓ Para exercer, sem ter tido chance de escolha, a atividade de cadastrador(a) em uma das fases da “linha de produção” (quem recebe, quem cadastra, quem registra e quem confere) comentam que receberam um rápido treinamento, mais prático do que teórico. Alguns comentam que pouco assimilaram e que continuam sabendo muito pouco (ou nada) sobre o RM (programa para o qual estão cadastrando) e que assim não sabem dar informações aos que as procuram e, tal como aconteceu com elas no passado, resta-lhes encaminhar as demandas para o 156! Ouvem dos que querem cadastrar-se ou (re)cadastrear-se as mesmas queixas que foram feitas pelos participantes dos GFs do RM: diferenciação do benefício entre as pessoas; rebaixamento do benefício; não compreensão do cálculo do benefício; injustiças na concessão do benefício (“alguns precisam e não têm e outros não precisam e têm!”), possibilidade de continuidade do benefício etc. Por outro lado os participantes do GF gastaram um bom tempo narrando histórias de pessoas que mentem na tentativa de aumentar/manter o RM e as dificuldades que enfrentam para lidar com esta situação explícita de tentativa de fraude (que podem compreender mas não podem apoiar). Alguns salientam a importância do programa se pautar por regras universais, mesmo que isto crie alguns problemas em situações específicas.

- *“O primeiro dia foi para o Renda Mínima porque eu lembro na mesa, que ela tinha explicado, chegou lá eu falei: ‘Meu Deus, não lembro de mais nada do que ela tinha me falado o que era para fazer com aquele papel.’ Eu falava para as meninas: ‘O que tem que fazer aqui? Tem que fazer isso?’ Aí você atende um, atende outro. Foi na prática. Eu lembro que de papel foi bem menos, não foi nem 6 horas.”*

- *“Como eu já passei pelo atendimento e eu achei que foi péssimo, mas só que eu não trato as pessoas dessa maneira. Eu procuro ouvir e eu procuro também respeitar a pessoa. Mas infelizmente é muito e a gente tem que estar pressionando para tornar uma realidade ali no papel. Mas muitos deles não vão ser recadastrados porque eles mentem tanto, tanto que tem pessoas que não adianta, não volta atrás e aí, com os dados deles no computador, aí a avaliação automaticamente eles já são eliminados do programa. Mas eu procuro tentar atender muito bem porque como eu já fui maltratada eu gostaria que alguém atendesse da maneira que eu atendo: disposta e pronta para ouvir. Acho que isso é importante.”*
- *“Para mentir uma vez é difícil. Para mentir duas vezes a mesma coisa é mais difícil ainda. Então está no papel. A gente pergunta tudo que está no papel: se ela trabalha, quantas vezes por semana, quanto que ela ganha por dia, quanto que ela paga de água. Então às vezes a pessoa cai em contradição com o que ela falou a primeira vez. Então é mais fácil pegar a mentira.”*
- ✓ Identificação de mudanças que se operaram em suas vidas pelo simples fato de voltarem a ter uma atividade remunerada: na rotina de vida; no ritmo e no tipo de alimentação; no estado de nervos e de espírito; aumento da auto-estima; na avaliação que a família e os amigos fazem deles; na ocupação da mente; na ampliação da rede ao conhecer e lidar com novas e diferentes pessoas.
 - *“Para mim foi legal porque quando eu falei para a minha filha: ‘Eu consegui um emprego.’ Ela dava pulo igual o filho dela: ‘Ah, minha mãe está trabalhando!’ Eu sustento a casa, é só nós duas. Então para mim foi legal, porque eu pensei: ‘Estou desempregada, vou ter que voltar para a casa da minha mãe, ficar ali dependendo desse, daquele.’ Para mim foi maravilhoso, estou adorando conviver com as pessoas. É outra rotina, outro ciclo de amizade, estou gostando muito, para mim está fazendo super bem.”*
- ✓ Apontam como a principal qualidade do OT a oportunidade de terem um trabalho remunerado, alguns acrescentam: e com um turno de 6 horas!
- ✓ Apontam como principais defeitos do OT: o fato do auxílio transporte e do auxílio alimentação já estarem incluídos na remuneração, pois, vir trabalhar, acarreta gastos

que não teriam em outra situação e que consomem grande parte do valor pago pelo OT; o fato de exercerem sua atividade sem registro em carteira, o que dificulta a comprovação de experiência no mercado de trabalho; o fato de exercerem sua atividade sem contribuição ao INSS, o que lhes permitira contar tempo para a aposentadoria e ter direito a licença gestante remunerada (o que não ocorre no OT); insuficiência do auxílio transporte embutido no valor do benefício; atraso no pagamento do benefício. Alguns beneficiários fizeram referência à utilização política dos programas sociais, que afinal são pagos pelo bolso dos contribuintes e que pretendem, em última instância, angariar votos. E acrescentam: *“Votos que de nós não terão mais depois da bagunça nos transportes do Município e da cobrança da taxa do lixo.”*

– *“Falaram assim, que nem o meu cargo, eu tenho experiência só que é assim: de Agente Comunitário porque eu trabalhei no Combate a Dengue. Aí eu vou e falo: ‘Eu tenho experiência na carteira de Agente Comunitário.’ ‘Ah, o quê que é Agente Comunitário?’ Entendeu? Eu acho que pelo menos você poderia não ter o registro. Tudo bem, você não poderia provar que você teve a experiência com Atendimento a Público, mas sim a oportunidade de você ir na Prefeitura, pegar uma cartinha de referência que você trabalhou, que você teve a experiência de Atendimento ao Público. De você falar: ‘Eu tenho.’ ‘Tem como você provar?’ ‘Tenho.’ Vou lá, pego a carta e falo: ‘Está aqui.’”*

– *“Mas o que ela fez de bom no começo agora ela mesma está se ajudando. Esse negócio de pagar taxa de lixo. Essa falha que ela está fazendo com o transporte de São Paulo. O que ela fez de bom para a campanha dela, ela mesma está... Eu mesma não voto nunca mais. É verdade. Porque esses programas são ótimos, são bons porque dá oportunidade mas também prejudica. Teve muita gente que pediu dinheiro emprestado, de condução. Agora vai ter que devolver.”*

✓ As principais sugestões apresentadas, além, é claro da correção das “distorções” já descritas como defeitos, foram as de a Prefeitura estabelecer contato com empresários para prometer baixar impostos em troca de uma aumento dos postos de trabalho para a população e a de dar carta de referência ao final da participação no programa.

– *“Eu acho que ela precisa mesmo é conversar com os empresários e só abaixando os impostos dos empresários para pedir mais funcionários. Que nem a telefônica vira e mexe pede isso.”*

- *“Uma carta de referência para você provar o que você está falando porque é duro procurar emprego, tem que pôr tudo no currículo. Aí eles perguntam tudo, aí entrega os diplomas mas ‘cadê essa carta de referência?’ ‘Não tem nenhuma carta de referência.’ ‘Mas como não tem?’ Então fica difícil. Fica complicado. Eu acho que no mínimo eles deveriam fazer isso.*”

- ✓ Conhecem outros programas da Prefeitura (apesar de acharem que não há divulgação) e mencionaram especificamente o Bolsa Cursinho e o São Paulo Incluir. O momento foi aproveitado para criticar a inscrição via Internet que oferece todos os tipos de dificuldade para a população: desde a dificuldade generalizada de acesso até o congestionamento da rede que impede que as inscrições se efetivem.

- ✓ Mencionaram em suas palavras de avaliação do trabalho de pesquisa realizado no GF, que fora uma ótima oportunidade para um desabafo e para uma frutífera troca de informações. Nele depositam esperanças de mudanças no relacionamento programa/beneficiários para as quais esperam contar com a ajuda de Deus e com a eficiente transmissão do conteúdo do GF às pessoas que têm competência de mudar na SDTS. Vale ressaltar que, pelo fato de trabalharem lá, foram os únicos participantes de GFs que localizavam tão bem o nascedouro dos programas que, via de regra, era sempre atribuído à Prefeitura em geral ou à própria Marta Suplicy, em particular, ainda que a ela se refiram também.
 - *“Da minha parte eu achei muito interessante essa reunião, estão de parabéns dona Marina e vocês pelo trabalho feito, parabéns a todos aqui cada qual expressou a sua opinião, as suas dificuldades, tristezas e contentamentos, como eu expressei a minha. Então acredito, como ela disse, ter um maior ênfase ao relatório final, Deus permita que todo mundo seja beneficiado com esse programa. Esse e os demais que hão de vir.”*
 - *“A minha palavra foi o união. Acho que união de todas as pessoas que estão no Operação Trabalho e também as pessoas que eu conheci inclusive vocês por estar dando a oportunidade de a gente estar falando e vocês ouvir. Acho que isso foi fundamental.”*

Na região de Campo Limpo

- ✓ Os motivos percebidos como tendo sido os que levaram o OT para a região são: para dar força às famílias carentes; para ajudar a manter as crianças na escola; por causa da criminalidade; para ajudar a levantar a auto-estima e dar um “empurrãozinho” nas pessoas; para trazer oportunidade de trabalho e esperança onde não há emprego.
 - *“Eu acredito que essa Operação Trabalho ajuda na auto-estima da pessoa. A pessoa se motiva para procurar outro trabalho também e não fica só naquilo. Eu acho que dá um empurrãozinho na pessoa.”*
 - *“Eu acho que foi para dar uma ajuda, é uma forma de ajudar o que a Prefeitura está fazendo, é uma forma de ajudar a família carente e também incentivar as crianças de ir para a escola.”*

- ✓ Narrando sua própria história no programa, falam que souberam do OT das mais diversas formas: amigos em geral, amigos que trabalham na Prefeitura, cartaz na escola do filho, pela fila (viram a fila e tentaram saber do que se tratava), pela televisão (uns mencionam o Jornal Nacional e outros a própria Marta Suplicy dando a notícia na TV). Enfrentaram filas e confusões para efetivar o seu cadastramento e para lá levaram lanche e colchão e ainda tiveram que ir mais de uma vez para conseguir o seu intento. Ressentiram-se muito da falta de informação dos cadastradores que para tudo encaminhavam para o 156... além de só acenarem com a possibilidade dos selecionados virem a exercer atividades socialmente pouco valorizadas. Esperaram até dois anos para serem de fato chamados para trabalhar, através da sempre famosa “carta” que traz alegria quando chega e angústia e decepção enquanto não chega!

- ✓ Ainda não iniciaram suas atividades como cadastradores(as) em uma das fases da “linha de produção” (mesário no atendimento, registro no computador e conferência com as fichas e no computador) mas para isto comentam que receberam um rápido treinamento de 6 horas na PRODAM, que julgaram insuficiente até mesmo para lidar só com o computador pois *“há muita necessidade de informática”*.

- ✓ Identificam mudanças que se operaram em suas vidas pelo simples fato de voltarem a ter uma atividade remunerada: aprender a ouvir os outros e a relativizar a dimensão de seus próprios problemas ao conhecer os problemas dos outros; voltar a ter organização em casa para viabilizar o trabalho fora de casa; um pouco de felicidade substituindo a baixa auto-estima de antes; saída da acomodação, do *stress*, da raiva e da agressão como estados permanentes de vida e relacionamento; mudança de postura política; resgate da imagem junto a amigos, vizinhos e, principalmente, na própria família.
 - *“E outra da gente achar que o nosso problema ou problema do vizinho é o pior. Existe problema pior do que do meu vizinho, do que do meu mesmo, do que de uma amiga minha. Nesse programa que nós estamos que é o Renda Mínima, é ouvir mais mesmo.”*
 - *“Você sabe que toda vez que eu ouvia na TV alguns partido político, algum prefeito não importa qual, imagina que eu vou ouvir? Mudava de canal. É sério isso, estou falando a mais pura sinceridade. Que nem você está falando que ouviu. Começava partido político eu mudava. Agora eu passar a ouvir. Quando eu ouvir o presidente falar, a prefeita, alguns partidos eu vou prestar mais atenção porque está sendo legal para mim, depois de tudo isso. Com absolutíssima certeza tanto é que se não fosse essa minha amiga Vera, que eu agradeço, talvez eu estaria sei lá onde agora fazendo não sei o quê, não estaria aqui junto com você porque através de televisão? Imagina. Quando começa a falar eu mudo. Muito legal, agora vou passar a ouvir mesmo.”*

- ✓ Apontam como a principal qualidade do OT a oportunidade de terem um trabalho remunerado e de fazerem cursos.

- ✓ Apontam como principais defeitos do OT: a falta de informação por parte das responsáveis pelas equipes de coordenação, que não têm sequer a “humildade” de reconhecer que não sabem responder o que lhes está sendo perguntado; não olhar a pessoa antes de decidir onde ela vai trabalhar; impossibilidade de escolher a atividade que vai desenvolver ou, ao menos, a tarefa que vai executar dentro da atividade; rigidez de horários (mesmo na fase em que o trabalho de cadastramento ainda não começou efetivamente), aí incluindo pouco tempo para comer, aliada à insuficiência do lanche oferecido e a impossibilidade de faltar mesmo que seja para ir ao médico.

O problema da falta ao trabalho ainda foi mais relevante quando a ele se juntou a falta de dinheiro para a condução em função do pagamento proporcional do que deveria ter sido o primeiro mês de trabalho, contrariando o que fora prometido; a não garantia de encaminhamento para um emprego após o desligamento do programa.

- *“Eu acredito na verdade, acho que eles não tinham informação para passar para a gente. E faltou humildade para dizer: ‘Não sei.’ Cada um que você perguntava falava de um jeito. Aí eu fui meio desconfiado para o banco. Eu falei assim: ‘Pode ser um, pode ser outro.’ Então quando a pessoa não sabe a informação tem que ter humildade de passar ‘não sei’ para não iludir as pessoas.”*
- *“Eu acho que está sendo uma oportunidade boa, não falando mal, falando uma coisa boa mas eu acho que deveria ser feito um cadastro das pessoas: o que as pessoas sabem fazer, que estão participando dos trabalhos para quando surgir a oportunidade a gente não ficar só dependente do Operação Trabalho, já está colocando as pessoas no mercado e aí dando oportunidade para outras pessoas que estão aguardando também.”*
- *“Uma coisa que pode corrigir e dar muito mais trabalho é a questão da alimentação da pessoa. Porque pedem um lanche, depois falaram que ia ter dois lanches. Às vezes a pessoa quer sair para comer fora, não pode ou se tivesse dois lanches um de manhã e outro à tarde ficava mais fácil para a pessoa. Mas só sai um de manhã cedo, a pessoa fica com fome até as 5 horas da tarde.”*

- ✓ As sugestões apresentadas diziam respeito tão somente à solução dos problemas práticos que estão vivendo.
- ✓ Conhecem outros programas da Prefeitura. Souberam de tudo pela “*fala do Aletto*” ainda que não tenha dado para “*gravar tudo*”.
- ✓ Mencionaram em suas palavras de avaliação do trabalho de pesquisa realizado ao final do GF, que este fora uma ótima oportunidade para um desabafo e para ter diálogo com as colegas de trabalho com as quais convivem sem grandes chances de

conversa e que depositam esperanças de mudanças no relacionamento programa/beneficiários.

- *“Também agradeço o convite, achei que foi muito bom, muito legal e como a Edna falou foi um desabafo mesmo. Eu acho que teria que depois do término, voltar com essa pesquisa novamente.”*
- *“Eu acredito que a Prefeitura acertou novamente de estar fazendo essa reunião com a gente porque todo projeto novo tem acerto e tem falhas também e as pessoas se faltarem numa reunião como essa aqui depois não podem reclamar porque é a oportunidade de a gente estar buscado os defeitos. Eu acho que foi um saldo positivo.”*
- *“Muito obrigada por terem me convidado, foi bom porque a gente desabafou o que aconteceu os fatos de dois meses já, a gente desabafou os problemas, as dificuldades. Achei gostosa a pesquisa hoje à tarde.”*

Nos GFs de ex-beneficiários

Na região da Sé

- ✓ Os motivos percebidos como tendo sido os que levaram o OT para a região são: falta de trabalho; motivações políticas ligadas à campanha do Lula para a presidência e ao apoio à Marta Suplicy; para ter mão-de-obra para a Prefeitura; muita violência por causa da fome.
 - *“Esse programa foi implantado para ajudar tanto a pessoa que era desempregada como para ajudar o órgão público que está carente de funcionários, então enquanto não vinha uma remessa concursada eles admitiram nós, temporariamente. Só que é uma pena porque durou seis meses só.”*
 - *“A moça estava falando que esse programa foi para eleição, e eu comecei a entender porque eu sou uma pessoa que eu lido com muita gente, eu sou uma pessoa que estudo à noite, eu tenho muita amizade, converso, eu gosto muito de conversar com as pessoas, de ter amizade boa. Então dá a entender que essa Frente de Trabalho foi para derrubar alguns candidatos e para ela ganhar. Eu acho a Marta muito bonita, é uma pessoa inteligente, mas tem muita gente que não gosta dela não sei porque, se é o sorriso dela, se é o cabelo ou o quê que é, mas tem gente que não gosta da Marta. Eu fui trabalhar lá, o pessoal me xingava: ‘Você vai lá...’. Eu ria. Fazer o quê. Eu preciso trabalhar e também não é por isso, ninguém vai mandar em mim. O cidadão*

tem que ser livre, ter o direito de ir e vir. Então eu comecei a pensar que a Marta fez esse movimento tão grande que no dia de dar as camisetas quase se mataram lá no gabinete dela, então eu fiquei pensando se foi para ganhar votos porque todo mundo votou nela.”

– *“Eu acho que ela implantou esse trabalho para as mulheres trabalhar tal e tal. Mas tem uma coisa: o Lula deu um bote para entrar, mas ele não vai fazer nada, nada, nada para o nosso país. A coisa é essa. Só isso. Acabou.”*

✓ Narrando sua própria história no programa, falam que souberam do OT principalmente por parentes e vizinhos. Não mencionaram filas e disseram que foram atendidos rapidamente e bem, mas acrescentam que não ganharam cópia do contrato e não entenderam o cálculo do valor do benefício embutindo transporte e “cesta básica”. A chegada da carta depois de um curto espaço de tempo foi motivo de grande alegria, que se perdeu com o término prematuro do benefício (após 3 meses no caso deste beneficiário).

– *“Ela deu informação assim: a gente assinou um documento na hora do contrato, e a gente assinou um documento e eu falei para ela: ‘Eu posso ficar com esse contrato?’ Ela pegou da minha mão e falou: ‘Não. Esse contrato não fica com a senhora.’ Eu falei: ‘Por quê? Eu vou trabalhar sem contrato?’ Ela falou: ‘O contrato fica conosco.’ Eu pensei que eu ia ter uma coisa em mãos e eu não tive uma cópia. Ela segurou a cópia. Eu achei estranho isso porque se a senhora faz um contrato a senhora tem que ficar com um papel.”*

✓ No que se refere às atividades desenvolvidas, foram bem variadas: houve quem só tivesse feito cursos profissionalizantes (foram oferecidos os de bombeiro, de higiene, de manicure e de cabeleireiro); quem tivesse feito trabalho administrativo qualificado na própria SDTS porque já tinha experiência na área; quem tivesse trabalhado na SDTS em serviço de copa e limpeza e transportando documentos de um lugar o outro.

✓ A vida após o desligamento do programa não tem sido fácil, pois nenhum voltou a trabalhar ainda que alguns tenham tentado arduamente voltar ao mercado. O participante que aparentava ser mais qualificado disse que tem prestado concursos

(inclusive contando com os conhecimentos adquiridos no OT) e distribuído currículos (CVs), sem ter êxito até agora. Outra participante era costureira antes de ir para o OT, perdeu a freguesia por ter se afastado e, não conseguiu recuperá-la, montou banca de ambulante com bijuterias, mas vive perdendo tudo para o rapa, além de ouvir freqüentes gozações de amigos e vizinhos por ter acreditado que o OT seria uma solução para a sua vida. Esta participante fez uma longa digressão avaliativa da administração de Marta Suplicy frente à Prefeitura, externalizando idéias negativas sobre o contrato de estrangeiros com altos salários em detrimento dos paulistas de baixa renda, mencionando até mesmo o fato de que até o marido (o senador Eduardo Suplicy) “ela mandou embora.” Acrescentou que a fita do GF poderia ser enviada para a prefeita, com quem tem tentado falar diretamente, sem que lhe permitam chegar perto.

- *“O programa trouxe um benefício para a gente. No meu caso eu vim conhecer como funciona um auxiliar administrativo num público, controle de processos e outras atividades relativas à Prefeitura isso facilitou também quando eu fui prestar outro tipo de concurso para auxiliar administrativo, trabalhar com processo, controles, esquemas. Quer dizer, eu já conhecia todas as partes básicas para poder passar num concurso e desempenhar bem a função. Inclusive aonde eu fiquei, se tivesse algum concurso, o próprio diretor falou: ‘Se forem aprovados [os concursos], vocês vão ser os primeiros a serem analisados. Nós pedimos autorização, vocês já ficariam no próprio departamento. Não precisa sair daqui. A não ser que não queira, que queira ir para um outro setor.’ Atualmente eu não estou trabalhando mas eu tive essa bagagem, é um conhecimento a mais na vida para a gente e estou prestando concurso inclusive estou aguardando do Inamps também para trabalho com processo, tipo similar igual da Prefeitura. Chegando lá, pelo menos, não vai ser estranho, já vai ter alguma base, vai ser um trabalho mais direcionado.”*
- *“Então, aí eu fui, os meus consertos que eu fazia estavam com outra pessoa eu não podia tirar, é conserto de costura porque eu sou costureira. Então é o seguinte: eu montei uma barraquinha na rua de bijuteria. Então era pela aquela chocarrice: ‘Você não está lá com a Marta? Você está aí na rua? Não sei o que.’ O dia inteiro perguntando. Então eu fui trabalhar na rua e foi difícil porque vem um rapa, corre atrás de você, é muito complicado. Eles avisam que um rapa está vindo lá em cima e você tem que correr porque eles te levam as coisas. Então eu passei por muito aperto, não foi fácil não porque o dinbeiro acabou eu paguei as dívidas, assim que entrou,*

e depois para ganhar outro, aí um dia aquele tico-tico por dia. Foi difícil. Eu fiquei muito triste, eu trabalhava triste, uma tristeza o dia inteiro. Eu fiquei feliz quando me chamou, mas depois eu levei uma cacetada quando saí.”

- ✓ Apontam como as principais qualidades do OT a possibilidade de obter novos conhecimentos e o tratamento respeitoso e equiparado ao dos funcionários públicos efetivos. Este ponto foi muito debatido no GF porque a maioria dos presentes achava justamente o contrário: que haviam sofrido com o preconceito e o “ciúme” dos funcionários efetivos dos locais onde exerceram as suas atividades, temerosos que estavam da concorrência.

- *“A diretoria que eu peguei o sistema foi bem organizado, o esquema de trabalho, fomos em três ou quatro pessoas na mesma diretoria, eu num setor, dois ou três em outro e fomos muito respeitados. Eu cuidava de processos, dava entrada. Tinha um esquema de trabalho que tinha que ser seguido entregar processos nos setores, era muito bem recebido assim como os demais, não era diferenciado do funcionário público mesmo a gente ser contratado temporário a gente era tratado no mesmo nível.”*

- *“O principal defeito é que trabalhar no meio de contratado não é fácil. Eles tiram uma casquinha em você o tempo todo como tiraram de mim. (...) Os concursados tinham medo da gente. Eles não queriam nem papo com a gente. A gente parecia um João Ninguém lá. Só recebia recadinho de lá, de cá. Nem vi a cara do chefe.”*

- ✓ Apontam como principais defeitos do OT: a desorganização nos horários que acabavam impedindo que quem estava trabalhando participasse dos cursos; a falta de certificado dos cursos e das atividades de trabalho desenvolvidos (houve quem dissesse ter tirado cópia das folhas de ponto para ter um comprovante de que trabalhara); a maneira desrespeitosa com que os beneficiários eram avisados do seu desligamento (houve quem tivesse exigido, e obtido, um documento por escrito); a falta de contribuição para o INSS; a falta de acompanhamento do destino dos beneficiários após o seu desligamento do programa.

- *“Eu fiquei 3 meses, eu assinei ponto, eu sei a data que eu entrei e sei a data que eu saí porque eu tirei xerox das minhas folhas que eu trabalhei para um dia, qualquer coisa, eu ter uma*

prova. Eu desci, tirei e falei: 'Vou guardar comigo.' Então eu tenbo 3 meses trabalhado. Agora, eu percebi que foi uma desorganização assim: uns ficaram, outros não sei para onde que foram. Parece que eles não deixavam saber do outro. Um ia não deixava o outro saber do outro. Foi negócio assim. Agora ela falou que trabalhou 6, essa já falou 5 [meses].”

- ✓ As principais sugestões apresentadas para melhorar o OT foram: avisar com antecedência e por documento escrito o desligamento do beneficiário; ser mais longo; registrar o trabalho e pagar INSS; contratar os ex-beneficiários para dar aulas profissionalizantes para os atuais beneficiários; ao encaminhar o beneficiário para um trabalho, fazê-lo sempre através de memorando para que os locais receptores estivessem preparados para recebê-los; convocar sempre para reuniões onde pudessem avaliar a sua experiência no programa e sugerir melhorias.

– *“A minha sugestão é aumentar o prazo do serviço temporário.”*

– *“Dona Marina, eu queria fazer uma pergunta: eu gostei desse plano porque ajudou muito a gente, as pessoas que não tinham nem o que comer. Mas eu acho que a Marta devia também registrar essas pessoas porque a senhora trabalha 6 meses lá e a senhora joga o seu tempo fora. E eu acho que, o que o cidadão teria que ter é uma segurança. A gente trabalha, a gente não tem segurança. Eu achava que ela devia registrar. Não sei como. Devia haver um jeito de registrar as pessoas porque tem pessoas que ainda têm um tempo para aposentar, quer dizer ela joga fora esse tempo. Ela vai aposentar quando? E se ela está recebendo ela devia ter um registro porque eu acho que é um engodo esse negócio de trabalhar 6 meses e pagar e a pessoa não ter uma segurança. Todo cidadão tem que ter uma carteira, tem que ter um registro. Sem um registro a senhora não é um cidadão que chega e [diga]: 'Eu trabalho. E está aqui.' Então eu acho isso meio estranho e gostaria que a Marta olhasse para esse lado também porque está parecendo que nós estamos precisando, que é uma esmola, que está ajudando. Mas se o cidadão que estava trabalhando ele tem aquela alegria, força, saúde ele também tem que ser registrado porque ele não precisa de um dinheirinho assim. Parece que ele é inválido.”*

- ✓ Conhecem outros programas da Prefeitura e mencionaram especificamente o Começar de Novo (no qual 2 participantes haviam se inscrito e diariamente olham embaixo da porta para ver se chegou a “carta”).

- ✓ Mencionaram em suas palavras de avaliação do trabalho de pesquisa realizado ao final do GF, que fora uma ótima oportunidade para um desabafo, o quanto se sentiram respeitados e ouvidos, a necessidade de acontecerem sempre reuniões de pesquisa, além dos votos de esperanças de dias melhores para todos.
 - *“Só tenho que agradecer por essa reunião, estou de peito aberto porque eu sou a pessoa que não tem medo do perigo, sou costureira, mexo com animal, faço comida, atendo os carentes, tomo conta de uma pessoa que tem problema de câncer. Então não tenho medo do perigo. Eu sou uma pessoa amorosa. É só isso. Tenho que agradecer.”*

Na região de Campo Limpo

- ✓ Os motivos percebidos como tendo sido os que levaram o OT para a região são: desemprego, carência generalizada do bairro (falta educação, lazer, tudo) e aproveitamento de pessoas inteligentes em trabalhos da Prefeitura.
 - *“Eu não sei. De repente acho que na zona sul tem muito desempregado e ela resolveu jogar para cá. Se bem que na zona leste também tem. A principal razão é: tinha muitas pessoas inteligentes que daria para serem aproveitadas em outras áreas da Prefeitura.”*
 - *“Eu acho que é pela carência do bairro. O bairro tem muita carência, falta tudo aqui, em tudo: educação, tudo, tudo o que imagina eu acho que falta aqui no bairro. É carência.”*
- ✓ Narrando sua própria história no programa, falam que souberam do OT por parentes, pelo jornal e pela TV. Uns enfrentaram filas e outros não para efetivar o seu cadastramento e tiveram chance de ler o contrato, ainda que não tenham tido acesso a uma cópia.
 - *“Eu fiquei sabendo através da minha irmã. Aí no começo eu fiquei meia assim não sabia: se vou, se não vou. Mas aí acabei indo. No dia em que eu vim aqui não consegui. Fui aqui no Campo Limpo mesmo. Cheguei aqui umas 7 horas da manhã só que eu não consegui, tive que voltar no outro dia às 4 horas aí fui atendida também meio-dia e pouco e me chamaram depois de dois meses. Eu nem pensava que iam me chamar. Chegou um telegrama para eu comparecer na escola, levar todos os documentos. Aí comecei a fazer o treinamento e comecei a trabalhar.”*

- *“Quando eu trabalhei na Frente de Trabalho do Estado tinha uma cópia. Uma pessoa ficava com uma e eles ficavam com outra. Lá era 9 meses e na Prefeitura já não teve esse caso de a pessoa ficar com uma cópia. É só pelo escrito e fica com eles mesmo. Eu li o contrato, era de 3 a 9 meses. Eu fiquei 6 meses.”*

- ✓ Identificam mudanças que se operaram em suas vidas pelo fato de participarem do OT: mais renda, mais conhecimento e mais experiência. Tais benefícios ajudaram duas participantes do GF a obter trabalho e elas eram muito reconhecidas por isto. Sua experiência positiva encheu de esperança a maioria dos participantes do GF.

- ✓ Apontam como a principal qualidade do OT a não discriminação na seleção de ex-presidiários³⁷, de moradores de rua, de drogados, nem de pessoas mais velhas.
 - *“Eu fico de acordo com ela que não houve discriminação porque foi um programa social aberto para a população carente. Eu creio que se fosse por preconceito, por racismo, seja o que fosse eles chamariam uma turma de cada vez para um local determinado, pediria uma entrevista de cada pessoa e com antecedentes criminais. Mas não houve isso. Não perguntaram se tinha dez filhos, se moravam em casa própria, casa de aluguel, se era branco. Não teve isso. Então eu creio que se tivesse algum preconceito, algum tipo de meio desses que era para ser incluso a pessoa teria uma convocação de pessoas e uma entrevista própria de cada um. Eu sou de acordo que não houve discriminação.”*
 - *“O que eu acho mais importante dos programas sociais e da Prefeitura quanto Estado é que eles não têm discriminação na idade. E hoje em dia a gente está perdendo o trabalho por causa de dois anos a mais. Eu perdi um serviço essa semana porque eu tenho 38 anos e eles queriam com 35 para ser uma copeira.”*

- ✓ Apontam como principais defeitos do OT: a falta de organização; a pouca exigência sobre o desempenho dos bolsistas que acaba permitindo que alguns só recebam a bolsa e assinem o ponto; a falta de respeito com os bolsistas por parte dos funcionários efetivos da Prefeitura; a efetuação do pagamento em lugar distante da moradia e em dia incerto; critérios desiguais para desligamento do programa;

diferenciação no tempo do benefício gerando insegurança (no GF havia quem tivesse sido bolsista por 3, 4, 5, 6 e 9 meses). Ao apontar a falta de exigência de atestado de bons antecedentes como um grave defeito do processo de seleção, um bolsista gerou uma grande polêmica pois todos os demais consideravam isto uma qualidade, como mencionado acima. Ao final da discussão, o responsável por ela disse haver se expressado mal e que o defeito era a não seleção das pessoas para as atividades segundo seus conhecimentos e experiências.

- *“O programa é o seguinte: você tem um tempo para entrar e você não tem para sair. Isso que é. Você fala que amanhã, e daqui 2, 3, 4, 5 meses você vai estar desempregado. Então é um negócio que fica meio esquisito.”*
- *“Eu não tenho muito que falar. Eu trabalhei na via-livre, peguei treinamento. Outra coisa que eu não gostei foi o que a moça falou para mim, ela não falou de 3 a 6 meses, ela falou que eu tinha trabalho de 9 meses. E quando eu vi, eu recebi a cartinha, já estava dispensada com 6 meses e isso aí eu não gostei. Estava gostando, eu precisava trabalhar mais e trabalhei só 6 meses. Eu trabalhei na via-livre, foi bom, gostei também de trabalhar na via-livre.”*
- *“Eu queria que continuasse. Igual eu, trabalhava no posto de saúde como atendente lá no Marisal, aí de repente eu estava trabalhando e no outro dia nós chegamos, a moça falou que tinha que dar o recado para gente vim para cá, quando nós chegamos aqui falaram que já tinha terminado o programa. Eu falei: ‘Mas não era 9 meses? A gente só ficou 4 meses.’ Então isso confundiu a cabeça da gente.”*
- *“Agora é o seguinte, eu vou falar para vocês: em relação ao pessoal da Prefeitura, por serem ou não concursados, eles têm uma certa estabilidade e às vezes gostam de abusar do poder disto. Esta é a minha opinião.”*
- *“Não foi discriminado. Mas tem muitas pessoas que não têm passagem [na polícia] e infelizmente não foi chamado. É isso que eu acho discriminação. (...) Eu conheço pessoas que têm passagem e foi chamado. (...) Não houve discriminação, mas também não houve seleção. Seleção é o seguinte: selecionar as pessoas para o local certo. Você foi selecionado para trabalhar na Prefeitura. Tudo bem. Agora vamos pegar você e colocar você no local certo. Entendem? É isso. (...) Entenda bem, eu não estou falando de discriminação eu só estou dizendo que houve*

³⁷ Como foi visto no perfil dos beneficiários das duas regiões produzido pela SDTS, 14% dos da região da Sé e 0,5% dos da região de Campo Limpo eram egressos do sistema penitenciário.

falta de seleção. Selecionar você para determinado local e eu para determinado local. É essa diferença. Não houve um selecionador. É isso que eu estou falando, para depois ninguém interpretar errado.”

– *“Muito legal, dando oportunidade para quem acha que está lá no fundo do poço. É muito bonito. Em muitas empresas, só porque têm alguma coisa, um nome sujo, elas não pegam e o que ele vá fazer? Ele vai roubar. Ninguém dá a oportunidade para ele.”*

✓ As principais sugestões apresentadas foram: duração de 9 meses para a bolsa em qualquer circunstância, inclusive no caso de mudança de prefeito; desenvolvimento de atividades em local próximo à moradia dos bolsistas; *“pegar somente as pessoas que precisam!”*; maior atenção na seleção dos beneficiários para não entrar quem não precisa; garantir a continuidade do programa; garantir a continuidade do trabalho.

– *“Eu acho que o que todos nós achamos já foi falado que é a carência do bairro, a falta de educação, saúde, lazer. Graças a Deus está caminhando as coisas. Os programas sociais vieram e ajudou muito quem participou. Então deveria continuar. Só que quando acabasse o contrato não ficar parado, já ter ali um local para encaminhar essas pessoas nem que seja novamente um novo programa social para encaminhar essas pessoas até poder estar encaminhando as pessoas para um emprego.”*

– *“Eu acho assim: teve muita gente que não precisava e estava participando do programa. Eu achei que deveria dar mais preferência para quem era mais coerente ainda porque teve muita gente, que nem tem um vizinho meu, que recebe o Renda Mínima e ele é motorista, a mulher dele trabalha e recebe o Renda Mínima. Tem um outro vizinho que não tem nada, não tem serviço nenhum.”*

– *“Eu gostaria que ela continuasse com o trabalho, está fazendo bem, a maioria das pessoas está trabalhando estão gostando que é uma oportunidade de voltar a trabalhar, reiniciar tudo de novo, e escolhesse bem as pessoas, quando ela for pegar, para não pegar pessoa que não precisa. Realmente pegar só as pessoas que precisam. Só isso. Mas o trabalho dela está sendo muito bom. Eu acho que eles deveriam investigar melhor a vida da pessoa para poder saber para quem dar a renda. Só isso.”*

- ✓ Conhecem outros programas da Prefeitura e mencionam o RM e o BT. Uma participante revelou um alto grau de informação e falou sobre todos os programas inclusive das datas previstas para os próximos cadastramentos: ela recebera 9 meses de bolsa e estava sendo encaminhada para trabalhar em uma empresa através do São Paulo Incluir.

- ✓ Expressaram em suas palavras de avaliação do trabalho de pesquisa realizado ao final do GF, a sua esperança nos efeitos que possa produzir em termos de melhoria para o OT e de novas oportunidades para suas vidas.
 - *“Eu gostei muito de estar conhecendo vocês umas pessoas maravilhosas, super simpáticas e a gente teve uma oportunidade de falar o que a gente viveu o programa e foi muito bom enquanto durou e que não pare, que continue porque a gente se sentiu útil porque até então eu mesma estava lá embaixo, me sentindo lá embaixo.”*
 - *“A reunião foi muito boa, foi proveitosa, a gente bateu esse papo tão legal! Gostei de conhecer todos e eu acho que a gente sempre tem que pensar sempre que o amanhã será melhor do que hoje, a gente jamais pode perder a esperança porque a esperança jamais poderá morrer. Espero que num próximo encontro cada um já tenha o seu emprego e bem melhor.”*

IX CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo final do relatório pretende sistematizar algumas questões recorrentes no trabalho do conjunto articulado de pesquisas qualitativas com beneficiários/ex-beneficiários e monitores dos programas redistributivos da SDTS/PMSP – Renda Mínima, Começar de Novo, Bolsa Trabalho e Operação Trabalho -, e propor possíveis encaminhamentos para elas à luz de seus objetivos iniciais, nos parâmetros das possibilidades e limites que o uso de tais metodologias proporciona.

Sistematização das respostas obtidas às questões iniciais da pesquisa

- ✓ Ao explicitar as razões que levaram a Prefeitura de São Paulo a levar os programas aos distritos, os entrevistados mostraram ter boa percepção dos critérios que de fato foram utilizados para priorizar a implantação dos programas: nível de concentração distrital da pobreza; de violência; de baixa escolaridade e de alta presença de crianças e adolescentes no total da população. Uma razão muito apontada também, e que não aparece de forma independente nos critérios da Prefeitura, é o alto nível de desemprego associado às dificuldades, quase intransponíveis, de encontrar trabalho.
- ✓ Algum nível de reflexão já é feito pelos participantes dos diversos programas. Esta reflexão é necessariamente diferenciada por pessoa e por tipo de programa do qual participou, mas, em todos os casos, leva ao reconhecimento de algum tipo de impacto positivo dos programas em suas vidas, na de suas famílias e na de suas comunidades. O processo de pesquisa, sem dúvida, estimulou e ampliou esta reflexão, como pretendia.
- ✓ Quanto à identificação de necessidades das famílias e dos indivíduos envolvidos nos programas, a pesquisa mostra claramente que há uma consciência da situação de carência em que vivem, situação esta que sempre é avaliada de forma comparativa e generosa. Mostra ainda a importância que beneficiários, ex-beneficiários e monitores atribuem ao fato de serem ouvidos, participantes, respeitados e atendidos de forma

adequada e igualitária. Finalmente, mostra que existem muitas esperanças depositadas nos resultados do trabalho de pesquisa realizado.

- ✓ Quanto à percepção dos valores centrais que norteiam a estratégia paulistana de inclusão social e de sua importância para uma nova visão de mundo, a pesquisa mostrou que ainda se trata de metas de realização um tanto remota:
 1. A integração e a articulação entre os diversos programas é pouco percebida. Falta percepção, inclusive, da transição de um programa a outro, por exemplo, do CN e BT para o POS e o PDS.
 2. Os critérios universais das políticas públicas ainda não são assimilados desta forma, mas vistos como a chamada de uma superpopulação para buscar um recurso escasso que talvez não chegue para eles. Para serem atendidos, vão precisar de muito mais do que o poder público pode oferecer: sorte e ajuda divina. É ainda forte o grau de identificação entre Prefeitura e prefeita, facilitada, até, por serem ambas do gênero feminino.
 3. O rompimento do assistencialismo a partir do estabelecimento de contrapartidas específicas por parte da população beneficiária também ainda não está claro para os participantes. Eles não percebem como contrapartida algumas das exigências que lhes são colocadas para permanecer no programa: ora entendidas como uma obrigação previamente assumida (caso de manter as crianças na escola do RM); ora como a “oportunidade”, que lhes está sendo oferecida (caso das atividades do CN e BT); ora como trabalho temporário que bem poderia ser mais efetivo em termos de registro, contagem de tempo de serviço etc. (caso do OT). Como consequência, o benefício em dinheiro muitas vezes é percebido como “solidariedade”, “caridade” que eles prefeririam não receber, ainda que temam perder por não poder dele prescindir.
 4. A percepção de possíveis mudanças no seu cotidiano a partir da internalização de novos valores que lhes são passados nas diversas atividades já é bastante efetiva para grande parte dos entrevistados, principalmente nos do CN. Falas que dizem da consecução de maior abertura pessoal, melhor relacionamento pessoal,

familiar e comunitário, maior abertura para o conhecimento e encaminhamento de problemas do seu bairro e da disposição de passar a viver com esta “nova cabeça aberta” aparecem com relativa frequência.

- ✓ No que se refere à satisfação dos beneficiários com a sua participação nos programas, a suas críticas e sugestões, cinco aspectos parecem consubstanciar a maior parte das informações coletadas:
 1. Falta, insuficiência e/ou inadequação da informação;
 2. Diferenciação entre tempo e valor do benefício e das oportunidades oferecidas;
 3. Falta de acompanhamento pessoal e institucional durante o programa e no período logo após o desligamento do programa. Tensão permanente entre possibilidade de cobrar/reclamar e risco de perda do benefício/exclusão do programa;
 4. Falta de “tradução” do aprendido/ensinado para as possibilidades concretas da vida cotidiana;
 5. Queixas relativas à documentação em geral: contrato, contribuição, certificação etc.

Recomendações

Com base na nossa própria reflexão sobre as críticas e sugestões apresentadas ao longo das 120 entrevistas realizadas e de sua análise ao longo deste relatório, são sugeridas a seguir algumas recomendações que, idealmente, poderiam permitir:

- ✓ Avanços na percepção da política pública como um direito do cidadão;
- ✓ Aumento efetivo e não circunstancial ou parcial do nível de satisfação dos beneficiários;
- ✓ Aumento dos impactos dos programas na vida das comunidades, principalmente no sentido da integração, da criação/ampliação de redes e no desenvolvimento local.

Para tanto, seria necessário investir parte dos recursos dos programas para:

1. Com relação à falta, insuficiência e/ou inadequação da informação:

- ✓ Realização de atividades iniciais universais para todos os participantes de todos os programas;
- ✓ Produção de um vídeo em linguagem simples que explicasse o conjunto da estratégia, os objetivos de cada programa específico e se detivesse mais no programa que aquele público em particular estivesse iniciando. Isto poderia minorar os problemas relativos à não homogeneidade de conteúdos que são passados quando do cadastramento, da recepção do cartão etc., à diferenciação de níveis de curiosidade e facilitaria no trato com as diferentes expectativas em relação aos programas;
- ✓ Definição de espaços para colocação de murais permanentes em lugares públicos e não públicos de fácil acesso e boa circulação das pessoas da comunidade: escolas, bares, igrejas, praças, pontos de ônibus etc.;
- ✓ Capacitação permanente de pessoal de atendimento de maneira que possam prestar informações de forma personalizada, de acordo com a dúvida do participante;
- ✓ Produção de material de divulgação simples, curto e de fácil compreensão que possa ser afixado nos murais falando não só sobre a proposta dos programas, mas também sobre o que efetivamente vai ser oferecido **daquela vez para aqueles beneficiários**;
- ✓ Garantia de espaço interativo junto aos murais: caixas de sugestões, papel em branco afixado para mensagens, muros limpos para grafiteagem etc.;
- ✓ Informação sobre a data de expedição das “cartas” que avisam da inclusão/exclusão das pessoas nos programas, incluindo um cálculo de até quando elas poderão chegar e instruções sobre o que fazer no caso de não chegarem.

2. Com relação à diferenciação entre tempo e valor do benefício e das oportunidades oferecidas:

- ✓ Padronização máxima possível em termos de valor do benefício e de seu tempo de duração;

- ✓ Simplificação das formas de cálculo e máxima transparência e democratização na sua divulgação;
- ✓ Listagem das atividades que vão ser oferecidas naquele programa, naquele período específico;
- ✓ Listagem do que será exigido/cobrado do beneficiário como contrapartida.

3. Com relação à falta de acompanhamento pessoal e institucional durante o programa e no período logo após o desligamento do programa. Tensão permanente entre possibilidade de cobrar e reclamar e risco de perda do benefício/exclusão do programa:

- ✓ Aumento da presença da SDTS nos distritos com pessoal capacitado para dar explicações padronizadas (mesma informação para o mesmo tipo de dúvida), variadas (respostas diferentes para dúvidas diferentes) e com possibilidade de explicar a integração pretendida entre os programas;
- ✓ Aumento da interlocução com os programas emancipatórios no nível local, principalmente o São Paulo Inclui e o São Paulo Confia;
- ✓ Aumento da visibilidade do Programa Oportunidade Solidária (POS)³⁸ e do Programa Desenvolvimento Solidário (PDS): como não são feitas inscrições em separado, eles só são percebidos como a “fase de cooperativa” do CN e do BT;
- ✓ Continuidade dos programas nos distritos: por enquanto são percebidos como pontuais: “Quem fez, fez; quem não fez, perdeu a chance”;
- ✓ Intensificação do sistema de visitas domiciliares;
- ✓ Criação de um sistema permanente de monitoramento e retroalimentação dos programas, inclusive com a incorporação do “retorno” fornecido pelos beneficiários/monitores/instituições parceiras.

4. Falta de “tradução” do aprendido/ensinado para as possibilidades concretas da vida cotidiana:

- ✓ Regionalização máxima em termos de instituições parceiras, locais, pessoal envolvido etc. de maneira a aproximar cada vez mais conteúdos/atividades da

vida cotidiana dos beneficiários: “nível de realidade” das propostas. Incluir, em todos os programas, atividades de levantamento das necessidades de pessoal nas instituições locais – creches, escolas, postos de saúde etc. – para enviar beneficiários para supri-las com o seu trabalho.

5. Quanto às queixas relativas à documentação em geral: contrato, contribuição, certificação etc.:

- ✓ Criação de uma versão resumida do contrato que possa ser lida no ato da sua assinatura e levada para casa como documento guia da relação beneficiário/Prefeitura;
- ✓ Ver a possibilidade de incluir no cálculo do benefício uma parcela de contribuição autônoma a órgão de previdência;
- ✓ Criação de um amplo e universal sistema de certificação ao final da participação nos programas, incluindo atividades desenvolvidas, capacitações recebidas (de preferência com número de horas dedicado), que possa servir de prova curricular de experiência.

A realização mais ampla e a efetividade das propostas gerais da estratégia paulistana de inclusão social dependem de uma implantação dos programas de maneira mais próxima de suas intenções e concepções. Até agora, a comparação entre a percepção que o público beneficiário tem dos programas tal como eles existiram nos distritos de Capão Redondo (representante de um primeiro momento) e em Ermelino Matarazzo (representante de um segundo momento) mostra que muita coisa mudou, que houve um esforço grande de maior consistência e homogeneidade nas atividades que são oferecidas, mas mostra também que isso gerou melhoria, não soluções, para grande parte dos problemas identificados nos dois distritos. Neste sentido, merecem destaque as novas modalidades do Começar de Novo e do Bolsa Trabalho que vão na direção de parte dos anseios e angústias expressos pelos entrevistados.

³⁸ A próxima pesquisa será com os ex-beneficiários e monitores do POS e, certamente, trará novas idéias sobre as dificuldades enfrentadas na implantação deste programa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADULIS, Dalberto. **Como planejar a avaliação de um projeto social?** 1999.

Disponível em:

http://www.maspesquisadmercado.com.br/marketing_total/marketing29.htm Acesso em: 20 mar. 2003.

AGUILAR, Maria José; ANDERR-EGG, Ezequiel. **Avaliação de serviços e programas sociais**. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

CANO, Inácio. **Introdução à avaliação de programas sociais**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

CENSO DEMOGRÁFICO 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PROJETOS – CNEP. **Monitoramento e avaliação de planos, programas e projetos**. Rio de Janeiro, fev. 2003. Mimeo.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS - DIEESE. **Identificação dos resultados das mudanças ocorridas com os beneficiários dos programas sociais da Prefeitura de São Paulo desenvolvidos pela SDTS/PMSP**. São Paulo, out. 2002. Mimeo.

_____. **Identificação das mudanças ocorridas com os beneficiários dos programas sociais da Prefeitura do Município de São Paulo desenvolvidos pela Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade (SDTS), no âmbito do Projeto Desenvolvimento Solidário: relatório 1: informe diagnóstico...** São Paulo, abr. 2003. Mimeo.

_____. **Identificação das mudanças ocorridas com os beneficiários dos programas sociais da Prefeitura do Município de São Paulo desenvolvidos pela Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade (SDTS), no âmbito do**

Projeto Desenvolvimento Solidário: relatório 2: indicadores quantitativos... São Paulo, ago. 2003. Mimeo.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W., GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002.

GUERRA, A; CAMPOS A.; FREITAS JR, E.. Sistema de comunicação e de gerenciamento de informações. In: POCHMANN, Márcio (Org.). **Desenvolvimento, trabalho e solidariedade: novos caminhos para a inclusão social.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Cortez, 2002.

IZIQUÉ, Cláudia. O mapa da exclusão. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 83, jan. 2003.

MACHADO, Lucília. Eficácia, eficiência e efetividade social na implementação dos PEQs. In: UNITRABALHO. **Seminário nacional sobre avaliação do Planfor: uma política pública de educação em debate.** São Carlos – SP, 1999.

POCHMANN, Márcio (Org.). **Desenvolvimento, trabalho e solidariedade: novos caminhos para a inclusão social.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Cortez, 2002.

POCHMANN, M.; MORETTO, Amilton. A estratégia paulistana de inclusão social. In: POCHMANN, Márcio (Org.). **Desenvolvimento, trabalho e solidariedade: novos caminhos para a inclusão social.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Cortez, 2002.

SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO, TRABALHO E SOLIDARIEDADE - SDTS. **Ampliação dos programas Bolsa Trabalho e Começar de Novo e lançamento do Portal Trabalho SP.** São Paulo, fev. 2003. Mimeo.

_____. **Desigualdade em São Paulo: o IDH.** São Paulo, ago. 2002. Mimeo.

_____. **Estratégia paulistana de combate à pobreza, ao desemprego e à desigualdade:** programas de desenvolvimento social. São Paulo, 2003. Mimeo.

_____. **Indicadores dos programas sociais:** distrito de Capão Redondo. São Paulo, jun. 2003. Mimeo.

_____. **Indicadores dos programas sociais:** distrito de Ermelino Matarazzo. São Paulo, n. 40, jun. 2003.

_____. **Programas sociais da Prefeitura de São Paulo:** avaliação preliminar. São Paulo, jul. 2002. Mimeo.

_____. **Violência urbana e programas sociais.** São Paulo, fev. 2003. Mimeo.

VALARELLI, Leandro Lamas. Indicadores de resultados de projetos sociais. In: **Apoio à gestão.** Seção tema do mês. Disponível em: http://www.rits.apc.org/gestao_teste/ge_testes/ge_tmtes_jul99.cfm Acesso em: 20 mar. 2003.

APÊNDICE



FICHA SÓCIO-ECONÔMICA PARA OS PARTICIPANTES DE PROGRAMAS DA SDTS/PMSP

ABRIL/JUNHO DE 2003

1. Ficha n.º |—|—|—|

2. Data de preenchimento:

|—|—| |—|—| |—|—|
(dia) (mês) (ano)

3. Tempo de duração do preenchimento:

|—|—| minutos

4. Tipo de pesquisa:

- 1 Grupo Focal com beneficiários
- 2 Grupo Focal com ex-beneficiários
- 3 Grupo Focal com monitores
- 4 Entrevista com a família do beneficiário
- 5 Entrevista com a família do ex-beneficiário

5. Programa pesquisado:

- 1 Bolsa Trabalho
- 2 Começar de Novo
- 3 Operação Trabalho
- 4 Oportunidade Solidária
- 5 Renda Mínima
- 6 São Paulo Confia

6. Distrito pesquisado:

- 1 Capão Redondo
- 2 Ermelino Matarazzo
- 3 Outro _____

7. Sexo do entrevistado:

- 1 Masculino
- 2 Feminino

8. Quantos anos você tem?

|—|—| anos completos

9. Você é brasileiro(a)?

- 1 Sim: |—|—| sigla da Unidade da Federação onde nasceu
- 2 Não

10. Há quanto tempo mora na cidade de São Paulo?

|—|—| anos completos
99 Sempre morou

11. Qual a sua cor ou raça?

12. Considerando as alternativas listadas a seguir, qual a sua cor ou raça?

- 1 Branca
- 2 Preta/negra
- 3 Parda
- 4 Amarela
- 5 Indígena

13. Qual a sua religião?

- 1 Católica
- 2 Protestante/Evangélica
- 3 Espírita/Kardecista
- 4 Candomblé/Umbanda
- 5 Outra. Qual? _____
- 6 Não tem religião

14. Qual a sua posição na família?

- 1 Chefe
- 2 Cônjuge
- 3 Filho(a)
- 4 Outro parente _____

15. Qual a sua situação conjugal?

- 1 Solteiro
- 2 Casado/União consensual
- 3 Separado/Desquitado/Divorciado
- 4 Viúvo

16. Você tem filhos?

- 1 Sim. Quantos? |—|—| (*siga 17*)
- 2 Não (*passe a 18*)

17. Algum dos seus filhos têm entre 7 e 15 anos?

- 1 Sim. Quantos? |—|—|
- 2 Não

18. Qual a última série que concluiu com aprovação?

- 1 Nunca frequentou escola
 2 1ª série do ensino fundamental
 3 2ª série do ensino fundamental
 4 3ª série do ensino fundamental
 5 4ª série do ensino fundamental
 6 5ª série do ensino fundamental
 7 6ª série do ensino fundamental
 8 7ª série do ensino fundamental
 9 8ª série do ensino fundamental
 10 1ª série do ensino médio
 11 2ª série do ensino médio
 12 3ª série do ensino médio
 13 Educação superior incompleta _____
 14 Educação superior completa _____

• A quais dos serviços listados a seguir você tem acesso no seu dia-a-dia?

Cod	Serviços	Sim	Não
19.	Convênio médico particular	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
20.	Convênio médico da empresa	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
21.	Convênio odontológico	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
22.	Conta em banco anterior à sua seleção para o Programa	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
23.	Conta em banco aberta para receber o benefício	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
24.	Cheque especial	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
25.	Cartão de crédito	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
26.	Acesso à Internet em casa	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
27.	Acesso à Internet no trabalho	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
28.	Acesso à Internet no telecentro da prefeitura	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>

29. Qual a condição de ocupação do domicílio em que você mora?

- 1 Própria (já paga)
 2 Própria (ainda pagando)
 3 Alugada
 4 Cedida
 5 Ocupada
 6 Outra condição _____

30. Você ainda é beneficiário deste programa?

- 1 Sim
 2 Não

31. Quantas parcelas você já recebeu deste programa?

|—|—| parcelas

- Você ou algum outro membro da sua família (que more na mesma casa que você) é beneficiário de outro programa da prefeitura de São Paulo entre os listados a seguir?**

Cod	Programa	Sim /eu	Sim/ outro parente	Não
32.	Bolsa Trabalho	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
33.	Começar de Novo	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
34.	Operação Trabalho	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
35.	Oportunidade Solidária	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
36.	Renda Mínima	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
37.	São Paulo Confia	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
38.	São Paulo Inclui	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
39.	Outros _____	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>

40. Antes de participar do programa você trabalhou?

- 1 Sim e estava trabalhando (*passa a 42*)
 2 Sim e continua trabalhando (*passa a 42*)
 3 Sim mas estava desempregado (*siga 41*)
 4 Sim mas já estava aposentado (*passa a 42*)
 5 Nunca trabalhou (*passa a 45*)

41. Quanto tempo ficou desempregado até o início de sua participação no programa?

|—|—| meses

42. Qual a ocupação que você exerce/exercia nesse trabalho?

43. Qual é/era sua posição nesta ocupação?

- 1 Empregado com carteira assinada
 2 Empregado sem carteira assinada
 3 Funcionário público celetista
 4 Funcionário público estatutário
 5 Conta-própria (autônomo, ambulante, faz “bicos” etc.)
 5 Pequeno empregador urbano (até 5 empregados)
 6 Outro tipo de empregador urbano (mais de 5 empregados)
 7 Trabalhador rural
 8 Empregador rural
 9 Trabalhador familiar sem remuneração

44. Em qual setor de atividade exerce/exerceu esta ocupação?

- 1 Indústria em geral
 2 Construção civil
 3 Comércio
 4 Serviços
 5 Agricultura
 6 Outro _____

45. Teve algum rendimento no mês passado? (todas as fontes)

- 1 Sim: R\$ |—|—|—|—|,00 (siga 46)
 2 Não (passe a 51)

Qual(is) a(s) fonte(s) deste rendimento?

Cod	Fontes	Sim	Não
46.	Programas da Prefeitura de SP	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
47.	Trabalho regular	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
48.	Bico	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
49.	Aposentadoria	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
50.	Outras fontes	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>

51. Tem vontade de fazer um trabalho voluntário?

- 1 Sim e tem tempo para isto
 2 Sim mas não tem tempo para isto
 3 Já faz trabalho voluntário
 4 Não tem vontade

Tendo você como referência, qual a relação das pessoas que moram na sua casa?

Cod	Tipos de relação	Sim	Não
52.	Chefe da família	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
53.	Cônjuge	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
54.	Filho (a)/Enteado(a)	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
55.	Pai/mãe	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
56.	Sogro(a)	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
57.	Irmão/Irmã	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
58.	Outro parente	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>

Por favor informe sobre as pessoas que moram com você (incluindo você):

Cod	Tipo de informação	Valores
59.	Número total de pessoas	— —
60.	Número total de pessoas que têm algum rendimento mensal	— —
61.	Número total de pessoas que contribuem para o orçamento familiar	— —
62.	Valor da renda familiar vinda dos programas da Prefeitura/SP	R\$ — — — — — ,00
63.	Valor total da renda familiar (todas as fontes)	R\$ — — — — — ,00
64.	Total de pessoas que vivem desta renda	— —

• De quais das organizações da sociedade civil listadas a seguir você participa?

Cod.	Tipo de Organização	Sim	Não
65.	Associação de classe profissional (sindicato)	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
66.	Partido político	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
67.	Associação de bairro/moradores	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
68.	Associação esportiva/recreativa (clubes)	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
69.	Organização não governamental (ONG)	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
70.	Associação religiosa	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
71.	Clube de mães	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
72.	Grupos de terceira idade	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>
73.	Outra _____	1 <input type="checkbox"/>	0 <input type="checkbox"/>

Nome do(a) entrevistador(a): _____

ROTEIRO DOS GRUPOS FOCAIS COM BENEFICIÁRIOS

- ✓ Por que você acha que a prefeitura de SP implantou o Programa de Renda Mínima no município e no seu distrito em particular?
- ✓ Como você contaria a sua história no Programa de Renda Mínima?
- ✓ Você acha que a participação no programa trouxe algo de novo para a sua família? O que?
- ✓ Você acha que as mudanças ocorridas na sua vida e de sua família com a participação no programa serão duradouras? Por que?
- ✓ Na sua opinião quais as principais qualidades do Programa de Renda Mínima? Por que?
- ✓ E os principais defeitos? Por que?
- ✓ Você tem sugestões para melhorar a participação das famílias no Programa de Renda Mínima? Quais?
- ✓ Você tem sugestões para que o Programa se torne melhor para as pessoas, para as famílias e para as comunidades onde ele é implantado?
- ✓ Você sabe que você e outros membros da sua família podem participar de outros programas da Prefeitura de SP? O que você acha disto? Por que?

ROTEIRO DOS GRUPOS FOCAIS COM EX-BENEFICIÁRIOS

- ✓ Por que você acha que a prefeitura de SP implantou o Programa no município de SP e na sua região em particular?

- ✓ Como você contaria a história de sua inclusão no Programa?
(como soube do Programa; por que resolveu inscrever-se; dificuldades enfrentadas para a inscrição – filas, atendimento, nível de informação etc.; crença no Programa; crença na sua seleção para o Programa etc.)

- ✓ De que tipos de atividades você participou? Você pôde escolher as atividades das quais participou? De quais atividades você mais gostou de participar e por que? De quais atividades você menos gostou de participar e por que?

- ✓ Você achava que a sua participação no Programa traria alguma coisa nova para a sua vida? O que? E para a vida de sua família? O que?

- ✓ Como está sendo a sua vida após o desligamento do Programa?
(mudanças ocorridas, obtenção de novas formas de geração de renda, melhoria de condições de vida, oportunidade de participar de outros Programas, oportunidade de maior e melhor participação na vida da comunidade etc.)

- ✓ Na sua opinião quais as principais qualidades do Programa? Por que?

- ✓ E os principais defeitos? Por que?

- ✓ Você tem sugestões para que o Programa se torne melhor para as pessoas, para as famílias e para as comunidades onde ele é implantado?

- ✓ Você sabe que você e outros membros da sua família podem participar de outros Programas da Prefeitura de SP? O que você acha disto? Por que?

ROTEIRO DO GRUPO FOCAL COM MONITORES

Versão final

Por que você acha que a prefeitura de SP implantou o Programa no município de SP?

Sua história de inclusão no programa: Como soube do Programa? Por quê resolveu participar? Participou no processo de seleção? Enfrentou dificuldades? – filas, atendimento, nível de informação etc;

Atividades desenvolvidas

Recebeu Formação sobre os Programas Sociais da Prefeitura? Você pôde escolher o curso que ia dar e o local para dar aula? Participou da definição do conteúdo do curso? Recebeu Treinamento? Recebeu Acompanhamento Pedagógico? Foi submetido a Avaliação pela Instituição? Houve interrupção do curso? Quais as principais dificuldades encontradas para execução do curso: Administrativas, materiais, infra, etc

Avaliação

Satisfação com o local das aulas: acesso, segurança, tamanho, iluminação, ventilação, limpeza, carteiras, banheiro etc.

Satisfação com os materiais e equipamentos disponíveis para uso: apostilas, material escolar, equipamentos, materiais específicos para as atividades, adequação aos objetivos do curso etc.

Correlação entre conteúdos e a realidade dos beneficiários

Você acha que a participação no Programa promove mudanças na vida dos participantes, possibilita a obtenção de novas formas de geração de renda, melhoria de condições de vida?

Na sua opinião quais as principais qualidades do Programa? Por que?

E os principais defeitos? Por que? Sugestões para melhorar.

Você tem sugestões para que o Programa se torne melhor para as pessoas, para as famílias e para as comunidades onde ele é implantado?

Vida profissional após o trabalho de monitoramento no programa: continua na mesma instituição parceira – na mesma ou em outra função? Continua a participar como monitor em programas da prefeitura?

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS DOMICILIARES

✓ Sobre o histórico, a composição e “funcionamento” da família

- como ela se constituiu;
- no caso de migrantes: como foi o percurso até SP e até a atual região de moradia – se sozinho ou já no grupo familiar;
- quadro familiar atual dos membros moradores do mesmo domicílio (sexo, idade, instrução – frequência à escola e última série concluída com aprovação, condição de atividade e rendimento, contribuição para o orçamento doméstico e participação em outros programas sociais);
- o exercício da “chefia” e suas implicações em termos de divisão de poder, tarefas e responsabilidades.

✓ Sobre as condições de vida da família

- avaliação de qualidade;
- variações no tempo;
- comparação com as de seus pais;
- de que forma uma pessoa consegue melhorar de vida – mais estudo, melhores oportunidades de trabalho, maiores rendimentos etc.

✓ Sobre o programa de renda mínima

- como ficou sabendo do programa;
- por que acha que a prefeitura decidiu implementar o programa de renda mínima no município de SP e na sua região de moradia em particular;
- por que tomou a decisão de cadastrar a família no programa;
- essa decisão foi discutida com outros membros da família e/ou com outros amigos e vizinhos;
- foi fácil ser selecionado para o programa;

- as principais dificuldades encontradas para participar – vencer as filas (por que acha que as filas se formam), reunir a documentação exigida, receber o benefício, manter o filho longe do MT e das ruas etc.;
- gostaria que o programa promovesse outros tipos de benefícios além do monetário para todos os membros da família – cursos, palestras, atividades culturais etc.;
- estimularia seus amigos a se inscreverem também no programa e por que;
- sugestões que daria para melhorar o programa;
- avalia que a forma como é visto pela família e pelos amigos, parentes e vizinhos alterou-se pelo fato de receber o benefício. Por que?
- é visto de forma mais positiva ou mais negativa do que antes de participar do programa.
- avalia que as mudanças derivadas do programa estendem-se para a comunidade como um todo (comércio, instituições que atuam no distrito etc.) ou restringem-se as famílias beneficiárias.

✓ **Sobre o uso do benefício**

- quem decide sobre a estrutura de gastos da família;
- a estrutura de gastos se alterou com a entrada mensal do benefício;
- Quando o período de recadastramento está chegando mais próximo acontecem alterações no planejamento do orçamento?
- quadro com a atual estrutura de gastos mensais;
- avalia que o aumento do rendimento familiar promovido pela participação no programa tem condição de gerar frutos duradouros que se manterão depois que ocorrer o desligamento do programa como, por exemplo, investimentos em novas alternativas de geração de renda para a família;
- como pretende organizar o orçamento familiar depois de seu desligamento do programa.

✓ **Sobre outros programas da prefeitura de SP**

- conhecimento;
- possibilidades reais de participação simultânea;
- avaliação destas possibilidades.